

Carlos Bernardo Loureiro

**Dos Raps À
Comunicação
Instrumental**



Foto do pesquisador
Carlos Bernardo Loureiro

Sumário

APRESENTAÇÃO	6
À GUIA DE INTRODUÇÃO	8
IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS	17
A OPINIÃO DE SIR OLIVER LODGE	21
AS PESQUISAS DE GABRIEL DELANNE	25
UM CASO DE IDENTIDADE RELATADO POR DANIEL DUNGLAS HOME	28
A COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO ENCARNADO	33
AS EXPERIÊNCIAS DE WILLIAM T. STEAD	36
AS EVOCAÇÕES DE FLORENCE MARRYAT	38
OS “PROCESSOS ESPIRÍTICOS” DE AKSAKOF	39
O RELATO DO PROFESSOR PERTY	40
EMMA HARDING BRITTEN	41
EVOCAÇÃO DE UM SURDO-MUDO ENCARNADO	42
A NOSSA EXPERIÊNCIA	44
A LEVITAÇÃO	46
A LEVITAÇÃO DE JESUS	46
DANIEL DUNGLAS HOME FLUTUA NO AR	49

OUTROS TESTEMUNHOS	50
OPINIÃO DE D. D. HOME SOBRE AS SUAS EXPERIÊNCIAS	51
O REVERENDO STANTON MOSES RELATA SUA EXPERIÊNCIA DE LEVITAÇÃO	52
AS LEVITAÇÕES DE EUSÁPIA PALADINO	53
AS LEVITAÇÕES EM NÁPOLES (1883)	53
AS LEVITAÇÕES EM MILÃO (1892)	54
AS LEVITAÇÕES EM VARSÓVIA (1893)	55
TEORIA SOBRE O MECANISMO DA LEVITAÇÃO	56
A MORTE E O DUPLO	59
O RELATO DE DOROTHY MONK	61
CASOS DE EXTERIORIZAÇÃO DO PERISPÍRITO RELATADOS POR ERNESTO BOZZANO	63
A PROVA MATERIAL DO DUPLO É FORNECIDA PELA FOTOGRAFIA.	67
AS EXPERIÊNCIAS DE ALBERT DE ROCHAS	68
AS SOCIEDADES DE PESQUISAS E A QUESTÃO DA SOBREVIVÊNCIA DA ALMA	69
INJUSTIFICADO PRECONCEITO	72
FREDERIC MYERS E OS FANTASMAS DOS MORTOS	75
O DRAMA APARICIONAL	76
AS CONCLUSÕES DO PROFESSOR PRICE	78
O TRABALHO DE JAMES HYSLOP	79
OUTRAS INSTITUIÇÕES	81
 INSTITUTO METAPSÍQUICO INTERNACIONAL.....	81
 A LIGAÇÃO MÉDIUM-ESPÍRITO	85
 A SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES	85
 SOCIEDADE DE PSICOLOGIA FISIOLÓGICA	89
 OUTRAS SOCIEDADES DE PESQUISAS	90
BILOCAÇÃO, AUTOSCOPIA INTERNA E VISÃO A DISTÂNCIA	91
 AS OPINIÕES DOS PESQUISADORES.....	95
ENSAIO SOBRE AS APARIÇÕES E AS VISÕES	98
 DIVERSOS ESTADOS DO PERISPÍRITO	99
 APARIÇÃO E VISÃO	100
 MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS	101
 O RECENSEAMENTO DA S.P.R.	102
 OS COMENTÁRIOS DE D. I. WEST SOBRE O RELATÓRIO DA SPR.....	104

PALAVRAS AO LEITOR SOBRE AS TEORIAS DE ALAN GAULD	108
AS TESES DE CHARLES RICHET	109
CESARE LOMBROSO E O ESPIRITISMO	114
AS PESQUISAS DE CESARE LOMBROSO.....	116
CASOS DE APARIÇÃO	116
O HOMEM, A APARIÇÃO E O CACHORRO	119
O ENIGMA DOS HOMENS DUPLOS.....	121
O FENÔMENO E OS GÊNIO DA LITERATURA GOETHE E O SEU DUPLO	126
O DUPLO DE GUY DE MAUPASSANT	126
O DESDOBRAMENTO DE ALFRED DE MUSSET	127
UM CASO ATUAL.....	127
“O ETERNO PRESENTE” - UM GRANDIOSO ENIGMA	128
A BATALHA-FANTASMA DA COLINA DE EDGE — NORTHAMPTONSHIRE, INGLATERRA	133
QUE EXPLICAÇÃO TERÃO ESSES CASOS?	134
EXCEPCIONAIS FENÔMENOS DE ECTOPLASMIA	135
A DESPEDIDA DO ESPÍRITO KATIE KING.....	136
FLORENCE COOK REAPARECE EM PARIS.....	137
O REAPARECIMENTO DE KATIE KING NA ITÁLIA	140
MATERIALIZAÇÃO DE FLORES DOTADAS DE VIDA EFÊMERA.....	142
A CONCLUSÃO PÓSTUMA DE UM ROMANCE.....	146
MECANISMOS DA TELEPATIA	148
RETROSPECTO HISTÓRICO.....	148
AS GRANDES PESQUISAS	149
AS PESQUISAS NA UNIVERSIDADE DE DUKE: MACDOUGALL E O CASAL RHINE	154
FREUD E A TELEPATIA	154
AS DÚVIDAS CRUÉIS DE JUNG FACE AO OCULTO	157
OUTROS PESQUISADORES.....	160
O “RÁDIO MENTAL” DE UPTON SINCLAIR	160
OS ENIGMAS DA PARAGNOSE.....	162
CONCEITO	162
OPINIÕES DE FREDERIC MYERS E CHARLES RICHET.....	163
AS CONCLUSÕES DE EUGÈNE OSTY	164
AS EXPERIÊNCIAS DE J. B. RHINE.....	165

OS ESTUDOS PIONEIROS DE ALLAN KARDEC	166
PSICOMETRIA — “A ALMA DAS COISAS”	170
CONCEITO E RETROSPECTO HISTÓRICO	170
A PSICOMETRIA É UMA FACULDADE DA ALMA	173
MELHORES RESULTADOS NA OBSCURIDADE	173
PSICOMETRIA E PRECOGNIÇÃO	178
RELAÇÃO ENTRE O PSICÔMETRA E O DESENCARNADO	180
CRIPTOMNÉSIA	182
TRANSE — INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA E SINTONIA	185
DEPOIMENTO DE FAMOSOS MÉDIUNS SOBRE O TRANSE	185
OS TIPOS DE TRANSES DE LEONORA PIPER	186
LOMBROSO DESCREVE O TRANSE DE EUSÁPIA PALADINO	188
O TRANSE NA INCORPORAÇÃO OU “INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA”	190
PSIQUIATRAS, PSICÓLOGOS E A GÊNESE DO TRANSE	194
O DR. PAUL GIBIER E HENRY SLADE ANESTESIA DURANTE O TRANSE	196
SINTONIA	198
A LEI DAS VIBRAÇÕES SIMILARES	200
XENOGLOSSIA	202
PENTECOSTES — UM RARO FENÔMENO DE XENOGLOSSIA	202
O CASO JACQUELINE MALLAY	203
O CASO LAURA EDMONDS	205
O CASO DE NINFA FILISBERTO	206
XENOGLOSSIA POR VOZ DIRETA	208
O MÉDIUM GEORGE VALIANTINE	210
XENOGLOSSIA POR ESCRITA DIRETA	213
VOZ DIRETA (PNEUMATOFONIA)	214
AS SESSÕES ESPECÍFICAS DE VOZ DIRETA	215
O MECANISMO DA VOZ DIRETA	216
AS PESQUISAS DE GUSTAVE GELEY	218
AS EXPERIÊNCIAS DE W. J. CRAWFORD	219
RENÉ SUDRE E O SUBCONSCIENTE	220
CRÍTICA À TEORIA DE SUDRE	221
AS TEORIAS DE JAYME CERVIÑO	221

VOZ DIRETA PARA CRIANÇAS Uma sessão Única no Mundo	222
VOZES DIRETAS (EM VÁRIAS LÍNGUAS) GRAVADAS EM DISCO	226
O TELÉGRAFO PSÍQUICO OU MÉDIUM METÁLICO	226
VOZES DIRETAS EM FITAS MAGNÉTICAS	229
AS EXPERIÊNCIAS DO REVERENDO LÉO SCHIMIDT	233
AS EXPECTATIVAS DO DR. GIUSEPPE CROSA	234
OUTROS PESQUISADORES DO SINGULAR FENÔMENO	236
O IMPRESSOR DE SONS	237
CONTATO INSTRUMENTAL COM OS MORTOS - A TRANSCOMUNICAÇÃO	238
A POSIÇÃO DA METASC1ENCE FOUNDATION (U.S.A.) QUE É METASCIENCE?	238
IMPLICAÇÕES DA PESQUISA DA METASCIENCE	238
A PESQUISA SPIRICOM	239
OPINIÕES CIENTÍFICAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE GEORGE MEEK	241
ESCRITA DIRETA (PNEUMATOGRAFIA)	244
O PIONEIRISMO DO BARÃO L. DE GULDENSTUBBE	244
NOTÁVEIS PESQUISAS DE ESCRITA DIRETA	245
ESCRITA NA LOUSA	247
O ATAQUE DAS SOMBRAS	248
A CONDENAÇÃO DE SLADE	249
AS PESQUISAS DE WILLIAM CROOKES	250
O PACTO ENTRE ROBERT D. OWEN E W. KNOX	251
AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO	253
WILLIAM EGLINTON, LAURA PRUDEN E A ESCRITA DIRETA	254
DERMOGRAFIA: ESCRITA DIRETA GRAVADA NA PELE	256
MECANISMOS DA ESCRITA DIRETA	259
O REFLECTÓGRAFO	262
O MECANISMO DO REFLECTÓGRAFO	265
ESCRITA AUTOMÁTICA	265
EXPERIÊNCIAS DE UM PSQUISTA	265
HIPÓTESE SOBRE A ESCRITA AUTOMÁTICA	269
AS PESQUISAS DE WILLIAM STAINTON MOSES	270
A PARTICIPAÇÃO DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES	272
A TEORIA DO DESDOBRAMENTO DO EU	273

J. H. HYSLOP E A ESCRITA AUTOMÁTICA	275
O CASO OSCAR WILDE	276
HERBERT DENNIS BRADLEY E A ESCRITA AUTOMÁTICA	278
TIPTOLOGIA	280
BREVE RETROSPECTO HISTÓRICO	280
A VISÃO KARDEQUIANA	284
TIPTOLOGIA ALFABÉTICA	285
OS RAPS.....	285
JOSEPH MAXWELL E OS “GOLPES MEDIÚNICOS”	289
OS RAPS E O CÍRCULO GOLIGHER.....	291
O FONÓGRAFO E AS MANIFESTAÇÕES AUDITIVAS	292
OSCILAÇÃO DO PESO DO MÉDIUM DURANTE OS RAPS.....	293
FENÔMENOS DE TRANSPORTE.....	294
KARDEC ADVERTE:.....	294
KARDEC INTERROGA UM ESPÍRITO QUE PROVOCOU O FENÔMENO	296
WILLIAM CROOKES RELATA UM IMPRESSIONANTE FENÔMENO	297
VÁRIOS E EXTRAORDINÁRIOS CASOS DE TRANSPORTE	298
AS ETERNAS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO	301
A OPINIÃO DE UM PESQUISADOR BRASILEIRO	304
A TEORIA DE J. K. FRIEDRICH ZÖLLNER	306
CORRESPONDÊNCIA CRUZADA	307
A GENIAL CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS	307
OS IDEALIZADORES DO PROCESSO	308
ASSEMBLÉIA DE EGOS SUBLIMINARES	309
A S.P.R. RECUA ANTE AS EVIDÊNCIAS.....	310
SUGESTÕES PARA LEITURA COMPLEMENTAR.....	312
NOTAS BIOGRÁFICAS DE CARLOS BERNARDO LOUREIRO.....	317

APRESENTAÇÃO

As escolas antropológica e sociológica, ao considerarem os

fatores mais importantes na gênese das religiões, deixaram de lado exatamente aqueles que pelo seu caráter singular, maior influência tiveram no evolver da Humanidade. Esses foram, sem dúvida os FENÔMENOS ESPÍRITAS E ANÍMICOS, abundantemente registrados nos livros sagrados das religiões por diferentes povos, em diversas épocas. As lendas, as tradições históricas e as crenças religiosas atestam a realidade da sobrevivência da alma, após a morte; basta que as analise com cuidado e sem idéias preconcebidas.

Realizando uma análise comparada dos usos e costumes desde os pródromos dos selvagens mais primitivos até os das sociedades modernas, verifica-se que todos foram impressionados pelos fenômenos provenientes do Espírito. De todos os fatos, porém, os mais notáveis e que contribuíram, efetivamente, para firmar a crença na sobrevivência da alma, sem dúvida, foram aqueles captados pelos sentidos (APARIÇÃO DE ESPÍRITOS, MATERIALIZAÇÕES, TRANSPORTE DE OBJETOS etc), que suscitaram, ao mesmo tempo, admiração e temor, despertando na consciência do homem a curiosidade de conhecer mais a respeito de si mesmo.

Selecionando fenômenos que têm despertado o interesse de pesquisadores, mas que não foram até então, suficientemente observados, CARLOS BERNARDO LOUREIRO elaborou a presente monografia em que condensa estudos sobre a FENOMENOLOGIA ESPÍRITA E ANÍMICA, baseados em experiências realizadas por cientistas idôneos, cujas conclusões não podem ser despistadas. Trata-se dos fenômenos menos conhecidos e menos estudados nas instituições espíritas, embora haja uma vasta bibliografia que

explora o assunto. São FENÔMENOS considerados EXCEPCIONAIS, como: a LEVITAÇÃO, a PSICOMETRIA, a PRECOGNIÇÃO e outros.

Enfim, CARLOS BERNARDO LOUREIRO demonstra, com este trabalho, que, no campo do EXPERIMENTALISMO ESPÍRITA E ANÍMICO há elementos de sobra para confundir e eclipsar os dogmas e os preconceitos da ciência oficial que tudo faz para ridicularizar a DOCTRINA ESPÍRITA.

Salvador - Bahia, outubro de 1992

Lúcia Loureiro

À GUIA DE INTRODUÇÃO

“O inconsciente produz, arquiteta, elabora, inventa, prevê, descobre, resolve, adivinha. É um propulsor incansável; não há para ele dificuldades, empecilhos, barreiras, desconhecimentos, é onímodo, é onisciente, é onipotente, Dali sai o que nunca entrou. Ele tira do nada”.

Carlos Imbassahy

Na belíssima obra a que deu o título de “L’INCONSCIENTE AU CONSCIENTE”, demonstra, o DR. GUSTAVE GELEY, que não encontrou, após inúmeras pesquisas, qualquer correspondência em leis fisiológicas para o INCONSCIENTE e o CONSCIENTE. Conclui que ambos não partem de neurônios, de células nervosas, mas de “ALGO” que escapa à análise de laboratórios químicos e físicos e ao escalpelo dos cirurgiões...

A história do INCONSCIENTE e do CONSCIENTE é longa e se enraíza em passado distante. SÓCRATES dispunha, v.g., de um INCONSCIENTE DE FÔLEGO: a sua alma racional, segundo o ARCONTE PLUTARCO (ÓPERA

MORALIA). O ORÁCULO DE TROFÔNIO (CONSTRUTOR DO FORMOSO TEMPLO DE APOLO, em DELFOS), dizia que era uma alma diferente das almas comuns que acompanhava SÓCRATES. PORFIRO, da escola aristocrática de PLATÃO, estudando os transe inconscientes dos PÍTONS E PROFETAS (MÉDIUNS), expõe uma teoria que parece ter sido copiada por GRASSET, CHARCOT e JANET (AUTOMATISMO PSICOLÓGICO):

“a causa do êxtase poderia ser muito bem afecção mental ou loucura patológica, produzidas por superexcitação psíquica semelhante à das vigílias prolongadas ou dos excitantes farmacêuticos” (!)

E tanto para o INCONSCIENTE como para o CONSCIENTE, há uma série de variações terminológicas: “CONSCIÊNCIA SUBLIMINAR”, “CRIPTOPSÍQUICA”, “CRIPTOMNESIA”, “TELESTESIA”, “METAGNOMIA” E QUEJANDOS.

Chegou-se a dizer — disse-o HIPPOLYTE TAINE — autor da obra “SOBRE A INTELIGÊNCIA”, que o PENSAMENTO (FACULDADE DA ALMA) é uma secreção do cérebro. Seguiu-se-lhe as tortuosas pegadas KARL VOGT, para quem a “atividade espiritual é uma função fisiológica, governada por fenômenos mecânicos”. Mas, dentre os fisiologistas destaca-se a figura respeitável de CLAUDE BERNARD, que afirmou, após dedicar-se uma vida, à análise das funções do cérebro: “O MECANISMO DO PENSAMENTO É-NOS DESCONHECIDO. O CÉREBRO NÃO É O AUTOR DO PENSAMENTO, MAS APENAS O

SEU INSTRUMENTO”.

CAMILE FLAMMARION, o grande astrônomo francês, lança, a propósito, um desafio (“A MORTE E SEUS MISTÉRIOS”):

“ONDE ESTÃO, AFINAL, AS CÉLULAS NERVOSAS QUE SÃO A SEDE DO PENSAMENTO?” (grifos nossos). Esta prístina indagação vem desde os tempos heróicos do ilustre anatomista italiano MARCELO MALPIGHI, que foi um dos primeiros pesquisadores a utilizar o microscópio para o estudo dos tecidos.

Enquanto isso, o DR. CHARLES RICHEL (Prêmio Nobel de Medicina de 1913) assevera em seu livro: “L’AVENIR DE LA PSYCHOLOGIES

“QUE IMPORTA AO FISILOGISTA TODA ESSA EXTRAORDINÁRIA COMPLEXIDADE DE CÉLULAS NERVOSAS, COM SUAS DENDRITES, ARBORESCÊNCIAS, RAMIFICAÇÕES, CORPÚSCULOS, SE ELE NÃO SABE QUAL É O USO DESTAS PARTES?”

E, EM “LA GRANDE ESPÈRANCE”: “MIEUX VANT RECONNAITRE FRANCHEMENT QUE NOUS M’Y COMPRENONS RIEN” (MAIS VALE RECONHECER FRANCAMENTE QUE NÃO COMPREENDEMOS NADA DISSO”)

Voltemos à questão do CONSCIENTE e do INCONSCIENTE, este objeto de profundas preocupações por parte dos psiquistas.

O DR. CARLOS IMBASSAHY, autor de várias e consagradas obras, entre as quais desponta uma sob o título: “FREUD E AS MANIFESTAÇÕES DA ALMA” (Editora Eco), assim se manifesta sobre o Inconsciente:

“O INCONSCIENTE TORNOU-SE, NO LABORATÓRIO DE PSICANÁLISE, PSICÓLOGOS E ATÉ PARAPSICÓLOGOS, UM RECIPIENTE MÁGICO. DALI SAEM PRODÍGIOS, ALI SE RESOLVEM MISTÉRIOS, ALI SE PROCESSAM AS MAIORES COMPLICAÇÕES, SOLUCIONAM-SE QUESTÕES INTRINCADAS, MATAM-SE CHARADAS PSÍQUICAS”.

E arremata:

“O INCONSCIENTE PRODUZ, ARQUITETA, ELABORA, INVENTA, PREVÉ, DESCOBRE, RESOLVE, ADIVINHA. É UM PROPULSOR INCANSÁVEL; NÃO HÁ PARA ELE DIFICULDADES, EMPECILHOS, BARREIRAS, DESCONHECIMENTOS. É ONÍMODO, É ONISCIENTE, É ONIPOTENTE. DALI SAI O QUE NUNCA ENTROU. ELE TIRA DO NADA.”

De fato. E o que causa espície é que *esse* INCONSCIENTE é uma abstração! “Nada se sabe a seu

respeito, senão por seus misteriosos predicados”, acrescenta o autor de “O PODER FANTÁSTICO DA MENTE”, em parceria com o confrade NAZARENO TOURINHO.

Diria, a propósito, o DR. JORGE ANDRÉA, no “caput” do trabalho inserido no V volume dos “ANAIS DO INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL”, 1983:

“A nossa organização psíquica está subordinada a um grande número de estruturas dinâmicas de difícil abordagem pelos métodos atuais da ciência. A complexidade se torna cada vez mais efetiva quando tentamos penetrar a zona interna desse PSQUISMO, conhecido como a zona do INCONSCIENTE”...

Retornando ainda às considerações do DR. CARLOS IMBASSAHY, no livro antecipado, eis como ele define a PSICANÁLISE, que tem como fundamento os mecanismos da “ZONA INTERNA DA ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA”:

“A PSICANÁLISE não conhecendo as vidas pregressas, não passou da fase que começa no ventre materno; daí as suas proposições inverificáveis, comumente absurdas e somente aceitáveis, dada a sugestibilidade dos nossos psicólogos, prontos a aceitarem qualquer fantasmagoria desde que tome um aspecto complicado, tenha um fundo nebuloso, seja insusceptível de demonstração e se torne incompreensível ao vulgo, o que lhes dá a eles, psicólogos,

grande superioridade, vista irem onde ninguém vai, alcançarem o que ninguém alcança, perceberem o que ninguém percebe, fora os seus pares, aliás nem sempre de acordo”.

O PROF. LEOPOLDO MACHADO, conterrâneo do DR. CARLOS IMBASSAHY, em seu livro (hoje raríssimo) “CIENTISMO E ESPIRITISMO”, trata, no capítulo XX, da PSICANÁLISE:

“COMECEMOS A ANALISAR, À LUZ BELA E FORTE DA DOCTRINA ESPÍRITA, A MAIOR PANACÉIA CIENTÍFICA QUE TEM EXISTIDO ATRAVÉS DE TODOS OS TEMPOS ENTRE AS CAMADAS QUE SE PRESUMEM CIENTISTAS DE VERDADE: A PSICANÁLISE!”

E mais adiante:

“O homem, com o seu universo psicológico interior, mísero e orgulhoso microcosmo, foi o que mais sofreu, espremido nas tenazes psicanalíticas. Deixou de ter alma, de possuir faculdades de pensar, sentir e amar, capazes de receber influências de fora, do ambiente que se agita livre, para ser um títere perfeito das funções de suas glândulas, de seus neurônios, de sua libido ou de seus órgãos sexuais. Perde o raciocínio e a consciência, que derivam apenas do funcionamento das vísceras, dos órgãos genitais e das glândulas. E lá se vai por água abaixo a grandeza humana, o

orgulho humano, a inteligência humana, porque a psicanálise reduz o homem à pior das feras, ao mais ínfimo dos animais”.

Evoquemos, agora, o DR. SÉRGIO VALLE, ilustre autor da obra “SILVA MELLO E OS SEUS MISTÉRIOS” (1ª edição LAKE), que assim considera o “PAI DA PSICANÁLISE”:

“PARA FREUD TUDO É LIBIDO. É EROTISMO, TUDO É SEXUALIDADE EM LATÊNCIA OU MANIFESTA, MAMADA NO SEIO MATERNO E VISÍVEL NAS ALÇAS DO CAIXÃO”.

“Para ajustar tudo à sua tese” — prossegue o DR. SÉRGIO VALLE — “FREUD generaliza e reduz os vultos máximos da História (NAPOLEÃO, GOETHE, LEONARDO DA VINCI, BISMARCK etc), às neuróticas vítimas do pan-sexualismo (como, aliás, toda a humanidade): são pervertidos, incestuosos, disputando com os próprios pais a posse da mesma fêmea, como qualquer irracional. Por que? Porque assim o decretou uma doutrina para a qual a Arte, a Cultura, a Religião, tudo é produto de instintos recalcados”.

E conclui:

“FREUD foi seis vezes pai, isto é, três vezes presenciou o COMPLEXO DE ÉDIPO, em que, ele próprio, representou o papel saliente; três vezes atestou a existência

não menos interessante do COMPLEXO DE ELECTRA, de que participou sua esposa. Em todas as seis vezes, o criador da PSICANÁLISE se enriqueceu de novas experiências, ratificadoras de sua doutrina”.

Diria, então, o autor de “A PSICOPATOLOGIA DA VIDA DIÁRIA” (THE PSYCHOPATHOLOGY OF EVERYDAY LIFE - 1904): “Nenhum instinto de aperfeiçoamento existe no homem”(!)...

Concluimos os nossos arrazoados ainda apelando para as lúcidas e coerentes ponderações do DR. CARLOS IMBASSAHY, que no livro inicialmente citado, enfatiza:

“Não pode o INCONSCIENTE produzir as energias que emprestam. Não podemos ver nele as forças impulsoras, os vórtices energéticos, os impulsos volitivos, as fontes de idéias, o surto criador, a faculdade inventiva, os estímulos da inspiração, atributos todos que lhe fornecem de mão beijada, que lhe outorgam gratuita e generosamente, sem espera de recompensa.

“MAS ESSES ATRIBUTOS SÃO DO ESPÍRITO. QUANDO MUITO ELE VAI BUSCAR A BAGAGEM QUE TRAZ CONSIGO GUARDADA NOS ESCANINHOS DO SER, E COM SEU AUXÍLIO PRODUZ AQUILO QUE ADMIRA”.

E prossegue:

“TODA A ENERGIA, PORÉM, É DO ESPÍRITO, PORQUE NELE E COM ELE É QUE ESTA A VIDA, E COM ELA O SER INTELECTUAL, EMOTIVO, VOLITIVO; O SER IMPENETRÁVEL, POSTO NO MUNDO PARA OS EFEITOS DE SUA EVOLUÇÃO, NO ATRITO DA NATUREZA E NO CONVÍVIO COM SEUS SEMELHANTES.

“PARTE DE SUA MEMÓRIA, POR DESNECESSÁRIA. FICA NOS ESCANINHOS DE QUE JÁ FALAMOS, E QUE CONSTITUEM O SUBCONSCIENTE, AS ESTRUTURAS INFERIORES, O SUBLIMINAL”...

E finaliza imbuído daquela autoridade que somente pode proporcionar os postulados espiritistas, alicerçados na razão e no bom senso:

“CARÁTER, VONTADE, SENTIMENTO, INTELIGÊNCIA, CRITÉRIO, RAZÃO, JUSTIÇA, TUDO ISTO SE ACHA NO ESPÍRITO, E SEU DESENVOLVIMENTO DEPENDE DA SITUAÇÃO DO SER. SE ELE É ADIANTADO, TEMO-LO HONESTO, SENHOR DE SUA VONTADE, INCLINADO AO BEM, INTELIGENTE, ÍNTEGRO, ALTRUÍSTA, RACIOCINANTE. SE É ATRASADO, VEMO-LO ODIENTO, VINGATIVO, DESONESTO, FERROZ, EGOÍSTA, INJUSTO, HIPÓCRITA, VICIADO, E ATÉ

TARADO. É O SER NAS FAIXAS DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL”.

Esse mesmo Espírito que exigiu, desesperado e aflito, que CARL G. YUNG, o brilhante ÊMULO DE FREUD, escrevesse sobre sua existência neste e no outro mundo. O fundador da PSICOLOGIA ANALÍTICA, atendendo às vozes espirituais, elaborou, por ESCRITA AUTOMÁTICA, um notável documento a que deu o título de “SEPTEM SERMONES AD MORTUS” (SETE SERMÕES PARA OS MORTOS). E ele mesmo confessa como se deu o FENÔMENO DE ESCRITA AUTOMÁTICA.

“Isso começou a jorrar de mim e no transcorrer de três noites a coisa estava escrita”...

Salvador-Bahia

O AUTOR

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Kardec, em “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, Capítulo XXIV, admite que a identidade dos Espíritos é uma das maiores dificuldades da prática espírita depois da obsessão. É um fato inquestionável. E o mais difícil seria a identificação de personagens antigas que se comunicam, “reduzindo-se a uma possibilidade de apreciação puramente intelectual, em que pesariam, no caso, o “modus vivendi” e o “modus operandi”. Deve-se julgar os Espíritos — adverte Kardec — pela linguagem.

Efetivamente: não se pode conceber um Lacordaire ou um Fénelon preocupado com assuntos triviais, pueris, sem qualquer profundidade filosófica. Mas, se o que afirmam reflete apurados conceitos e valores transcendentais, é natural que tais escritos sejam vistos com outros olhos. “É sobretudo nesses casos” — esclarece o Codificador — “que a identidade real se torna uma questão secundária: desde que o Espírito só diz boas coisas, pouco importa o nome que esteja usando”. Entretanto, os mnis exigentes consideram que um Espírito que adotasse um nome suposto, ainda que bem-intencionado, estaria cometendo uma fraude.

Kardec, a esse respeito, oferece a seguinte justificativa, levando em conta, porém, que o assunto é assaz delicado:

“A medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintas de sua personalidade desaparecem, de certa maneira, na uniformidade da perfeição, mas nem por isso deixam eles de conservar a sua individualidade. E o que se verifica com os Espíritos superiores. Nessa posição, o nome que tiveram na Terra, numa das mil existências corporais efêmeras por que passaram, nada mais significa...” Mas, como precisamos de nome para fixar as nossas idéias, esses Espíritos podem assumir a identidade d’alguma personagem conhecida, com o qual se identifique.”

E Kardec conclui:

Em resumo: a questão do nome é secundária, podendo-

se considerar o nome como simples indício do lugar que o Espírito ocupa na escala espírita.

Entretanto, a situação é outra quando um Espírito inferior adota um nome respeitável para ganhar confiança e credibilidade. Essa atitude é muito freqüente, especialmente quando prevalece um estado de fascinação que anula o senso crítico do médium.

Eis as orientações do Espírito Luiz de França:

“Por mais legitima confiança que lhes inspirem os Espíritos dirigentes de seus trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir e devem ter sempre em mente ao se entregarem ao estudo: a de pesar e analisar, submetendo ao mais rigoroso controle da razão todas as comunicações que receberem; a de não negligenciar, desde que algo lhes pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir as explicações necessárias para formar a sua opinião”.

Em seguida, Kardec estabelece os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos, com base no bom senso e na retidão de juízo:

- não há outro critério para se discernir o valor dos Espíritos senão o bom senso;
- julgamos os Espíritos pela sua linguagem e as suas ações;
- a linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, elevada, nobre, sem qualquer mistura de trivialidade;

- não devemos julgar os Espíritos pelo aspecto formal e a correção do seu estilo, mas sondar-lhes o íntimo, analisar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente, sem prevenção;
- a linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto à substância;
- Os Espíritos bons só dizem o que sabem, calando-se ou confessando a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se importar com a verdade;
- Os Espíritos levianos são ainda reconhecidos pela facilidade com que predizem o futuro e referem com precisão a fatos materiais que não podemos conhecer,
- Os Espíritos superiores se exprimem de maneira simples, sem prolixidade. Seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das idéias e das expressões, claro, inteligível a todos, não exigindo esforço para a compreensão. Eles possuem a arte de dizer muito em poucas palavras, porque cada palavra tem o seu justo emprego. Os Espíritos inferiores ou pseudo-sábios escondem sob frases empoladas o vazio das idéias. Sua linguagem é freqüentemente pretensiosa, ridícula ou ainda obscura, a pretexto de parecer profunda;
- Os Espíritos bons jamais dão ordens: não querem impor-se, apenas aconselham e se não forem ouvidos se retiram. Os maus são autoritários, dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam facilmente. Todo Espírito que se impõe trai a sua condição. São exclusivistas e absolutos nas suas opiniões e pretendem possuir o

privilégio da verdade. Exigem a crença cega e nunca apelam para a razão, pois sabem que a razão lhes tiraria a máscara;

- Os Espíritos bons não fazem lisonjas. Aprovam o bem que se faz, mas sempre de maneira prudente. Os maus exageram nos elogios, excitam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles que desejam conquistar;

- devemos desconfiar das nomes bizarros e ridículos usados por certos Espíritos que desejam impor-se à credulidade.

E, finalmente:

Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é necessário antes saber julgar-se a si mesmo. Há infelizmente muita gente que toma a sua própria opinião por medida exclusiva do bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Tudo o que contradiz a sua maneira de ver, as suas idéias, o sistema que inventaram ou adotaram é negativo aos seus olhos. Falta a essas criaturas, evidentemente, a primeira condição para uma justa apreciação: a retidão de juízo! Mas eles nem o percebem. Esse o defeito que mais enganos produz.

A OPINIÃO DE SIR OLIVER LODGE

Sir Oliver Lodge, antigo professor de física das Universidades de Liverpool e Birmingham, onde chegou a Reitor, é autor de vários livros sobre as manifestações dos Espíritos na esfera ponderável, entre os quais destacam-se: “The Survival of Man — A Study Unrecognized Human Fault” (1909); “Reason and Belief” (1911); “Raymond or Life and

Death” (1916); “Why Y Belive in Personal Immortality” (1929). Nasceu em Penkhuli (Sttafordshire), Inglaterra, a 12 de junho de 1951 e desencarnou Din Amesluiry (Wiltshire) em agosto de 1940.

Das inúmeras pesquisas que incansavelmente realizou, deduziu o seguinte, sobre o gênero de mensagens ditadas pelos Espíritos:

“Alguns se reportam a experiências no além, gênero de vida, meio, condições, dificuldades, persistência de um interesse em assuntos terrestres, que são, até certo ponto, a razão de ser de tais comunicações. A abundância dessas informações consta de volumes e eles tratam mais do que chamamos de “assuntos não verificáveis”.

“Não temos nenhum meio de pôr à prova tais asserções ou de verificar o que há de verdade nessas mensagens, razão porque é preciso considerá-las com prudência. Basta dizer que u informação constante é de que as condições do Além se assemelham muito nas condições da vida terrena. Eles falam de flores e de animais, de pássaros e de livros, de belezas de todas as espécies. Afirmam que o seu caráter e a sua personalidade permanecem os mesmos, embora façam progressos”.

O relato do Professor Lodge sobre a vida espiritual se identifica com aqueles apontados pelos Espíritos da Codificação e com os ditados mediúnicos registrados através do tempo, consubstanciando, destarte, o princípio Kardeciano da concordância e generalidade dos ensinamentos dos

Espíritos.

O pesquisador francês Alfred Erny, em seu livro “O PSQUIISMO EXPERIMENTAL”, dedica o Capítulo X à identidade dos Espíritos, considerando-a “uma das mais difíceis questões para todos os que estudam os fenômenos psíquicos e as relações dos homens com os desencarnados”.

E ele cita Gaston Méry que, em seu jornal “ECHO DU MERVEILLEUX”, indaga: “Os Espíritos evocados nos trabalhos espíritos dão provas absolutas da sua identidade?”

Erny acha que não se deve ser exagerado em nada, e critica a postura ortodoxa de Gaston Méry, quanto às “provas absolutas”. Nada mais justa a refutação do ilustre pesquisador francês, levando-se em consideração as dificuldades inerentes ao processo de comunicação entre desencarnados e encarnados. São dificuldades às vezes insuperáveis. Os que não entendem essa realidade, porque não pesquisam, emitem, a respeito, infundadas e radicais opiniões.

A seguir, enumera alguns casos positivos de identidade, colhidos durante as pesquisas realizadas para “O PSQUIISMO EXPERIMENTAL”.

Carlos Imbassahy e Mario Cavalcanti de Melo escreveram, de parceria, o livro “A REENCARNAÇÃO E AS SUAS PROVAS”, prefaciado por Pedro Granja, onde há referência ao caso Dóris Fisher relatado por Norton Prince, que mereceu a atenção e a análise do Dr. Walter F. Prince, que o incluiu na obra “The Mother of Dóris”.

Aos três anos de idade, Dóris Fisher começou a dar sinais de uma segunda personalidade, que no sono se transformava numa terceira, Margarida, a dorminhoca. Acentua-se, com a idade, a diferença de caracteres entre ambas. A segunda desapareceu quando Dóris tinha 22 anos. Aos 16 anos apresenta-se uma quarta personalidade, surgindo, finalmente, uma quinta personalidade que persistiu. Todas, porém, se esvaem, ficando apenas a normal e a última. A independência entre uma e outra é manifesta e insofismável.

O Dr. Walter Prince deduziu, após criterioso exame, que essa segunda personalidade era a própria mãe, desencarnada, de Dóris. O Dr. James Hyslop, da Universidade da Pensilvânia, interessou-se pelo caso e resolveu levar Dóris à presença da Senhora Chenovett, notável vidente. O Espírito revelou-se de tal forma, que não restou a menor dúvida: tratava-se, realmente, da mãe de Dóris. Na opinião do Dr. J. Hyslop a identidade do Espírito estava perfeitamente demonstrada. Comungou da mesma opinião o Dr. Walter Prince; a quinta personalidade era, de fato, a genitora de Dóris Fisher.

O caso em epígrafe encontra-se transcrito nos “Proceedings” da A.S.P.R. — “American Society for Psychical Research”.

O Dr. Paul Gibier, Diretor do Instituto Pasteur de Nova Iorque, na Memória que apresentou ao Congresso Internacional de Psicologia de Paris, em 1900, trata de materialização de fantasmas. As sessões eram realizadas no próprio laboratório do Dr. Gibier, servindo de médium a Sra Salmon. As precauções eram rigorosas. Encerravam a médium numa gaiola metálica fechada com cadeado, cuja chave ficava em poder do Dr.

Gibier.

Nessas condições se produziram, à meia luz, formas numerosas, aparições de crianças e de adultos. A formação é gradual constituídas à vista da assistência. As formas falam e se loco movem no ambiente fechado. Afirmam terem sido pessoas que viveram na Terra “Espíritos desencarnados” — acrescenta ilustre pesquisador francês — “cuja missão é nos mostrarem a existência da outra vida”.

A identidade de um desses Espíritos foi estabelecida com inequívoca precisão: a de uma entidade chamada Blanche, parente de duas Senhoras que assistiam às sessões, as quais puderam abraçá-la repetidas vezes e conversar com ela em francês, língua ignorada da médium. O reconhecimento fora pleno e irrefutável, provando, assim, a identidade da Blanche que ai referidas senhoras conheceram e amaram quando encarnada.

Outro caso de identidade de Espírito (vide “Compte rendu du Congrès Spiritualiste International” de 1900, Paris) aconteceu em Aries e Eyguières, França. O Espírito Acella, jovem donzela romana, cujo túmulo está em Aries, no antigo cemitério de Alixamps, materializou-se a ponto de deixar **UMA IMPRESSÃO DE SEU ROSTO EM PARAFINA FERVENTE, EM RELEVO, O QUE SERIA IMPOSSÍVEL A QUALQUER ENCARNADO!**

AS PESQUISAS DE GABRIEL DELANNE

Submetemos à apreciação do leitor fragmento do estudo sobre a identidade dos Espíritos, realizado por Gabriel Delanne em “A ALMA É

IMORTAL”.

O ilustre filho de Alexandre Delanne, amigo íntimo de Kardec, não fechando o assunto, que é naturalmente polêmico, pelas suas íntimas implicações, observa:

“No estado atual dos nossos conhecimentos, cremos que a identidade de um Espírito se acha perfeitamente estabelecida quando ele se mostra a atuar, materializado, numa forma idêntica a que teve outrora o seu corpo físico. E o caso de Esteia Livermore¹ e de muitos outros Espíritos”.

Gabriel Delanne, examinando minuciosamente, nas obras originais, os fatos anteriormente mencionados e sem formular hipótese, chega às seguintes conclusões sobre a identidade dos Espíritos em reuniões específicas de materialização:

1º — Os Espíritos têm um organismo fluídico;

2º — quando esse corpo fluídico se materializa, reproduz, fielmente um corpo físico que o Espírito revestiu durante certo período da sua vida terrestre;

3º — nenhuma experiência ainda demonstrou que o grau de variação dessa forma possa ir ao ponto de reproduzir outra forma inteiramente

¹ Segundo Alexandre Aksakof (“ANIMISMO E ESPIRITISMO”) é impossível deparar-se com um caso mais concludente, mais perfeito, como prova da identidade da aparição de uma forma materializada do que o de Esteia, morta em 1860, ao seu marido Sr. Livermore... O caso é extremamente importante e, no nosso parecer apresenta uma PROVA ABSOLUTA DE IDENTIDADE. A narração detalhada deste caso um dos mais notáveis dos anais das pesquisas espíritas, foi publicada, pela primeira vez, no “The Spiritual Magazine” de 1861. Os fenômenos dessa manifestação autêntica do Espírito Estela foram enfeitados, em uma brochura, sob o título: “Spiritualism in America” Londres, 1861.

distinta daquela sob a qual ela se mostra espontaneamente. Se alguma variação se opera, não passa de uma diferença para mais ou para menos do mesmo tipo;

4º — estabelecido, como se acha, experimentalmente, pela fotografia, pelas moldagens, pelas mais variadas ações físicas, que aquele organismo existe nos vivos, pode-se, por efeito de rigorosa dedução, afirmar a sua existência depois da morte, uma vez que ele se nos impõe pelos mesmos fatos que a têm positivado com relação aos vivos:

5 — até prova em contrário, a aparição de um Espírito que fala e se desloca no espaço, que se pode reconhecer como sendo uma pessoa que viveu na Terra e prova excelente de sua identidade.

Finalmente, Gabriel Delanne encerra, com fina ironia, a momentosa questão:

“Para resumir, diremos que uma materialização que apresenta com uma pessoa anteriormente morta, semelhança completa de forma corpórea e identidade de inteligência, CONSTITUI PROVA ABSOLUTA DA IMORTALIDADE!”

Sobre a identidade dos Espíritos, eis o que William Thomas Stead (notável jornalista, escritor e publicista inglês — 1849-1912) escreveu na “Revue Scientifique et Morale du Spiritisme”:

“Falava com meu irmão sobre a comunicação dos Espíritos quando ele me pediu um fragmento de louça, partiu em dois pedaços, fez à tinta sinais num e noutro, e

pediu-me que conservasse um deles; o outro iria escondê-lo, esperando vir dizer onde ele estava, após o decesso.”

Morreu o irmão de Stead e depois de sessões infrutíferas, veio cie afinal e informou — você encontrará o fragmento na minha escrivaninha sob o tomahwak.

A escrivaninha nunca se abriu após o falecimento do comunicante. E lá estava o pedaço de louça que se adaptava perfeitamente à parte não escondida que se encontrava em poder do autor de “Cartas de Júlia”.

UM CASO DE IDENTIDADE RELATADO POR DANIEL DUNGLAS HOME

Concluindo este Capítulo, eis o relato que o extraordinário médium Daniel Dunglas Home incluiu na sua obra “LIFE AND MISSION”²:

“Quando eu residia em Springfield (Inglaterra), tive uma grave moléstia que me reteve ao leito durante algum tempo. Um dia, na ocasião em que o médico se retirava, um Espírito me deu esta comunicação: “tomai o trem da tarde para Hartford, pois trata-se de um negócio importante para o progresso da causa; não repliqueis, fazei simplesmente o que vos dizemos.”

“Dei conhecimento à minha família dessa extraordinária ordem, e, apesar do meu estado de fraqueza, tomei o trem, ignorando completamente o que eu ia fazer e o fim de tal

² Este caso também se encontra registrado na obra que se publicou, no Brasil (FEB), sob o título “FATOS ESPÍRITAS” traduzido por Oscar D'Argonnel que reuniu trabalhos escritos pelo sábio inglês William Crookes, durante os anos de 1870-1873, sobre fenômenos espíritas. Esses trabalhos foram publicados, inicialmente, no “Quartely Journal of Science”, de janeiro de 1874.

viagem.

“Ao chegar a Hartford, veio ao meu encontro um estrangeiro, que me disse: ‘Só tive ocasião de vos ver uma única vez, mas creio que falo com o Sr. Home’. Respondi-lhe afirmativamente, acrescentando que eu chegava a Hartford sem nenhuma idéia do que se queria da minha pessoa. ‘E engraçado!’ replicou o meu interlocutor, ‘eu vinha exatamente tomar o trem para vos ir procurar em Springfield’. Explicou-se ele, então, que uma família influente bem conhecida, me pedia para fazer-lhe uma visita e prestar o meu concurso às investigações que ela desejava realizar sobre o Espiritismo. O fim da viagem começava, pois, a desenhar-se, mas o mistério permanecia ainda velado.

“Agradável trajeto em carruagem conduziu-nos logo ao nosso destino. O dono da casa, o Sr. Ward Cheney, que veio receber-me à porta, saudou-me, dizendo que não esperava que eu chegasse senão no dia seguinte pela manhã.

“Logo que entrei no vestíbulo, a minha atenção foi atraída por um ruído semelhante ao farfalhar de um pesado vestido de seda. Olhei ao redor de mim e fiquei surpreendido de não ver ninguém; passamos, então, a uma das salas e não me preocupei mais com esse incidente.

“Pouco depois, vi no vestíbulo uma velha baixa, com

pesado vestido de seda escura, a qual parecia muito preocupada. Aí estava a explicação desse mistério; eu tinha ouvido, sem ver, essa pessoa que ia e vinha pela casa.

“Repetindo-se o farfalhar do vestido, o Sr. Cheney, que o tinha ouvido ao mesmo tempo que eu, perguntou-me de onde vinha esse ruído. Ora esta! Respondi, é do vestido de seda escura dessa velha que vejo no vestíbulo. Quem seria essa pessoa? A aparição era, efetivamente, tão perfeita que eu não duvidava que fosse uma criatura em carne e osso. Como o resto da família chegasse naquele instante, as apresentações impediram o Sr. Chaney de me responder e, naquele momento, eu não tive mais ocasião de obter informações.

“Tendo sido servido o jantar, fiquei admirado de não ver, à mesa, a senhora de vestido de seda; esse fato despertou a minha curiosidade e essa senhora tornou-se logo para mim um objeto de preocupação.

“Quando todos deixaram a sala de jantar, ouvi de novo o farfalhar do vestido de seda e, também, uma voz disse: ‘eu estou aborrecida porque colocaram um caixão sobre o meu; não quero que ele fique ali’.

“Tendo eu dado parte dessa comunicação ao dono da casa e à sua mulher, eles se olharam com admiração, e, depois, o Sr. Cheney rompendo o silêncio, me disse que

reconhecia perfeitamente esse vestido, a sua cor e mesmo o seu gênero de seda espessa, mas que o fato do caixão colocado sobre o dela era um absurdo. Essa resposta me tornou perplexo; eu não sabia mais o que dizer.

“Uma hora depois, ouvi de repente a mesma voz pronunciar exatamente as mesmas palavras, porém acrescentando o seguinte: ‘Além disso, Seth não tinha o direito de cortar essa árvore’. Tendo narrado ao dono da casa essa nova comunicação, ele ficou muito inquieto. ‘Há em tudo isso, disse-me ele, alguma coisa bem extraordinária. Meu irmão Seth cortou uma árvore que embaraçava a vista. Dissemos-lhe que, se a pessoa — que ora pretende falar-nos — fosse viva, não consentiria no corte dessa árvore. Quanto ao resto da comunicação afirmo que nada tem de racional’.

“A mesma comunicação me foi dada à noite pela terceira vez, e me expus de novo a um desmentido formal. Eu estava sob o golpe de uma impressão muito penosa, quando me recolhi ao quarto, pois nunca tinha recebido comunicação mentirosa, e mesmo admitindo o bom senso do seu agravo, semelhante insistência da parte de um Espírito de não querer que um outro caixão fosse colocado sobre o seu, me parecia absolutamente ridícula.

“Pela manhã, manifestei ao dono da casa o meu profundo desapontamento, respondendo-me ele que também estava muito sentido, mas ia provar-me que esse Espírito — se

realmente era aquele que dizia ser — estava perfeitamente enganado. ‘Vamos até o jazigo de minha família, acrescentou, e vereis que, embora tivéssemos querido, não fora possível colocar um outro caixão sobre o dela’.

“Logo que chegamos ao cemitério, fomos procurar o coveiro que guardava a chave do jazigo. Na ocasião em que ele ia abrir a porta, pareceu refletir e disse com um ar um tanto embaraçado, voltando-se para o Sr. Cheney: ‘Devo participar a V. S. que, como restava justamente um pequeno espaço em cima do caixão da Sr^a..., coloquei ali o caixãozinho do filho de L... Penso que isso não tem importância, mas talvez fora melhor que vos tivesse prevenido disso. Ele está lá desde ontem apenas’.

“Nunca hei de esquecer o olhar que me lançou o Sr. Cheney, quando me disse, voltando-se para mim: ‘meu Deus, é pois uma verdade!’

“A noite, o Espírito manifestou-se de novo e disse: ‘Não acrediteis que eu ligue a menor importância ao caixão colocado sobre o meu; pode ser colocada até uma pilha de caixões, com isso não me incomodo. O meu único fim era dar, de uma vez para sempre, prova da minha IDENTIDADE, de vos levar à convicção absoluta de que sou sempre um ser vivo, a mesma E... que sempre fui’.

A COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO ENCARNADO

“O espiritismo ficaria sem base se não existisse o animismo”.

Ernesto Bozzano

No capítulo XIX de “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, ALLAN KARDEC pergunta:

P. “As comunicações escritas ou verbais podem ser também do próprio ESPÍRITO DO MÉDIUM?”

R. “A Alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra. Se ela goza de um certo grau de liberdade, recobra então as suas qualidades de Espírito. Tens a prova na visita das almas de pessoas vivas que se comunicam contigo, muitas vezes sem serem evocadas. PORQUE É BOM SABERES QUE ENTRE OS ESPÍRITOS QUE EVOCAS HÁ OS QUE ESTÃO ENCARNADOS NA TERRA. NESTE CASO ELES TE FALAM COMO ESPÍRITOS E não COMO HOMENS. Porque o Médium não poderia fazer o mesmo?”

O que chama atenção na resposta do Espírito não é ele ter afirmado que “A ALMA DO MÉDIUM PODE COMUNICAR-SE COMO QUALQUER OUTRA. Este é um ponto pacífico, objeto de específicos e especiais estudos de parte do próprio Kardec e dos pesquisadores do porte de ERNESTO BOZZANO (“ANIMISMO OU ESPIRITISMO”) e de ALEXANDRE AKSAKOFF (“ANIMISMO E ESPIRITISMO”). O que chama atenção, realmente, é esta revelação: “PORQUE É BOM SABERES QUE ENTRE OS ESPÍRITOS QUE EVOCAS HÁ OS QUE

ESTÃO ENCARNADOS NA TERRA”.

“Neste caso” — esclarece o ESPÍRITO a KARDEC —
“ELES TE FALAM COMO ESPÍRITOS E não COMO
HOMENS”.

Chega-se à conclusão que alguns Espíritos que se comunicaram com Kardec, por ele evocados, encontravam-se encarnados, agindo, no entanto, COM UM CERTO GRAU DE LIBERDADE, RECOBRANDO, ENTÃO, AS SUAS QUALIDADES DE ESPÍRITO. O que importavam, na verdade, eram as idéias que essas entidades esposavam, independentemente de sua situação de encarnadas ou desencarnadas. E não vale a pena especular qual dos Espíritos, na situação de encarnado, contribuiu para a feitura de (no caso) “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, obra fundamental da Doutrina Espírita; não vale a pena! O certo é que, no mesmo Capítulo (XTX), Kardec, pretendendo lançar luzes sobre o momentoso assunto, indaga:

P. “Esta explicação não parece confirmar a opinião dos que acreditam que todas as comunicações são do Espírito do médium e não de outro Espírito?”

R. “Eles só estão errados por entenderem que tudo é assim. Porque é certo que o Espírito do médium pode agir por si, mas isso não é razão para que outros Espíritos não pudessem agir também por seu intermédio”.

Observa-se que o Espírito que responde a Kardec não põe o ANIMISMO acima ou abaixo da COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA. Tem-

se a certeza de que ambas as manifestações guardam, de per si, a sua particular importância dependendo, naturalmente, de uma série de especiais fatores. Mas, a despeito dessa realidade, há quem invista, preconceituosamente, contra a manifestação do Espírito encarnado, como se este não tivesse qualquer direito ou necessidade de extravasar seus traumas, suas angústias, suas mágoas, suas concepções, seus pontos de vista.

“Resulta daí” — corrobora o Professor ERNESTO BOZZANO — “que as duas classes de manifestações são idênticas por natureza, com a distinção puramente formal de que, quando se verificam por obra de um vivo, tomam o nome de FENÔMENOS ANÍMICOS e, quando por obra de um morto, denominam-se FENÔMENOS ESPÍRITAS. É claro, pois, que as duas classes de manifestações são uma o complemento necessário da outra, e isto de tal sorte, que O ESPIRITISMO FICARIA SEM BASE SE NÃO EXISTISSE O ANIMISMO”.

Em seguida, o Prof. ERNESTO BOZZANO estabelece as várias categorias de manifestações que se diferenciam entre si, dividindo-as em subgrupos:

- SUBGRUPO A — Mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas imersas no sono.
- SUBGRUPO B — Mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas em estado de vigília.

- SUBGRUPO e — Mensagens obtidas por expressa vontade do médium, às quais são aplicáveis as hipóteses: “CLARIVIDÊNCIA TELEPÁTICA e de TELEMNESIA”.
- SUBGRUPO D — Mensagens transmitidas ao médium pela vontade expressa do agente.
- SUBGRUPO E — Casos de transição em que o vivo que se comunica é um moribundo.
- SUBGRUPO F — Mensagens entre vivos, transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual.

AS EXPERIÊNCIAS DE WILLIAM T. STEAD

Em 1893, o célebre publicista inglês WILLIAM THOMAS STEAD³ realizou notável conferência na “THE LONDON SPIRITUALIST ALIANCE”, quando revelou os resultados da conversação que manteve com o ESPÍRITO JÚLIA, daí resultando a edição do livro “LETTERS FROM JÚLIA”.

Eis alguns trechos da referida conferência:

“Certo dia Júlia escreveu: ‘Por que te surpreendes que eu possa servir-me da tua mão para escrever (ESCRITA AUTOMÁTICA)? Qualquer um pode fazê-lo. E eu lhe perguntei: ‘Que queres dizer com este ‘QUALQUER UM?’

³ WILLIAM THOMAS STEAD (re)nasceu em Embleton, Inglaterra, a 06 de julho de 1849 e desencarnou tragicamente no naufrágio do navio “TITANIC”, em noite de 14 para 16 de abril de 1912. W. T. STEAD cultivou fortes laços de amizade com RUI BARBOSA, quando ambos faziam brilhar a genialidade de seus talentos na Conferência de Haya, na Holanda. Médium do “ESCRITA AUTOMÁTICA”, muito contribuiu para o engrandecimento do intercâmbio entre as duas esferas da vida.

Ao que ela respondeu: ‘Qualquer um, isto é, qualquer pessoa pode escrever com a tua mão’. Perguntei ainda; ‘Queres dizer uma pessoa viva? E ela replicou: ‘Qualquer amigo teu pode escrever com a tua mão’. Ao que observei: ‘Queres dizer que se eu puser a minha mão à disposição de qualquer amigo distante poderá ele servir-se dela do mesmo modo que tu o fazes?’ E ela respondeu: ‘Sim, experimenta e verás’.

Embora julgasse a tarefa difícil, WILLIAM STEAD resolveu experimentar, colhendo resultados “IMEDIATOS E ASSOMBROSOS”.

“Pus minha mão ao dispor de amigos que residiam a diversas distâncias e notei que quase todos eles se achavam em condições de se comunicarem, embora variasse muito a capacidade da manifestação. Alguns escreviam logo correntemente, com as suas próprias características de estilo, de forma, de caligrafia, desde as primeiras palavras e prosseguiram desembaraçadamente como se escrevendo uma carta normal”.

Ao correr das experimentações, WILLIAM STEAD manifestou estranheza sobre alguns pontos da comunicação entre “VIVOS”, indagando de Júlia:

P. “Se a nossa personalidade espiritual não transmitisse nunca informações em plena consciência de o fazer, como se explica que os amigos que me forneceram informações

ignoram ter fornecido?”

Respondeu-lhe o Espírito:

R. ‘Quando você se dirige mediunicamente a um seu amigo, a sua personalidade espiritual responde, empregando as faculdades mentais subconscientes e não as faculdades conscientes, e, naturalmente, não toma o cuidado de comunicar à mente consciente que deu esta ou aquela informação’.

AS EVOCAÇÕES DE FLORENCE MARRYAT

A escritora inglesa FLORENCE MARRYAT⁴, que possuía expressiva faculdade mediúnica, notadamente de PSICOGRAFIA e de TIPTOLOGLA, realizou numerosas pesquisas em torno da comunicabilidade entre Espíritos encarnados. Em seu livro “THERE IS NO DEATH”, há relatos de notável importância para o limitado acervo desse especial intercâmbio. Eis, para conhecimento dos prezados leitores, alguns trechos de uma de suas narrativas a respeito:

“Tais comunicações com Espírito de vivos são, indubitavelmente, das mais curiosas que já obtive. Em várias circunstâncias quando, sobre um dado acontecimento, eu não chegava a conhecer a verdade diretamente das pessoas interessadas em ocultá-la, eu me sentava diante da

⁴ FLORENCE MARRYAT (MRS. ROSS-CHURCH, MRS. FRANCIS LEAN. 1837-1899). Autora inglesa, irmã do Capitão Manynt, manteve amizade com todos os médiuns famosos tanto na Inglaterra como na América, testemunha de fenômenos KATIE KING/FLORENCE COOK. Registrou estas experiências em dois livros ‘THERE IS NO DEATH’ e ‘THE SPIRIT WORLD’, muito populares.

‘MESINHA MEDIÚNICA’, em hora que sabia acharem-se adormecidas as pessoas, e concentrava o pensamento sobre elas, convidando-as a me virem revelar, sinceramente, a verdade, pela TIPTOLOGIA, o que quase nunca deixava de se realizar”.

O expediente posto em prática por FLORENCE MARRYAT é, parece-nos, um tanto e quanto perigoso, prestando-se à interferência de Espíritos desencarnados dados à fraude, à mistificação, desvirtuando, assim, a finalidade da evocação. Ademais, eis o que a referida médium afirmou, categórica, no antecitado livro:

“Devo declarar que não tenho o costume de proceder assim com os vivos, mas sou uma pessoa terrível quando me desafiam a fazer alguma coisa”.

Ela emitiu esse parecer diante de um desafio que alguém lhe fizera, afirmando que a médium fracassaria caso tentasse comunicar-se com ele, compulsoriamente, em estado de vigília. Florence Marryat conseguiu realizar, plenamente, o seu intento, quando o desafiante participava de um requintado banquete. Atendendo ao poderoso chamamento da médium, ele entrou em profundo sono sobre a mesa, e o Espírito que animava aquele corpo foi irresistivelmente atraído à presença da evocadora.

OS “PROCESSOS ESPIRÍTICOS” DE AKSAKOF

ALEXANDRE AKSAKOF dedicou parte de seu livro “ANIMISMO E ESPIRITISMO” a narrar casos de Espíritos encarnados manifestando-

se a amigos ou a estranhos, pelo que GABRIEL DELANNE chamou de “PROCESSOS ESPIRÍTICOS”. Eis, em síntese, um dos casos contados por AKSAKOF:

“O muito conhecido escritor russo WSEVOLOD SOLOWIOF conta que freqüentemente sua mão era presa de uma influência estranha à sua vontade e, então, escrevia com extrema rapidez e muita clareza, mas da direita para a esquerda (ESCRITA ESPECULAR), de sorte a não se poder ler o escrito, senão colocando-se diante de um espelho ou por transparência.

“Um dia sua inão (ESCRITA AUTOMÁTICA) escreveu o nome Vera. Como perguntasse: que Vera? Obteve por escrito o nome de família de uma jovem sua parenta. Admirado, insistiu, para saber se era, na realidade, a sua parenta quem assim se manifestava. Respondeu a inteligência: — ‘Sim; durmo, mas estou aqui e vim para lhe dizer que nos veremos amanhã, no Jardim de Verão. O encontro efetivamente aconteceu”.

O RELATO DO PROFESSOR PERTY

O Professor MAXIMILIANO PERTY⁵, contemporâneo de Kardec, em um artigo: “NOVAS EXPERIÊNCIAS NO DOMÍNIO DOS FATOS MÍSTICOS”, relata o seguinte caso:

⁵ DR. MAXIMILIANO PERTY, Professor da Universidade de Berna (Suíça), autor do “DIE MYSTISCHEN ERSCHEINUNGEN DER MENSCHLICHEN NATUR, Leipzig, 1861.

“SOFIA SWOBODA, durante uma festa de família que se prolongou até muito tarde, lembrou-se de repente de que não fizera o seu dever de aluna. Tratou, então, de trabalhar. Mas, sem saber como nem por quê, achou-se em presença de sua Professora. Fala-lhe e lhe comunica, em tom de aborrecimento, o que sucedera. A professora que era médium e espírita, naquela mesma noite, por volta das dez horas, tomara um lápis para se corresponder com o seu defunto marido e ficou espantada ao verificar que escrevera palavras alemãs, com uma caligrafia em que reconheceu a de Sofia. Eram desculpas formuladas em tom jocoso, a propósito do esquecimento involuntário da sua tarefa. No dia seguinte, Sofia reconheceu não só a sua caligrafia como também as expressões que empregara em seu contato espiritual com a professora.

EMMA HARDING BRITTEN

A médium inglesa EMMA HARDING BRITTEN⁶ em artigos publicados na “REVUE SCIENTIFIQUE ET MORALE DU SPIRITISME”, refere-se a um caso acontecido em casa do SR. CUTTLER, no ano de 1853.

Uma médium se pôs a falar alemão, embora, ‘desconhecesse completamente esse idioma. O Espírito que por ela se comunicara dava-se como mãe de uma jovem alemã que se achava presente. Passado algum tempo, um

⁶ EMMA HARDING BRITTEN, inglesa (1823-1899). A história de sua vida é contada pela irmã Margaret Wilkinson, foi autora do livro sempre consultado ‘MODERN AMERICAN SPIRITUALISM’. London, 1870, bem como de outras apreciadíssimas obras entre as quais destacam-se “NINETENTH CENTURY MIRACLES”. New York. 1884; “GHOST LAND, OR RESEARCHES INTO THE MYSTERIES OF OCULTISM”, Boston, 187G. Seus dotes mediúnicos englobavam escrita automática, psicometria, curas ocasionais, precognição, oratória por inspiração espiritual. Fundou e editou, por cinco anos, o Jornal “TWO WORLDS”, de Manchester, Inglaterra.

amigo da família, vindo da Alemanha, trouxe a notícia de que a mãe da referida jovem, após séria enfermidade, em virtude da qual caíra em profundo sono letárgico, declara, ao despertar, ter visto a filha que se encontrava na América. E descreveu, com detalhes, o ambiente e as pessoas que faziam parte da sessão.

EVOCÇÃO DE UM SURDO-MUDO ENCARNADO

Na “REVUE SPIRITE” de Janeiro de 1865, ALLAN KARDEC inseriu um caso, realmente insólito, de manifestação do Espírito encarnado de um surdo-mudo, relatado pelo SR. RUL, membro da SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.

Eis o caso:

“Em 1862, diz ele, conheci um jovem surdo-mudo de doze a treze anos. Desejoso de fazer uma observação, perguntei aos guias protetores se me seria possível evocá-lo. Tendo tido resposta afirmativa, fiz o rapaz vir ao meu quarto e o instalei numa poltrona com um prato de uvas, que ele se pôs a devorar. Por meu lado, sentei-me a uma mesa. Orei e fiz a evocação. Ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu e escreveu:

“Eis-me aqui”.

“Olhei o menino. Estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, com o prato sobre os joelhos. Tinha cessado de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. Onde estás agora?

R. Em seu quarto, em sua poltrona.

P. Quer dizer por que é surdo-mudo de nascença?

R. E uma expiação de meus crimes passados.

P. Que crimes você cometeu?

R. Fui parricida.

P. Pode dizer se sua mãe, a quem ama tão ternamente, não teria sido, como seu pai ou sua mãe, na existência de que fala, o objeto do crime que cometeu?

Em vão esperei a resposta: a mão ficou imóvel. Levantei de novo os olhos para o menino — acabava de despertar e comia as uvas com apetite.

Tendo pedido aos guias que explicassem o que acabava de se passar, foi-me respondido:

Ele deu os ensinamentos que desejava e Deus não permitiu que lhe desse outros”.

Vejamos, em síntese, as elucidações de Kardec sobre o caso em questão.

Após tratar, rapidamente, da identidade do Espírito, o mestre lionês observa que o silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a

utilidade do véu lançado sobre o passado. Foi permitido ao jovem revelar a causa de sua enfermidade, a fim de dar uma prova a mais que as aflições terrenas têm uma causa anterior, quando não esteja na vida presente, e que assim tudo é segundo a justiça. Por isso os Espíritos o despertaram, talvez no momento em que ia responder.

Deve concluir-se que todos os surdos-mudos tenham sido parricidas? Seria uma conseqüência absurda, porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana.

A NOSSA EXPERIÊNCIA

Há mais de dez anos, solicitamos aos dirigentes de uma instituição espírita de Salvador um espaço para que realizássemos, nos sábados à noite, uma sessão experimental. Atenderam, fraternamente, à solicitação.

Todos os sábados, pois, às 21 horas reuníamos-nos com mais dez (10) companheiros, todos espíritas estudiosos, e, após a leitura e análise de textos selecionados, iniciávamos a sessão. Dedicávamos, especificamente, à evocação de Espíritos encarnados que estivessem passando por vária ordem de problemas. Durante três ou mais anos a sessão realizou-se com perfeita regularidade e com surpreendentes resultados. É um tipo de trabalho, que exige percuciente observação, prudência, e sobretudo confiança nos médiuns e nos Espíritos orientadores. Vez por outra, entidades desencarnadas se manifestavam, tentando convencer o grupo de que se tratavam de Espíritos encarnados. Entretanto, os mentores espirituais alertavam-nos da

mistificação, sugerindo o “ORAI E VIGIAI”, em benefício da integridade da sessão. Entre os vários casos verídicos registrados ao longo dessas sessões experimentais, cumpre-nos destacar o que aconteceu com o jovem C. C, filho de nossa irmã Iracema P, já desencarnada, que por sinal fazia parte do grupo de experimentadores. As 21 horas reunimo-nos na ampla sala cedida pelos diretores do Centro Espírita. Após a leitura do Capítulo previamente escolhido, passamos aos comentários. Às 22 horas (essas sessões devem ser realizadas às horas mortas), iniciaram-se os trabalhos, isto é, procedeu-se à evocação do Espírito do jovem C. C. Sentíamos a vibração do ambiente; era algo indefinível, já experimentado, porém, em oportunidades semelhantes. Alguns minutos depois, um dos médiuns apresenta os indícios característicos de manifestações daquela ordem, e começa a falar. A voz é quase inaudível, mas todos, em silêncio absoluto, puderam ouvir o comunicante anunciar o seu nome, apenas conhecido por nós e a sua genitora. A seguir, ele pediu que o ajudassem, porque presa infeliz de drogas pesadas. Outro fato desconhecido dos demais companheiros. Mantivemos, então, ligeiro diálogo com o Espírito, sobre o drama que ele estava vivendo nesta (re)encarnação. Ele se foi um tanto bruscamente, deixando o médium com náuseas e com fortes dores pelo corpo.

No dia seguinte, pela manhã, Iracema telefonou para a nossa casa, informando que C. C. informara que, à hora da

evocação, ele se encontrava conversando com a namorada, como de hábito, dentro de seu automóvel estacionado defronte do edifício onde morava. De repente, disse ele, sentiu um leve torpor, que foi aumentando, gradualmente, caindo em profundo sono (transe) sobre o ombro esquerdo da jovem a seu lado, que nada pôde fazer, julgando tratar-se de um estado natural de cansaço. Naquele exato momento C.C. estava se comunicando conosco na sessão experimental...

Decorreram mais de dez anos para que essa pequena história viesse a lume, integrando-se, humildemente, no rol das vivenciadas por eminentes pesquisadores. Afinal de contas, o Espírito sofre tanto no primeiro, como no terceiro mundo!...

A LEVITAÇÃO

É o fenômeno em que, graças à AÇÃO DOS ESPÍRITOS, que se valem dos FLUIDOS de ENCARNADOS e DESENCARNADOS, LEVITAM, suspendem, elevam, total ou parcialmente coisas ou seres humanos ou mesmo animais. (JOÃO TEIXEIRA DE PAULA, in: “DICIONÁRIO DE ESPIRITISMO, METAPSÍQUICA E PARAPSICOLOGIA”).

A LEVITAÇÃO DE JESUS

A História registra uma série interminável de casos de levitação, que, por não serem entendidos, foram considerados milagrosos. Destaca-se,

então, a levitação de JESUS sobre as águas, causando espanto aos seus incrédulos discípulos. Eis como MATHEUS relata o fenômeno:

E logo ordenou JESUS que os seus discípulos entrassem no barco, e fossem adiante para a outra margem enquanto despedida a multidão.

E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só.

E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário.

Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se JESUS para eles, caminhando por cima do mar.

E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasmal E gritaram com medo.

JESUS, porém, lhes falou logo, dizendo: tende bom ânimo, sou eu, não temais...”⁷

Atribuir a esse fato o rótulo de milagre, é negar sem qualquer análise, os intrigantes poderes psíquicos do MESTRE DE NAZARÉ, que, ao correr de seu apostolado neste orbe, provocou outros e grandiosos fenômenos, em que se destacam as materializações de MOISÉS e ELIAS

⁷ JÂMBILO informa que certas pessoas andavam sobre as águas, entre as quais RAYMOND E PEGNAFORT, que se transportou da ilha de Maiorca a Barcelona pela superfície dos mares; S. JACINTO e vários companheiros atravessaram o Vístula a pé enxuto.

no MONTE TABOR, servindo de médiuns três de seus discípulos. Foi a primeira e singular sessão de ectoplasmia na história da fenomenologia espiritual, feita à luz das estrelas... E naquela extraordinária oportunidade, o incomparável RABI transfigurou-se, projetando, radioso, o PERISPIRITO, com o qual iria se apresentar, após a desencarnação, aos apóstolos. Trazia ele as marcas indeléveis da crucificação, constatadas por TOMÉ, que então evidenciava, experimentalmente, o que seria, séculos depois, uma das mais fecundas áreas de pesquisa da CIÊNCIA ESPÍRITA.

Eis a opinião de EPES SARGENT, em “BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO”:

“... a LEVITAÇÃO, fato que tenho testemunhado muitas vezes, é considerado um absurdo porque viola a lei da gravidade. Não, aí não há violação, mas sim a obra de uma potência invisível e impalpável, produzindo suspensão”.

Deve-se observar que Epes Sargent, assim como a maioria dos investigadores desse fenômeno, admitem a levitação apenas para “CORPOS HUMANOS”.

No caso específico de JESUS, acreditamos tratar-se de um fenômeno puramente psíquico. Ele próprio teria posto em prática mecanismos tais como lhe possibilitaram caminhar sobre as águas. Tentou ajudar Pedro nesse sentido, mas o medo que o apóstolo sentiu criou uma barreira intransponível, e ele foi ao fundo...

DANIEL DUNGLAS HOME FLUTUA NO AR

Os casos mais notáveis de LEVITAÇÃO na era moderna, segundo William Crookes, são atribuídos a DANIEL DUNGLAS HOME. O cientista e pesquisador inglês investigou, à sociedade, a faculdade mediúnica de D. D. Home, afirmando, posteriormente:

“Rejeitar a evidência dessas manifestações, equívale a rejeitar todo o testemunho humano, qualquer que ele seja, porque não há fato na história sagrada ou profana que se apóie em prova mais imponente”.

Encomendada pela SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES⁸, realizou-se, na Capital da Inglaterra — 16-12-1868, uma sessão específica de LEVITAÇÃO com o médium D. D. HOME, com as presenças e supervisão do Capitão WYNNE, Lorde ADARE e Lorde LINDSAY. Este último redigiu uma Ata circunstanciada dos trâmites da sessão, destinada à apreciação da referida Sociedade.

“Home, que estava em transe havia algum tempo, depois de ter passado pelo quarto, dirigiu-se para a sala vizinha. Nesse momento, veio assustar-me uma comunicação. Ouvi uma voz murmurar-me ao ouvido: ‘Ele vai sair por uma janela e entrar pela outra’.

“Completamente aturdido com o pensamento de uma experiência tão perigosa, dei parte aos meus amigos do que

⁸ A SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES — fundada em 1867, para investigar os fenômenos considerados manifestações espirituais, através de comissões, integradas por ilustres pesquisadoras.

acabava de ouvir, e não era sem ansiedade que esperávamos a sua volta. Percebemos então que se levantava a vidraça da janela do outro quarto, e quase imediatamente VIMOS HOME FLUTUAR NO AR. POR FORA DA NOSSA JANELA. A lua dava em cheio no quarto e, como eu estava com as costas voltadas para a luz, o peitoril da janela projetava sombra na parede que me ficava fronteira, VI ENTÃO OS PÉS DE HOME SUSPENSOS POR CIMA, A UMA DISTÂNCIA DE CERCA DE SEIS POLEGADAS. Depois de ter ficado nesta posição durante alguns segundos, levantou a vidraça, resvalou para o quarto com os pés para a frente e veio sentar-se. Lorde Adare passou então para o outro aposento e, notando que a vidraça da janela, pela qual ele acabava de sair, estava erguida tão somente até dezoito polegadas (aproximadamente meio metro) de altura, exprimiu a sua surpresa de que Home tivesse podido passar por essa abertura. O médium, sempre em transe, respondeu: Vou mostrar-vos’

“Voltando então as costas para a janela, inclinou-se para trás e foi projetado para fora com a cabeça para a frente, o corpo inteiramente rígido; depois voltou para o seu lugar”.

OUTROS TESTEMUNHOS

“Home foi levantado da cadeira, e peguei-lhe nos pés enquanto ele flutuava por cima de nossas cabeças” — carta do Conde LÉON TOLSTÓI à sua mulher, 17 de junho de

1866.

Em uma sessão em São Petersburgo, com as presenças de ilustres personalidades, D. D. Home anunciou que se sentia levantado. O SEU CORPO TOMA A POSIÇÃO HORIZONTAL e é transportado, com os braços cruzados sobre o peito, até ao meio da sala. Depois de ter ficado aí quatro ou cinco minutos, é reconduzido ao seu lugar, transportado da mesma forma, (trecho extraído da Ata dessa sessão, redigida pelo KARPOVITCH, na residência da Raronesa TAOULEI).

OPINIÃO DE D. D. HOME SOBRE AS SUAS EXPERIÊNCIAS

“Durante essas elevações ou levitações, nada sinto em particular em mim, exceto a sensação de costume, cuja causa atribuo a uma grande abundância de eletricidade nos meus pés, não sinto mão alguma que me sustenha e, desde a minha primeira ascensão, deixei de ter receio, posto que, se eu tivesse caído de certos tetos, a cuja altura fôra elevado, não teria podido evitar ferimentos graves”.

“Sou em geral levantado perpendicularmente, com os braços hirtos e erguidos por cima da cabeça, como se quisesse agarrar o ser invisível que me levanta suavemente do colo. Quando chego ao teto, os pés são levantados até ao nível da cabeça e acho-me como que numa posição de descanso. Tenho ficado muitas vezes assim suspenso durante quatro ou cinco minutos”.

DANIEL DUNGLAS HOME tinha a certeza que as levitações e os

demais fenômenos, eram produzidos pelos Espíritos às expensas de sua portentosa faculdade mediúnica.

O REVERENDO STANTON MOSES RELATA SUA EXPERIÊNCIA DE LEVITAÇÃO

O Reverendo STANTON MOSES descreve as sensações que sentiu na sua primeira experiência de LEVITAÇÃO.

“Um dia (30 de junho de 1870) senti que a minha cadeira se afastava da mesa e virava-se no canto onde eu estava sentado, de modo que fiquei com as costas voltadas para o círculo e a frente para o ângulo da parede. Em seguida, a cadeira foi levantada do chão até uma altura que, segundo o que pude julgar, havia de ser 30 a 40 centímetros. A cadeira ficou suspensa alguns instantes e então senti que a deixava e continuava a subir com um movimento muito suave e vagaroso, não tive nenhum receio e não senti mal-estar. Tinha perfeita consciência do que se passava e descrevia a marcha do fenômeno aos que estavam sentados à mesa. O movimento era muito regular e pareceu-nos bastante duradouro antes de ter finalizado.

“Eu estava bem perto da parede, tão perto que pude com um lápis marcar o canto oposto do papel da parede. Este sinal, tendo sido mais tarde medido, achava-se a pouco mais de 1,80 m do soalho e, segundo a minha posição, a minha cabeça devia estar no ângulo do quarto, a pouca distância do teto. Estou longe de pensar que estivesse por qualquer forma adormecido. O meu espírito estava com toda a sua

perspicácia, e eu tinha completa percepção desse curioso fenômeno, não senti no corpo nenhuma pressão; tinha a sensação de estar num elevador e de ver os objetos passarem longe de mim. Recordo-me somente de uma leve dificuldade de respirar, com uma sensação de enchimento no peito e de ser mais leve que a atmosfera. Fui descido com muita suavidade e colocado na cadeira que voltara à posição anterior. As medições foram feitas imediatamente, e registradas as marcas que eu fizera com o lápis. A minha voz, disseram-me, ressoava como se viesse do ângulo do teto.

AS LEVITAÇÕES DE EUSÁPIA PALADINO

Estes arrazoados ficariam ainda mais lacunosos se não tratassem das levitações de EUSÁPIA PALADINO, médium italiana, nascida e criada em Nápoles. A inúmeras experiências submeteu-se essa mulher rude, contribuindo substancialmente para o enriquecimento do acervo das pesquisas espíritas.

AS LEVITAÇÕES EM NÁPOLES (1883)

O DR. ERCOLE CHULA submeteu à apreciação dos coordenadores do Congresso Espirita de 1889 a relação de experiências que fizera, em Nápoles, com EUSÁPIA PALADINO. A médium estava em transe, e a luz fora diminuída a seu pedido.

“No fim de alguns instantes, durante os quais só se ouvia o ranger habitual dos dentes da médium em letargia.

Eusápia, em vez de conversor, como sempre, em muito mau vasconço napolitano, começou a falar em puro italiano, pedindo às pessoas sentadas ao seu lado que lhe segurassem nas mãos e nos pés. Depois, sem ouvirmos qualquer atrito nem o movimento da sua pessoa, ou mesmo a mais rápida ondulação da mesa em volta da qual nos achávamos, os SRS OTERO e TARSI, os mais próximos da médium, foram os primeiros a perceber uma ascensão inesperada. Sentiram que seus braços se levantavam muito devagar, e, não querendo por forma alguma largar as mãos da médium, tiveram que acompanhá-la na sua ascensão”. Este caso esplêndido de levitação — relata o DR ERCOLE CHLALA — “é tanto mais digno de atenção quanto se realizou sob a mais rigorosa vigilância”.

AS LEVITAÇÕES EM MILÃO (1892)

O relatório das experiências de Milão, coube ao pesquisador russo ALEXANDRE AKSAKOF, assinado por GIOVANI SCHIAPARELLI, diretor do Observatório Astronômico de Milão; DR CARL DU PREL, doutor em Filosofia, de Munique (Alemanha); ANGELO BROFFERIO, professor de Filosofia; DR CHARLES RICHEL, professor na Faculdade de Medicina de Paris; DR CESARE LOMBROSO, professor na Faculdade de Medicina de Turim (Itália).

Entre outros experimentos a que se submetia, pacientemente, Eusápia Paladino, consta o de sua ascensão para cima da mesa:

“A médium que estava sentada numa extremidade da

mesa, fazendo ouvir grandes gemidos, foi levantada com a sua cadeira e colocada com ela em cima da mesa, sentada na mesma posição, tendo sempre as mãos seguras e acompanhadas pelas das pessoas que lhe estavam próximas”.

AS LEVITAÇÕES EM VARSÓVIA (1893)

EUSÁPIA PALADINO foi à Varsóvia (Polônia) no fim do ano de 1893, lá permanecendo durante o mês de janeiro de 1894. Nesta oportunidade, vários fenômenos de levitação aconteceram, entre os quais pinçamos o que foi narrado pelo DR JULIEN OCHOROWITZ, Professor de Psicologia na Universidade de Lemberg e Diretor do Instituto de Metapsíquica de Paris:

“Um fato raro e surpreendente, foi a levitação da médium, com a sua cadeira, para cima da mesa, sempre agarrada pelas mãos e pelos pés.

Em outra oportunidade, disse Eusápia em francês correto (língua que ela não conhecia): “Levantarei a minha médium ao ar”. “E, na realidade, foi levantada. Passando a mão por baixo de seus sapatos, pude constatar que entre estes e o soalho havia uma distância de várias polegadas”, observou Ochorowitz.

Finalmente, Eusápia Paladino vai a Agneles, na França, onde ficava a casa de campo do Dr. Ochorovitz, realizando, ali, memoráveis sessões de levitação, sob a supervisão do professor polonês, do Coronel

ALBERT DE ROCHAS, o DR DARIEX, diretor da Revista “Annales des Sciences Psychiques” e outros.

Em 1985, Eusápia vai a Paris, quando se levaram a efeito notáveis sessões de levitação, sob a orientação do CORONEL ALBERT DE ROCHAS e do DR CHARLES RICHEL. Numa dessas sessões, uma mesa pesada elevou-se bruscamente debaixo das mãos dos experimentadores até à altura de suas barbas, ficou nessa posição durante algum tempo, apesar de todos os esforços em fazê-la descer, e depois caiu com estrondo. Um dos presentes, o DR SULLY-PRUDHOMME, da Academia Francesa, viu um mocho (banco) de arquiteto, muito pesado, avançar sozinho para ele: “Roçou-me o lado esquerdo, elevou-se à altura da mesa, e veio pousar-lhe em cima”.

TEORIA SOBRE O MECANISMO DA LEVITAÇÃO

No livro “O ESPIRITISMO CONTEMPORÂNEO” (Livraria Clássica Editora — Lisboa, 1ª edição), o DR A. A. MARTINS VELHO sugeriu a teoria seguinte, que elucidaria, segundo ele, o fenómeno da LEVITAÇÃO.

“Um corpo pesado pode variar de peso, sem se alterar a sua densidade. Basta, para o conseguir, aplicar ao corpo pesado uma outra força, que, ou atua no mesmo sentido da gravidade (e em tal caso o corpo aumenta de peso) ou atua em sentido contrário (e nesse caso o corpo diminui de peso). Se a força aplicada for igual à da gravidade, o corpo flutuará. Pode demonstrar-se praticamente essa teoria por meio de um pesa-cartas e de um imã.

“Coloca-se no prato do pesa-cartas um pedaço de ferro qualquer, e veja-se qual o peso que acusa. Se por cima do pedaço de ferro colocarmos o imã, e o formos aproximando até que o ferro fique dentro da sua esfera de atração, ver-se-á que o pedaço de ferro pesará tanto menos quanto mais próximo estiver o imã.

“Se colocarmos este por baixo do prato do pesa-cartas, verificar-se-á que o ferro ‘AUMENTOU DE PESO’. E todavia a densidade do ferro ‘NÃO MUDOU’, porque a sua massa ‘NÃO SE ALTEROU’.

“As leis que regulam a gravidade não se alteraram, nem se destruíram; simplesmente à força da gravidade opôs-se uma outra força ‘QUE A AJUDOU’ num caso e a ‘CONTRARIOU’ ou ‘RECOMPENSOU’ no outro.

“É o que se dá com a LEVITAÇÃO do corpo humano. Ao peso do corpo humano resultante da gravidade opôs-se uma outra força aproximadamente igual que permitiu ao corpo flutuar ou elevar-se na atmosfera.

“Mas que força é essa que assim neutraliza a gravidade?

A nosso ver essa força é a “FORÇA PSÍQUICA” — ou a do MÉDIUM, ou a de um ESPÍRITO DESENCARNADO que opera por intermédio do médium. No primeiro caso o fenômeno seria ANÍMICO, no segundo o fenômeno seria ESPÍRITA.

Nós, entendendo que a levitação só se dá no estado de transe ou de êxtase, em que o médium não está no pleno gozo das suas faculdades, antes está dominado pela força psíquica de outrem, inclinamo-nos ante à hipótese de ser um Espírito a causa determinante da levitação.

“Desta sorte, fica este ‘MILAGRE’ antigo reduzido à sua expressão mais simples — um mero problema de equilíbrio de forças concorrentes, que em nada destrói as leis fundamentais da gravidade, antes a corrobora”.

Outras teorias tentaram, por seus respectivos turnos, elucidar os trâmites enigmáticos da LEVITAÇÃO. Eis, à reflexão do prezado leitor, uma dessas teorias:

Parece lógico que, durante a levitação, os médiuns constroem por baixo do corpo ou ao seu redor um campo de transporte (uma espécie de BOLHA BIOPLASMÁTICA). Esse campo, então, deve liberar efeitos antigravitacionais, misturando-se com o campo gravitacional da Terra e neutralizando-o desta forma.

Com a ajuda do consciente ou subconsciente, pode-se regular a velocidade da levitação e sua duração no ar. Entretanto, as leis gravitacionais não perdem o seu valor perante essa hipótese; elas funcionam na realidade para cá de nosso contínuo espaço-tempo.

Os defensores dessas postulações, citam o médico e pesquisador

JUSTINUS KERNER, que notou na médium FREDERICA HAUFFE (A VIDENTE DE PREVORST) tratada por ele, perdas de peso paranormais. No “estado magnético”, essa médium não podia tomar banho, porque ficava FLUTUANDO como uma rolha na superfície da água, pesando menos que a água...

Atualmente, no Ocidente como no Oriente, cientistas estão tentando criar efeitos antigravitacionais de modo artificial, isto é, técnico. Nesse campo de pesquisas destacam-se os nomes do DR HENRY WALLACE (americano), do Professor ERIC LAITH-WAITE, do Imperial College, de Londres, do Professor WILLIAM LITTLE, da Universidade de Stanford e o DR MALCOLM SKOVE, Professor de Física na Universidade de Clenson (EUA). A chave da neutralização da gravidade é a geração de fortes campos magnéticos que eles querem criar através de supercondutores (condutores que perto do zero absoluto — 273,15° e negativos — não oferecem mais resistência à corrente elétrica).

De nossa parte, resta-nos parafrasear o aforisma Shakespereano:

HÁ MUITO MAIS ENIGMAS “LEVITANDO” ENTRE O CÉU E A
TERRA DO QUE SONHA NOSSA VÃ FILOSOFIA

A MORTE E O DUPLO

O tema não é novidade para os estudiosos da Doutrina Espírita. Autores vários trataram-no com detalhe e inequívoca propriedade, oferecendo-nos, assim, preciosos e substanciais subsídios. Pinçamos, dentre esses autores, alguns não muito conhecidos nos arraiais espiritistas, sobressaindo-se, preliminarmente, FLORENCE

MARRYAT⁹. Em sua obra “THE SPIRIT WORLD”, insere-se o seguinte caso:

Entre as minhas mais caras amigas figura uma jovem das altas classes da aristocracia, moça dotada de faculdades medianímicas maravilhosas — apesar de só ser conhecida por amigos raros e íntimos, por causa dos eternos preconceitos... Há alguns anos, teve ela a desdita de perder a irmã mais velha, aos vinte anos de idade, arrebatada por uma tremenda pleuris. Edith (é o nome que lhe darei) não quis deixar sequer um instante a cabeceira da irmã, e lá, em ESTADO DE CLARIVIDÊNCIA, assistiu ao processo de separação do Espírito do corpo. Contou-me ela que, durante os últimos dias de sua vida terrestre, a pobre doente se tinha tornado irrequieta, superexcitada, e que, em delírio, constantemente se mexia na cama, pronunciando frases e palavras sem nexos. Foi então que começou Edith a lobrigar, como névoa, uma espécie de fumaça que se lhe formava em torno da cabeça, onde, condensando-se e rarefazendo-se gradualmente, terminou por assumir as proporções, as formas e os traços da irmã moribunda, a tal ponto que lhe reproduzia todas as linhas e aspectos.

Paralelamente, ao declinar do dia a agitação da doente ia diminuindo, até que, com o cair da tarde se transformou em profundo esgotamento, precursor da agonia. Edith contemplava com todo o interesse a irmã, cujo rosto se tinha tornado lívido e cujo olhar se tinha apagado. Em cima, porém, a forma fluídica purpureou e pareceu animar-se a pouco e pouco

⁹ FLORENCE MARRYAT (1837-1899), pesquisadora inglesa dos fenômenos espirituais. Escreveu e deu a lume dois livros que integram o acervo histórico de obras clássicas da investigação psíquico-mediúnica: ‘THER IS NO DEATH’ (1891) e ‘THE SPIRIT WORLD’ (1894).

à custa da vida que rapidamente abandonava o corpo. Mais um momento, e a jovem moribunda jazia inerte e sem sentidos no leito; mas a forma, essa, já se tinha então transformado em Espírito. Durante esse tempo, cordões luminosos, semelhantes a fluorescências elétricas, ligavam-se-lhe ao coração, ao cérebro e aos outros órgãos vitais. Chegado o momento supremo, o Espírito oscilou por algum tempo, de um lado para outro, até que logo depois ficou de pé junto ao corpo inanimado. Era ele de muito débil aparência, mal podendo sustentar-se, posto que reproduzisse fielmente o corpo físico.

Enquanto Edith contemplava as maravilhas de tal cena, duas luminosas formas então se apresentaram, nas quais ela reconheceu o pai e a avó, mortos naquela mesma casa. Aproximaram-se ambas do Espírito recém-nascido, ampararam-no afetuosamente, apertaram-no em seus braços, enquanto a cabeça dele pousou inerte num dos ombros paternos. Assim ficaram durante algum tempo, até o momento em que pareceu que o Espírito havia recobrado forças. Nesse momento, abraçaram-no e com ele seguiram para a janela, por onde passaram e desapareceram.

A morte não será então mais do que o desdobramento integral e definitivo, a exteriorização de todo o ser psíquico, com sua força vital, com a sua força organizadora da matéria, com a sua sensibilidade, a sua consciência e o seu princípio pensante.

O RELATO DE DOROTHY MONK

A REVISTA LIGHT¹⁰, 1922, insere um relato de DOROTHY

¹⁰ LIGHT, o mais mitigo semanário espiritualista inglês. Órgão oficial da ALIANÇA ESPIRITUALISTA DE LONDRES. Foi fundado em 1881 por DAWSON ROGERS e WILLIAM STANTON MOSES.

MONK, dirigido ao editor desse periódico, sobre o fenômeno que ocorreu durante a desencarnação de sua genitora. Ei-lo:

Em nossa família fomos testemunhas de um fenômeno extraordinário no leito de morte de minha mãe, falecida a 02 de janeiro de 1922. Este fenômeno nos impressionou profundamente, pelo que, ansiosamente, vimos pedir nos esclareça com a sua experiência.

Depois de uma longa enfermidade, agravada ainda por um ataque de influência gástrica, minha mãe veio a falecer de parada cardíaca...

Pelas 07 horas da noite fatal, a doente, em estado comatoso, abriu a boca; desse momento em diante nós começamos a observar uma pequena nuvem branca, que se formava sobre a sua cabeça, prolongando-se até a guarda superior da cama. Saía da cabeça, mas se condensava principalmente ao lado da cama. Permanecia suspensa no ar, qual nuvem densa de fumaça branca às vezes opaca bastante para não nos deixar bem perceber a cabeceira da cama; variava, porém, incessantemente de densidade, se bem que não lhe notássemos qualquer movimento.

Minhas cinco irmãs, estavam presentes e todas víamos esse estranho fenômeno; meu irmão e meu cunhado chegaram mais tarde, mas ainda a tempo de poderem observá-lo também. Uma luminosidade azul difundia-se ao

redor e, de tempos em tempos, percebiam-se vivas centelhas de cor amarelada. Notamos que o maxilar inferior da moribunda continuava a abrir-se lentamente.

Durante algumas horas o fenômeno não se modificou; apenas uma espécie de auréola de raios amarelados apareceu circundando a cabeça da enferma. Por volta de meia noite tudo desapareceu, embora o falecimento só se viesse a dar às 7 horas e 30 minutos.

As 6 horas e pouco, uma das minhas irmãs, que repousava em um outro quarto, ouviu uma voz dizer-lhe: “Ainda uma hora de vida, ainda uma hora!”. Levantou-se muito impressionada e veio assistir aos últimos momentos de nossa mãe, que exalou o último suspiro, de fato, uma hora e dois minutos após haver minha irmã ouvido a voz premonitória...”

O editor da LIGHT, DAVID GOW foi à casa de DOROTHY MONK, a fim de discutir com as testemunhas sobre o fenômeno que haviam presenciado.

CASOS DE EXTERIORIZAÇÃO DO PERISPÍRITO RELATADOS POR ERNESTO BOZZANO

ERNESTO BOZZANO, em sua obra “EM DEFESA DO ESPIRITISMO”, que no Brasil recebeu o título de “METAPSÍQUICA HUMANA”, ao referir-se a vários casos de EXTERIORIZAÇÃO DO PERISPÍRITO, no leito de morte, observa que as descrições a respeito concordam entre si, nos seguintes e fundamentais aspectos.

1 — emanção proveniente do corpo do moribundo de uma substância semelhante ao vapor que se condensa e paira sobre o mesmo, tomando-lhe a forma e aparência;

2 — a intervenção de entidades, geralmente familiares e amigos do moribundo, que vêm assistir o Espírito na crise suprema.

Em seguida, o autor de “A CRISE DA MORTE” evoca o testemunho de outros que, pela atividade que exerciam, puderam conviver constantemente com o fenômeno de “BILOCAÇÃO NO LEITO DE MORTE”. Entre esses autores figura a enfermeira diplomada JOY SNELL, que escreveu “THE MINISTRY OF ANGELS”, onde se lê:

“Quando me fiz enfermeira, profissão em que permaneci durante vinte anos, tive ocasião de assistir numerosas pessoas morrerem, podendo freqüentemente observar essa condensação da forma fluídica por sobre o corpo dos moribundos, forma sempre semelhante àquela que se desprendia e que apenas condensada, me desaparecia da vista”.

Eis o que o Espírito GEORGE PELHAM respondeu ao DR RICHARD HODGSON (da Society for Psychical Research - SPR), através da médium LEONORA PIPER (1857-1950):

“Não acreditava na sobrevivência da alma. Esta crença estava fora daquilo que a minha inteligência não podia conceber. Hoje pergunto a mim mesmo como me foi possível dela duvidar. Temos um DUPLO FLUÍDICO DO

CORPO FÍSICO, que persiste, sem qualquer alteração, depois da dissolução do corpo”.

“THE METAPSYCHICAL MAGAZINE”, de Londres, Inglaterra, referente ao número de outubro de 1896, citado por Bozzano, transcreve o relato de um missionário de retorno do arquipélago de Taiti:

“No momento da morte, os aborígenes acreditam que a alma se retira para a cabeça, para daí exteriorizar-se. Desde que o moribundo deixa de respirar, uma espécie de vapor se desprende da cabeça e se condensa a pequena distância sobre o corpo, ao qual fica ligado por meio de um cordão formado da mesma substância. Esta substância aumenta consideravelmente de volume e toma os traços do corpo de que sai. Quando, enfim, este se torna gelado e inerte o cordão se dissolve e a alma, então livre, voa no meio de mensageiros invisíveis que parecem assisti-la”.

Notável poder de observação dos aborígenes do Taiti, revelando, nos mínimos detalhes, o processo de desencarnação. Identifica-se, plenamente, com as descrições dos videntes do mundo civilizado, sobre os trâmites da separação definitiva do PERISPÍRITO do CORPO FÍSICO. Acresce um singular detalhe:

O registro de mensageiros espirituais, que interveem, assistindo o Espírito do moribundo durante a “CRISE DA MORTE”. Essa concordância, vem autenticar o valor científico das revelações acerca da perturbadora transição

do *Espírito* para a esfera imponderável. A objetividade do fenômeno consubstancia, por outro lado, a realidade do desdobramento fluídico.

Eis aí provado um fato que a própria História registra, embora não se lhe reconheça origem tão real e inequívoca como os videntes de todas as latitudes. E como uma advertência aos que tentam, sem fundamento, negar a sobrevivência da alma, que pode ser demonstrada pela pesquisa em torno dos fenômenos anímicos.

“... uma espécie de vapor se desprende da cabeça e se condensa a pequena distância sobre o corpo...” (trecho da observação dos aborígenes).

DR ALFRED ERNY, pesquisador francês, autor de “PSYCHISME EXPERIMENTAL”, oferece-nos o seguinte relato sobre o fenômeno em questão:

“O ESPÍRITO SAI DO CORPO PELO CRÂNIO”. Os videntes notaram que logo após esta saída, uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça, e tomando a forma humana condensa-se pouco a pouco, assemelhando-se ao morto cada vez mais”.

No rol das pesquisas pré-Kardecianas, assume notoriedade o trabalho desenvolvido pelo médium norte-americano ANDREW JACKSON DAVIS. Eis o que observou durante a desencarnação de uma velha senhora, fato incluído em seu livro “GRAND HARMONY”.

“O processo começa por uma concentração no cérebro, que se tornava cada vez mais luminoso à proporção que as extremidades escureciam. Principia então o novo corpo a erguer-se, desligando-se primeiro a cabeça... Entre ambos havia um laço vital luminoso, correspondente ao cordão umbilical... Quando o cordão se rompeu (ou se dissolveu, segundo os aborígenes), um fragmento desse cordão fluídico reverteu ao corpo, preservando-o da putrefação imediata. Logo depois, vieram ao seu encontro dois Espíritos amigos que ajudaram o recém-desencarnado em seus derradeiros momentos naquele ambiente”.

A PROVA MATERIAL DO DUPLO É FORNECIDA PELA FOTOGRAFIA.

“Em março de 1861” — escreve o Professor CESARE LOMBROSO na obra “RICERCHE SUI FENOMINI IPINOTICI E SPIRITICI — “MUMLER, gravador da casa BIGELOW BROS & KERMAND, que dedicava suas horas de folga à fotografia, viu certa vez aparecer em uma das suas provas uma figura estranha ao grupo que fotografara”. Estranhou o fato. Mas, uma segunda prova não mudou o resultado. Esta seria, conforme Cesare Lombroso, a primeira fotografia espiritista ou transcendental. O acontecimento causou grande sensação. Mumler foi assediado por pessoas que vinham de todas as partes, levando-o a abandonar a profissão de gravador e abrir um estúdio em Nova Iorque. Mais tarde, o fotógrafo seria julgado sob acusação de bruxaria e fraude, sendo absolvido por falta de provas.

O editor DOW, de Boston (U.S.A.), tinha entre os empregados uma

jovem a quem era afeiçoado e que morreu aos 27 anos de idade. Sete dias depois de sua morte, um médium lhe disse que uma bela jovem queria vê-lo e oferecer-lhe rosas que tinha nas mãos. Quando Dow esteve com HENRY SLADE, este escreveu automaticamente — “Estou sempre convosco”. E a seguir a assinatura da morta.

De volta à cidade de Boston, Dow visitou o médium HARDY, quando recebeu mensagem da amiga sugerindo que ele procurasse o fotógrafo Mumler. Através da Sra. Mumler, em transe, a jovem desencarnada avisou:

“Hoje, terá você meu retrato. Estarei perto de você, apoiando a mão em seu ombro e com uma coroa de flores na cabeça”.

E assim aconteceu. Ao revelar a chapa fotográfica, lá estava, nitidamente, a jovem na pose anunciada. O casal Mumler jamais vira a amiga de Dow...

AS EXPERIÊNCIAS DE ALBERT DE ROCHAS

Segundo as pesquisas de EUGENE-AUGUSTE-ALBERT — Conde DE ROCHAS D’AIGLUN, as fotografias espiritistas classificam-se:

- a** - retratos de entidades espirituais, invisíveis em condições normais;
- b** - flores, escritos, coroas, luzes, imagens estranhas ao médium e ao do operador no momento da impressão da chapa;
- c** - imagens de formas materializadas, visíveis por todos os

assistentes;

d - reprodução do duplo de pessoas viventes, e,

e - provas nas quais parece que a revelação nada tenha feito a aparecer, porém nas quais os médiuns e os clarividentes distinguem uma imagem que ali consta, absolutamente autônoma da personalidade do observador.

Conquanto haja concordância quanto ao processo de transição, o Espírito fica em estado particular de perturbação, cuja duração depende do estágio moral do desencarnado. Eis, a propósito, o que sentenciou o Espírito FELÍCIA SCATCHERD, estudiosa, quando encarnada, dos FENÔMENOS DE ECTOPLASMIA:

“Nenhum peregrino do mundo dos vivos chega a este mundo pela mesma porta. O meio que aqui nos recebe se apresenta a cada um de modo inteiramente diverso”.

AS SOCIEDADES DE PESQUISAS E A QUESTÃO DA SOBREVIVÊNCIA DA ALMA

Por iniciativa de SIR WILLIAM FLETCHER BARRET, realizou-se uma reunião no dia 06 de janeiro de 1882, com o objetivo de se fundar uma SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS (SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH - SPR). Participaram dessa reunião FREDERIC W. H. MYERS, HENRY SEDGWICK e EDMUND GURNEY. A 20 de fevereiro do mesmo ano a Sociedade foi instalada, sendo eleito o seu primeiro Presidente o Professor de Filosofia Moral em Cambridge, HENRY SIDGWICK. Entre os Vice-Presidentes figurava o

nome do Reverendo WILLIAM STANTON MOSES. Entre os seus membros constavam os nomes de WILLIAM CROOKES, JOHN JOSEPH THOMSON, OLIVER LODGE, HENRY BERGSON, FERDINAND SCHILLER, HANS DRIESCH, WILLIAM JAMES, WILLIAM MCDUGALL, SIGMUND FREUD, WALTER FRANKLIN PRINCE, CARL JUNG, GARDNER MURPHY, CHARLES RICHET, GILBERT MURSAY, DRA. ELEANOR MILDREAD SIDGWICK, Diretora da Faculdade de Newnham, em Cambridge; DRA. MARIE CURIE, CAMILLE FLAMMARION, ALISTER HARDY.

A primeira pesquisa da SPR desenvolveu-se em torno da transmissão de pensamento, tema que o Prof. WILLIAM BARRET submeteu à apreciação da British Association em 1876. Chegou-se à conclusão que a TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO — TELEPATIA (denominação criada por FREDERIC W. H. MYERS) era uma realidade. Todos os resultados das investigações da S.P.R. eram criteriosamente registradas nos seus “PROCEEDINGS”. Dois outros importantíssimos assuntos merecem destaque no rol daqueles examinados pela Sociedade — “CORRESPONDÊNCIA CRUZADA” e a Faculdade Mediúnica de LEONORA PIPER (1857-1950).

Um ano após a fundação da S.P.R. (1883), a REVISTA LIGHT publica uma indagação de um leitor, nestes termos:

“Qual a diferença entre a SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS e a ASSOCIAÇÃO CENTRAL DOS ESPÍRITAS? Queria saber, ainda, se haveria algum

antagonismo entre ambas.

A resposta foi dada em artigo de fundo no famoso periódico espiritualista:

... “Há uma clara linha de separação entre a SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS e a ASSOCIAÇÃO CENTRAL DOS ESPÍRITAS. Os espíritas têm uma fé estabelecida — ainda mais, um certo conhecimento — em relação aos fatos, a respeito dos quais a SPR ainda não pode confessar possuir conhecimento. A Sociedade está apenas com os fenômenos, buscando provas de sua realidade... Para eles, a idéia da comunicação dos Espíritos, de uma suave conversa com os mortos queridos — tão preciosos para os Espíritas, não apresenta interesse atual. Falamos deles, como uma Sociedade — e não como membros individuais. Como Sociedade estão estudando ossos e músculos: ainda não chegaram ao coração e à alma”.

O leitor é informado, assim, que entre ambas as Sociedades não há antagonismos.

Entretanto, e como observa SIR ARTHUR CONAN DOYLE,

“Assim que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas passou a conduzir ela própria as investigações, foram feitas abertamente acusações de fraude contra os médiuns, ou foi admitido que os resultados deveriam ter sido obtidos por outros meios que não os supranormais sugeridos”.

INJUSTIFICADO PRECONCEITO

Entre os que agiam com esse radicalismo e acentuado preconceito, destaca-se a DRA. ELEANOR SIDGWICK, esposa do Prof. HENRY SIDGWICK que assim se manifestava após participar de sessões com KATE FOX, uma das famosas IRMÃS FOX, em plena luz. Nessa ocasião fora obtida ESCRITA DIRETA NUMA FOLHA DE PAPEL FORNECIDA PELOS ASSISTENTES, RUBRICADA PELOS PESQUISADORES. E COLOCADA DEBAIXO DA MESA. Eis o que a Dra. E. Sidgwick escreveu sobre o fenômeno:

“Pensamos que KATE FOX (então casada com o SR. JENCKEN) deve ter escrito com o pé”.

A ex-presidenta da SPR não estava absolutamente certa quando expressou o seu ponto de vista, baseado em suposição — “PENSAMOS QUE...”; “DEVE TER...”. Ademais como a médium poderia escrever com o pé, em plena luz, sem que os assistentes, atentas aos seus menores movimentos, não percebessem? E o lápis, como o seguraria, com tanta firmeza e desenvoltura? Sobre o médium HENRY SLADE disse:

“A impressão que tenho, depois de dez sessões com o DR. SLADE... é que os fenômenos são produzidos por truque”.

Mais uma vez não estava convicta de seu parecer. Fora, apenas, uma “IMPRESSÃO” que teve... Da escrita direta na lousa, pelo médium WILLIAM EGLINTON, escreveu:

“Por mim não hesito em atribuir as realizações de Mr.

Eglinton a finas mágicas”.

As atitudes refratárias do DRA. ELEANOR SIDGWICK ante as evidências dos fenômenos suscitados pelos ESPÍRITOS, através de três dos maiores médiuns daquela época, leva-nos, por associação de idéia, aos tempos messiânicos, quando o MESTRE, segundo MATHEUS, lembrou aos seus discípulos as sentenciosas palavras de ISAIAS:

“VOCES VÃO OUVIR, MAS NÃO VÃO ENTENDER;
OLHARÃO, MAS NÃO ENXERGARÃO NADA.
PORQUE A MENTE DESSA GENTE ESTA FECHADA:
TAPARAM OS OUVIDOS E FECHARAM OS OLHOS...

Não satisfeita em apenas manifestar-se, em círculo restrito, sobre as “FRAUDES”, “TRUQUES” e “MÁGICAS” dos Médiuns, escreveu um longo artigo sob o título “MR. EGLINTON”, publicado no “JOURNAL OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH”, de 1886, que deu margem a uma série de contestações incluídas em um Suplemento especial da Revista LIGHT. Em Editorial, eis o que escreveu, a respeito, o Reverendo, pesquisador e médium WILLIAM STAINTON MOSES:

“A Sociedade de Pesquisas Psíquicas em mais de um aspecto colocou-se numa posição delicada e quando sua atenção era chamada para o fato permitiu-se considerá-lo fraudulento... Nestas circunstâncias, pois, cabe à SPR decidir se o atrito atualmente existente será aumentado ou se um modus vivendi entre ela e a Associação Central dos Espíritas poderá ser estabelecido.

Passamos a palavra a SIR ARTHUR CONAN DOYLE:

“Feliz ou infelizmente, fui membro do primeiro Conselho da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, em companhia do nosso saudoso WILLIAM STAINTON MOSES. Ficávamos tristes pela maneira com que o Conselho da SPR recebia qualquer sugestão relativa à possibilidade de demonstrar a continuação da existência do homem após a chamada morte. O resultado foi que, não podendo sofrer isso por mais tempo, STAINTON MOSES e eu renunciamos aos nossos cargos no Conselho”.

Mas, como afirmaria, depois, SIR CONAN DOYLE, aquele tempo e aquelas atitudes passaram. E completa:

“Agora podemos considerar a SPR como uma excelente amiga... Em primeiro lugar temos o nosso amigo FREDERIC W. H. MYERS¹¹ (1843-1901), cuja memória todos veneramos, e não esquecemos que ele declarou plenamente que havia chegado à conclusão de que a hipótese espírita era a única admissível para explicar os fenômenos que havia testemunhado.

¹¹ FREDERIC WILLIAM HENRY MYERS — nasceu em Keswick (Chamberland) Inglaterra, a 6 de fevereiro de 1843, e desencarnou em Roma (Itália), a 17 de janeiro de 1901. Em 1882 participa da fundação da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, em Londres. Em 1886, é dada a lume a obra “PHANTASMS OF THE LIVING”, dois volumes de autoria de FREDERIC MYERS, EDMUND GURNEY e FRANK PODMORE. Sua grande obra, porém é “HUMAN PERSONALITY AND ITS SURVIVAL OF BODILY DEATH”, publicada em 1903. ALDOUS HUXLEY (1894 - 1953), autor de “ADMIRÁVEL MUNDO NOVO”, em uma nota introdutória à edição norte-americana de 1961, escreveu:

“MYERS reuniu uma imensa coletânea de informações sobre as ocorrências sempre estranhas e freqüentemente maravilhosas dos patamares superiores da morada da alma humana. E apresenta essas informações dentro de um quadro de referência teórica que leva em conta não apenas os ratos e besouros do porão, mas também os tesouros, pássaros e anjos tão amplamente ignorados por FREUD e seus seguidores”.

FREDERIC MYERS E OS FANTASMAS DOS MORTOS

Em “HUMAN PERSONALITY”, no Capítulo sobre os fantasmas dos mortos, ele o concluiu com o irrefutável caso de uma mulher que foi vista vagando perto do túmulo do marido por um jardineiro que não tinha conhecimento de que ela havia falecido sete horas e meia antes. O jardineiro ALFRED BARD, estava a caminho de casa e, ao entrar no cemitério da igreja em Hinxton, Saffron Walden, Essex (Inglaterra), na sexta-feira, 08 de maio de 1885, viu a SRA. DE FREVILLE, a quem conhecia bem, debruçada sobre as grades que cercavam a cripta de pedra onde o corpo do SR. DE FRÉVILLE estava enterrado, vestida como de hábito, com um vestido preto, uma jaqueta preta de luto fechado e uma touca de aba larga, porém com o rosto muito mais pálido que de costume. Ela se mostrou consciente na presença de Alfred Bard. Ele tropeçou ligeiramente num tufo de capim e, ao reerguer os olhos, ela havia desaparecido. Supondo que tivesse entrado rapidamente na cripta, Bard tentou segui-la, mas a porta estava fechada... A notícia da morte da Sra. de Fréville em Londres, só foi recebida em Hinxton no dia seguinte. Este é, sem dúvida, um caso de comprovação da sobrevivência da alma. Frederic Myers, que chegou a inspecionar o local da aparição, admite que o jardineiro, na verdade, houvera esbarrado no Espírito, de surpresa. “Não se pode dizer — acrescentou — que ele desejasse particularmente ser visto por Bard”. É o que se poderia rotular de APARIÇÃO EVENTUAL, que frequenta certos e determinados locais, como cemitérios, com o objetivo não de se fazer mostrar a qualquer pessoa, mas atraída por quem lhe fora querido(a) na existência terrena. Contudo, e a despeito das fortes evidências, há os que acham (o eterno achismo) que

as aparições são frutos, pure e simplesmente, de alucinações visuais. No rol desses cétricos figuram distintos pesquisadores da SPR, demonstrando que “AQUELE TEMPO E AQUELAS ATITUDES”, a que se refere SIR CONAN DOYLE, ou voltaram à instituição ou dela nunca saírem...”

O DRAMA APARICIONAL

Esta é uma expressão criada por G. N. M. TYRRELL (SCIENCE AND PSYCHICAL RESEARCH, Londres, 1938), em sua palestra comemorativa do nascimento de FREDERIC MYERS, na S P R, em 31 de outubro de 1942, quando, resumiu as suas observações sobre 61 casos envolvendo aparições e assombrações. Daí surgiria o seu livro “APPARITIONS”, abordando os aspectos teóricos do discutidíssimo assunto.

Em outubro de 1980, a DRA. LOUISA E. RHINE, em seu discurso presidencial dirigido à S P R, ofereceu sua versão as postulações de Tyrrell. Este havia se concentrado, particularmente, nos processos que parecem estar envolvidos na categoria de casos espontâneos, que ela também pesquisou, especialmente experiências com aparições.

Segundo a DRA. LOUISE TYRREL dividiu o processo em duas etapas. Na ETAPA 1 a informação captada pela pessoa viva, a perceptora numa experiência teria de ser adquirida por ela sem intermediação sensorial. Essa etapa, seria inconsciente e inteiramente inexplicável. Seria a etapa essencialmente PSICOLÓGICA. Na ETAPA 2, a informação da Etapa 1, é processada na consciência. Essa, obviamente, seria uma etapa mais explicável, pois realizada por meios psicológicos conhecidos, aos quais TYRREL denominou: Os SONHOS e CERTAS

EXPERIÊNCIAS DA VIGÍLIA, que, como admitiu ele, seriam idênticos aos usados na COGNIÇÃO COMUM.

HARRY H. PRICE (Professor de Lógica da Universidade de Oxford e ex-presidente da SPR), pensa que a teoria de Tyrrel oferece solução para o problema do PORQUÊ as aparições se vestiam e eram vistas, montadas a cavalo, em carruagem, acompanhados de cães ou outros animais. Roupas, animais, carruagens etc, seriam tão alucinatórias quanto o próprio fantasma. Estariam presentes por serem exigidos pela “TEMÁTICA” ou “MOTIVO” do DRAMA APARICIONAL... A mesma explicação seria aplicável ao comportamento da própria aparição. Uma porta estava fechada; contudo, a aparição a abria e entrava no aposento. FISICAMENTE, A PORTA NÃO SE TERIA MOVIDO. SEU MOVIMENTO SERIA TÃO ALUCINATÓRIO QUANTO A PRÓPRIA APARIÇÃO.

A TEORIA DE TYRRELL, de que fala o Professor de Lógica de Oxford, consiste no seguinte:

TYRRELL criou a figura do PRODUTOR e do CENÓGRAFO para explicar o que ele chamou de “DRAMA APARICIONAL”. Produtor e Cenógrafo seriam os “CONSTITUINTES PSICOLÓGICOS DA PERSONALIDADE DO PERCEPTOR”, QUE ATUAM. QUASE AUTÔNOMOS. ABAIXO DO NÍVEL DA CONSCIÊNCIA (vide “FANTASMAS E APARIÇÕES”, de ANDREW MACKENZIE, ex-membro do Conselho da SPR).

AS CONCLUSÕES DO PROFESSOR PRICE

A teoria de Tyrrel e as conclusões do Professor Price, data vénia, não lançam quaisquer luzes no complexo fenômeno das aparições, levado, simples e puramente, para o terreno escorregadio da ALUCINAÇÃO. Tudo, aliás, seria fruto de estados alucinatórios do “PERCEPTOR”.

Afirmar, como o fez o PROFESSOR PRICE que:

“Fisicamente, a porta não se teria movido. Seu movimento seria tão alucinatório quanto a própria aparição”, é uma opinião eminentemente anticientífica. Poderia, o ilustre mestre de Oxford, lançar mão das concepções parapsicológicas, já enunciadas desde 1934, para tentar explicar, pelo menos de maneira mais coerente, a FENOMENOLOGIA DA APARIÇÃO DE ESPÍRITOS. Poderia submeter o “DRAMA APARICIONAL” de Tyrrel (uma vez que rejeitam, a priori, e preconcebidamente, os ensinamentos espiritistas), ao PROCESSO PSI (termo sugerido pelos seus compatriotas, os DOITORES ROBERT H. THOULESS e WIESNER, que inclui as atividades de ESP — EXTRA-SENSORY PERCEPTION (PERCEPÇÃO EXTRA-SENSORIAL) e de PK — PSYCHOKINESIS — PSICOCINESIS, do grego: psico = mente, alma; kinesis = movimento).

Entretanto, a posição de alguns membros notáveis da SPR raiava à ortodoxia, desprezando as conquistas em torno das manifestações dos Espíritos. Conformavam essas expressões da sobrevivência ao talento das

concepções psicológicas, sustentadas por bases fisiológicas e cerebrónicas. As funções superiores do ser, que se revelam, à própria Psicologia, como um enigma, vêm sendo relegadas ao ostracismo. Todavia, algumas reações se sucederam, contrárias a esse preconceituoso ente-de-razão. Nesse contexto, sobressaem-se as figuras de eminentes psicólogos do porte de WILLIAM JAMES, THEODULE RIBOT e outros. Com GUSTAVE G JUNG, a Psicologia estabelece uma aproximação com a Parapsicologia. A análise do problema do SER assume, destarte, uma outra dimensão, embora os focos de resistência continuem. E dentre os cruciais aspectos desse processo, desponta a sobrevivência da alma, após a morte, cuja pesquisa, na atualidade, vem ganhando corpo em várias partes do mundo.

Em 1898, o DR. JAMES HERVEY HYSLOP, Professor de Lógica e Ética, na Universidade de Columbia, substituiu o DR RICHARD HODGSON, como “chefe experimentador” da “SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH”, mantendo uma atitude de ceticismo.

SIR CONAN DOYLE, afirma, com admiração, justamente, esse posicionamento:

“Como essa Sociedade pode oferecer tantas provas em seus próprios “PROCEEDINGS” e ainda, até onde a maioria de seu Conselho é responsável, continuar não convertida no ponto de vista Espirita, é um mistério”.

O TRABALHO DE JAMES HYSLOP

Entre os mais notáveis trabalhos do Prof. JAMES H. HYSLOP, como

“chefe experimentador” da SPR, figuram as inúmeras sessões realizadas com a médium LEONORA PIPER (1857-1950), quando manteve contato com o ESPÍRITO RICHARD HODGSON, desencarnado em 1905. Ninguém, como o DR. HODGSON pesquisava a faculdade mediúnica da SRA. PIPER. No entanto, ali estava ele sendo objeto de acuradas investigações por um dos membros da Sociedade pela qual doou uma parte considerável de sua existência terrena. Afirma SIR CONAN DOYLE que essa talvez tenha sido a mais dramática conversação jamais obtida através da SRA. PIPER.

Eis o teor da mensagem de WILLIAM STANTON MOSES, sobre RICHARD HODGSON, Espírito, transmitida por intermédio da SRA. PIPER e dirigida ao Professor JAMES HYSLOP:

“Desejamos incutir esse pensamento no vosso cérebro e nos dos amigos terrenos: há uma diferença entre a entrada no MUNDO DOS ESPÍRITOS daqueles que buscam o desenvolvimento científico. Pede o DR. HODGSON que vos diga que ele cometeu um grande erro em ficar tanto tempo aferrado à vida e às coisas materiais. Compreendereis que ele quer dizer que não se interessou pelo mundo mais alto ou espiritual. Ele não viu esses assuntos psíquicos do mesmo ponto de vista que eu. Ele procurou basear tudo em fatos materiais e não procurou interpretar coisa alguma como um todo espiritual. Aquele que chega onde ele chegou é transplantado de uma para outra esfera da vida, como uma criança recém-nascidas”.

OUTRAS INSTITUIÇÕES

INSTITUTO METAPSÍQUICO INTERNACIONAL

O Instituto foi fundado em Paris, por JEAN MEYER (considerado um mecenas do Espiritismo), reconhecido de utilidade pública em 1918. Primeiro diretor DR. GUSTAVE GELEY, de 1819 a 1924. Primeira comissão: Prof. CHARLES RICHEL, Prof. ROCCO SANTO LÍQUIDO, da Universidade de Nápoles; Conde de GRAMMONT do Instituto da França, Inspetor Médico Geral DR. CALMETTE, CAMILLE FLAMMARION, Ex-Ministro de Estado JULES ROCHE e DR. TREISSER do Hospital de

Lyons; últimos membros: SIR OLIVER LODGE, ERNESTO BOZZANO e Prof. LECLAINCHE, membro do Instituto e Inspetor Geral de Serviços Sanitários. Órgão oficial: “LA REVUE MÉTAPSYCHIQUE”: DR. EUGENE OSTY dirigiu a entidade de 1924 a 1937.

O instituto era equipado com um excelente laboratório para pesquisas, uma biblioteca, uma sala de leitura e salões de recepção e conferências.

Certa vez o DR. GUSTAVE GELEY realizou uma série de sessões com EVA CARRIÉRE¹², convidando várias autoridades científicas para que testemunhassem algumas dessas sessões.

Tão rigorosos eram os seus testes que ele próprio admitiu:

“Não direi apenas que não há fraudes. Direi que não há

¹² EVA CARRIÉRE — famosa médium francesa de materialização, conhecida também como MARTHE BERAUD, fora pesquisada pelo DR CHARLES RICHEL, pela DRA JULIETTE ALEXANDRE BISSON, professora na Sorbone, Paris.

possibilidade de fraudes”.

Mais tarde, convencido da realidade espiritual, exclamou:

“Aquilo que vimos mata o MATERIALISMO. Já não há mais lugar para ele no Mundo!”. Referia-se, o autor de “O SER SUBCONSCIENTE”, às idéias retrógradas da era vitoriana, que consideravam o pensamento como uma secreção do cérebro... Conceito até hoje vigente!

Após as suas experiências como EVA CARRIÈRE. GUSTAVE GELEY desenvolveu uma série notável de experimentos com o médium FRANEK KLUSKI (pseudônimo de um ilustre poeta e escritor polonês, possuidor de potentosa faculdade mediúnica). Nasceu em 1874. Quando criança, com 5 ou 6 anos, ele tinha PRESENTIMENTOS, CLARIVIDÊNCIA e VIA FANTASMAS.

Nunca se soube quem era, realmente, esse médium. As materializações provocadas às expensas do ectoplasma liberado por KLUSKI eram tão sólidas que era possível tirar moldagens de suas mãos, e às vezes de seus rostos, em parafina fervente. Nenhum ser humano poderia realizar tal proeza, devido a alta temperatura desse derivado dos xistos betuminosos. No Brasil, os Espíritos materializados, através da médium ANA PRADO, de Belém do Pará, faziam moldes de mãos humana e ramallete de rosas, em parafina em ebulição. Essas sessões foram realizadas entre 1918 e 1921. Essas experiências se encontram nas obras “O TRABALHO DOS MORTOS”, do DR. NOGUEIRA FARIA e “O QUE EU VI”, de ETORE BOSIO. Há ainda, referências nos livros

“ESPIRITISMO À LUZ DOS FATOS”, do DR. CARLOS IMBASSAHY e “AFINAL QUEM SOMOS?”, de PEDRO GRANJA, com prefácio de MONTEIRO LOBATO.

Acresce um detalhe importantíssimo, que corrobora a transcendência da experimentação: As mãos em parafina formam luvas de finíssima contextura. São tão pequenas nos pulsos que a mão não poderia passar pela abertura sem romper o molde. SÓ PODERIAM TER SIDO FEITAS POR DESMATERIALIZAÇÃO — qualquer outro meio seria impossível. Essas experiências no INSTITUTO METAPSÍQUICO INTERNACIONAL foram coordenadas, com rigores pretorianos, por GUSTAVE GELEY, CHARLES RICHEL e o Conde de GRAMMONT.

Numa dessas sessões, GUSTAVE GELEY lança esse desafio:

“Eu só acreditarei nos fantasmas após ter visto uma centena deles”.

No mesmo instante, uma lufada de ar frio abriu a janela e apagou uma das luzes. Depois, sucessivamente, diante do sofá em que estavam sentados os experimentadores, passou um desfile interminável de Espíritos, mulheres, crianças, velhos, soldados, padres etc. Todos tremeram diante do extraordinário fenômeno. (vide “ECTOPLASMIE ET CLAIRVOYANCE”, GUSTAVE GELEY e “A GRANDE ESPERANÇA”, CHARLES RICHEL).

Um patrício de FRANEK KLUSKI, o médium JEAN GUZIK, submeteu-se a meticulosas pesquisas no “INSTITUTO METAPSÍQUICO INTERNACIONAL”. Dessas sessões especiais

participaram, além dos dirigentes da Instituição, membros da Academia de Ciências e da Academia de Medicina da França, e outras personalidades. Foram conseguidas as seguintes manifestações — luzes e materialização de mãos e de rostos, ao lado da tiptologia externa e interna etc.

“O TRABALHO DOS MORTOS”, expressão cunhada pelo DR. NOGUEIRA FARIA, é perpetrado mediante a manipulação do ECTOPLASMA, substância que emana do corpo do médium. O DR. GUSTAVE GELEY descreve, assim, o ECTOPLASMA:

- 1 — a substância como um substrato da materialização;
- 2 — seu desenvolvimento organizado... Emanada de todo o corpo, mas especialmente dos orifícios naturais e das extremidades, do topo da cabeça, do peito. Aparece de várias formas, por vezes como uma pasta dúctil outras vezes como verdadeira massa protoplasmica ou em forma de numerosos fios muito finos ou de cordas de várias grossuras, ou ainda, como raios estreitos e rígidos, como faixas largas, como uma membrana, como um material de lã, de linhas indefinidas e irregulares. Por vezes a substância é fria e úmida; outras vezes viscosa e consistente; mas raramente seca e dura... e imóvel. Por vezes se move lentamente, para cima e para baixo, através do médium, nos ombros, no peito, nos joelhos, num movimento sinuoso de réptil. Outras vezes os movimentos são súbitos e rápidos. A substância aparece e desaparece como relâmpago e é extraordinariamente sensitiva... E sensitiva à luz.

A LIGAÇÃO MÉDIUM-ESPÍRITO

Ao longo do fenômeno de materialização, estabelece-se uma CONEXÃO FISIOLÓGICA E PSÍQUICA entre o MÉDIUM e o ESPÍRITO. A conexão fisiológica se faz através de um fino cordão, ligando o ser materializado ao médium, como se fosse um “CORDÃO UMBILICAL”. Às vezes, esse liame é invisível aos olhos dos experimentadores; isso não impede de se concretizar a conexão. Qualquer impressão sobre o ECTOPLASMA, repercute no médium, como se fora um prolongamento de seu próprio organismo. Essas experiências nós as vivenciamos quando das pesquisas realizadas, sob rigoroso controle, com o médium JOSÉ MEDRADO, em 1988, na cidade do Salvador. O cordão de que falam os experimentadores europeus, no particular, foi registrado, por nosso grupo, através de especial equipamento fotográfico adquirido em Londres (Inglaterra), quando de nossa visita àquela metrópole. Outra médium, a SR^À. MARIA LUIZA C, possibilitaria a realização de fenômenos de ECTOPLASMIA, em várias sessões, quando os componentes do nosso círculo de pesquisa (oito pessoas) tiveram a oportunidade de constatar a emanção, ainda que em pequena escala, da substância ectoplasmática. Essa substância, como uma névoa, envolvia o corpo da médium, no momento em que os fenômenos de sematologia iam se processando.

A SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES

A SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES, fundada em 1867, sob a presidência de SIR JOHN LUBBOCK, resolveu, em 26 de janeiro de 1869, nomear uma comissão para analisar os fenômenos espíritas. A maior parte dos integrantes dessa Sociedade não admitia a imortalidade

da alma e as suas manifestações após a morte. Acreditavam que os resultados a que chegaria a douta Comissão, revelariam o embuste dos médiuns. Mas, o “tiro saiu pela culatra”, como veremos a seguir. Eis as conclusões dos componentes da Comissão, 18 meses depois, após exaustivas sessões com os médiuns mais conhecidos da época:

“Senhores: depois de haver recebido os informes orais e escritos de 33 pessoas, que praticaram experiências e obtiveram fenômenos espíritas, concordamos que seria da maior importância que fizéssemos provas pessoais. Para isso a Comissão que haveis nomeado, subdividiu-se em seis subcomissões, a fim de realizar as experiências e formar com elas uma relação na qual constam os fenômenos que cada seção pôde observar. Resultou desses trabalhos, que a maioria dos indivíduos designados foram testemunhas diretos dos fenômenos em questão:

1. Que se produzem ruídos de natureza muito variável, procedentes, na aparência, dos móveis, do solo ou das paredes da habitação, e acompanhados de vibrações que amiúde são perceptíveis ao tato, apresentando-se sem ser produzidas pela ação muscular ou por qualquer meio mecânico;

2. Movimento de corpos pesados sem auxílio de aparelhos mecânicos e sem o desenvolvimento de força muscular equivalente da parte das pessoas presentes e mesmo muitas vezes sem contato com pessoa alguma;

3. Esses ruídos e movimentos produzem-se no

momento desejado e da maneira sugerida pelas pessoas presentes e, mediante sinais previamente combinados, respondem às perguntas que se fazem, obtendo-se, assim, comunicações coerentes;

4. Essas respostas, se em regra são de um caráter trivial, muitas vezes aludem a fatos desconhecidos de todos os presentes, mas depois confirmados;

5. As circunstâncias em que os fenômenos se manifestam são muito variáveis, parecendo depender de determinadas pessoas (MÉDIUNS), ao passo que a presença de outras parece dificultar os fenômenos. Todavia, esta variação não depende nem da crença nem da descrença nos fenômenos;

6. Corpos pesados, e em certos casos homens, se elevam acima do solo conservando-se no ar algum tempo sem apoio visível ou tangível;

7. Aparições de mãos e formas que não pertencem a nenhum ser humano vivo, mas parecem vivas pelo seu aspecto e mobilidade. Por vezes, estas mãos foram tocadas e agarradas pelos assistentes, convencendo-se de que não eram resultados de uma impostura ou de uma ilusão;

8. Execução de trechos musicais em diversos instrumentos, sem que nenhum agente visível os tocasse;

9. Execução de desenhos e pinturas produzidos em tempo tão rápido e em condições tais que toda a intervenção humana era impossível;

10. Alteração de peso nos corpos e transporte de

corpos pesados para dentro e de dentro para fora em salas completamente fechadas;

11. Livramento de médiuns que se achavam ligados com cordas, ou presas com anéis de ferro soldado.

12. Imunidade contra a ação do fogo, e transmissão dessa imunidade;

13. Escrita automática, inconsciente, variando o tipo de letra, de acordo com o estilo do morto;

14. Escrita direta do Espírito, obtida sem o emprego da mão do médium;

15. Além dos fenômenos enumerados no número 7, há também a registrar aparições luminosas, faíscas, estrelas, globos luminosos, materializações completas, visíveis e audíveis;

16. Fotografias e moldagens em parafina fervente;

17. Clarividência e clariaudição;

18. Linguagem e idéias que estão muito acima da cultura do médium;

19. Transfiguração e xenoglossia;

20. Faculdade de diagnosticar e curar doenças, pela simples imposição das mãos ou através de passes fluídicos, aliviando o sofrimento de outrem.

Dentre os trinta e três (33) membros da Comissão, quatro eram espíritas, oito apenas acreditavam na realidade dos fenômenos, seis complementares indiferentes e quinze conscientemente céticos e materialistas. Terminadas as experiências, todos acreditavam firmemente

na sobrevivência da alma e na sua manifestação no mundo corpóreo. A testa dessa plêiade de sábios estava a figura do naturalista inglês SIR ALFRED RUSSEL WALLACE.

Desapontada, e não querendo render-se às evidências, a Sociedade Dialética de Londres recusou-se a divulgar o relatório da Comissão que ela própria constituiu. Os ilustres pesquisadores, a bem da verdade, resolveram publicar o relatório que lhes custara dezoito (18) longos meses de intensas investigações. ESTAVAM PROVADAS, CIENTIFICAMENTE, AS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS E CONFIRMADA, EM LABORATÓRIO, A TEORIA ESPÍRITA.

O Relatório da Comissão sensibilizaria outros sábios, levando-os à pesquisa séria e produtiva, no campo das manifestações dos Espíritos, arriscando-se a serem criticados pelos seus pares.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA FISIOLÓGICA

Por sugestão da SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS DE LONDRES, fundou-se, em Paris, uma SOCIEDADE DE PSICOLOGIA FISIOLÓGICA, com a finalidade de estudar os fenômenos telepáticos e de Aparições.

Esta Sociedade nomeou uma comissão com a tarefa de analisar os fatos inusitados. Eis os nomes de seus integrantes: SULLY PRUD'HOME, presidente; G. BALLEET, BEAUNIS, CHARLES RICHET, CORONEL ALBERT DE ROCHAS.

A Sociedade editava um jornal mensal: “LES ANNALES PSYCHIQUES”, dirigido por DARIEX.

Órgãos espiritistas e metapsíquicos dessa época, na Europa:

“REVUE SPIRITE”, “REVUE SCIENTIFIQUE ET MORALE DU SPIRITISME”, “LE PROGRÈS SPIRITE”, “LA LUMIERE”, “LA RELIGION LAIQUE”, “REVUE DES ÉTUDIANTS SWEDENBORGIENS”, “LA PHARE DE NORMANDIE”, “PSYCHISCHE-STUDIEN”, “DIE VEBER-SINNLICHE WELT” e “NEW SPIRITUALISM TICHE BLATTER”, “LES RELENS”, “LUX”, “RIVISTA DI STUDI PSICHICI”, “LA SFINGE”, “VESSILO SPIRITISTA”, “HETFOIEKOMSTIG LEVEN”, “MORGENDO EMRIGEN”, “LA UNION ESPIRITISTA”, “REVISTA DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS”, “LUMEN” e “O PSIQUISMO”.

OUTRAS SOCIEDADES DE PESQUISAS

“ASSOCIAZIONE ITALIANA SCIENTIFICA METAPSICHICA”,
de Milão

“SOCIÉTÉ D’ÉTUDES MÊTAPYCHIQUES”, de Paris

“SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS DA
ISLÂNDIA”, de Reykjawick

“SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS DE RIGA”, na
Letônia

“SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS DA
NORUEGA”

“SOCIEDADE HELÊNICA DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS”,

de Atenas, Grécia

“SOCIEDADE DE METAPSÍQUICA E INVESTIGAÇÃO
CIENTÍFICA DA TURQUIA”

“SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS DA ÍNDIA”

“SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS DE
WINNIPEG”, no Canadá

MOVIMENTO ESPÍRITA “VITA NUOVA”, Milão - Itália.

BILOCAÇÃO, AUTOSCOPIA INTERNA¹³ E VISÃO A DISTÂNCIA

Este caso fora narrado ao DR. PAUL GIBIER e transcrito no livro “FENÔMENOS PSÍQUICOS”, de ALBERTO SEABRA, Ed. Pensamento. O protagonista é um talentoso artista, que jamais sentira qualquer tipo de manifestação psíquica ou mediúnica. Eis o relato:

“Há poucos dias, ao entrar em casa, lá pelas 22 horas, fui de repente surpreendido por uma estranha sensação de cansaço que eu não podia explicar. Decidido, no entanto, a me não deitar imediatamente, acendi a lâmpada e deixei-a na

¹³ AUTOCOSPIA: O vocábulo é formado do grego autós + skopein + in. É de autoria do DR PAUL SOLLIEK, que o utilizou no Livro: LES PHÉNOMENES D’ AUTOCOSPIE”, PARIS, 1903. Significa: Percepção, por parte do indivíduo, dos órgãos de seu organismo, que às vezes descrevo com grandes pormenores, e do próprio DUPLO. Divide-se em AUTOSCOPIA EXTERNA e INTERNA. Na primeira, o agente percebe o duplo a intimidade de um organismo alheio; na segunda, o agente percebe o interior de seu próprio organismo.

OBSERVAÇÃO:

Atrevo-me a sugerir o termo PSICOSCOPIA, por tratar-se:

1. de um fenômeno de NATUREZA PSÍQUICA (ANÍMICO);
2. na realidade o indivíduo não vê o próprio organismo. Há o desdobramento e o PERISPÍRITO “VÊ” os órgãos do corpo físico que o abriga. É bem diferente, parece-me. Ainda mais imprópria é a AUTOSCOPIA EXTERNA, cuja visão é de um “organismo alheio”. Aplicar-se-ia, assim, o mesmo procedimento no vocábulo AUTÓPSIA que é o exame e dissecação de um cadáver, e não é o mesmo que NECROPSIA como querem alguns dicionaristas. Aliás, o correto seria NECROPSIA, sem acento.”

mesa, perto da cama. Acendi um charuto, aspirei algumas baforadas e estirei-me em um sofá. No momento em que me deixei cair de costas e repousei a cabeça no coxim do sofá, senti que os objetos do ambiente giravam. Tive então uma espécie de tontura, uma sensação de vácuo. Depois, achei-me subitamente transportado para o meio do quarto. Surpreendido por esse deslocamento de que não tinha tido consciência, olhei em torno de mim e minha admiração cresceu singularmente.

Vi-me, primeiro que tudo, molequemente estendido no sofá, sem rigidez; todavia, a mão esquerda se achava levantada acima de mim, estando o cotovelo apoiado, e segurando o charuto aceso, cuja luz se via na penumbra. A primeira idéia que tive foi que estava dormindo e que tudo que eu sentia não passava de sonho. Apesar disso, dizia a mim mesmo que jamais sentira coisa como essa, coisa que, no entanto, me parecia de intensíssima realidade. Direi mais: — tinha a impressão de que a realidade jamais me fora tão real.

Percebendo, também que se não podia tratar de um sonho, a segunda idéia que subitamente me assaltou foi que eu estava morrendo. E, lembrando-me então de que tinha ouvido falar em Espíritos, imaginei que eu mesmo me tivesse tornado Espírito. Tudo que eu antes havia conseguido saber desse assunto então se desenrolou perante a minha visão interna, mas em menos tempo do que o

necessário para pensar em tal. Lembro-me perfeitamente bem de ter sido então assoberbado por uma espécie de angústia, por um como pesar de coisas não acabadas...

Aproximei-me de mim, antes, de meu corpo, daquilo que já então julgava ser o meu cadáver. Chamou-me a atenção um espetáculo que só pude compreender depois: — senti-me, além disso, respirar, e vi o interior do meu peito e, nele, o coração a bater, com pancadas fracas, mas regularmente. Vermelho como fogo, eu vi o sangue a circular nos grandes vasos. Foi então que compreendi que devia ter sido uma síncope de um gênero particular, salvo se as pessoas que têm síncofes, pensei, se esquecem do que lhes sucedeu ao desmaiarem. Tive então receio de me esquecer de tudo quando voltasse ao estado de vigília.

E como se fosse adquirindo certa tranqüilidade, olhei em torno de mim, perguntando-me quanto tempo iria durar o fenômeno, e depois não me importei mais com o corpo. Contemplei a lâmpada que continuava a arder em silêncio, e considerei que ela estava juntinho da cama e que por isso podia incendiar as cortinas. Levei a mão à chave da mecha para apagá-la. Eu sentia a chave; percebia-lhe, por assim dizer, cada uma de suas moléculas; mas, por mais que eu a virasse com os dedos, só estes é que executavam o movimento!...

Fui depois ver-me no espelho, defronte da chaminé;

mas em vez de ver a própria imagem, percebi que o meu olhar podia transpó-lo se o quisesse — logo se me apresentou a parede, a parte superior dos quadros e dos móveis que estavam em casa do vizinho, o depois o interior de sua casa. Verifiquei que não havia luz nesses compartimentos, nos quais, entretanto, a minha vista tudo via, e claramente percebi uma como réstia de luz que me saía do epigastro e iluminava os objetos. Tive a idéia de penetrar na casa desse vizinho que eu não conhecia, e que nesse momento estava no entanto fora de Paris.

Mal desejara visitar o primeiro compartimento e já para lá me vi transportado. De que modo? Não o sei. Parece-me, porém, que transpus a parede com a mesma facilidade com que a minha vista a atravessara.

Eis-me, portanto, em casa do meu vizinho, pela primeira vez em minha vida. Esquadrinhei-lhe os quartos, cujos aspectos guardei de memória, e me dirigi à biblioteca, onde notei principalmente os títulos de várias obras colocadas numa divisão acima dos meus olhos(!). Para mudar de lugar, bastava-me querer, pois sem esforço já me encontrava onde quisesse estar... Despertei às cinco horas da manhã, hirto, frio, deitado no sofá e tendo ainda o charuto apagado entre os dedos. A lâmpada tinha se apagado e o vidro estava esfumaçado. Fui para cama, e lá, sem poder dormir, senti calafrios. Finalmente, veio o sono, e quando despertei era dia velho.

Nesse mesmo dia, servindo-me de inocente estratagemas, consegui que o porteiro fosse ver se não havia qualquer coisa em desarranjo no quarto do vizinho; e, com ele subindo, lá encontrei os móveis e os quadros por mim vistos na noite anterior, bem como os títulos dos livros por mim observados.

AS OPINIÕES DOS PESQUISADORES

Na Segunda Parte da obra “NO INVISÍVEL” (FEB), LÉON DENIS trata da “EXTERIORIZAÇÃO DO SER HUMANO”:

“Durante o sono normal quando o corpo repousa e os sentidos estão inativos, podemos verificar que um ser vela e age em nós, vê e ouve através dos obstáculos materiais, paredes ou portas, e a qualquer distância... O SER FLUÍDICO se desloca, viaja, tudo se realizando sem a intervenção dos sentidos materiais, estando fechados os olhos, e os ouvidos nada percebendo”.

CAMILLE FLAMMARION, o grande astrônomo francês em seu livro “O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS”, cita vários casos de visão à distância. Entre tais casos, desponta o da esposa de um coronel de Cavalaria que, com o duplo exteriorizado, presencia o suicídio de um oficial a quatro quilômetros de distância.

A ação da alma, a distância, sem o concurso dos sentidos, se revela mesmo no estado de vigília, nos fenômenos da transmissão de pensamento e da telepatia. Assim, duas almas, vinculadas pelas

ondulações de um mesmo ritmo psíquico, podem sentir e vibrar em uníssono.

Em “ANIMISMO E ESPIRITISMO”, ALEXANDRE AKSAKOF, refere-se à comunicação à distância por pessoas vivas exteriorizadas:

O SR. TOMÁS EVERITT, de Londres, obteve, pelo punho de sua mulher, comunicação de um de seus amigos, médium, em viagem para a América.

O eminente Juiz EDMONDS, de Nova Iorque, revela que dois grupos espíritas, reunidos à mesma hora, em Boston e em Nova Iorque, se correspondiam por seus respectivos médiuns. Relata EUGENE NUS em “CHOSSES DE L’AUTRE MONDE”:

Dois grupos de experimentadores, reunidos em Madrid e em Barcelona, se comunicavam simultaneamente através de seus médiuns. Ao fim de cada sessão, redigia cada um por sua parte uma ata, que era posta imediatamente nos Correios. As duas mensagens combinavam-se fielmente.

Em “ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA”, GABRIEL DELANNE analisa alguns casos de BICORPOREIDADE. Essas análises se estendem à sua obra seguinte: “A ALMA É IMORTAL”, onde afirma:

“No curso da vida, a alma se acha intimamente unida ao corpo, do qual não se separa completamente, senão pela morte; mas, sob a ação de diversas influências: sono natural, sono provocado, perturbações patológicas, ou forte emoção,

é-lhe possível exteriorizar-se bastante para se transportar, quase instantaneamente, próximo ou distante”.

A lembrança das coisas percebidas nesse estado pode conservar-se, como aconteceu com o agente do caso que relatamos. De ordinário, porém, a pessoa, no acordar, nenhuma consciência tem do que vivenciou.

AFONSO CAHAGNET, o cérebro magnetizador, autor de “ARCANES DE LA VIE FUTURE DÉVOILÉS” (1847), conta o que se segue:

“O venerável padre MERICE me assegurou que, durante uma febre muito forte de que fora acometido, se vira por muitos dias separado de seu corpo, que lhe aparecia deitado a seu lado, por ele se interessando como por um amigo.

O reverendo se apalpava e procurava certificar-se, por todos os meios capazes de produzir comunicação, de que aquele era um corpo ponderável, se bem pudesse nutrir a mesma convicção relativamente ao seu corpo material”.

Em todas as formas de desprendimento, a forma visível da alma é cópia absolutamente fiel ao corpo terrestre. Há identidade completa entre uma pessoa e o seu duplo, podendo-se afirmar que esta semelhança não se limita à reprodução dos contornos exteriores do ser material, pois que alcança até a íntima estrutura, ou por outra: todos os órgãos do ser humano existem na sua reprodução fluídica.

ALLAN KARDEC lança luzes sobre o momentoso assunto em “O

LIVRO DOS MÉDIUNS”, Capítulo VII, e nos seguintes números da “REVUE SPIRITE”: janeiro, maio e novembro de 1859; janeiro, março, abril e novembro de 1860 e julho de 1861.

ENSAIO SOBRE AS APARIÇÕES E AS VISÕES

“As aparições propriamente ditas — informa Allan Kardec em “O LIVRO DOS MÉDIUNS” ocorrem no estado de vigília, no pleno gozo e completa liberdade das faculdades da pessoa”.

Apresentam-se geralmente com uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e indecisa, que vai, aos poucos, ganhando forma. Às vezes, as formas são tão nítidas que se podem distinguir os detalhes da fisionomia. O Espírito se apresenta conforme a aparência que possuía quando encarnado. Há um detalhe, nesse particular, apontado por Kardec: “Esopo¹⁴, por exemplo, não é disforme como Espírito, mas se o evocarmos como Esopo, por mais existências posteriores que tenha tido, aparecerá feio e corcunda, com seus trajes tradicionais”.

Já se observou que as partes menos precisas das aparições são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco, os braços e as mãos aparecem nitidamente. Assim, não as vemos quase nunca andar, mas deslizar como sombras.

O Espírito pode, às vezes, aparentar possuir um corpo sólido, dando a impressão que é um ser corpóreo (aparição tangível ou estereológica). Há casos, entretanto, que a tangibilidade pode ser real, podendo o

¹⁴ Esopo — fabulista grego (VII-VI a.C)
Personagem semi-lendário, escravo, gago o corcunda. Segundo Plutarco foi condenado a morto pelos Delficos.

Espírito ser tocado, sentir-lhe a resistência e o calor de um corpo vivo. “O que não impede” — esclarece Kardec — “a aparição esvanecer-se com a rapidez de um relâmpago”. As aparições tangíveis são as mais raras. Mas, tais fenômenos, por mais extraordinários, perdem o seu caráter de maravilhoso quando se conhece a maneira pela qual se produzem, e se compreende que, longe de representarem uma derrogação das leis naturais, apresentam apenas uma nova aplicação dessas leis.

DIVERSOS ESTADOS DO PERISPÍRITO

Em seu estado normal o perispírito, por sua natureza, é invisível, podendo, porém, passar por modificações que o tornem visível, seja por uma espécie de condensação ou por mudança em suas disposições moleculares, e é então que nos aparece de maneira vaporosa. Esses diversos estados do perispírito, entretanto, resultam da vontade do Espírito e não de causas físicas exteriores. “Mas a simples vontade” — esclarece Kardec — “não basta para produzir esse efeito, porque a modificação do perispírito se verifica mediante a sua combinação com o fluido específico do médium. Ora, essa combinação nem sempre é possível, e isso explica porque a visibilidade dos Espíritos não é comum”. Conclui-se que não é suficiente que o Espírito queira aparecer, nem apenas que uma pessoa o deseje ver: é necessário que os fluidos de ambos possam combinar-se, mediante uma espécie de afinidade.

Outra propriedade do perispírito é a penetrabilidade. Esclarece Kardec que nenhuma espécie de matéria lhe serve de obstáculo — ele atravessa a todas, como a luz atravessa os corpos transparentes.

São freqüentes as aparições em estado de vigília. Os casos se sucedem

através do tempo, sendo rotulados, pela ignorância, de alucinações. Acontecem comumente nos casos de morte de pessoas distantes, que vêm avisar parentes e amigos de sua iminente partida para o Além.

Kardec adverte que a Teoria das Aparições que formulou nada tem de absoluta e nem expressa a última palavra.

APARIÇÃO E VISÃO

Em “INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS”, obra segunda da Codificação do Espiritismo, que veio à luz no ano de 1858¹⁵, Kardec estabelece a diferença entre APARIÇÃO E VISÃO.

A aparição difere da visão por ocorrer em estado de vigília, através dos órgãos visuais e enquanto o homem tem a plena consciência de suas relações com o mundo exterior. A visão dá-se no estado de sono ou êxtase. Ocorre igualmente no estado de vigília, por efeito da segunda-vista¹⁶. A aparição é registrada pelos olhos do corpo; produz-se no próprio lugar em que nos encontramos; a visão tem por objeto coisas ausentes ou distantes, percebidas pela alma em seu estado de emancipação¹⁷, é quando as faculdades sensitivas estão mais ou menos

¹⁵ No mês de agosto do 1860, Allan Kardec publicava na “Revue Spirite” a seguinte observação, pertinente às “Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espiritas”: “Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Substituí-la-á novo trabalho “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, ora no prelo, e que será muito mais completo o diversamente planejado. As “Instruções” foram traduzidas, no Brasil, por Cairbar Schutel.

¹⁶ Segunda-vista: efeito da emancipação da alma que se manifesta no estado de vigília. Faculdade de ver as coisas ausentes como se estivessem ausentes. Aqueles que dela são dotados não vêem pelos olhos, mas pela alma, quo percebe a imagem dos objetos por toda parte onde ela se transporta, e por uma espécie de miragem. Esta faculdade não é permanente. Certas pessoas a possuem sem saber. Exemplo de DUPLA-VISTA: vide Evangelho segundo Mateus, Cap. XXI, vs. 1 a 7 — Entrada de Jesus em Jerusalém.

¹⁷ Emancipação da alma: estado particular da vida humana durante a qual a alma, desprondendo-se de seus laços materiais, recupera algumas de suas faculdades de Espírito o entra mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos.

suspensas.

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS

As manifestações espontâneas são freqüentes. A sua história é contada desde épocas remotas. A superstição e o medo, entretanto, contribuíram para lhes imprimir um cunho de fantasia e de irrealidade. A Doutrina Espírita coube resgatar o seu verdadeiro sentido, a sua veracidade.

As manifestações espontâneas, acontecem, com raridade, em locais isolados e desertos. Afirma Kardec que “é quase sempre em casas habitadas que elas se dão e motivadas pela presença de certas pessoas que exercem uma especial influência sem o perceberem”.

Essas “certas pessoas” de que fala o Codificador do Espiritismo são médiuns, embora não o saibam, e por isso chamados de *médiuns naturels*. As manifestações mais comuns são as batidas e os movimentos de objetos, meios de que se utilizam os Espíritos para anunciar a sua presença o chamar a atenção para eles. Há aqueles que não se limitam a provocar pequenos ruídos; produzir barulho semelhante a louças se quebrando, portas batendo, móveis revirados etc.

Os Espíritos podem aparecer de tal maneira tangíveis, que são tomados por pessoas de carne e osso, com as quais se pode trocar apertos de mãos sem suspeitar que se trata de Espírito, a não ser pela sua desapareção súbita. Todavia, e conforme o ensinamento Kardeciano, a visão permanente e geral de Espíritos é muito rara, sendo freqüente as aparições individuais, principalmente por ocasião da morte. O Espírito desprendido do corpo parece ter pressa de rever seus parentes e amigos, como que para avisá-los

de que acaba de deixar a Terra e provar-lhes que continua vivendo, O problema é que os parentes dos mortos normalmente não estão preparados para aceitar tranqüilamente o fenômeno. Muitos se julgam vítimas da alucinação. Procuram então o psiquiatra ou o padre (para exorcizar o “demônio”) ou o pastor (com a mesma finalidade) e raramente vão a uma casa espírita.

O RECENSEAMENTO DA S.P.R.

Por volta de 1889, a “Society for Psychical Research” — SPR publicou o Relatório sobre o “*Recenseamento das Alucinações*” dirigido pelo Professor de Filosofia em Cambridge, Henri Sidgwick, que organizou uma Comissão composta de sua esposa Eleanor Mildred Sidgwick, a Sr^a Alice Johnson, Frederic Myers e Frank Podmore. O objetivo da comissão encarregada do Recenseamento buscava determinar qual a proporção de pessoas que vivenciaram alucinações sensoriais durante a vigília, sem que sofressem de delírio ou insanidade. Eis a questão que deveria ser respondida pelos entrevistados: “Alguma vez, acreditando-se completamente desperto(a), você teve a vivida impressão de ver ou ser tocado(a) por um ser vivo ou um objeto inanimado, ou de ouvir uma voz? Qual dessas impressões, tanto quanto você pôde descobrir, não se deveu a nenhuma causa externa?”

O Recenseamento da SPR foi a nível internacional. Dezessete mil pessoas responderam ao questionário. A maioria das respostas era em inglês, seguindo-se as em russo, português (a participação do Brasil foi notável), austríaco, alemão e italiano. Os membros da Comissão percorreram a Inglaterra entrevistando testemunhas de casos que

alcançaram notoriedade.

Constatou-se haver um contingente expressivo de experiências visuais que de qualquer outra espécie. De vinte (20) pessoas consultadas, uma teria visto uma aparição realista e, em cada trinta (30), uma vira uma aparição realista de pessoa reconhecida.

Uma parte do relatório versava sobre “a impressão da presença próxima de alguém, na qual não parece estar envolvida nenhuma sensação de visão, audição ou tato... às vezes é tão forte a ponto de afigurar-se ao perceptor como um fenômeno muito impressionante e de produzir um grande efeito em sua mente”.

A Comissão recebeu 25 relatos sobre aparição de animais: gatos, cães, coelho, rato, pássaros, borboleta...

Os relatos de aparições de pessoas vivas excederam, no dobro, aos de pessoas mortas. Outra parte do Relatório refere-se aos efeitos dos ruídos na produção de aparições. Várias aparições foram vistas no escuro. Algumas eram luminosas ou apresentavam à sua volta um halo fosforescente. Dezesete casos de aparições foram registrados em superfícies espelhadas. O Dr. Henri Sidgwich e sua esposa Leonor entrevistaram um jovem marinheiro que, a bordo de um navio no Mar do Norte, viu no mostrador de uma bússola a fisionomia da moça com a qual iria se casar. Ao chegar o navio na localidade de Berwich, no dia seguinte, ele tomou conhecimento de que a sua noiva havia falecido mais ou menos na hora em que fora vista.

O Relatório descreve o método estatístico empregado na análise dos

fatos, considerando-se que a parte mais importante do trabalho resulta na corroboração, “em bases muito mais amplas, das conclusões a que chegou Edmund Gurney (1847-1888) com o recenseamento realizado em 1855 (quando foram pesquisados 5.700 casos publicados no livro “Phantasms of the Living”. Esta obra é de autoria de Edmund Gurney, Frederic Myers e Franck Podmore. E o Relatório conclui: “Entre a morte e as aparições da pessoa que morre existe uma ligação que não se deve apenas ao acaso”.

OS COMENTÁRIOS DE D. I. WEST SOBRE O RELATÓRIO DA SPR

D. I. West (“The Investigation of Spontaneous Cases”), citado por Andrew Mackenzie em sua obra “Fantasmas e Aparições”, ao comentar as conclusões a que chegaram os Recenseadores da S.P.R. declarou:

“Quando se estuda um grande número desses casos, observa-se que as mais impressionantes são, em geral, os que se afirma terem acontecido há muito tempo. Os investigadores do Recenseamento notaram que um número desproporcional das aparições, que teriam supostamente coincidido com algum fato real, era composta de casos antigos. Em decorrência disso, dispuseram-se a descontar metade das coincidências relatadas como sendo provavelmente espúrias” (ilegítimas).

A postura assumida por D. I. West é francamente tendenciosa; não é o cético que se manifesta, é o preconceituoso, que tenta, infrutiferamente, lançar a dúvida sobre fatos irrefutáveis, cujos mecanismos, sumamente complexos, confunde os mais sábios dos investigadores da

fenomenologia transfísica. O próprio Andrew Mackenzie discorda de D. I. West no que diz respeito ao caráter espúrio da maioria das aparições. Na oportunidade, evidencia a importância do trabalho elaborado da Sra Eleanor Sidgwick sob o título — “NOTES ON THE EVIDENCE, COLLECTED BY THE SOCIETY, FOR PHANTASMS OF THE DEAD”.

Conforme a Sra Sidgwick “não seria possível estabelecer nenhuma regra quanto à luz em que os fantasmas são visíveis. Eles são vistos em todos os tipos de alucinação, desde a plena luz do dia até a pálida luz do alvorecer... As vezes, parecem iluminar a si mesmos e, em outros, trazer com eles, por assim dizer, uma aparição de luz”. Houve um caso em que um fantasma fora visto na parte posterior da cabeça do perceptor.

Os ilustres membros da SPR realmente tentaram encontrar “a chave do mistério” das aparições, assim como o fizeram com a telepatia, a clarividência e a precognição. E não chegaram, a bem da verdade, a uma conclusão inteiramente satisfatória. Andaram até certo ponto, de especulação em especulação, de hipótese em hipótese. Observem, caros leitores, as idéias expostas pela pesquisadora e ex-presidente da SPR, Sra Eleanor M. Sidgwick, após fazer esta pergunta: “QUE TIPO DE PESSOAS VÊM FANTASMAS?”

(...) “Mais uma vez não podemos estabelecer nenhuma regra... não depende de temperamento, intelecto ou emoção... Talvez a verdade seja que, potencialmente, todos temos o poder de ver tais coisas, mas é preciso que um estado mental ou corporal especial em nós coincida com

alguma causa externa...”

Não teria faltado à respeitável e culta pesquisadora (como aos seus pares da SPR) a leitura dos livros da Codificação do Espiritismo?

Dir-se-ia que sim, ao se conhecer as revelações do Sr. W.H. Salter, que militou na S.P.R. por mais de quarenta anos, sobre o trabalho dos fundadores da colenda instituição:

“...Adornados pela tradição popular e pelos recursos literários, forneceram (as aparições) a base para as conhecidas histórias de fantasmas, universalmente aceita pelo mundo ocidental durante séculos e, depois, quase universalmente rejeitadas pelos homens e mulheres cultos, porém em ambos os casos, SEM NENHUMA INVESTIGAÇÃO SISTEMÁTICA, ATÉ QUE NOSSOS FUNDADORES DECIDIRAM EMPREENDER ESSA TAREFA”, que certamente teve início a partir de 1882, data de fundação da SPR inglesa, um quarto de século depois do lançamento, em Paris, de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, em nenhum momento citado pelos pesquisadores daquela Sociedade de Pesquisas.

Mais tarde, as pesquisas em torno dos fenômenos de aparições adquiriu nova conceituação: divulgam, os modernos investigadores, que as aparições são fruto de “estados alterados de consciência”. Andrew Mackenzie indica o livro “STATES OF MIND: EXPAND ALTERED STATES OF CONSCIOUSNESS” (Londres), de autoria do Dr. Adrian

Parker, com uma introdução do Dr. John Beloff.

Os rótulos realmente mudaram, mas a busca da verdade continua a mesma...

VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA. Alan Gauld, em “Mediunidade e Sobrevivência”, estabelece as principais classes de aparições ou “alucinações verídicas” segundo a demonstração que adota: **1** — Aparições de Crise: o percipiente vê uma pessoa conhecida, que desaparece inexplicavelmente. Sabe-se, depois, que essa pessoa morreu ou sofreu alguma crise, na hora ou perto da hora da aparição. O curioso nesse tipo de aparição é que ela deve acontecer até 12 horas antes ou depois da crise. **2** — Aparições coletivamente percebidas: duas ou mais pessoas simultaneamente vêem o mesmo fantasma. **3** — Aparições de pessoas mortas: por convenção, uma aparição só é classificada como post-mortem se a pessoa que ela representa estiver morta pelo menos 12 horas. **4** — Aparições de Assombrações: o mesmo vulto é visto no mesmo local em ocasiões diferentes pelos mesmos ou diferentes percipientes. **5** — Aparições de pessoas vivas: o vulto visto é de pessoa viva que freqüentara o lugar.

Ao desdobrar os itens anteriormente propostos, Alan Gauld, cujo presente trabalho é baseado nos “Proceedings” da “Society for Psychical Research” - SPR, diz que nas APARIÇÕES DE CRISE o percipiente tem conhecimento por PES (Percepção extra-sensorial) da morte ou morte iminente da pessoa em questão. **A informação é recebida por algum nível inconsciente ou subliminar da personalidade, e tem alguma dificuldade em emergir na consciência ordinária. Consegue romper**

a barreira sob a forma de um “automatismo sensorial”.

Linhas imediatas, o autor trata das APARIÇÕES COLETIVAMENTE PERCEBIDAS — “um percipiente toma consciência telepática da alucinação (aparição) do outro, e constrói, ele mesmo, uma alucinação (aparição) correspondente, ou talvez ambos, telepaticamente, contatem uma fonte exterior”.

Em casos de assombrações e aparições dos mortos, **a testemunha faz contato telepático com alguma pessoa viva que se lembra do morto que faleceu naquele lugar, ou talvez veja, por clarividência um álbum de fotografias que contenha uma foto daquela pessoa, e assim por diante.**

PALAVRAS AO LEITOR SOBRE AS TEORIAS DE ALAN GAULD

O desdobramento dos itens propostos por Alan Gauld não carecem, data vênia, de comentários longos e profundos. O próprio leitor, com a sua percuciência, há-de perceber que as explicações pertinentes não conseguem, em verdade, lançar luz na obscuridade complexa do assunto. Ademais, a terminologia empregada, como que extraída d’algum velho compêndio de psicologia clássica, conduz-se de uma forma extremamente incompreensível e flagrantemente crítica. Não serão palavras, assim, esdrúxulas que terão faculdade de elucidar o processo das aparições. O seu mecanismo é variável; é multifacetado; não obedece a padrões pré-instituídos; independe da vontade; distancia-se das manifestações (por si sós também complexas) oriundas deste ou daquele hemisfério cerebral. E o “morto” que se apresenta aos olhos atônitos do percipiente (vidente); e não é fruto da alucinação que a sua mente

construiu. Ali está ele: VIVO, MOVIMENTANDO-SE, COM TODOS OS SEUS NATURAIS ATRIBUTOS!...

AS TESES DE CHARLES RICHEL

Charles Richet, que fora Prof^o de Fisiologia e ganhador do Prêmio Nobel de Medicina de 1913, é o fundador da Metapsíquica, “que tem por objetivo a análise dos fenômenos mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parecem ser inteligentes ou a poderes desconhecidos latentes na inteligência humana” (‘TRATADO DE METAPSÍQUICA’).

À luz, pois, da Metapsíquica, Charles Richet tentou encontrar a devida explicação para os intrigantes e especiosos fenômenos de APARIÇÃO.

“Esses fenômenos de criptestesia acidental”¹⁸ — afirma — “sobrevindo de improviso nas pessoas normais, nós os denominaremos de ‘monições’, sem que esta palavra implique a hipótese de uma vontade monitora exterior”.

Em nota de rodapé, Charles Richet diz o que é “monição”:

“Segundo sua etimologia latina, a palavra “monição” indica aviso de alguma coisa. Mas isso não indica necessariamente a intervenção de uma inteligência estranha. A palavra, com efeito, é ainda aplicável no caso em que a

¹⁸ Criptestesia — admitida como a faculdade consistente no conhecimento de fatos e coisas, conhecimento esse que o paciente tem pela percepção para-normal (estímulos psíquicos) e não pelos órgãos sensoriais. Charles Richet dá-lhe o sentido contrariamente a muitos autores; pretende fazer ligeira diferença entre criptestesia e metagnomia. Esta seria o conhecimento do fato e aquela a sensibilidade que permitiria a possibilidade daquele conhecimento. (In. Dicionário ESPIRITISMO, METAPSÍQUICA PAKAPSICOLOGIA — João Teixeira de Paula — Editora Bels S/A).

monição viria de nossa inteligência inconsciente que teria adquirido o conhecimento — pela criptestesia — de uma realidade exterior, e que a simbolizaria”.

Após estas francamente confusas explicações. Charles Richet conta, em resumo, o caso a seguir:

“Quando a Sr^o Hutchins viu seu marido aparecer-lhe e chamá-la “Mary, Mary”, no mesmo instante em que o Sr. Hutchins morria subitamente, deve-se admitir que essa representação visual (APARIÇÃO) e auditiva não é o fenômeno mecânico, físico-químico, comum, de uma pessoa presente que chama”. E conclui: *“É uma força qualquer produzindo-se junto da Sr^o Hutchins e provocando a imagem por emoções criptestésicas, cujo sentido nos escapa. Essa vibração desconhecida tocou o espírito da Sra Hutchins, mas sem dúvida não teria tido efeito sobre outra pessoa (grifos nossos).*

Pinçando, do caso acima as expressões: “E uma força qualquer produzindo-se junto da Sra Hitchins”; “cujo sentido nos escapa”, e “essa vibração desconhecida”, nada elucidaram, vênha concessa, de um simples caso de aparição de Espírito na hora da morte... Entretanto, vamos adiante com as postulações do Prof Charles Richet:

“Todas as vezes que uma simples explicação, não metapsíquica, possa ser dada de uma monição, deve-se adotá-la logo, de outra forma, ser de extrema severidade na

crítica”.

E relata:

“Os Srs. Banvell e Earle vêem num trem seu amigo W... no gradil. Percebem-no no momento em que um trem se põe em marcha: *W... lhes faz sinais com a mão* e logo o trem vai longe. Nesse mesmo momento, W..., em sua casa, sofre uma grave síncope. Mas será isso bastante para afirmar que o duplo de W... estava no trem? Quem sabe se não era alguém que se assemelhava a ele, um estranho qualquer, que, *vendo que lhe faziam sinais*, respondeu saudando com a mão? Eis uma hipótese mais simples do que a hipótese do duplo de W... Então, resolutamente, deve-se rejeitar esse relato”.

Caberia, diante do fato e da dúvida que suscitou ao insígne pesquisador, argumentar: a aparição foi vista por duas pessoas — os Srs. Barwell e Earle. Ambas afirmaram terem visto W..., *saudando-os*, da grade do trem. Pelo relato, foi a aparição *que fez* sinais com a mão, isto é, o gesto de saudar partiu de W... e não das testemunhas. Logo, a hipótese de ter sido uma pessoa estranha e parecida com W... fica, conseqüentemente, anulada. Daí, a idéia do desprendimento do duplo no momento da crise por que passava W... é coerente, visto que a literatura, a respeito, demonstra, sobejamente, essa projeção do perispírito em muitas pessoas que passam por situações análogas.

Adiante, Charles Richet enumera as condições em que se produzem as monições:

Em geral, para as monições visuais, é uma forma indecisa, vaporosa, uma nuvem que permite ver os objetos que estão atrás, se bem que em outros casos os objetos colocados atrás estejam ocultos, como se a imagem fosse um ser real, opaco.

Os pormenores da figura são às vezes percebidos com uma nitidez extrema. Distinguem-se os olhos, o nariz, a cor dos cabelos, a aparência de alegria ou de tristeza. Em uma palavra, tudo se passa como se se tratasse de um ser vivo movendo-se no mundo real.

Algumas vezes a forma fala; outras, existe o fenômeno auditivo, sem fenômeno visual; outras ainda — porém raramente — ocorre fenômeno tátil, de modo que a impressão da realidade é absoluta, pois que todos os sentidos contribuem para fazer admitir a exteriorização da imagem. Muitas vezes existe a nítida compreensão do que a forma quis dizer, sem que haja percepção de tal ou qual palavra nitidamente pronunciada.

A monição, muitíssimas vezes, realiza-se por um sonho. Então o indivíduo, ao despertar, lembra-se das circunstâncias exatas de seu sonho. Muitas vezes também esse sonho o desperta sem que a aparição desapareça imediatamente.

A reconhecimento é variável. Geralmente a forma é indecisa, de modo que o percipiente não pode estar seguro de tal ou qual pessoa. E um mal estar, uma agonia, uma vaga inquietude. De início o percipiente não pensa em tal ou qual pessoa mais do que em outra. Mas pouco a pouco a sua noção se torna mais aguçada e liga o visual constatado à visão de tal pessoa determinada, sem que a haja verdadeiramente reconhecido; sabe,

compreende que é ela, sem saber bem porque e como o sabe.

As monições, de ordinário, referem-se à morte; geralmente, também, sobre doentes ou sobre acidentes graves; às vezes, sobre acontecimentos leves e insignificantes.

A aparição não se prolonga nunca. Normalmente desaparece no fim de alguns segundos. Há, porém, exceções.

A seguir, e sem comentários, Charles Richet refere-se a uma série de casos de “MONIÇÕES DE MORTE”. Eis um desses relatos que tipifica a aparição de Espíritos no momento da morte:

A Sr J. Adam, eminente escritora, estava, às 22 horas, em seu quarto e amamentava sua filhinha. Acordada pelo choro da criança, viu sua avó ao pé da sua cama: “Que alegria”, diz ela, “vovó, em vê-la!”. Porém, a sombra não respondeu e levantou a mão para a órbita de seus olhos. “Vi”, escreve a Sra Adam, “dois grandes buracos vazios. Atirei-me para fora da cama e corri para vovó. No momento em que ia agarrá-la nos meus braços, o fantasma desapareceu”. A avó, na realidade, morreu nessa noite, às 20 horas.

Vários outros casos são registrados por Charles Richet, cercados de irrepreensível verossimilhança, embora o sábio francês em suas conclusões, ainda manifesta claramente as suas dúvidas, admitindo que o método de observação não tem a mesma precisão e eficácia que o método experimental, conquanto ressalve a integridade intelectual e a

boa fé do percipiente.

CESARE LOMBROSO E O ESPIRITISMO

Cesare Lombroso nasceu em Verona (Itália), a 06 de novembro de 1835, descendente de judeus espanhóis expulso de sua pátria em 1492, pelos reis católicos Fernando e Isabel.

De 1852 a 1857, Lombroso cursou medicina na Universidade de Pádua (Itália) e Viena (Austria), laureando-se em março de 1858 pela Real Universidade de Pádua. Em 1876, após longas e laboriosas pesquisas, é admitido na cátedra de Psiquiatria na Universidade de Turim. Em 1905, criou o Museu de Antropologia Criminal.

Na obra de sua autoria “Studi Sull Ipnatismo” (Turim, 1882), ridiculariza as manifestações espíritas, estranhando que pessoas equilibradas pudessem submeter-se às manobras de charlatães.

Entretanto, em julho de 1888, o jornal “Fanfulha delia Domonica” estampava um artigo do ilustre autor de “Medicina Legale delle Alianazoni Mentali”, onde arrefecera a sua ojeriza ao Espiritismo, o que motivou o Conde Ercole Chiaia, notável pesquisador, escrever a Lombroso em agosto de 1888, convidando-o a participar de sessões experimentais com uma “doente” napolitana, de condição social humilde e analfabeta, chamada Eusápia Paladino. Lombroso, na carta que respondeu ao nobre italiano, considerou inútil o convite, porquanto o tempo que dedicava a pesquisa científica “não lhe permitia assistir a manobras de prestidigitação”.

Transcorridos três anos, Lombroso precisou ir a Nápoles, quando

encontrou o Conde Chiaia, que lhe renovou o convite para participar de uma sessão com Eusápia, e desafiou o ilustre pesquisador a “desmascarar o embuste”. O convite foi aceito. Era março de 1891. A sessão se realizou no quarto do hotel onde se hospedava Lombroso. Os fenômenos se sucederam, causando espanto e profunda admiração. Levitação, transporte de objetos, tipologia e materialização. Outras sessões aconteceram em seguida, já com a participação de renomados professores, além do Conde Chiaia e Cesare Lombroso.

Face aos resultados conseguidos nas sessões de que participou, Cesare Lombroso, com lealdade e nobreza de caráter, admite:

“Estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritos; digo fatos, porque continuo ainda contrário à teoria. Mas os fatos existem, e eu deles me orgulho de ser escravo”.

A “capitulação” (honrosa, sobretudo) do grande criminalista italiano, foi saudada pelos investigadores da fenomenologia espírita com entusiasmo. Alexandre Aksakof, autor da célebre obra “Animismo e Espiritismo” manifestou a sua satisfação, escrevendo ao Conde Chiaia: “Glória a Lombroso pelas suas nobres palavras! Glória a vós pela vossa dedicação! Estais largamente recompensado”.

Aos 19 de outubro de 1909, desencarnava Cesare Lombroso em Turim com 73 anos, nos braços de sua filha Gina, que assim definiu a

desencarnação do gênio: “a sua alma passou para o infinito como um rio que, ao chegar à foz tranqüila, se expande no mar...”

Havendo legado o seu corpo à ciência, realizou-se no anfiteatro do Instituto de Anatomia Patológica de Turim, a necrópsia dos despojos pelo Prof Mário Carrara. O crânio foi medido e dele extraída a massa cerebral, que pesava 1.290 gramas. Era, para decepção de todos, um cérebro de peso normal, igual a tantos outros...

AS PESQUISAS DE CESARE LOMBROSO

Preliminarmente, Cesare Lombroso cita a conhecidíssima obra “Phantasms of the Living”, de autoria de Edmund Gurney, Frederic Myers e Frank Podmore, que encerra uma interessante estatística sobre aparições fantasmáticas. A pesquisa realizada se estendeu por 5.705 pessoas. Noventa e seis tiveram visão verídica de fantasmas; 44 de pessoas mortas há muitos anos, e 13 mortas de pouco tempo; 23 foram aparições visíveis de pessoas vivas adormecidas ou enfermas. A maioria dessas aparições eram imprevistas e muitas foram vistas por várias pessoas em diferentes lugares.

CASOS DE APARIÇÃO

Cesare Lombroso inicia reportando-se a um caso ocorrido no dia 1º de fevereiro de 1773. Neste dia o feldmarechal von Grumbkow se encontrava enfermo, em Crossen sobre o Oder, onde fora a convite do seu soberano, um mês antes, para render homenagem a Frederico Augusto, o qual, em seguida, regressou para a sua Polônia. As três horas da tarde, o marechal ouviu rumor em seu aposento e, na penumbra do

recinto, cujas janelas estavam fechadas, viu o dito rei que se aproximava até tocá-lo, dizendo:

— “Acabo de morrer em Varsóvia”.

Três dias depois, chegava a notícia oficial de que Augusto I havia falecido na mesma hora em que Grumbkow tinha visto e ouvido o fantasma dele.

Em sonho, Petrarca¹⁹ viu aparecer o bispo Colonna, que então regia uma diocese na Gasconha (França), que lhe disse:

— “Recordas quão fastidiosas te foram as tempestades dos Pirineus, quando estavas comigo diante da Garenna? Pois bem: a mim também chegou o tédio, e vou para Roma para não voltar jamais.

“Eu lhe rogava (escreve Petrarca) que me levasse consigo, mas ele, depois de estender-me a mão aberta, duas ou três vezes, me replicou, mudando de pronto a expressão do rosto e do tom de voz:

“Agora não te quero para companheiro.”

“Fixando o olhar, reparei, por sua exangüe palidez, que estava morto. Presa de medo e de pesar, emiti um grito e, ao

¹⁹ Petrarca, poeta e humanista italiano (1304 - 1374), modelo de poeta elegíaco dividiu-se entre as aparições ascéticas e as seduções do mundo. Obra poética: “As Rimas”, “Os Triunfos” reunidos no “Canzanieri” publicado em 1470. Conheceu Laura de Noves que lhe inspirou um amor platônico. Desse sentimento jamais realizado, criou a imagem, cristalizada de uma perfeição incorruptível, que faz do tempo humano um reflexo da eternidade. Inicia o lirismo moderno que poria a expressão de experiências íntimas.

mesmo tempo despertei, ouvindo desse grito o derradeiro som. Tomei nota do caso e do dia, narrando-o aos presentes, e o relatei em carta aos amigos. E eis que, depois de 25 dias, recebi a notícia da morte do bispo, e, confrontada a data, era a mesma da aparição. Seus despojos (eu não sabia nem mesmo o suspeitava) foram dali trasladados a Roma no terceiro dia”.

Cesare Lombroso conta, finalmente, o último caso de aparição:

“Nos ‘Discours pour expliquer la Cause de Quelques Apparitions’ um abade de Saint Pierre (France), refere o relato do protagonista de uma aparição, Bezuel, e que ele depois constatou verídica através de diversas pesquisas. Em 1876, Bezuel, que então contava 15 anos de idade, tinha grande amizade com o filho do procurador Abaquebe, com o qual antes havia permutado a promessa de que o primeiro que morresse viria dar notícias do próprio estado ao sobrevivente. Transcorrido quase um ano daquela macabra promessa, e havia 06 semanas que Bezuel não recebia cartas do amigo, cognominado Desfontaines e residente em Caen, um dia, achando-se no palheiro da casa do Sr. de Sorteville, se viu preso de tal aturdimento e debilidade, que perdeu os sentidos. Socorrido pelas pessoas presentes, tornou a si, e, enquanto o ajudavam a descer a escada, percebeu Desfontaines junto desta, o qual o pegou pelo braço direito e o conduziu a uma via solitária, a trinta pessoa dali, e lhe disse: “Afoguei-me no rio de Caen, anteontem, a esta hora

aproximadamente (eram cerca de duas e meia da tarde). Eu fora tomar banho com fulano e sicrano. Na água, tive um delíquo, e afundei...”

Todas as particularidades do caso foram verificadas verdadeiras por Bezuel, que, posteriormente, teve ainda, por duas outras vezes, aparições do amigo.

No Capítulo seguinte Cesare Lombroso trata das FOTOGRAFIAS TRANSCENDENTAIS, como prova de que a existência de fantasmas não é um fenômeno alucinatório.

O HOMEM, A APARIÇÃO E O CACHORRO

Há um caso de assombração dos mais notáveis e surpreendentes, publicado por vários órgãos da imprensa internacional bem como pela “Revista Internacional de Espiritismo” e “Estudos Psíquicos”, de Lisboa, de novembro de 1944:

Henri Frichet, proprietário em Lisieux, França, perdera a esposa, e dois anos depois pedira em casamento Georgette Passarieux, filha de um tabelião. Certa noite, ouviu ruídos estranhos; sentiu o perfume usado pela falecida e o peso, na frente, de mão gelada. Logo após deu com a ex-esposa diante de si, e ela lhe perguntou: — “por que me deixaste de amar? Por que me queres esquecer?”

O atônito viúvo, que nada sabia de Espiritismo, procurou um médico; este lhe falou nas alucinações, deu-lhe conselhos e reforçou o tratamento sugestivo com alguns

medicamentos, dos que não falham.

Mas, os medicamentos falharam, visto que Frichet viu de novo o fantasma. Ele foi igualmente visto por um cãozinho, de nome Floc, que começou a saltar de alegria diante da aparição.

O fantasma, dirigindo-se ao viúvo disse: — “Não me tornarás mais a ver; antes, porém, quero restituir-te este símbolo de felicidade, agora destituído de valor”. E lançou ao chão uma aliança. Floc precipitou-se para o anel e levou-o á dona. Esta, porém, já não estava mais ali. Frichet, quando voltou a si do espanto, chamou o cãozinho, viu-lhe o anel nos dentes e com grande dificuldade o arrancou. Reconheceu, então, o anel de noivado que dera à esposa e no qual se achavam marcados os dentes incisivos do animal.

O anel foi reconhecido por outras pessoas. Dirigiu-se ele depois às autoridades, contou o fato e mostrou o anel com as marcas produzidas pelos dentes do Floc. Pediu e obteve licença para abrir a sepultura. Mais tarde foi à casa do notário, relatou o acontecimento e desfez o noivado. Nessa mesma noite o fantasma volta ainda a sua presença, beija-lhe a fronte e despede-se, dizendo-lhe: “Espero-te, agora, na Eternidade”...

Quando, ao dia seguinte, Frichet foi ver o anel, já não o achou mais.

Procedeu-se à abertura do ataúde, presentes várias pessoas entre as quais o juiz, o Oficial de Saúde, o comandante de polícia, o Dr. Silvain, o joalheiro Cagnard, que vendera a aliança, o notário Passarieux. Todos tiveram um estremecimento de assombro, quando viram a aliança nos restos de dedo da morta, e nela impressos os sinais dos dentes de Floc...

Este caso é, provavelmente, um dos mais eloqüentes testemunhos de sobrevivência da alma. O Espírito, movido pelo ciúme, retorna, torna-se visível e tangível e rompe, em processo de voz direita, os laços matrimoniais que julgava ainda existentes com o seu ex-marido, Henri Frichet. E não se poderá dizer que a aparição fora decorrente de um estado de alucinação, porque o cãozinho Floc identificou perfeitamente a sua presença. Além disso, o fantasma provocou o fenômeno de aporte e transporte, com notável eficiência, fazendo sair e voltar a aliança para dentro do ataúde, que estava encerrado em um mausoléu. Como explicar este caso como produto misterioso do subconsciente? Observando-se os seus detalhes, ficam os especialistas em difícil situação, a não ser que, mesmo diante de tantas e inequívocas provas, teimem em negar a sobrevivência da alma, apenas por espírito de sistema...

O ENIGMA DOS HOMENS DUPLOS

Em “OBRAS PÓSTUMAS” que reúne os últimos escritos e anotações íntimas de Allan Kardec, há um Capítulo dedicado aos “HOMENS DUPLOS”, que significa o desdobramento do perispírito estando o indivíduo em estado de vigília. Os dados apontados na supracitada obra

foram extraídos, pelo Codificador do Espiritismo, do livro “Fenômenos Místicos da Vida Humana”, de autoria de Maximiliano Perty, Professor da Universidade de Berna (Suíça), publicado em 1861. Eis um dos relatos sobre o momentoso assunto:

Um proprietário rural foi visto por seu cocheiro, no curral, olhando o gado, no mesmo momento em que estava comungando na igreja. Contou o fato mais tarde a seu pastor, que lhe perguntou em que ele estava pensando no momento da comunhão — Para dizer a verdade, respondeu ele, eu estava pensando no meu gado...

O fato a seguir é da mesma natureza, mas apresenta uma particularidade mais notável:

O juiz de Cantão, J..., em França, mandou um dia seu empregado a um lugarejo das imediações. Após um certo lapso de tempo, ele o viu voltar, pegar um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente porque ainda não havia saído. A essas palavras o empregado desapareceu. O livro cai no chão e o juiz o coloca em cima de uma mesa, aberto como caíra. A tarde, quando o empregado voltou, o juiz lhe perguntou se não lhe havia acontecido nada no caminho, e se ele não havia voltado à sala onde se achava naquele momento. Não, respondeu o empregado, fui em companhia de um amigo. Ao atravessarmos a floresta, e eu lhe disse que, se estivesse em casa, poderia mostrar-lhe a página de Linneu onde ele veria que eu tinha razão. — Era

justamente este o livro que ficara aberto na página indicada.

Num caso desse, questiona Kardec, seria preciso poder comprovar, de maneira positiva, o estado do corpo no momento da aparição. Até que se prove o contrário, duvidamos que a coisa seja possível, quando o corpo está em estado de atividade inteligente.

Os fatos seguintes — prossegue o Codificador — são ainda mais extraordinários, e confessamos francamente que nos inspiram maiores dúvidas. Compreende-se facilmente que a aparição do Espírito de uma pessoa viva seja vista por uma terceira pessoa, mas não que um indivíduo possa ver sua própria aparição, principalmente nas circunstâncias relatadas abaixo:

“O Secretário do Governo de Triptis, em Weimar (Alemanha), indo à Chancelaria para buscar um maço de documentos de que muito precisava, viu-se já sentado em sua cadeira habitual, com os documentos diante de si. Assusta-se, volta para casa e manda a empregada com ordem para apanhar os documentos que ela encontraria no lugar de sempre. A empregada vai e igualmente vê o patrão sentado em sua cadeira.”

“Hoppaek, autor da obra ‘Materiais para o Estudo da Psicologia’, conta que o abade Steinmetz, estando em casa, no seu quarto, com visitas, viu-se a si mesmo no jardim, em seu recanto favorito. Apontando primeiro para si e depois para o outro seu igual, disse: — “Este é Steinmetz, o mortal;

aquela é o imortal...”

Finalizando os seus lúcidos e sábios comentários, Kardec afirma que se em todos esses casos fantásticos há algo a aprender, há também muito para se por de lado, inclusive a parte relativa à lenda. O Espiritismo, longe de fazer-nos aceitar fatos cegamente, nos ajuda a separar o verdadeiro do falso, o possível do impossível, com o auxílio das leis que nos revela, referentes à constituição e ao papel do elemento espiritual. Não nos apressemos, no entanto, a rejeitar, A PRIORI, tudo aquilo que não compreendemos, por que muito nos falta para conhecer todas essas leis, e porque a natureza ainda não nos revelou todos os seus segredos. O mundo invisível é um campo de observação ainda novo para nós, e seria presunção de nossa parte pretender haver sondado todas as suas profundezas, quando novas maravilhas se revelam sem cessar a nossos olhos.

Entretanto, de todos os casos analisados por Kardec e por outros eminentes pesquisadores, entre os quais se destaca Alexandre Aksakof (“Animismo e Espiritismo”), o mais intrigante e surpreende é o de EMILIE SAGÉE.

Na Letônia, numa localidade perto de Riga, havia um Instituto para moças nobres, onde Emilie Sagée, francesa de Dijon, lecionava. Algum tempo depois de sua chegada ao estabelecimento de ensino, começaram a correr entre as alunas alguns comentários sobre estranhos acontecimentos: Emilie Sagée era vista, no mesmo momento, em lugares diferentes. O caso foi levado ao conhecimento dos professores, que não lhe deram a devida importância. Mas, certo dia as alunas viram,

espantadas, *duas Emilie Sagée*, uma perto da outra, no quadro de giz. Elas faziam o mesmo gesto; mas apenas a pessoa real tinha o pedaço de giz na mão. O duplo tão somente imitava os movimentos que ela fazia sobre a lousa. O fenômeno, visto por tantas testemunhas, causou enorme repercussão. A partir daí o duplo de Emilie aparecia com certa freqüência, sempre imitando os seus gestos. Certa feita Emilie foi deitar-se por causa de um forte resfriado e ouvia a leitura que a aluna Antoinette Wrangel lhe fazia. De repente, Emilie viu Antoinette empalidecer — é que ela acabava de ver o duplo da doente **ANDANDO PELO QUARTO...**

Certa ocasião, as 42 alunas do educandário estavam reunidas no salão do andar térreo, com suas cestas de costura, quando viram no jardim Emilie Sagée colhendo flores. De repente, perceberam o duplo da jovem professora sentado numa poltrona. Imediatamente voltaram seus olhares para o jardim, e lá estava “o original” de Emilie Sagée. Duas das alunas aproximaram-se da poltrona tocaram na aparição e constataram **UMA RESISTÊNCIA COMPARÁVEL À QUE OFERECERIA UM TECIDO LEVE DE MUSSELINA**. Uma delas ousou **ATRAVESSAR UMA PARTE DA FORMA**.

Ao ser perguntada pelas alunas o que experimentara durante aquele estranho momento. Ela respondeu que, enquanto estava no jardim, sentira o desejo de vigiá-las. Esse desejo teria projetado o seu duplo sobre a poltrona.

Depois de concludentes provas da realidade do fenômeno, o que afastava a hipótese da alucinação coletiva, o fato chega ao conhecimento dos pais das alunas. A maioria das alunas foi afastada pelas suas famílias.

Ao ser demitida, Emilie gritou desesperada: Ai de mim! É duro suportar!”

Já passara, antes, por dezoito educandários, onde ocorrera o mesmo fenômeno e a mesma despedida.

Emilie Sagée retirou-se para uma localidade perto do Instituto, onde fora visitada por Antoinette de Wrangel. Mais tarde, partiu para a Rússia e nunca mais se soube dela.

O caso Emilie Sagée inscreveu-se como um dos mais extraordinários fenômenos de desdobramento, embora haja quem imagine que o duplo visto individual e coletivamente fosse de um Espírito que assumia o aspecto da professora com o intuito de se divertir...

O FENÔMENO E OS GÊNIOS DA LITERATURA GOETHE E O SEU DUPLO

O próprio Wolfgang Goethe (Franforte 1749 - Weimar 1832) conta que, viajando certo dia a cavalo pela estrada que conduzia a Druseheim (Alemanha), viu com certa inquietação que alguém lhe vinha ao encontro. Nesse alguém reconheceu ele sua própria pessoa, trajada porém com outras vestes que não as suas daquele momento. Viu-o, diz Goethe “não com os olhos do corpo, mas com os olhos do Espírito. A roupa era cinzenta, bordada a ouro. O fantasma desapareceu”. Oito anos depois, o autor de “Werther” achou-se no mesmo lugar, a cavalo, trajado com as mesmas roupas da visão...

O DUPLO DE GUY DE MAUPASSANT

(1850 - Paris 1893)

Um amigo íntimo de Guy de Maupassant contou ao Dr. Sollier que certo dia em que aquele escritor se tinha recolhido ao gabinete de trabalho, depois de haver ordenado que não receberia ninguém, sentiu que a porta se abria. Voltou-se, e viu com profunda surpresa a sua própria pessoa entrar, sentar-se diante dele, com a mão na cabeça, e por-se a ditar tudo que ele escrevia. Concluído o trabalho, quando se levantou, o fantasma desapareceu.

O DESDOBRAMENTO DE ALFRED DE MUSSET

(1810 - Paris - 1857)

Um dos mais talentosos poetas franceses, natureza eminentemente sensível e batida pelas tempestades de emoções cruéis, Musset, o inolvidável cantor do Salgueiro, que lhe poetisa o túmulo no cemitério de Père-Lachaise, em Paris, apresentou vários fenômenos psíquicos e mediúnicos durante a sua vida. Nos sentidos versos da “Noite de Dezembro” dá-nos ele a descrição do fantasma que “lui ressemblait comme un frère”, e que junto dele se ia sentar nos momentos cruciais de sua amarga existência.

UM CASO ATUAL

Todos os casos anteriormente relatados ocorreram no século XIX. Há, entretanto, um episódio do mesmo gênero, registrado nos “PROCEEDINGS” da “Society for Psychical Research”, de Londres, verificado em 1929 e fora contado a Sir Oliver Lodge numa carta do Arcebispo Frederic E. J. Lloyd, que passara pela experiência em 14 de janeiro. Havendo chegado em casa muito cansado, ele se sentou e caiu

no sono, quando foi bruscamente despertado cerca de meia-noite e um quarto. — “Ao acordar, deparei com uma aparição luminosa, vaporosamente, espontaneamente REAL DE MIM MESMO, OLHANDO-ME INTERESSADA E PRAZENTEIRAMENTE. Depois de haver contemplado a mim mesmo por espaço de uns cinco segundos, meu eu espectral se desvaneceu durante cinco segundos, tão só para retornar de maneira mais nitidamente clara, mas por alguns segundos apenas...”

“O ETERNO PRESENTE” - UM GRANDIOSO ENIGMA

Na “Revista Internacional de Espiritismo” de 15 de novembro de 1952, publicava-se um interessantíssimo e intrigante artigo do Dr. Francisco Klòrs Werneck, de quem tive a honra de ser amigo, sob o título — “EXÉRCITOS FANTÁSTICOS E COMBATES AÉREOS” — “fenômenos perturbadores que se verificam esporadicamente e que vêm sendo registrados há séculos, desde os tempos bíblicos”.

De fato. Em Reis, Cap. 6, vers. 1 a 17, informa-se que um criado do profeta Elizeu vê aparecer, devido à prece do seu senhor, um exército de cavalos e carros de fogo do exército da Síria, Dothan, e, no capítulo seguinte, versículos 6/7, sabe-se que “o Senhor fizera ouvir no campo dos sírios um grande ruído de carros, cavalos e um exército numeroso que os levou à fuga.”

No livro dos Macabeus, Capítulo V, registra-se esta passagem: “Nesse tempo, Antíoco se preparava para fazer, pela segunda vez, a guerra do Egito. Ora, aconteceu que foram vistos, em toda a cidade de Jerusalém, durante quarenta dias, homens e cavalos que corriam no ar,

vestidos de roupas de ouro e armados de lança, como tropas de cavalaria; cavalos enfileirados em esquadrões que se arremetiam uns contra os outros; combates corpo a corpo, escudos agitados; uma multidão armada de capacete e espadas nuas; dardos lançados, armas brilhantes de ouro e couraça de todas as espécies. E todos pediram a Deus que esses prodígios tornassem em seu proveito”.

O historiador hebreu Flávio José, abordando os acontecimentos anteriores à queda de Jerusalém (anos 70) sob o ataque dos exércitos de Titus Flavius Sabinus Vespasianus, 39/81 (Filho mais velho do Imperador Vespasiano), relatou, no seu livro “DE BELLO JUDAICO”: antes do pôr do sol foram vistos no céu tão longe como se estendia a região, carros e falanges armadas correr impetuosamente no meio de nuvens e cercar a cidade”. Outro historiador da época, Publio Cornélio Tácito (55-120 d.c.) em sua obra “HISTORIAE”, confirma o relato de Flávio José: “viu-se o céu cheio de tropas que combatiam com armas sutilantes”.

Plínio, o velho, naturalista e escritor latino (62-114 d.c.) em sua “História Natural” (37 livros), livro II, refere-se a dois exércitos que os habitantes de Ameria e Tuder viram no céu, precipitando-se um contra o outro; ouviram mesmo o ruído do combate. Foi na época da invasão dos Címbios. Os gregos, por seu turno, reportam-se a aparições do mesmo teor. Pausânias, escritor grego do século II d.C. autor de uma “Pariegesis da Grécia”, fala do espetáculo e do ruído de batalha que foram muitas vezes percebidos na planície de Maratona, durante a noite, 400 anos depois da vitória de Milcíades (540-489 a.C.), na batalha de Maratona.

O abade de Vilars (1635-1673), lembrando velhos relatos fala de exércitos no céu, de frotas aéreas que aparecem no ano de 778 quando reinava Pepino, o Breve (715-768), rei dos francos, pai de Carlos Magno.

Em 1575 editava-se, em Paris, a obra “HISTOIRES PRODIGIEUSES RECUEVILLIES PAR BOISTUAU”, tratando de batalhas fantásticas ocorridas durante os anos de 920, no reinado de Carlos III, o Simples.

Na obra “METEOROLOGIA MÍSTICA”, do Dr. Grelois, encontramos incríveis relatos sobre espetaculares combates aéreos de cavalaria e infantaria, ocorridos em 1489 e em 1548. Em 1650, François de Mèzerai lança, em Paris, a sua “Histoire de France” onde fala em aparições de exército fantasma, em 1192, sobre a Normandia: Vários esquadrões armados se bateram à noite e ouvindo-se relinchos, toques de corneta e gritos dos combatentes.

Jean Variot, em “LEGENDES ET TRADITIONS ORALES D’ALSACE”, trata das aparições dos exércitos fantasmagóricos de Norfeld. O fenômeno se verificou, pela primeira vez, em abril de 1508, repetindo-se, por um mês, sempre ao meio-dia.

Na obra “Nightsides of Nature” (Os lados Obscuros da Natureza) conta-se o seguinte: o fenômeno aconteceu em Havarah-Park, perto de Ripley, no ano de 1812. Os soldados estavam uniformizados; depois de algumas evoluções, essa tropa marchou em perfeita ordem para o alto de uma colina, passando distante dos espectadores. Compunha-se de umas cem pessoas e marchava em coluna de pelotões de quatro. Logo passou outra tropa ainda mais numerosa, uniformizada de farda escura,

marchando atrás da anterior, mas sem hostilidade. Os dois corpos chegados ao cimo da colina, formaram, então, uma espécie de L e desapareceram no outro lado, sem que fossem vistos novamente. Naquele instante, elevou-se uma fumaça que parecia ser a de uma descarga de artilharia.

Na obra “Rise of the Dutch Republic”, o historiador norte-americano Motley narra o episódio a seguir, cuja visão foi captada dias antes de a batalha realmente acontecer:

“Nos primeiros dias de fevereiro de 1574, cinco soldados da milícia burguesa de L’treeht (cidade dos Países Baixos) estando de guarda, pela meia noite, perceberam no céu, acima deles, a representação de uma furiosa batalha. O céu estava muito sombrio, com exceção de um espaço acima de suas cabeças, espaço esse igual, em extensão, do comprimento da cidade e, em largura, a de um quarto de tamanho comum. Dois exércitos enfileirados em linha de combate, avançavam um para o outro. O primeiro marchava com rapidez, do noroeste, bandeiras desfraldadas, lanças reluzentes, clarins soando, acompanhado de artilharia pesada e de esquadrões de cavalaria. O outro exército marchava lentamente, vindo do sudeste, como saindo de um campo intrincheirado, para encontrar os adversários.

“Travou-se terrível combate durante alguns minutos; ouviram-se distintamente, os gritos dos combatentes, as descargas da artilharia, o ronco da mosquetaria, o ataque dos

soldados pesadamente armados e o galope da cavalaria. O firmamento tremia com o choque das armas inimigas e ensobrecia-se com as descargas rápidas da artilharia. Depois de um combate curto e mortífero o exército que veio do noroeste bateu em retirada em desordem, mas conseguiu recompor-se após curto repouso, formando colunas sólidas, tornou a avançar. Seus adversários, dispostos, no dizer das testemunhas, em quadrado, constituindo densa floresta de lanças e mosquetes, esperaram o novo ataque. As coórtes aéreas chocaram-se de novo e as testemunhas ofegantes, observaram, claramente, todos os sinais e ruídos de uma luta desesperada. Essa, porém, não foi longa; as lanças do exército do sudeste pareciam quebrar-se como débeis caniços enquanto que suas colunas eram repelidas em desordem ao chocar-se com o inimigo. A derrota foi completa; vencedores e vencidos desapareceram pouco a pouco e o espaço azul do céu, cercado de nuvens sombrias, ficou vazio”.

Os graves magistrados de Utrecht ficaram de tal modo impressionados com a narrativa que lhe fizeram, no dia seguinte, as cinco sentinelas, que se acharam no dever de examinar os fatos, registraram os depoimentos de cada testemunha, feitos, todos, sob juramento. Foram consultados livros de adivinhação, na expectativa de se encontrar uma explicação para o mistério. Concluiu-se que o fenômeno referia-se à batalha que seria travada entre o conde Luiz de Nassau, irmão de Guilherme de Orange, e os espanhóis, o que de fato aconteceu, em

Moocke-rheyde dez dias depois da visão.

Os trâmites da batalha de Moorckerheyde eram idênticos aos relatados pelos cinco soldados da milícia burguesa de Utrecht.

A BATALHA-FANTASMA DA COLINA DE EDGE — NORTHAMPTONSHIRE, INGLATERRA

Em 23 de outubro de 1642, travou-se a batalha de Edge, entre o exército do rei Carlos I (que morreu decapitado) e o exército do Parlamento Inglês sob o comando do Conde de Essex. Na véspera do Natal, uns dois meses após a batalha, pouco depois da meia noite, alguns pastores e outros camponeses vizinhos da colina de Edge foram acordados com rufos de tambores e ruído de aproximação de soldados e artilharia. Fugiram de suas casas. Apavorados, viram, em pleno ar, materializarem-se soldados-fantasmas. De um lado, tremulavam as bandeiras do Rei Carlos I, e do outro, as do Parlamento. Ouvia-se o estrondo da explosão de mosquetes, de canhões, relinchos de cavalos, gemidos e gritos de feridos. A refrega prosseguiu até às duas ou três horas da madrugada, quando o exército real se debandou. O exército do parlamento comemorou a vitória. Depois, tudo sumiu.

Na Revista “Annales des Sciences Psíquiques” (1900), o pastor escocês Angus Macdonald viu um exército fantástico desembarcar na Baía de Scanrish, exército que só veio realmente a desembarcar ali vinte e dois anos depois. Quando o pastor teve a sua visão muitos daqueles jovens soldados ainda não eram nascidos...

Fenômenos mais recentes de batalhas fantasmas, foi o de Reide de Dieppe, trágica operação da Segunda Guerra Mundial em que cerca de

mil jovens canadenses morreram no dia 19 de agosto de 1942.

Em agosto de 1951 duas jovens inglesas passavam férias em Dieppe. Ambas ocupavam um quarto no segundo andar de um prédio em que estiveram aquartelados as tropas alemãs, durante a guerra. O aposento dava para o mar, distante uns quatrocentos metros.

Na madrugada do dia 04 de agosto, ainda estava escuro, foram despertadas por sons de gritos, tiros, fogo de artilharia, bombardeiros de mergulho, o ruído de barcaças de desembarque e vozes. O troar do som aparecia e desaparecia. Elas se precipitaram para a sacada de seu cômodo quando começaram os ruídos mas nada viram. Quanto ao som, foi absolutamente real. Tomaram nota da hora em que ocorreu o fenômeno, relatando-o, posteriormente, à Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres.

QUE EXPLICAÇÃO TERÃO ESSES CASOS?

Existem várias hipóteses sobre o inusitado fenômeno. Os ocultistas falam das imagens astrais: quando um ser ou uma coisa desaparece, seu reflexo no astral persiste, reproduzindo-se inesperadamente. Esta hipótese não pode ser aplicada à visão da Batalha de Utrecht, que ainda não se dera no plano físico e não poderia, portanto, lançar imagens no plano astral.

Frederic Myers, um dos fundadores da “Society for Psychical Research” (1882), emitiu a seguinte opinião sobre o momentoso assunto: “se há um mundo transcendental, há um espectro especial do passado e do futuro, mais cheio e mais amplo do que este mundo empírico.”

Klörs Werneck cita, já no final do artigo, Bergson, que admitia — “As imagens dos acontecimentos não estão dispostas uma após outra como em um filme, mas em uma ordem diferente que não podemos imaginar nem conceber” (“Durée et Simultaneité”). “E, em suma” — acrescenta Werneck —, “a hipótese do ETERNO PRESENTE, isto é, que não há Passado, Presente e Futuro, mas sempre o Presente”. E conclui:

“Assim como nós Espíritos, então na matéria, temos gravados em nosso perispírito todas as ações do nosso Passado, do Presente e ainda do nosso Futuro, ações que podem ser vislumbradas por pessoas em estado especial, também as nações, no espaço que as circunda (qual perispírito) têm gravados os fatos mais importantes de sua história.”

Embora sejam inequivocamente coerentes as teorias de Klörs Werneck, permanece imperscrutável o fenômeno das batalhas fantasmas, desafiando a inteligência do homem como a enigmática e mitológica Esfinge...

EXCEPCIONAIS FENÔMENOS DE ECTOPLASMIA

O acervo das pesquisas sobre a FENOMENOLOGIA PSÍQUICA e MEDIÚNICA é opulento. Dele extraímos vários casos de notável importância para a consolidação dos ideais espiritualistas, à luz, portanto, dessas pesquisas tratamos, de modo específico, de assuntos selecionados, como XENOGLOSSIA, LEVITAÇÃO, VOZ DIREITA, IDENTIDADE DE ESPÍRITOS, O TRANSE ETC. Resta-nos abordar outras temáticas, de valor semelhante às antecedentes, incluídas numa coletânea. Esses

trabalhos têm o objetivo de oferecer, numa síntese, o que se encontra inserido em uma extensa bibliografia, constituída de obras de consagrados autores nacionais a internacionais.

A DESPEDIDA DO ESPÍRITO KATIE KING

Desde o início da mediunidade de FLORENCE COOK, o ESPÍRITO KATIE KING ou ANNIE OWEN MORGAN, avisara que ficaria participando de experiências de ECTOPLASMIA apenas por três anos. A sessão de despedida realizou-se numa quinta-feira, 21 de maio de 1874, às 19 horas e 23 minutos. WILLIAM CROOKES conduziu FLORENCE COOK à câmara escura, onde ela se estendeu no soalho, apoiando a cabeça num travesseiro. As 19 horas e 28 minutos KATIE talou pela primeira vez, e, às 19 horas e 30 minutos, mostrou-se fora da cortina e em toda a sua forma; estava vestida de branco, com as mangas curtas, e decotada; tinha longos cabelos castanhos claros, de cor dourada, caindo-lhe em cachos dos dois lados da cabeça e ao longo das costas, até a cintura. A médium tinha um vestido azul-claro. Durante a sessão Katie ficou em pé diante dos assistentes: a cortina do gabinete estava afastada e todos podiam ver distintamente a médium adormecida com o rosto coberto com um chale encarnado, para o resguardar da luz. Katie falou de sua próxima partida. Escreveu cartas de despedida a alguns de seus amigos assinando-se ANNIE OWEN MORGAN. Escreveu, também, uma carta a FLORENCE e escolheu para ela um botão de rosa, como presente de despedida. Pediu, então, uma tesoura, cortou pedaços dos seus cabelos e deu a todos uma grande parte. Tomando, em seguida, abraço de WILLIAM CROOKES, fez uma volta pela sala e apertou a mão de cada um; sentou-se de novo, cortou vários pedaços do seu vestido

e do véu e os apresentou aos assistentes.

A pedido de WILLIAM CROOKES, o Espírito reconstituiu, à vista do presente, a parte do tecido que fora cortada no seu vestido.

Finalmente, dirigiu aos seus amigos um último olhar grave e pensativo, deixou cair a cortina e tornou-se invisível. Ouviu-se que a médium acordava e lhe pedia que ficasse um pouquinho; mas KATIE lhe respondeu:

“Minha cara, não posso; a minha missão está cumprida;
Deus te abençoe”.

E ouvimos o som de um beijo de despedida.

FLORENCE COOK REAPARECE EM PARIS

Após a espetacular despedida de KATIE KING, a médium FLORENCE COOK, casou-se e recolheu-se ao anonimato. Além disso, segundo alguns pesquisadores, a facultade mediúnica da então SRA. CORNER “DESAPARECEU” por completo “REAPARECENDO”, em 1900.

Entre as várias sessões realizadas em Paris, com a célebre médium de WILLIAM CROOKES, destaca-se a que aconteceu em julho de 1900, às 21 horas, na casa de PIERRE-GAËTAN LEYMARIE e MARINA (DUCLOS) LEYMARIE, que sucederia o marido (desencarnado em 1901) na direção da Livraria Espírita e da “Revue Spirite”, cargos que exerceu até 29 de setembro de 1904, quando de sua transição.

Estiveram presentes à sessão: médicos, juristas e homens de letras. A SRA. CORNER (FLORENCE COOK) estava com 45 anos de idade, cabelos ainda pretos; entrou na sala onde já se encontrava a seleta assistente, cumprimentando a todos em um francês marcado por forte sotaque inglês.

O local da sessão ficava no segundo andar, e constituía como que um pavilhão isolado. Num dos ângulos da sala estava o gabinete escuro, formado por dois pesados reposteiros de madeira escura, abrindo no meio. Dentro desse gabinete havia apenas uma cadeira de madeira bastante sólida e aparafusada no chão. Depois de bem inspecionada a sala, foi a médium atada pela cintura e manietada. Os assistentes sentaram-se em círculo em frente do reposteiro, formando cadeia com as mãos. Apagou-se a luz, ficando a sala iluminada apenas por uma luz que incidia sobre as cortinas, e permitia que os assistentes vissem uns aos outros.

Passados uns 15 (quinze) minutos, ouvia-se dentro do gabinete uma voz de homem, rude e brutal, falando inglês, e travando diálogo com a médium. Pouco depois apareceu pela porta superior dos reposteiros um braço, nu até ao ombro, de um homem muito forte. Era o ESPÍRITO GUIA da médium conhecido pelo título de CAPITÃO.

Houve nessa sessão fenômenos variados. Bolas luminosas eram vistas nitidamente, descrevendo sinuosas curvas em todos os sentidos. Materializações diversas. Vozes de três a quatro pessoas falando ao mesmo tempo em inglês. Feito absoluto silêncio, distinguiram, os presentes, uma voz extremamente simpática e juvenil, expressando-se em

puríssimo francês. Era a voz de MARY, uma menina, nascida de pais ingleses na Algeria, à época possessão francesa. Pouco depois, a pequena platéia foi tomada de súbita emoção, com a saída, do reposteiro, de uma mulher vestida de branco, que pouco se demorou. Em seguida, as cortinas entreabriram-se e surgiu a figura esbelta e delicada de MARY. Trajava vestido de noiva²⁰ de longa cauda, decotado em cima de ombro a ombro, e os braços inteiramente nus. *A sua pele, de brancura setinosa, tinha todo o frescor da juventude, e uma abundante cabeleira loura caía-lhe sobre os ombros e braços.* A aparição ficou certo tempo entre os assistentes, depois pediu caneta e papel para escrever. Indicou-se-lhe uma pequena mesa que ficava encostada à parede junto ao reposteiro. Escreveu apressada (ESCRITA DIRETA) e febrilmente algumas palavras de despedida que assinou e retirou-se para o gabinete donde não tornou a sair. Clareia-se a sala e todos verificaram que a médium está sentada e ligada à cadeira.

Os notáveis acontecimentos dessa sessão experimental foram publicados na “REVUE SPIRITE”, de 1900.

FLORENCE COOK voltou, realmente, com toda a força de sua potentosa faculdade mediúnica. A sessão acima descrita e tantas outras de igual valor foram observadas por autoridades no assunto, perfeitamente preparadas para eventos de tal envergadura. Em tudo, E

²⁰ Vários Espíritos, em sessões realizadas no Velho e no Novo Mundo, apareciam vestidos de NOIVA. Aqui no Brasil, numa sessão realizada com a médium LAURA PEREIRA, em Sorocaba-SP, no dia 16 de maio de 1942, apareceu um Espírito vestido de NOIVA. O fato vem relatado na REVISTA “REVELADOR”, da antiga União Federativa Espírita Paulista, Ano IX, nº 05. Durante o mês de dezembro de 1988, realizaram-se várias sessões experimentais do autor deste trabalho, com a participação do médium baiano JOSE MEDRADO. O grupo era composto de 08 (oito) pessoas, lúcidas e esclarecidas. Em três dessas sessões materializou-se um Espírito envergando um lindo vestido de NOIVA. Com recursos fotográficos modernos, adquiridos em Londres, quando o autor e a esposa lá estiveram, em viagem de pesquisa, tiraram-se várias fotos do Espírito em traje nupcial. Um detalhe que chamou a atenção: as mãos, que apareciam nitidamente nas fotografias, apresentavam-se incompletas, emprestando, assim maior veracidade ao fenômeno, produzido sob rigorosa fiscalização.

COMO SEMPRE, se evidenciara a sobrevivência da alma e a sua intervenção no mundo corpóreo. Os expectadores de sessões experimentais desse porte seriam privilegiados? Acreditamos, fiel e firmemente que não. Na verdade, assume-se um compromisso maior e profundo com a LEI NATURAL. Essas pessoas SABEM que a MORTE não É O TERMO DA VIDA, MAS A PROJEÇÃO DA VIDA EM SUA DIMENSÃO ESPECÍFICA, PORQUE A VIDA É O ESPÍRITO, O SER ETERNO, RESPONSÁVEL PELOS ATOS QUE PRÁTICA NO CONTEXTO SOCIAL. É oportuno citar, aqui, o pensamento do CRISTO:

“A QUEM MAIS É DADO, MAIS SERÁ EXIGIDO...”

O REAPARECIMENTO DE KATIE KING NA ITÁLIA

Conforme relatamos, anteriormente, o ESPÍRITO KATIE KING (ANNIE MORGÁN)²¹, despediu-se solenemente de SIR WILLIAM CROOKES em 21 de maio de 1874. Conforme as informações de EMÍLIO SERVÁDIO, seguidas de sugestivas fotos, o REGRESSO de KATIE KING verificou-se em 1930, cinquenta e seis anos depois de sua última aparição, sob as expensas da faculdade mediúnica de FLORENCE COOK. O artigo de SERVÁDIO foi publicado, originalmente, na Revista “LA RICERCA PSICHICA”, de Milão, Itália. Entretanto, na Revista “PSYCHIC SCIENCE”, de janeiro de 1934, inserem-se dados relativos a

²¹ KATIE KING informou a SIR WILLIAM CROOKES que era filha de JOHN KING.

“Vivi” — disse ela — “há cerca de 200 (duzentos) anos no reinado do CARLOS II, da Inglaterra. Meu pai e eu morávamos na Jamaica.

Acresce, porém, que é registrada a presença de John King nos magníficos e pioneiros trabalhos da família de JOHNATAN KOONS, em Ohio, U.S.A. “KING” seria o nome de uma falange de Espíritos encarregados de produzir toda uma série de fenômenos, através de médiuns especiais, para chamar a atenção dos homens sobre a sobrevivência da alma.

posteriores aparições de KATIE KING, sessenta anos distantes daquele memorável 21 de maio, no “Centro de Winnipeg”, dirigido pelo DR. T. GLEN HAMILTON.

Das sessões de 1930, em Milão, participaram vários médiuns, entre os quais a famosíssima “MARIA M”, “MERCEDES” e “E-WAN”. Durante os trabalhos os médiuns apresentaram um estado de transe particularmente agitado e penoso. MARIA M muitas vezes esteve em completa catalepsia. “MERCEDES” revelou anestesia completa, rigidez da boca e do queixo, respiração quase imperceptível. No dia 22 de fevereiro de 1931 “WALTER”, o ESPÍRITO CONTROLE avisou que o trabalho preparatório estava terminado e que na próxima sessão seria permitido tirar fotografias. E avisou:

“Não se verá a cabeça... a cabeça é quase nula... Lembrai-vos de que não será “MERCEDES” quem fotografais. As roupas também não se verão. Os hábitos brilhantes de KATIE cobrirão sua forma exterior... Vereis o braço da médium caído de lado...”

No dia 25 de fevereiro a experiência se realizou. Depois de um exame dos médiuns (foram despídos, banhados e vestidos com roupas apropriadas). “MERCEDES”, deitada, entrou em transe. As 21 horas e 55 minutos foi tirada a primeira foto, seguida de várias outras. Ao serem reveladas, cumpria-se o que “WALTER” predissera.

Depois de um intervalo de meses, KATIE KING manifestou-se em 25 de novembro de 1931.

MATERIALIZAÇÃO DE FLORES DOTADAS DE VIDA EFÊMERA

O transporte de flores a um ambiente fechado, é um tanto e quanto freqüente. O fenômeno de sua materialização é raríssimo. Os primeiros resultados nesse sentido foram obtidos, por CHARLES F. LIVERMORE, com a médium KATE FOX, publicados, posteriormente, no “THE SPIRITUAL MAGAZINE”.

O “HEROLD OF PROGRESS”, de New York, publica um trabalho de A.J. DA VIS, do qual se extraiu o seguinte resumo:

“Em um dos círculos espíritas de New York, produziam-se freqüentemente *belas flores dotadas de vida momentânea, criadas espiritualmente com o auxílio de elementos químicos esparsos na atmosfera*. Esses espécimes da criação espírita eram em seguida oferecidos aos membros do círculo; cada uma dessas flores era por conseguinte posta ao alcance dos sentidos; seu perfume impressionava diretamente o olfato; a haste e as folhas podiam ser tocadas, mantidas nas mãos. No decurso de uma dessas sessões, os Espíritos convidaram os assistentes a colocar uma dessas flores em cima do fogão, no que foram atendidos. Aos olhos de todos, que fixamente olhavam para a flor, ela desapareceu completamente, depois de doze minutos.

Os casos mais notáveis, porém, são tributados à extraordinária faculdade mediúnica de ELIZABETH D’ESPERANCE (1855-1919), publicados no semanário espiritualista fundado em Newcastle Upon Time (porto do nordeste da Inglaterra), em 1867, por JAMES BURNS,

originalmente editado sob o título “O MÉDIUM”. Mais tarde, esse jornal ficou conhecido por “THE DAYBREAK”, circulando até 1895, quando desencarnou o seu editor.

Esse fenômeno manifestou-se de três maneiras:

1º — em um copo d’água; 2º — em uma caixa com terra fresca; 3º — em uma garrafa com areia e água. Isso se passava em sessão de materialização. A médium se tinha retirado para um gabinete, e o operador era uma Figura materializada que se apresentava como uma jovem árabe de 15 (quinze) anos, chamada YOLANDE. Eis alguns pormenores sobre as três formas apresentadas pelo fenômeno, sob rigorosa fiscalização e à vista de seleta assistência.

1º — O SR. FILTON tinha colocado na palma da mão um copo com um pouco d’água à vista de todos; nada mais havia no copo; porém, depois que YOLANDE ministrou alguns passes, o SR. FILTON viu um botão de rosa no copo; esse botão entreabriu-se em pouco tempo até o meio, e Yolande tomou-o e o entregou ao experimentador. Segundos decorridos e a flor tinha desabrochado.

2º — Para a reprodução de uma planta inteira, o operador misterioso pediu uma caixa com terra fresca e “UMA PLANTA VIVA E SÁ QUE SERVIRIA DE MÉDIUM”²², o

²² Parece estranho que uma planta sirva de médium. Acreditamos que tenha sido o que se chama “força de expressão”. Na realidade, houve uma transfusão de vitalidade da “PLANTA MÉDIUM” para a planta

que foi fornecido por um dos assistentes. Na sessão de 20 de abril de 1880, a caixa que continha a terra foi depositada no centro da sala, e a “PLANTA MÉDIUM”, um pé de jacinto, perto da caixa. YOLANDE regou a terra com a água que lhes deram, depois cobriu a caixa com um pano e retirou-se para o gabinete. Vinte minutos passados o pano começou a levantar-se e aumentar gradualmente em altura e largura. Então YOLANDE retirou o pano e viu-se na caixa um grande e belo PELARGONIUM, em toda a sua frescura, da altura de 25 polegadas, com folhas da largura de 1 a 5 polegadas. Ele foi transplantado para um jarro e continuou a viver, enquanto a “PLANTA MÉDIUM” não tardou em definhar.

Três meses depois (junho de 1880), realizava-se idêntica sessão, quando materializou-se um belo morangueiro com frutos em diversos graus de maturação. A planta que serviu desta vez de “MÉDIUM” era um “GERANIUM”.

3º — A produção de uma planta em uma garrafa, na sessão de 04 de agosto de 1880. O caso é descrito no “HERALD OF PROGRESS”, Jornal de Newcastle Upon Time.

Saindo do gabinete, YOLANDE pediu, por meio de

materializada, que ao ser “transplantada para um jarro, continuou a viver, enquanto a “*PLANTA MÉDIUM NÃO TARDOU EM DEFINHAR*” (grifos nossos).

Em nossa opinião, correto seria chamar a planta que feneceu de “*PLANTA DOADORA*” ou qualquer outra denominação adequada.

sinais, que lhe dessem uma garrafa, água e areia (o que acabava de ser obtido antes da sessão); em seguida, agachando-se no soalho, perante todas as pessoas, chamou o SR. REIMERS, que, conforme as suas instruções, deitou na garrafa um pouco d'água e de areia. YOLANDE depositou a garrafa no centro da sala, ministrou alguns passes, cobriu-a com um pano pequeno e leve e dirigiu-se para o lado do gabinete, a uma distância de cerca de meio metro da garrafa. Naquele momento, os assistentes viram que algo se levantava debaixo do pano e ampliava-se em todas as direções, atingindo uma altura de 50 centímetros. Quando YOLANDE se aproximou e retirou o pano, verificou-se que se tinha desenvolvido na garrafa, uma planta, com raízes, hastes e folhas verdes. Pouco tempo depois, para aumentar a admiração dos pesquisadores, surgiu, entre a folhagem, uma flor de cor vermelho-dourada ou alaranjada.

Esses fenômenos, sobretudo extraordinários, foram fotografados, constituindo-se um dos mais críveis capítulos dos anais das pesquisas espíritas, inscrevendo-se, indelevelmente, em suas memórias. E a aristocrática médium D'ESPERANCE, sem alardes, contribuiu, por amor à Verdade, com os planos da espiritualidade Superior em sua prístina missão de levar o homem à reflexão sobre a monumental odisséia da Vida em suas múltiplas e complexas dimensões!

A CONCLUSÃO PÓSTUMA DE UM ROMANCE

Em 1872, divulgou-se nos Estados Unidos da América a notícia de que um jovem mecânico, chamado JAMES, tivera terminado, medianamente, um romance que CHARLES DICKENS²³ ao morrer deixara inconcluso: “THE MYSTERY OF EDWIN DROOD”. O fato despertou a atenção dos editores do jornal “SPRINGFIELD DAILY UNION” que enviou um de seus redatores a Brattleborough (Vermont) onde residia o mecânico para informar-se sobre os detalhes de tão estranho acontecimento literário.

O relato do enviado especial do “SPRINGFIELD DAILY UNION” foi divulgado na edição de 26 de julho de 1873, sendo reproduzido pelo “SPIRITUALIST”.

O médium nasceu em Boston. Com a idade de 14 anos começou a aprender o ofício de mecânico; sua instrução escolar terminou aos 13 anos. Ainda que se possa afirmar de que *se* tratava de uma pessoa carente de inteligência e iletrada, não manifestava predileção nenhuma por literatura.

A mediunidade de JAMES se desenvolveu fazendo parte de sessões espíritas com os amigos. Era completamente incrédulo, até que um dia, assistindo às experiências caiu em transe, tomou um lápis e escreveu uma comunicação firmada com o nome de uma criança, filha de uma das

²³ Algumas palavras sobre CHARLES JOHN HUFFAN DICKENS (17 de Fevereiro de 1812 - 09 de junho de 1870, sendo sepultado, o seu corpo, na saída dos poetas da Abadia de Westminster, em Londres). Escreveu várias obras, entre as quais algumas geniais como “DAVID COPPERFIELD” (1849-50), “AS AVENTURAS DO SR PICKWICK” (1837), “CONTOS DE NATAL” (1834-44). Em 1869 inicia “O MISTÉRIO DE ERWIN DROOD” A Inglaterra chorou a sua morte, ocorrida repentinamente, em 1870. Aos 9 de junho de 1870 a casa onde morou DICKENS foi transformada em Museu entregue ao público.

pessoas presentes, de quem ignorava a existência. No fim do mês de outubro de 1872, DICKENS informou a JAMES que o escolheu para concluir a sua obra.

Nessa comunicação dizia que durante longo tempo havia buscado concretizar o seu objetivo, finalmente alcançado. Era seu desejo, acrescentou, que o primeiro ditado se efetivaria na noite de Natal, data pela qual sentia particular predileção, e pediu ao médium que consagrasse à tarefa todo o tempo de que pudesse dispor, sem prejuízo de suas ocupações habituais. Logo se fez evidente que era a mão do mestre que escrevia (ESCRITA AUTOMÁTICA). JAMES aceitou de bom grado tão estranha situação. Esse trabalho, realizado até julho de 1873, reuniu duzentas páginas manuscritas.

Qual o valor literário dessa obra? Ela representaria a continuação das qualidades especiais do grande escritor inglês?

Eis a visão do correspondente do “SPRINGFIELD DAILY UNION” sobre o final do romance “THE MYSTERY OF EDWIN”:

“Achamo-nos em presença de todo um grupo de personagens, cada uma com suas próprias características, e o rol dessas personagens se mantém coerentemente até o fim, tarefa que constitui um trabalho considerável para quem, em sua vida, jamais escreveu três páginas sobre qualquer tema. O relato começa no lugar exato onde fora interrompido, quando da morte de DICKENS. A concordância é tão perfeita que a crítica mais severa não

pôde distinguir onde se interrompeu ou seja — em que passagem o autor cessou de escrever o romance.

É evidente que se os fatos referidos correspondem à realidade, o caso não pode ser explicado pelas hipóteses favoritas dos incrédulos. Nem a SUBCONSCIENCIA, nem a MEMÓRIA CRIPTOMNÉSIA são capazes de dar ao jovem mecânico o estilo de Dickens, nem seus conhecimentos, nem sua ortografia, nem sua genialidade. É o caso, pois, de se aceitar ou não o fenômeno, sem tentar, por tendenciosos artifícios, explicar a sua gênese. Porque, na verdade, criam-se rótulos que impressionam, para titular as complexas manifestações dos Espíritos. A nível religioso, as atitudes são eminentemente contraditórias. Fala-se da ALMA no contexto das doutrinas consideradas, espiritualistas; entretanto, os fenômenos espíritas têm para esses “espiritualistas” (enunciam tais idéias pelos veículos de divulgação), a sua gênese n’algum ponto do cérebro, de preferência no subconsciente, que não se sabe como opera e exatamente onde fica na massa encefálica. Ora, se o cérebro é responsável por tudo, além dos fenômenos espíritas, qual o papel da alma nesse processo, ela que foi criada com o corpo? Este, pela evolução, tem uma história, e a alma, é a “TABULA RASA” que continuará “TABULA RASA”, anulada, completamente, pelo cérebro...

MECANISMOS DA TELEPATIA

“Tolos não são os que sustentam o que viram, mas os que negam o que não viram”.

José Herculano Pires

RETROSPECTO HISTÓRICO

A TELEPATIA é conhecida desde remotíssimas eras, a partir do

momento em que o homem iniciou a sua sacrificial vida de relação em um mundo inteiramente inóspito. Estabeleceu-se um natural processo de comunicação mental entre os seres encarnados e destes com os desencarnados, objetivando-se a consolidação dos mecanismos ligados à ORGANOGENESE TERRENA. Milênios decorridos, e encontramos, na Grécia (berço de sofisticada cultura), a mais antiga teoria sobre a TELEPATIA, de autoria de DEMÓCRITO (460-370 a.c.), discípulo de LEUCIPO. Em sua visão mecanicista, a ALMA HUMANA, apesar de ser considerada o PRINCÍPIO VITAL, não passava de um composto de átomos. As suas idéias sobre a TELEPATIA andavam por esse terreno escorregadio...

AS GRANDES PESQUISAS

Os mais recentes estudos sobre a TELEPATIA, apareceram ligados fundamentalmente ao MESMERISMO ou HIPNOTISMO. Observou-se que, em TRANSE HIPNÓTICO, ocorriam certos efeitos atribuídos à transferência de pensamentos do hipnotizador aos indivíduos hipnotizados. Várias experiências foram realizadas nesse sentido, destacando-se, inicialmente, as que levou a efeito o físico francês E. AZAM.

Outros eminentes pesquisadores se voltaram para os intrigantes mecanismos da TELEPATIA, a exemplo de PIERRE JANET, da Sorbone, que se notabilizou pelo estudo do SUBCONSCIENTE, que resultou no lançamento, em Paris, da polêmica obra “L’AUTOMATISME PSYCOLOGIQUE”, 1889. Seguiria as pegadas do Professor JANET, o Professor GRASSET, que, por sua vez, publica as

suas hipóteses do “POLÍGONO CEREBRAL”, que, de certa forma, se identificam com as postulações de WUNDT e CHARCOT. Entretanto, o Prof. JANET manteve-se um tanto e quanto reservado no que diz respeito aos resultados que obteve com as experiências sobre a TELEPATIA, com receio das críticas que poderia sofrer da comunidade científica da época.

O Professor EDMUND GURNEY (1847-1888), um dos fundadores da “SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH” (1882), companheiro de pesquisas psíquicas do professor FREDERIC MYERS (1845-1901), autor do clássico “LA PERSONNALITÉ HUMAINE, SA SURVIVANCE ET DES MANIFESTATIONS SUPRANORMALES”, investiu nas manifestações supra normais chegando a dar à luz o livro “PHANTASMAS OF THE LIVING”, em dois volumes.

O casal HENRY e ELEANOR SIDGWICK, ambos, sucessivamente, presidentes da “SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH”, de Londres, não fizeram segredo de suas pesquisas em torno da TELEPATIA, o que suscitou significativa repercussão em virtude da autoridade científica desses eméritos professores de Cambridge.

Deve-se, porém, ao professor CHARLES RICHEL (prêmio Nobel de Medicina - 1913), o emprego do “CÁLCULO DAS PROBABILIDADES”, que daria grande impulso ao processo telepático.

CHARLES RICHEL, após acuradas observações, concluiu que não seria necessária a hipnose para que ocorresse a transferência do pensamento. Assim, a HIPNOSE e a TELEPATIA não eram necessariamente correlatas. A TELEPATIA se realiza como processo

independente da hipnose.

Embora a TELEPATIA constituísse objeto de sérias preocupações dos mais ilustres cientistas dos finais do século XIX, as sociedades científicas de então rejeitaram, as conclusões a que chegaram os sábios pesquisadores sobre o momentoso assunto. Inclui-se entre as mais doutas agremiações, a “ASSOCIAÇÃO BRITÂNICA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA”, que, entre outras medidas, renegou, com certo desprezo (1876), os frutos de criteriosos estudos sobre a TELEPATIA obtidos por “SIR” WILLIAM BARRETT, da Universidade de Dublin (Irlanda), onde lecionou de 1873 a 1910.

Afirma JOSEPH BANKS RHINE, em seu trabalho “THE REACH OF THE MIND”, que “a psicologia profissional não tomou parte nessas pesquisas pioneiras nem mesmo dispensou atenção na segunda metade do século dezenove. Nessa época, raramente se reconhecia a psicologia como ciência, sendo a sua posição extremamente precária”.

Todavia, houve um psicólogo, do mais puro quilate, que se voltou, com notável ênfase, para a análise do problema — WILLIAM JAMES (1842-1910), da Universidade de Harvard, que, em 1884, integraria o rol dos fundadores da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas.

Investigou, com idêntica disposição, os fenômenos mediúnicos provocadas, pelos Espíritos, através da SRA. LEONORE PIPER, daí decorrendo a elaboração de substancial relatório que foi lido e

comentado, por seu famoso irmão, HENRY JAMES, na memorável sessão de 31 de outubro de 1890, da “Sociedade para Pesquisas Psíquicas”, de Londres.

O ano de 1898, registra, historicamente, a conferência que WILLIAM JAMES realizou na conspícua Universidade de Harvard, quando contesta a concepção segundo a qual supunha-se estar a mente do homem localizada no cérebro. Mais tarde, escreveria em seu “VARIETIES OF RELIGIOUS EXPERIENCE”:

“O MUNDO VISÍVEL É PARTE DE UM UNIVERSO ESPIRITUAL, DO QUAL ELE EXTRAÍ SUA SIGNIFICAÇÃO PRINCIPAL. ESTA UNIÃO OU RELAÇÃO HARMONIOSA COM O UNIVERSO SUPERIOR” — CONCLUI — “É A NOSSA VERDADEIRA FINALIDADE”.

“Meio século depois de sua morte” — acrescenta MARTIN EBON — “a coragem e o impacto de WILLIAM JAMES foram apreciados por um eminente psicólogo, GARDNER MURPHY. O DR. MURPHY em WILLIAM JAMES ON PSYCHICAL RESEARCH” (Nova York, 1960), declarou:

“Não foi apenas a pesquisa que JAMES realizou e nem as opiniões que ele expressou que lhe deram o lugar permanente que ocupa na PESQUISA PSÍQUICA. Isso se deve, em larga medida, à coragem e energia com que ele

sublinhou a importância dessas investigações; sua veemente insistência de que a TELEPATIA EXISTE! Sua exigência de que os instrumentos desse tipo de pesquisa, os médiuns espiritualistas, fossem honrados e estudados sem preconceitos”.

WILLIAM JAMES iria exercer notória influência sobre o psicólogo inglês WILLIAM MCDOUGALL (1871-1938), professor da Universidade Oxford, que fundaria, mais tarde, um Laboratório de Parapsicologia de Duke, em Durham, Carolina do Norte.

Flagrantemente contrário à concepção puramente mecanicista da mente e da personalidade, MCDOUGALL desenvolveu cuidadosas pesquisas em torno dos FENOMENOS considerados INEXPLICÁVEIS, o que lhe valeu sérios contratempos com a ortodoxia acadêmica de Oxford.

Da tradicional Universidade Britânica, MCDOUGALL transferiu-se para Harvard (1920), ocupando a cadeira que pertencera a WILLIAM JAMES. Conforme J.W. EVANS (um dos mais importantes biólogos de WILLIAM MCDOUGALL), o já consagrado autor de “PSYCHOLOGY; THE STUDY OF BEHAVIOR” (1912), e “SOCIAL PSYCHOLOGY” (1908), conduziu-se em Harvard da mesma forma que se conduziria em Oxford, sendo alvo, então, de críticas e zombarias, resultando muitos incidentes. O ponto nevrálgico de toda a questão era o interesse de MCDOUGALL pela PESQUISA SUPRANORMAL.

“Enquanto estive em Harvard” — escreve M. EBON —

MCDOUGALL combinou aulas sobre história e o desenvolvimento da PSICOLOGIA, com experimentos destinados a apoiar seus conceitos não-mecanísticos”.

AS PESQUISAS NA UNIVERSIDADE DE DUKE: MACDOUGALL E O CASAL RHINE

Em 1927, MCDOUGALL ingressa na Universidade de Duke para dirigir o Departamento de Psicologia. Neste mesmo ano convida o DR. J. B. RHINE e sua esposa, DRA. LOUISA E. RHINE, para organizarem o Laboratório de Parapsicologia.

Em 1934, o DR. J.B. RHINE publica o trabalho “EXTRA SENSORY PERCEPTION”, resultante das pesquisas levadas a efeito em Duke, sob a supervisão de WILLIAM MCDOUGALL, o pai das modernas pesquisas universitárias sobre “AS MANIFESTAÇÕES DE ORIGEM MISTERIOSA”...

FREUD E A TELEPATIA

Ao lado de WILLIAM MCDOUGALL, surge a figura do discutidíssimo SIGMUND FREUD (1856-1939), que escreveria a ERNEST-JONES — “Estou disposto a desistir da minha oposição a existência da transferência de pensamento”, afirmando que daria o apoio da PSICANÁLISE à questão da TELEPATIA.

Conta M. EBON que FREUD lera, na Ata da “SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH”, um relatório sobre EXPERIMENTOS TELEPÁTICOS com GILBERT MURRAY (1866-1957), professor catedrático de grego na Universidade de Oxford.

“A impressão causada por este relatório foi tão forte, que estava disposto a endossar, publicamente, a telepatia”. Entretanto, FREUD foi convencido, pelo próprio ERNEST JONES, a não manifestar-se favorável à TELEPATIA, sob pena de comprometer o prestígio da PSICANÁLISE.

Afirma, ainda, M. EBON:

“Durante a maior parte de sua vida SIGMUND FREUD oscilou entre a aprovação e a rejeição dos FENÔMENOS PSÍQUICOS”.

Ainda assim, cuidaria do momentoso assunto em “THE PSYCHOPATHOLOGY OF EVERYDAY LIFE”, publicado em 1904. Mais tarde, prepara um ensaio sob o título: “PSICANÁLISE E TELEPATIA”, que seria lido no Congresso Internacional Psicanalista de 1922. Mais uma vez, ERNEST JONES interfere e o convence a desistir do intento. FREUD, atendendo às argumentações de JONES, apresentou ao Congresso um outro ensaio, “não comprometedor”, intitulado — “SONHOS E TELEPATIA”. O ensaio original, contudo, foi publicado em 1941, dois anos após a morte de SIGMUND FREUD. Escreveu FREUD neste ensaio que “a PSICANÁLISE pode fazer alguma coisa para avançar o estudo da TELEPATIA, a tal ponto que, com o auxílio de suas interpretações, muitas das intrigantes características dos FENÔMENOS TELEPÁTICOS, podem tomar-se mais inteligentes para nós”.

Na obra “NOVAS PRELEÇÕES INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE”, FREUD resumiu vários casos nos quais os pacientes relataram suas EXPERIÊNCIAS TELEPÁTICAS.

“As EXPERIÊNCIAS TELEPÁTICAS com FERENCY e com sua filha ANNA, foram realmente convincentes, a ponto de o PAI DA PSICANÁLISE afirmar:

“Uma vez mais me encontrei diante de um caso no qual, em escala embora mais reduzida, tinha que repetir a grande experiência de minha vida: proclamar uma convicção sem levar em conta a ressonância que isso poderia provocar no mundo exterior... a minha conversão à TELEPATIA é assunto pessoal meu”...

Na verdade, Freud assumia, sempre, uma visão desapaixonada face às EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS dos outros; entretanto, fora profundamente abalado por aquelas que, de perto, lhe diziam respeito conquanto tentasse minimizá-las.

Conclui, então, M. EBON:

“Não é uma simplificação exagerada dizer que todas essas coisas deixaram FREUD confuso. Certa vez escreveu para ERNEST JONES (o “anjo-da-guarda da integridade psicanalítica”) dizendo que todo aquele assunto o deixava perplexo a ponto de sentir-se perturbado”.

AS DÚVIDAS CRUÉIS DE JUNG FACE AO OCULTO

Quanto a CARL G. JUNG (1873-1961), é ainda M. EBON que informa:

“JUNG usou palavras tais como ‘PARAPSICOLOGIA’, ‘OCULTO’, ‘TELEPATIA’, com absoluta freqüência. Geralmente, é necessário destilar o significado exato, analisando o contexto no qual uma dessas palavras aparece. Isto é particularmente verdadeiro nos registros de suas próprias experiências mediúnicas”.

Após o rompimento com FREUD, JUNG foi acometido por uma série de fenômenos, a que ele rotulou de “IMAGLNAÇÃO ATIVA”: ALUCINAÇÕES VISUAIS E AUDITIVAS, APARÇÕES. ESCRITA AUTOMÁTICA E VIAGENS CLARTVIDENTES. JUNG enfrentou esses fenômenos com um misto de surpresa e curiosidade.

Em determinado momento de sua vida (1916), passa a sentir um quê de profunda inquietação que ele não sabe definir. De repente, percebe, segundo ele, que os mortos desejam alguma coisa indecifrável. A medida em que sua ansiedade crescia, “a casa inteira parecia que estava apinhada de Espíritos” Disse, então:

“Havia uma atmosfera sinistra envolvendo-me completamente. Eu tinha a estranha sensação de que o ar estava cheio de entidades fantasmais. Então, foi como se minha casa começasse a ser assombrada. Minha filha mais velha viu uma figura branca atravessando a sala de jantar”...

A dissertação do autor de “SEPTEM SERMONES AD MORTUS” (SETE SERMÕES PARA OS MORTOS) é longa e cheia de lances que denunciam, realmente, a presença rios Espíritos no dia-a-dia da FAMÍLIA JUNG. Aliás, o livro supracitado fora escrito, conforme o grande psicólogo suíço, para atender às “insistentes e angustiantes exigências que os mortos lhe fizeram”.

Os SETE SERMÕES DE JUNG é, ao que parece, um trabalho de ESCRITA AUTOMÁTICA, pelo que se desprende de suas próprias observações a respeito: “Isso começou a jorrar de mim, e, no transcorrer de três noites, a coisa estava escrita”.

E acrescentou:

“Daquele momento em diante, os mortos se tornaram ainda mais definidos para mim”.

Todavia, houve quem indagasse:

— “QUEM ERAM ESSES MORTOS?”

A resposta não deixou a menor dúvida quanto à possibilidade de eles serem “ELEMENTOS AUTÔNOMOS DO INCONSCIENTE”. *Saía-se, assim, cio impasse, admitindo-se uma origem meramente cerebrina para intrigantes fenômenos.*

Adiante, vamos encontrar JUNG participando com BLEURER das sessões organizadas pelo BARAO ALBERT VON SCHRENCK-NOTZING, em Munich, com o austríaco RUDI SCHNEIDER, médium de comprovada idoneidade moral. As manifestações dos Espíritos foram

tão evidentes que obrigaram a JUNG admitir (embora de modo restrito) como insuficientes as explicações puramente psicológicas do oculto. Em seus comentários públicos, porém, assumia outra postura, a que M. EBON chamou de “PERIFRÁSTICA”. Mas, a despeito de suas qualidades esquivas e da falta de conclusões definitivas, JUNG realmente tentou chegar a uma síntese científico-filosófica de suas descobertas, especialmente do oculto.

“Afinal” — revela M. EBON — “a maior parte do trabalho de JUNG é uma sinfonia inacabada”. E conclui, enfático: “Que ninguém recorra a JUNG em busca de certeza, muito menos no que diz respeito ao OCULTO”.

De fato. Em “MEMOIRIES, DREAMS, REFLECTIONS”, JUNG revela os seus conflitos, as suas ansiedades, o seu desespero, a sua iluminação, as dúvidas sobre si mesmo e o perigo do espiritual. Diria, então:

“Estou atônito, desapontado e contente comigo mesmo, estou perturbado, deprimido, entusiasmado. Sou todas essas coisas ao mesmo tempo. Sou incapaz de determinar o que é de suprema importância e o que não tem importância nenhuma; eu não tenho opinião sobre mim mesmo e sobre minha vida. Não existe nada sobre que eu tenha absoluta certeza”.

Faltou ao grande psicanalista um macio e relaxante divã...

OUTROS PESQUISADORES

Outros psicólogos, como A. LEHMANN e F. C. HANSEN, teceram as mais acerbas críticas aos experimentos da “SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH”. Aliás, o psicólogo que se atrevesse a posicionar-se favorável à telepatia, teria que enfrentar a imediata rejeição de parte da comunidade científica da época. O DR. JOHN E. COOVER, por exemplo, da Universidade de Stanford, conquanto houvesse conseguido (1915) expressivas provas da TELEPATIA, trabalhando com alguns de seus alunos, recusou-se a divulgar as próprias descobertas, com receio de represálias. Ainda assim, várias experiências se sucederam, ao longo dos anos, sobressaindo-se as que foram realizadas por RENÉ WARCOLLIER, CARL BRUCK, RUDOLF TRISCHNER e pelo escritor norte-americano UPTON SINCLAIR.

O “RÁDIO MENTAL” DE UPTON SINCLAIR

Entre 1920 e 1929, UPTON SINCLAIR realizou uma série de experiências telepáticas, que resultaram na feitura do livro sob o título: “RADIO MENTAL”. O trabalho do escritor norte-americano causou profunda repercussão nos meios científicos, a ponto de ALBERT EINSTEIN recomendar “urgente prosseguimento de testes científicos neste sentido”.

Experimentos semelhantes aos de UPTON SINCLAIR, foram levados a efeito de 1925 a 1926, no “INSTITUT METAPSYCHIQUE”, de Paris, servindo de “AGENTE” PASCAL FORTHUNY, sob a orientação do pesquisador

DR. EUGENE OSTY.

Recentemente, o neurólogo russo VLADIMIR BECHTE-REV desenvolveu interessantes pesquisas sobre TELEPATIA e VIDENCIA: colocou pessoas em câmaras com grossas paredes de chumbo ou em “CESTO DE FARADAY” que isolam qualquer tipo de ondas ou influxos. Mesmo assim, ocorreram a TELEPATIA e a VIDÊNCIA

O mesmo pesquisador também levou a cabo surpreendentes experiências com animais, dando ordens telepáticas a cães. Eis um de seus relatos: “A tarefa que só eu conhecia era de que o cão deveria pegar um lenço que estava na mão direita do DR. S., que se encontrava um pouco escondido. Como era comum, a sugestão não levou mais de meio minuto. Em seguida o cão correu até a mão do DR. S. e lhe arrancou o lenço da mão”.

“Naturalmente — afirma JOE J. HEYDECKER — “muitos cétricos e críticos levantam suas vozes a fim de explicar a TELEPATIA. Com isto, tornou-se famoso o psicólogo RICHARD BAERVVALD. Ele, por exemplo, pressupôs que a transmissão de pensamentos poderia ocorrer quando uma pessoa ‘sussurre despercebida mente’, enquanto a outra com uma ‘audição ultra-sensível’ capta subconscientemente o que foi dito”(!)

Tais absurdos são acatados por grande parte da comunidade científica,

numa atitude apriorística, flagrantemente anti-científica.

A questão se encontra, nestes finais de século (1992), em aberto, desafiando os pesquisadores sérios e idôneos que tiverem a coragem de enfrentar a ortodoxia e o misoneísmo que se instalaram nos recessos das agremiações científicas!

OS ENIGMAS DA PARAGNOSE

CONCEITO

A DRA. ADELAIDE PETTERS LESSA, no capítulo 1 de seu livro “PARAGNOSE DO FUTURO — A PREDIÇÃO PARAPSICOLÓGICA DOCUMENTADA” — Ibrasa, afirma que “Paragno-se do futuro é a que traz, de um tempo que há de vir, próximo ou longínquo, um conhecimento que não poderia ter sido obtido por vias sensoriais nem discursivas”.

PARAGNOSE é um termo grego, composto de PARA (além de) e GNOSIS (conhecimento), sugerido em 1932, pelo parapsicólogo holandês DR. WILLEYV H. TENHAEFF, fundador e diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, Holanda. O termo, para o autor de “TELEPATIA E CLARIVIDÊNCIA”, significa: “CONHECIMENTO ALÉM DOS LIMITES SENSORIAIS, DEDUTIVOS E INDUTIVOS”.

Designa-se a “PARAGNOSE DO FUTURO” por vários termos e expressões sinônimas: PRECOGNIÇÃO, PREGNOSE, PREMONIÇÃO E PROFECIA. Essas denominações podem ser simplificadas, utilizando-se os seguintes vocábulos: ANTEVISÃO, PRENÚNCIO,

PRESSENTIMENTO, PREVISÃO, VATICÍNIO etc.

OPINIÕES DE FREDERIC MYERS E CHARLES RICHEL

FREDERIC MYERS, professor de grego na Universidade de Cambridge (Inglaterra), fundador, em 1882, da “Sociedade para Pesquisas Psíquicas” de Londres, e autor de “A PERSONALIDADE HUMANA E SUA SOBREVIVÊNCIA APÓS A MORTE”, obra publicada postumamente em 1903, criou a expressão

PROMNÉSIA, significando “MEMÓRIA ANTECIPADA”. F. MYERS admitiu a precognição como um fenômeno subliminar à consciência, ao tempo em que CHARLES RICHEL (Prêmio Nobel de Medicina de 1913) rotulou-se de “CRIPTESTESIA PREMONITÓRIA”, classificada, posteriormente, pela Parapsicologia como “FENÔMENO PSIGAMA”.

No “TRATADO DE META PSÍQUICA” (1922), CHARLES RICHEL estabeleceu vários critérios de identificação da PREGNOSE AUTÊNTICA:

“Ela é inesperada. Não é buscada por nenhuma forma de relaxação, hipnose, auto-sugestão, sonambulismo, drogas, experimentos voluntários ou meditação. É imprevisível para o próprio agente.

“Não se refere à doença ou morte natural do agente ou de conhecidos seus, particularmente de pessoas em idade avançada, a ocorrer dentro de meses, semanas ou dias.

“A verdadeira precognição refere-se a acontecimentos surpreendentes, triviais ou trágicos, que nenhuma influência, astúcia ou sagacidade permitiria prever.

“Seus detalhes exatos e objetivos, como datas, nomes, lugares etc, definitivamente eliminam o acaso, ou diminuem a probabilidade de sua ocorrência.

“Um registro por escrito, com data, de preferência corroborado por testemunhas idôneas, ou um relato oral a uma ou a várias pessoas, antes dos fatos confirmatórios, garante a autenticidade da precognição. Documentos e testemunhas verazes são peças importantes no reconhecimento do fenômeno extrasensorial espontâneo”.

E conclui:

“PRECOGNIÇÕES confirmadas são extremamente raras, esporádicas e excepcionais”.

Agindo com extremo rigor, CHARLES RICHET ao relacionar cimos autênticos de PREGNOSE, excluiu as ALTERAÇÕES MNÊMICAS DO TIPO “DÉJÀ VÚ”, assim como o conhecimento antecipado do futuro conseguido mediante técnicas divinatórias. Também não admitiu as pregnoses ocorridas em transe; as obtidas através de estados de meditação e as experimentalmente provocadas.

AS CONCLUSÕES DE EUGÈNE OSTY

O DR. EUGENE OSTY, Diretor do Instituto Metapsíquico de Paris,

firmou valiosíssimo testemunho sobre a pregnose, nos seguintes termos:

“Doze anos de experiências pessoais com grande número de SUJEITOS METAGNÔMICOS (METAGNOMIA) — termo proposto por ÉMILE BOIRAC) deram-me a certeza absoluta de que existem seres humanos capazes de pré-conhecer o devir dos homens”. O DR. OSTY chegou a admitir a precognição como “um fenômeno de conseqüências biológicas e filosóficas, e que não existem outros cuja importância lhe seja comparável.

AS EXPERIÊNCIAS DE J. B. RHINE

Por volta de 1933, o DR. JOSEPH BANKS RHINE, graduado em Biologia, convidado pelo DR. WILLIAM MCDUGALL (ex-presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres) para integrar o Departamento de Psicologia da Universidade de Duke. Estados Unidos da América do Norte (1927), desenvolveu intensas pesquisas nos campos complexos da TELEPATIA, da CLARIVIDENCLIA, da PSICOSINESIA e da PRECOGNIÇÃO, definindo-a como a apreensão de um acontecimento futuro por meios não sensoriais e não-rationais. Julga RHINE que a percepção extra-sensorial prova a existência, na personalidade humana, de elementos espirituais com vida própria e conseqüentemente com independência da matéria. Essa independência implica imortalidade!

Outros eminentes pesquisadores chegaram a idênticas conclusões, em que se destaca a figura de WHATELY CARINGTON (que realizou surpreendentes experiências de TELEPATIA), que admitiu e defendeu a

sobrevivência da alma após a morte. O Professor HARRY PRICE não é de outra opinião, chegando a sustentar que a alma desencarnada influi em outras mentes e até mesmo no mundo material.

OS ESTUDOS PIONEIROS DE ALLAN KARDEC

Em “A GÊNESE”, livro integrante da CODIFICAÇÃO ESPÍRITA, ALLAN KARDEC trata, em capítulo específico, da PRESCIÊNCIA, também conhecida por METAGNOMIA PROFÉTICA, PRÉ-CONHECIMENTO, PREMONIÇÃO²⁴, PREVISÃO, PROFECIA, PRESENTIMENTOS, PREESTESIA.

Eis as considerações do CODIFICADOR sobre o momentoso assunto:

“Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem ainda menos, a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenômeno, para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o ESPIRITISMO, já de si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá,

²⁴ Admite-se que a grafia correta seja PREMUNICÃO, uma vez que o vocábulo deriva de PREMUNIR.

mostrando-nos, ao demais, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das LEIS NATURAIS”.

A fim de ilustrar as suas idéias KARDEC oferece o seguinte exemplo:

“Tomemos, para comparação, um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

“Suponhamos um homem colocado num cume de uma alta montanha, a observar a vasta extensão da planície em derredor. Nessa situação, o espaço de uma légua pouca coisa será para ele, que poderá facilmente apanhar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno de um extremo a outro da estrada que lhe esteja diante dos olhos. O viajor que pela primeira vez percorra essa estrada, sabe que caminhando, chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples previsão da conseqüência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d’agua que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitam para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-se pelo tempo que gasta em perlustrar o caminho. Tirai-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha

com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: ‘Em tal momento, encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido’. Estará predizendo o futuro mas, futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois que, para ele, esse futuro é presente”.

Em seguida, ALLAN KARDEC elucidada:

“Os Espíritos são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas, a extensão e penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual... Nos Espíritos inferiores, porém, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem afastar-se do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes veda as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo”.

E acrescenta:

“A teoria da PRESCIÊNCIA talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fundamental”.

Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, seja no estado de êxtase, seja no de sonambulismo, vêem os acontecimentos como que desenhados num quadro. Admite

KARDEC, a propósito, que “não raro acontece que aquele pensamento não passa de um projeto, que se não concretiza na realidade, decorrendo daí os freqüentes erros de fato e de data nas previsões”.

Em conclusão:

“A forma geralmente empregada nas predições faz delas verdadeiros enigmas, as mais das vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, de que NOSTRADAMUS nos oferece o tipo mais completo, lhes dá certo prestígio perante o vulgo, que tanto mais valor lhes atribui, quanto mais incompreensíveis se mostrem... Hoje as circunstâncias são outras; o POSITIVISMO do século dar-se-ia mal com a linguagem sibilina. Daí vem que presentemente as predições já não se revestem dessas formas singulares; nada têm de místicas as que os Espíritos fazem; eles usam a linguagem de toda gente, como o teriam feito quando vivos na Terra, porque não deixaram de pertencer à Humanidade.

“Avisam-nos das coisas futuras, pessoais ou gerais, quando necessário, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Suas previsões, pois, são antes advertências, do que predições propriamente ditas, as quais implicariam uma fatalidade absoluta.

“Essa aptidão — finaliza ALLAN KARDEC —

“decorre, muitas vezes, da retidão do juízo, no deduzir as conseqüências lógicas do presente; mas doutras vezes também resulta de uma especial clarividência inconsciente, ou de uma inspiração vinda do exterior. O que tais homens fizeram quando vivos, podem com razão mais forte e maior exatidão, fazer no estado de Espíritos livres, quando não têm a visão espiritual obscurecida pela matéria”.

O certo é que o assunto ainda se encontra francamente em aberto, à espera de investigadores espíritas que se disponham, com idealismo e amor à causa, retomar as pesquisas iniciadas por ALLAN KARDEC, há mais de um século.

PSICOMETRIA — “A ALMA DAS COISAS”

CONCEITO E RETROSPECTO HISTÓRICO

PSICOMETRIA, conhecimento do presente, do passado e da personalidade humana pela CLARIVIDÊNCIA e através de contato com objeto ligado, de alguma forma, a fatos acontecidos em épocas passadas (próximas ou remotas) ou na época presente.

O vocábulo foi criado pelo médico norte-americano DR. J. RHODES BUCHANAN, em 1849, sendo publicado, pela primeira vez, no “JOURNAL OF MAN”. Mais tarde, em 1886, o DR. BUCHANAN dava a lume a obra: “A MANUAL OF PSYCOMETRY: THE DAWN OF A NEW CIVILIZATION”.

No curso de suas pesquisas constatou que, ao colocar na frente de

alguns de seus pacientes um objeto qualquer, oriundo do passado ou do presente, ou a alguém, eles dissertavam, com espantosa fidelidade sobre a história desses objetos ou os caracteres de seu(s) possuidor(es).

Há quem admita a impropriedade do termo, aceitando-se, em seu lugar, o que fora sugerido por JOSEPH R. THINE — “PERCEPÇÃO EXTRASENSORIAL”.

O pesquisador JOÃO TEIXEIRA DE PAULA, em seu “DICIONÁRIO ESPIRITISMO, METAPSÍQUICA, PARAPSIKOLOGIA”, informa que a PSICOMETRIA é conhecida também, pelas seguintes expressões: AFIA, CRIPTESTESIA PRAGMÁTICA, LUCIDEZ INDIRETA, METAGNOMIA TÁTIL, PRAGMANCIA, PSICOGNIÇÃO, PSICOMETRIA RETROSPECTIVA, TELEFRONTISTA e TELEGNOMIA.

Entre os pioneiros da investigação da PSICOMETRIA, ressalta-se o nome do geólogo WILLIAM DANTON, que publicou o resultado de seus trabalhos em três volumes, a que deu o sugestivo título: “A ALMA DAS COISAS”.

Vejamos algumas conclusões a que chegou WILLIAM DANTON:

A própria irmã do pesquisador fez o papel de PSICOMETRA. Puseram-lhe sobre a frente cartas lacradas, e ela descrevia os autores das mesmas, até a cor dos cabelos e dos olhos.

Diante da veracidade dos fatos reveladas pela psicômetra, W.

DANTON concluiu que se a imagem da pessoa que escreve a carta pode gravar-se nela, psiquicamente, seria viável os rochedos “ASSIMILAREM” as impressões de tudo quanto os havia circundado. Assim, procedeu a experiências com fósseis, minerais, espécimes arqueológicos etc. Ele acondicionava, cuidadosa e hermeticamente os objetos, e sem saber do que se tratava, a psicômetra ia lhes desvendando a história.

A sensitiva informou que as visões psicométricas transcorriam, às vezes, lentamente, com imagens nítidas, que era possível descrevê-las com uma vista panorâmica.

ALFRED ERNY, em seu livro “O PSIQUISMO EXPERIMENTAL”, baseado nas conclusões de WILLIAM DANTON, argumenta:

A PSICOMETRIA oferece à Ciência um auxílio imenso. Há períodos inteiros no passado que ignoramos. A fauna e a flora da Terra durante o período cretáceo nos são desconhecidas. Que sabemos do começo da vida? (da biológica, é claro). É possível que não só nos fósseis devamos procurá-la, mas também em impressões que o psicômetro pode descobrir”.

“O PSICÔMETRA” — acrescenta W. DANTON —
“pode seguir o curso dos veios de um metal no interior da terra, como nós seguimos o curso de um rio à superfície”.

O próprio pesquisador, porém, indaga:

“COMO PODEREMOS SABER SE AS NARRATIVAS DOS PSICÔMETROS SÃO EXATAS?” Comparando as revelações de uns às de outros. Segue-se, então, o método criado por ALLAN KARDEC — o da CONCORDÂNCIA E GENERALIDADE.

Na verdade, o PSICÔMETRA é uma espécie de VIDENTE, ou antes: possui, em estado de vigília, as percepções que o SONÂMBULO exercita quando em transe.

A PSICOMETRIA É UMA FACULDADE DA ALMA

A PSICOMETRIA é uma FACULDADE DA ALMA, da ALMA ENCARNADA. É um típico fenômeno ANÍMICO. O PSICÔMETRA “ENXERGA” independentemente dos olhos materiais²⁵ quer o passado, o presente próximo e/ou remoto; ouve sons que o ouvido humano não consegue captar e viaja a distâncias inimagináveis sem necessidade dos meios ordinários de locomoção. É a alma que percorre essas distâncias, regidas pelas complexidades de tempo e espaço da dimensão imponderável.

MELHORES RESULTADOS NA OBSCURIDADE

Os experimentadores observaram que o PSICÔMETRA exerce, mais eficazmente a sua “VISÃO INTERNA”, na obscuridade. Assim, e na escuridão, WILLIAM DANTON colocou nas mãos de seu filho, de doze anos, um pedaço de cimento proveniente da casa de SALÚSTIO, na cidade de POMPÉIA, arrasada pelo VULCÃO VESÚVIO, a Nordeste da

²⁵ ARISTÓTELES (Estagira, Macedônia. 384 — Cális, 322 i C.), percebendo, provavelmente, esse processo n'algumas pessoas, rotulou-o de “AÇÃO INTERIOR DO SENTIDO DA VISÃO”.

Sicília. As informações que esse menino transmitiu surpreenderam a todos os que participaram da experiência, porquanto jamais lera qualquer coisa sobre Pompéia. Ele traçou um longo e substancial perfil da vida diária dos habitantes de Pompéia, integralmente confirmado por ulteriores pesquisas.

Entre os mais notáveis PSICÔMETRAS modernos, destaca-se o holandês GÉRARD CROISSET (1910-1981), cujas experiências constam do livro — “CROISSET, O CLARIVIDENTE”, de autoria de JACK HARRISON POLLACK. A sua faculdade psicométrica foi pesquisada entre 1946 a 1956, por WILHELM HENDRIK CARL TENHAEFF, do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht (Holanda), e pelo Prof. HANS BENDER.

Nessas experiências, vários objetos foram postos à frente de CROISSET. Ao invés de descrever os donos dos objetos, como seria de praxe, ele falava na primeira pessoa:

“Sou um homem muito forte”... ou: “Sou uma mulher muito alta”...

GESTONE DE BONI, investigador da PSICOMETRLA, ao participar de trabalhos realizados com GÉRARD CROISSET, emitiu o seguinte parecer:

“(...) embora habituado a viver entre leituras e estudos do gênero há 36 anos, fiquei estupefato pela seqüência irrepreensível das previsões...”

Nos Anais da “ALIANÇA ESPIRITUALISTA”, de Londres (Inglaterra) registram-se as explicações de um caso de PSICO- METRIA vivenciado pelo sensitivo inglês KENSET STYLE:

Ao PSICÔMETRA freqüentemente se deparam numerosas dificuldades. Em primeiro lugar a dificuldade proveniente de diversas “INFLUÊNCIAS” contidas no próprio objeto, que se podem dividir em “PARALELAS” e “SUPERPOSTAS”.

“PARALELAS” quando o objeto pertenceu a duas ou mais pessoas, ou quando composto de duas ou mais coisas diversas e reunidas.

Em seguida, exemplifica:

A ESPADA DE DERVIXE

“Possuo uma espada de Dervixe, que serviu na batalha de Ondurmann. Quando a tomei nas mãos e lhe toquei pela primeira vez o punho e a bainha, tive a visão de um fanático barbudo, tez bronzeada, envolvido em ampla capa, e que, à frente de uma horda de muçulmanos, concitava os seus comandados ao extermínio dos infiéis.

“Esperava encontrar algo semelhante”.

“Mas, eis que tendo desembainhado a espada e palpado a lâmina, tive uma visão bem diferente: vi o semblante de um homem que parecia haver chegado ao extremo limite do

esgotamento físico e que, revestido de antiga armadura, de origem européia, estava perdido em deserta, imensa e arenosa planície.

“Ajoelhado, tinha ele diante de si uma grande espada de punho duplo, evidentemente para substituir uma cruz, tal como se praticava na Idade Média, ao utilizar qualquer sinal simbólico para melhor se concentrar.

“A mim me parece que aquela criatura se perdera no deserto, separado dos companheiros de armas e, desesperançado já de qualquer socorro, preparava-se para morrer como cavaleiro.

O mistério da procedência da espada foi pouco depois aclarado por um amigo, que descobriu, na mesma, quase imperceptível, a marca de fabricação, na França, à época dos Túdores”.

Era uma relíquia da última Cruzada, organizada pelos nobres franceses, a maioria capturada ou exterminada pelos sarracenos.

O encurtamento da lâmina, que emprestou à espada, a aparência das comumente usadas pelos sarracenos, criou dois focos de percepção: no primeiro registrou o drama de um cavaleiro francês perdido no deserto, fadado à morte. Naquele transe, o Cruzado utilizou a sua imensa espada “para substituir uma cruz, tal como se praticava na Idade

Média”, concentrando-se em um símbolo numa atitude fervorosa. Preparava-se para morrer. No segundo, captou a figura de um fanático barbudo, tez bronzeada, envolvido em ampla capa (albornoz).

Embora o objeto houvesse sofrido fundamentais alterações, guardou os indeléveis registros de duas distintas situações, como as respectivas imagens de seus protagonistas. Esta “VISÃO PANORÂMICA” leva o PSICÔMETRA ao passado remoto, como se ele estivesse vivenciando uma aventura de ficção. Observe-se que ele apreende os mínimos detalhes da visão, como se estivesse assistindo, “IN LOCO”, todo o desenrolar dos acontecimentos.

ERNESTO BOZZANO, ao analisar o caso em questão, admite:

Em primeiro lugar é evidente que, para esclarecer o episódio do cavaleiro cruzado (concordando com a espada psicometrada), não seria possível nos afastarmos muito da hipótese que leva a considerar o ‘OBJETO CAPAZ DE CONTAR A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA’. Nestas condições, se, de um lado a análise dos fatos leva a eliminar a primeira forma desta hipótese, autorizando a crer que a ‘AURA’ do objeto seria diretamente registrada pela matéria, por outro lado ele nos obriga a substituir essa primeira forma por qualquer das duas variantes, segundo a quais OS SENSITIVOS ENTRARIAM EM RELAÇÃO COM UMA

‘AMBIÊNCIA METAETÉRICA’ (expressão cunhada por FREDERIC MYERS), ou COM O ÉTER DO UNIVERSO, QUE, DEVENDO SER DE NATUREZA ONIPRESENTE E, POR CONSEQUENTE, IMANENTE NA MATÉRIA DOS OBJETOS PSICOMETRADOS²⁶, receberia e conservaria os sistemas de vibrações correspondentes aos acontecimentos vividos pelos seus possuidores”.

PSICOMETRIA E PRECOGNIÇÃO

EDMOND DUCHÂTEL, na obra de sua autoria “A VIDA NO TEMPO E NO ESPAÇO”, relata este complexo caso de PSICOMETRIA pelo processo de PRECOGNIÇÃO:

Aos 31 de julho de 1909 apresentamos à SRA. L. FAIGNEZ um objeto que pertencera a outra senhora, cuja presença sabíamos, no momento, em

²⁶ A hipótese de FEDERIC W.H. MYERS (1834-1901), julgamos enquadrar-se nas conclusões de ALLAN KARDEC, após analisar a NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS:

“O FLUIDO CÔSMICO é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de ETERIZAÇÃO ou de IMPONDERABILIDADE, que se pode considerar como o estado normal primitivo, e o de MATERIALIZAÇÃO ou de PONDERABILIDADE, que, de certo modo, não é senão consecutivo àquele. Cada um desses dois estados necessariamente dá lugar a fenômenos espertais: ao SEGUNDO pertencem os do MUNDO VISÍVEL e no PRIMEIRO os do MUNDO INVISÍVEL. Uns, chamam FENÔMENOS MATERIAIS, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados como FENÔMENOS ESPIRITUAIS ou PSÍQUICOS, por se ligarem mais especificamente à EXISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS. Mas, como a vida espiritual e a vida corporea estão incessantemente em contato, os fenômenos destas duas ordena muitas vezes se apresentam simultaneamente.”

E acrescenta o CODIFICADOR:

“Quem conhece a constituição íntima da matéria tangível? Talvez seja ela compacta apenas no que diz respeito a nossos sentidos, e a prova está na facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos aos quais não constitui mais obstáculo que os corpos transparentes à luz... A solidificação da matéria, na realidade, não é senão um estado transitório do fluido universal, que pode retornar a seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixam de existir”.

E, finalmente:

“Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é susceptível de adquirir um tipo de eterização que lhe dê propriedades particulares? Certos fenômenos que parecem autênticos, tenderiam a fazê-lo supor. Ainda não possuímos senão os marcos do mundo invisível, e o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que não permitirão compreender o que para nós é ainda um mistério”.

Londres.

Eis um extrato dos dizeres da PSICÔMETRA:

“Esta pessoa está no interior e na região das montanhas. Neste momento prepara-se para sair (superficialmente), mas no ímo do coração não está satisfeita.

Ouçõ uma dama que lhe quereria dizer BICHETTE (é assim que a chama sempre) e pergunta-lhe por que suspira de vez em quando”.

Não foi sem desencanto que apontamos estes informes inexatos no momento da experiência, ou seja, em 31 de julho.

Contudo, eles se verificaram nos princípios de setembro, isto é, 35 dias depois.

A minúcia das descrições, inclusive o apelido familiar, permitiu identificar o quadro então descrito como atual, quando concernia ao futuro.

“Do ponto de vista PSICOMÉTRICO — observa ERNESTO BOZZANO —, dever-se-ia dizer que o objeto apresentado à sensitiva L. FAIGNEZ serviu para colocá-la em RELAÇÃO com a subconsciência da sua dona, e que, até aí, nada há que contrarie os processos normais da PSICOMETRIA.

“Entretanto, é difícilimo conceber que a SRA.

BICHETTE pudesse encerrar detalhes de um episódio insignificante, a realizar-se 35 (trinta e cinco) dias mais tarde”.

O autor de “A CRISE DA MORTE” recomenda o estudo de sua obra “OS FENÔMENOS PREMONITÓRIOS”, para quem pretende aprofundar o estudo sobre esse enigma. Na verdade, casos dessa natureza vêm criar uma série de dúvida, daquela “DÚVIDA FECUNDA OU FILOSÓFICA” de que fala o próprio BOZZANO, que convida à pesquisa, séria e desapaixonada.

RELAÇÃO ENTRE O PSICÔMETRA E O DESENCARNADO

Há casos em que se estabelece estreita interação entre o sensitivo e um desencarnado, através de objeto que a este pertenceu.

Na Revista “LIGHT” (órgão oficial da Aliança Espiritualista Inglesa, fundado em 1881, por DAWSON ROGERS e WILLIAM STAINTON MOSES), insere-se um interessante fenômeno de PSICOMETRIA por intermédio do médium ALFRED VON PETERS, de Munique, Alemanha. O relator é o General JOSEPH PETERS:

“Entreguei ao médium uma medalha que pertencera à minha falecida irmã.

Quando PETERS a colocou sobre a fronte, pensei involuntariamente na falecida e esperava que me falasse dela.

Bem ao contrário, começou por descrever minha mãe,

dizendo vê-la ao meu lado e exhibir-lhe dois retratos, dos quais fez minuciosa descrição.

Lembrei-me de que alguns anos antes tinha guardado em uma pasta duas fotografias análogas às descritas, mas não me ocorriam detalhes. Fosse porque fosse, notei que a descrição não correspondia absolutamente aos retratos de meus pais, existentes na minha sala de visitas.

Logo que regressei à casa, procurei as fotografias e verifiquei surpreso, que o médium as descrevera com perfeita exatidão.

Nitidíssima deveria ter sido a sua vidência, pois abrangera os trajés, o penteado, a posição das mãos e minúcias outras de menor relevo, tal, por exemplo, a cortina que serviu de “écran” para uma fotografia.

Mais tarde, pude compreender o motivo por que o médium não entrou em relação com o Espírito de minha irmã.

É que a medalha tinha sido feita de uns brincos que pertenceram à minha mãe, e minha irmã, que tivera a idéia de os mandar fundir e transformar em medalha, nunca usou, depois, esta jóia”.

Casos dessa natureza vêm demonstrar a veracidade do fenômeno de PSICOMETRILA. E não se poderá dizer que a sensitiva captou no

subconsciente do consulente os dados exatos referentes ao objeto em experiência: este julgava, até àquele momento, que a irmã usara, quando encarnada, a medalha submetida à PSICOMETRIA...

CRIPTOMNÉSIA

Julgamos oportuno inserir no contexto do trabalho sobre PSICOMETRIA, notícia sobre a CRIPTOMNÉSIA.

Que é CRIPTOMNÉSIA?

É um vocábulo criado por THÉODORE FLOURNOY. Faculdade supranormal de leitura, na mente dos pacientes, de fatos e idéias, conhecidos deles em outros tempos. É, então, a faculdade consistente no conhecimento oculto da CONSCIÊNCIA ou da SUBCONSCIÊNCIA dos pacientes. É a MEMÓRIA INCONSCIENTE ou a MEMÓRIA ANCESTRAL ou a MEMÓRIA SUBLIMINAR de FREDERIC MYERS.

ALAN GOULD, em seu livro “MEDIUNIDADE E SOBREVIVÊNCIA” (uma investigação com base nas pesquisas realizadas pela “Society for Psychical Research”, de Londres, Inglaterra), ao referir-se à CRIPTOMNÉSIA, afirma o seguinte:

“O apoio mais forte para a teoria da CRIPTOMNÉSIA seria dado por uma demonstração de que, num determinado caso:

a — toda a informação transmitida fosse encontrada

numa só fonte (livro, artigo, filme etc);

b — o sujeito deveria ter tido acesso a esta fonte; e

c — ele efetivamente tivera consultado essa fonte”.

É evidente que essas premissas tentam anular a fonte primordial da CRIPTOMNÉSIA: A REENCARNAÇÃO! Na realidade, as informações prestadas pelo sensitivo, em estado de transe hipnótico, deverão ser minuciosamente investigadas, descontando-se eventuais enganos de datas e lugares.

A suposição de que o sujeito tenha baseado a sua história em livros, revistas, filmes, documentário de TV’, programas de rádio etc, que leu e/ou assistiu durante um período de sua existência, não descaracteriza, de modo algum, o fenômeno da CRIPTOMNÉSIA. Os relatos são, muitas vezes, de tal maneira detalhistas que podem ser submetidos a um rigoroso exame crítico, comprovando-se, posteriormente, a sua veracidade. Há, por exemplo, um caso contado por um sensitivo em estado de regressão de memória, por hipnose, inserido na obra de J. MORE IVERSON — “LIVES THANONE?”, Londres, 1976.

Trata-se de um massacre, em 1.190 (hum mil cento e noventa), de uma família judia que se refugiara na cripta de uma igreja identificada como de Santa Maria, em Castlegate, York, Inglaterra. Na data da experiência descobrira-se que essa igreja possuía uma cripta, logo depois descoberta sob montes de terra e pedra. Não só pode argumentar que o sujeito tivera conhecimento prévio da

existência do fato e da cripta, ou que captara, telepaticamente, na “MENTE” do pesquisador ou de algum assistente...

Outro caso que mereceu a atenção dos pesquisadores saiu divulgado na obra “A SEGUNDA VIDA DE SUSAN GANIER” (THE SECOND LIFE OF SUSAN GANIER), de JESS STEAN. A jovem JOANNE MACLVER que vivia em Orillia, Ontário, no Canadá, foi submetida à regressão de memória, por hipnose, quando revelou ter vivido em St. Vincent, onde nasceu em 1835. Disse que se chamava SUSAN GANIER, casara com THOMAS MERROW, lavrador, com o qual viveu na cidade de Massie, em Ontário. THOMAS morreu em um acidente em 1863 e SUSAN viveu até 1903. Ela forneceu dados corretos sobre a região onde informou ter nascido, bem como forneceu o nome de várias pessoas que viveram, à época, em Massie, cuja existência foi posteriormente confirmada, pesquisando-se o registro público não se pode aplicar ao caso de SUSAN GANIER a hipótese da CRIPTOMNÉSIA, pela veracidade dos fatos apresentados pela personalidade vivida pela jovem JOANNE MACLVER, o que contribuiu para fortalecer, mais ainda, O PRINCÍPIO DA REENCARNAÇÃO.

Dever-se-ia proceder, em nosso tempo, ao estudo e análise da PSICOMETRIA, alargando-se, assim, o conhecimento dessa importante (e complexa) manifestação espiritual.

TRANSE — INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA E SINTONIA

DEPOIMENTO DE FAMOSOS MÉDIUNS SOBRE O TRANSE

O TRANSE (do latim transire: passar de um estado a outro, seria uma condição de SONO APARENTE ou INCONSCIÊNCIA, com marcantes características fisiológicas. A verdadeira natureza do TRANSE é desconhecida. Cada pessoa tem nua própria experiência. DANIEL DUNGLAS HOME, diante da Comissão da “Sociedade Dialética” de Londres, declarou o seguinte:

“Eu me sinto por dois ou três minutos em um estado de sonho, em que me sinto bastante tonto, perdendo, em seguida toda a consciência. Quando eu acordo, encontro meus pés e membros frios e é difícil restaurar a circulação. Tudo isso é desagradável para mim. Eu solicito dos presentes que, durante aquele momento de retorno do transe, não me relatem o que aconteceu. Eu próprio duvido do que eles me contam”.

Lorde ADARE, falando sobre o estado de D. D. HOME, disse:

“a mudança que corre nele é impressionante; torna-se como se fosse um ser de compleição maior do que é na realidade. A uma união de doçura, delicadeza e suavidade na sua voz e maneira que o torna muito atraente”.

WILLIAM EGLINTON, famoso médium inglês, falou de suas experiências nos seguintes termos:

“Parecia-me estar não muito distante da Terra. Um

sentimento de êxtase me assaltava e caía em TRANSE”.

LEONORA PIPER, médium norte-americana, de Boston, afirmou, a respeito do TRANSE:

“Sinto como se alguma coisa estivesse passando sobre meu cérebro, tornando-o entorpecido; uma sensação similar àquela quando estava eterizada, exceto pela ausência do forte cheiro do éter. Sinto um pouco de frio, como se uma brisa passasse por mim e pessoas e objetos vão se tornando menores até que desaparecem; então, eu nada mais vejo, até acordar. A primeira coisa de que tomo consciência é de uma luz muito brilhante que encegasse momentaneamente. A seguir, minhas mãos e braços começam a “FORMIGAR” como se estivessem dormentes e eu vejo, como se a grande distância, objetos e pessoas na sala; mas eles são muito pequenos e muito pretos”.

É interessante notar quando a VIDENTE DE PRÉVOST (FREDERICA HAUFFE) acordava do TRANSE que as pessoas ao seu redor lhe pareciam tão gordas e tão pesadas que ela não imaginava como elas poderiam se mover.

OS TIPOS DE TRANSES DE LEONORA PIPER

Saindo do TRANSE, LEONORA PIPER sempre pronunciava nomes e fragmentos de sentenças que parecia ter ficado como as últimas impressões no seu inconsciente. Ela reassumia a conversação no ponto em que deixava antes de cair em TRANSE. Esses TRANSES tinham três

níveis distintos:

SUBLIMINAR 1 — no qual a médium ficava parcialmente consciente do que estava ao seu redor, mas via as coisas distorcidas e grotescas;

SUBLIMINAR 2 — no qual ela era possuída por Espíritos e perdia contato com o mundo material;

SUBLIMINAR 3 — TRANSE PROFUNDO no qual a perda da consciência era completa, o corpo tornava-se anestesiado, iniciando-se escrita automática.

Descrevendo o desenvolvimento dos TRANSES, de LEONORA PIPER, SIR OLIVER LODGE escreveu em ‘THE SURVIVAL OF MAN’:

“Antigamente, entrar em TRANSE parecia um processo penoso ou, por outro lado, um processo envolvendo esforço muscular, havia acentuada contorsão da face e, algumas vezes, violento eriçamento dos cabelos; e as mesmas ações acompanhavam o retorno à consciência.

Atualmente, o TRANSE na SRA. PIPER parece nada mais do que um estado excepcional de sono pesado, em que se entrou sem esforço — um sono com aparência artificial como se fosse induzido por clorofórmio; e a volta à consciência, embora lento e acompanhado de certa confusão, é fácil e natural. Por meia hora, mais ou menos,

após ter saído do TRANSE, a médium continua ligeiramente entorpecida”.

O Professor JAMES HYSLOP observou que os lábios e a língua da SRA. PIPER ficavam sensíveis à dor enquanto ela estava em TRANSE. DR. RICHARD HODGSON (da SPR) mais tarde confirmou essa afirmativa de HYSLOP, colocando uma colher de sopa cheia de sal na boca da médium. Ele também aplicou amónia forte em suas narinas, experimentações drásticas foram tentadas. O Professor HYSLOP chegou a fazer uma pequena incisão no pulso esquerdo da SRA. PIPER. Durante o TRANSE a ferida não sangrou, e a médium não percebeu que tivera o pulso cortado. Entretanto, ela se queixou, por toda a vida da cicatriz que lhe marcou, indelevelmente, o pulso.

De outra feita, o Professor CHARLES RICHET introduziu uma pena em seu nariz.

Experimentos muito mais severos foram realizados em 1909, resultando numa terrível ferida dolorida na garganta, que causou incômodos à médium por vários dias, enquanto um outro teste provocou entorpecimento e paralização do braço direito por algum tempo.

LOMBROSO DESCREVE O TRANSE DE EUSÁPIA PALADINO

O TRANSE de EUSÁPIA PALADINO é descrito pelo Professor CESARE LOMBROSO:

“No início do TRANSE sua voz é rouca. E todas as secreções, lágrimas, suores e mesmo a secreção menstrual aumentam. HIPERSTESIA é sucedida por ANESTESIA. Os

movimentos reflexos das pupilas e tendões ficam ausentes. Os movimentos respiratórios decrescem, passando de 18 inspirações para 15-12 por minuto, os batimentos cardíacos aumentam de 70 a 90 e a 120. As mãos são tomadas por contrações e tremores. As juntas dos pés e das mãos são dominadas por movimentos de flexão e extensão e por alguns momentos se tornam rígidos. A passagem desse estágio para o de SONAMBULISMO ATIVO é marcado por bocejos, suspiros, transpiração sobre a testa, e algumas estranhas expressões fisionômicas. A seguir, a médium deixa transparecer uma espécie de irritação, através de comandos imperiosos e frases críticas e sarcásticas, para, depois, passar a um estado de êxtase erótico voluptuoso. Torna-se pálida, revira os olhos e exhibe muito dos gestos típicos de histeria. Ao final do TRANSE; quando os mais importantes fenômenos aconteceram, EUSÁPIA cai em violentas convulsões e chora como uma mulher nas dores do parto ou ainda mergulha em sono profundo, enquanto da abertura do osso parietal exala um fluido ou vapor morno sensível ao tato. Após a sessão, ela é acometida de uma sensibilidade mórbida, hiperestesia, fotofobia, e, algumas vezes sofre alucinações e delírios (durante os quais ela pede que a proteja de qualquer mal) e por sérios distúrbios digestivos seguidos por vômitos se ela tiver comido antes das experiências; finalmente, por paralisia das pernas, sendo necessário ser carregada e vestida por alguém. Esses distúrbios são agravados se exposta a uma luz inesperada.”

O TRANSE NA INCORPORAÇÃO OU “INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA”

Afirma LÉON DENIS (“NO INVISÍVEL”) que:

“Durante o TRANSE, se o Espírito do médium pouco se afasta, permanece quase sempre confundido no grupo espiritual que cerca o seu invólucro terrestre. Sua influência às vezes se faz sentir sobre o seu corpo, a que seus próprios hábitos o atraem. Sua ação se torna em tal caso um incômodo, um estorvo para os Espíritos que se comunicam”.

Quando o TRANSE, pois, é pouco profundo, o desprendimento é incompleto: as personalidades MÉDIUM/ESPÍRITO se confundem. Estabelece-se, freqüentemente, uma resistência, de parte do médium, à atuação do Espírito. Far-se-ia necessário, destarte, identificar, respectivamente, a participação de um e de outro no ATO MEDIÚNICO, o que é difícilimo.

Esclarece, ainda, LÉON DENIS que nos FENÔMENOS DE ESCRITA E DA MESA, o médium se conserva na plena posse da sua vontade, e poderia repelir as inspirações que recebe. Cita, V. G., a advertência do médium norte-americano HUDSON TUTTLE²⁷, inserida no livro “ARCANA OF SPIRITUALISM”.

²⁷ HUDSON TUTTLE: (1836-1910) Aos 18 anos de idade, 1854, psicografou seu primeiro trabalho: “ARCANOS DA NATUREZA” Era, então, lavrador praticamente analfabeto. Esta obra foi dada a lume em 1860, sendo editada na Alemanha, com o título — “HISTÓRIA E LEIS DA CRIAÇÃO”. A repercussão do livro na Alemanha foi tanta que FREDERICO BUCHNER, famoso autor de ‘FORÇA E MATÉRIA’, um dos manifestos da Escola Materialista alemã, sem se dar conta da origem espiritual da obra, dela extraiu inúmeras passagens à guisa de respaldo às suas concepções... Ao visitar os Estados Unidos, BUCHNER esteve com TUTTLE em Ohio, escrevendo, posteriormente, um artigo sobre o médium nu Revista “PSYCHISCHE STUDIEN”, de 1874, período dirigido por ALEXANDRE AKSAKOF.

“Os grupos espíritas são, às vezes, joguete de uma ilusão, enganados por suas próprias forças positivas. Afastam os ditados espíritas, substituindo-os pelo reflexo de seus pensamentos; e então observam contradições e confusões que ingenuamente atribuem a intervenção de Espíritos malévolos”.

Em seguida, o autor de “O PROBLEMA DO SER. DO DESTINO E DA DOR”, recomenda deixar que os Espíritos atuem sozinhos sobre o médium, abstendo-se da intervenção magnética humana. Esta era a atitude que o norteava em seus estudos experimentais. Raramente, os INVISÍVEIS pediam-lhe que atuasse sobre o médium por meio de passes, quando a este faltava a força psíquica.

Passamos-lhe a palavra:

“Na maioria das vezes, os FLUIDOS de um magnetizador, por seu estado vibratório particular, contrariam os dois Espíritos, em lugar de auxiliá-los... Um MAGNETIZADOR (PASSISTA), cujos fluidos não sejam puros, que não possua um caráter reto, nem irrepreensível moralidade, pode, mesmo sem o querer, influenciar o sensitivo num sentido muito desfavorável”.

Longe de nós, APRENDIZ DO ESPIRITISMO, contestar o “DRUIDA DA LORENA”; entretanto, onde achar uma pessoa, neste mundo de provas e expiações, com tais atributos, que seja espírita... e passista?

Outro ponto importante que LEON DENIS destaca é a defasagem entre as FACULDADES DO ESPÍRITO e AS DO MÉDIUM:

“O desenvolvimento dos cérebros não é idêntico, e as manifestações são por isso contrariadas. É o que nos diziam certos Espíritos, no curso de nossas experiências de INCORPORAÇÃO²⁸. Estamos acanhadamente encerrados; faltam-nos meios suficientes para exprimir os nossos pensamentos. As partículas físicas deste cérebro são muito grosseiras para poderem vibrar sob nossa ação, e as nossas comunicações se tornam por isso consideravelmente enfraquecidas”.

M. SAGE, em sua obra “MADAME PIPER ET LE SOCIÉTÉ DES RECHERCHES PSYCHIQUES”, relata:

“O Espírito ROBERT HYSLOP informa a seu filho, o Professor JAMES HYSLOP — “quando penetro na atmosfera terrestre e no organismo do médium, as coisas, se amesquinham. E conclui: “Todas as coisas se me apresentam tão nitidamente, e quando aqui venho para exprimi-las, JAMES, não o posso”.

Questiona LÉON DENIS: “O Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? Ou opera ele, antes, a distância, pela SUGESTÃO MENTAL e

²⁸ O Professor JOSÉ HERCULANO PIRES, CONSIDERA errônea a denominação de INCORPORAÇÃO. “O que se dá” — elucida — “não é uma INCORPORAÇÃO, mas uma INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA, como a luz atravessando sua vidraça” (“MEDIUNIDADE” — Edicel).

pela TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO, como o pode fazer o Espírito exteriorizado do sensitivo?

Preliminarmente, LÉON DENIS admite ambas as hipóteses são viáveis. Considera que a INCORPORAÇÃO pode ser real e completa, e algumas vezes inconsciente. E cita o exemplo que se segue:

“Certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos acerca de sua nova condição. É difícil, às vezes, fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal, e sua estupefação atinge o cômico quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na terra, são obrigados a reconhecer o seu engano, não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito”.

Quanto à teoria da SUGESTÃO MENTAL e TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO, as impressões vindas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Verificam-se, na linguagem do médium em TRANSE, expressões, construção de frases que lhe são próprias. O Espírito projeta o pensamento no cérebro do médium, onde adquire forma de linguagem habitual a este. Desse modo, a transmissão, no caso, fica adstrita às limitações intelectuais do médium, de acordo com o seu grau de instrução. Certas incoerências observadas em mensagens de origem espiritual, decorrem desse processo.

No grupo de Estudos Psíquicos de Tours, na França, LÉON DENIS realizou memoráveis sessões experimentais. Concluiu que o caráter do indivíduo permanece inalterado após a desencarnação. Entretanto, registra o caso de SOFIA, a vendedora de legumes, que, após certo tempo de doutrinação, conseguiu alcançar um grau satisfatório de evolução, “até que soou para ela, a hora a RE ENCARNAÇÃO”.

“Esses Espíritos” — acrescenta — “vivem e agem como homens. Suas opiniões, suas percepções são diferentes. As divergências são às vezes categóricas; discussões veementes e apaixonadas se travam entre eles; surgem incidentes dramáticos, e a isso se vêm intercalar mil provas de identidade que dissipam as dúvidas mais tenazes e obrigam à convicção”.

Conquanto tais e concludentes assertivas, há quem pretenda explicar o TRANSE sob o prisma das concepções psicológicas.

PSIQUIATRAS, PSICÓLOGOS E A GÊNESE DO TRANSE

PIERRE JANET (L’AUTOMATISME PSYCHOLOGIQUE”), A. BISSET (“LES ALTÉRATIONS DE LA PERSONALITÉ”), THEODORE FLOURNOY (“DES INDES À LA PLANETE MARS”), HIPPOLYTE TAINÉ (“DE INTELIGENCE”) e RIBOT (“LES MALADIES DE LA PERSONALITÉ”), crêem que uma cisão se produz na consciência dos sensitivos em TRANSE e que daí resulta uma segunda personalidade, desconhecida da pessoa normal, e com a qual se relacionam todos os fenômenos. Atribuíram a essa segunda personalidade vários nomes: INCONSCIENTE, SUBCONSCIÊNCIA,

CONSCIÊNCIA SUBLIMINAL etc. Os Médiuns seriam histéricos, neuróticos, particularmente predispostos, por seu estado fisiológico, a tais cisões da personalidade.

A esse respeito, manifestaram-se dois gigantes das PESQUISAS ANÍMICAS E ESPÍRITAS: ALEXANDRE AKSAKOF (“ANIMISMO E ESPIRITISMO”) e GABRIEL DELANNE (“RECHERCHES SUR LA MEDIUNNITÉ”), considerando as concepções das supracitadas pesquisas “VERDADEIRO SOBRENATURALISMO”, o que estaria mais próximo do “milagre” e não exatamente de uma justificativa científica(!).

Por outro lado, GUSTAVE GELEY, na obra “LÉTRE SUBCONSCIENTE”, conclui que:

“A HISTERIA e a NEUROPATIA apresentam sintomas inconstantes, que variam sem causa ou sob a influência de várias causas que se sucedem e escapam a toda previsão de tempo e extensão. No ponto de vista explicativo, ignora-se completamente o que são”.

“No TRANSE” — informa LÉON DENIS — “a entidade psíquica, a alma se revela por distinta atividade do funcionamento. Quando é plena a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo modo que um Espírito estranho. O cérebro não é, então, como no estado normal, um instrumento movido diretamente pela alma, mas

um receptor que ela aciona de fora”.

Em “REPORT ON SPIRITUALISM”, CROMWELL VARLEY, cita o caso de sua própria esposa, que, em TRANSE, esclareceu:

“Agora não são os Espíritos que vos falam; sou eu mesma, e sirvo-me de meu corpo do mesmo modo que o fazem os Espíritos quando falam por minha boca”.

LEON DENIS, em seu estilo fascinante, fluente, inimitável conclui as suas considerações sobre o assunto:

“Há em nós profundezas cheias de mistério, que às vezes se entreabrem e cuja visão nos perturba. Um mundo inteiro aí reside, mundo de intuições, de aspirações, de sensações, cuja origem é desconhecida, e que parece provirem de um passado distante; mescla de aquisições pessoais, vestígios das existências percorridas na sucessão do tempo, tudo isso está gravado nos refolhos absconditos do ‘EU’.

O DR. PAUL GIBIER E HENRY SLADE ANESTESIA DURANTE O TRANSE

O DR. PAUL GIBIER em seu livro “O ESPIRITISMO” narra o seguinte episódio, ocorrido com o médium norte-americano HENRY SLADE:

“Tínhamos de operar SLADE com o fim de extirpar-lhe um cisto sebáceo do couro cabeludo. Por ser ele muito sensível à dor e, além disso, de uma pusilanimidade excessiva, não podíamos recorrer ao bisturi para operá-lo.

Lançamos mão de cáusticos cujo princípio era o óxido de potássio. A explicação do medicamento foi, desde o começo, muito dolorosa para SLADE e, depois de alguns minutos, o seu sofrimento pareceu-nos intolerável; o paciente suava excessivamente; todos os seus membros agitavam-se com estremeamento. Sugerimos-lhe a idéia de chamar OVASSO (o GUIA DO MÉDIUM), o qual não se fez esperar, caindo logo SLADE em estado de TRANSE e, com voz modificada, entreteve-se alegremente conosco e com o SR. A.F., que assistia à operação em meu Gabinete de trabalho. A dor tinha de tornar-se cada vez menos intensa, pois a potassa mordida as camadas sensíveis do derma, mas SLADE não parecia ocupar-se com isso, como se fosse um outro paciente. No começo da operação dava o seu pulso oitenta e cinco pulsações por minuto; três minutos depois, tinha esse número baixado a sessenta; a pele que pouco antes ora quente, resfriara quase subitamente, e OVASSO ria-se e conversava conosco.

“Beliscamos-lhe com força a parte dorsal da mão, e o paciente, que se sobressalta ao menor contato, tão grande é a sua HIPERESTESIA no estado normal, nem, deu mostras, nesse momento, de aperceber-se da pequena tortura, que lhe infligíamos.

“Ao cabo de um quarto de hora, tiramos o cáustico; SLADE teve uma nova convulsão e tornou, se ao seu estado normal. A dor então, reapareceu mas muito suportável, e

SLADE queixou-se de sofrer principalmente na parte em que fora beliscado”.

Concluiu o émulo de LUÍS PASTEUR:

“A INCORPORAÇÃO (INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA) é um fenômeno que não se pode simular, se os investigadores souberem tomar as precauções necessárias”.

SINTONIA

Julgamos imprescindíveis algumas linhas sobre SINTONIA, assunto de envolvente complexidade e raramente tratado nos compêndios espiritistas sobre MEDIUNIDADE.

Informa o Professor CARLOS TOLEDO RIZZINI (“EVOLUÇÃO PARA O TERCEIRO MILÊNIO” — Edicel), que:

“SINTONIA É A IDENTIDADE OU HARMONIA VIBRATORIA, ISTO É. O GRAU DE SEMELHANÇA DAS EMISSÕES OU RADIAÇÕES MENTAIS DE DOIS OU MAIS ESPÍRITOS. ENCARNADOS E DESENCARNADOS”. (grifos nossos).

A SINTONIA tem como FUNDAMENTO a AFINIDADE MORAL. Nos casos de OBSESSÃO, por exemplo, o processo decorre de uma IMPERFEIÇÃO MORAL. Daí ALLAN KARDEC afirmar, terapeuticamente — A IJMA CAUSA MORAL PRECISO É QUE SE CONTRAPONHA UMA FORÇA MORAL”.

“Em suma” — arremata RIZZINI — “a posição do ESPÍRITO e suas relações com os outros decorrem de suas características morais”.

Quer dizer, conforme o seu “MODUS VIVENDI” e “OPERANDI”. Há, até, a propósito, um aforismo de fundo eminentemente moral, que sentencia: DIZE-ME O QUE PENSAS E DIR-TE-EI COM QUEM ANDAS”. Nada mais justa esta assertiva, que traduz, em síntese, o processo de SINTONIA. Nesses casos, prevaleceria o seguinte: OS SEMELHANTES SE ATRAEM E OS CONTRÁRIOS SE REPELEM. Teríamos, pois, a companhia espiritual que intimamente desejamos.

O Professor HERCULANO PIRES fala de “FUSÃO FLUÍDICA” entre o PERISPÍRITO do ENCARNADO com o DESENCARNADO, ocorrendo uma alteração do PSIQUISMO DE AMBOS. É aí que o autor de “O ESPÍRITO E O TEMPO”, rejeita o vocábulo “INCORPORAÇÃO” para as manifestações orais, substituindo-o por “INTERPENETRAÇÃO PSÍQUICA”. Ligados os centros vitais do “VIVO” e do “MORTO”, este manifesta a sua potencialidade sensorial. Esclarece o ilustre Professor que:

“As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do Espírito... Esta superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o Espírito comunicante se incorpora no médium ”.

A LEI DAS VIBRAÇÕES SIMILARES

Afirma LÉON DENIS que nas comunicações espíritas a dificuldade consiste em harmonizar vibrações e pensamentos diferentes. É na combinação das forças psíquicas e dos pensamentos entre os médiums e os experimentadores, de um lado, e entre estes e os Espíritos do outro, que reside inteiramente a lei das manifestações.

Quando o grupo é harmonizado, os resultados das sessões espíritas experimentais, são excelentes. Do contrário, os pensamentos projetados entram em choque, provocando sérios distúrbios. O médium entre essa espécie de “fogo cruzado”, sofre as suas danosas conseqüências — sente opressão e indefinível mal-estar.

A LEI DAS ATRAÇÕES é inelutável. As nossas posturas mentais e sociais estabelecem a compatibilidade ou incompatibilidade com criaturas (encarnadas e/ou desencarnadas) que vibram, respectivamente, na mesma ou em faixa diferente.

Na verdade, operacionalizamos, no conteúdo da vida de relações, pensamentos, repulsas, simpatias e antipatias, aspirações e repressões. O “FAZER AOS OUTROS O QUE QUERERÍAMOS QUE NOS FIZESSEM”, é esquecido, no momento em que nos deixamos arrastar pela impulsividade. Ferimos DIREITOS; aviltamos a JUSTIÇA; violentamos o AMOR. “A SEMEADURA É LIVRE, MAS A COLHEITA É OBRIGATÓRLA”. O esclarecido Espírito que enunciou esta luminosa sentença estava falando da LEI DE CAUSA E EFEITO. E muita vez parte do EFEITO não se faz esperar,

que se realiza mediante a IDENTIDADE OU A HARMONIA VIBRATÓRIA. Eis aí os pródromos da OBSESSÃO que se pode agravar atingindo estádio muita vez irreversível.

Na questão 919 de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” KARDEC pergunta:

“Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrebatamento do MAL?”

“Um sábio da antiguidade nos disse “CONHECE-TE A TI MESMO”.

O sábio a que se referem os ESPÍRITOS DA CODIFICAÇÃO á SÓCRATES, a quem PLATÃO, com admirável fidelidade, imortalizou. SOCRATES demonstrava que a VIRTUDE é UNA o se identifica com a Ciência. Estabelece ainda que o BOM é o útil ou agradável (corretamente entendido) e que a FELICIDADE consiste na satisfação duradoura proveniente da ação moral, sendo o desgosto ou a INFELICIDADE conseqüência inevitável do uma CONDUTA MORAL.

No momento em que SÓCRATES funda a moral na Ciência, oferece subsídio de que precisou KARDEC para elaborar a tese da “ARISTOCRACIA INTELECTO-MORAL”. Seria o advento de uma “NOVA ALMA”, na concepção de HUMBERTO MARIOTTI, POR MEIO DA QUAL O AMOR E A FRATERNIDADE SE MANIFESTARÃO COMO RESULTADO DA HARMONIA RECÍPROCA ENTRE OS ESPÍRITOS.

XENOGLOSSIA

XENOGLOSSIA, termo criado pelo Professor CHARLES RICHEL²⁹ (Prêmio Nobel de Medicina de 1913), para designar a faculdade mediúnica através da qual os Espíritos se comunicam em seus específicos idiomas.

PENTECOSTES — UM RARO FENÔMENO DE XENOGLOSSIA

No quinquagésimo dia da materialização de JESUS, estavam os seus discípulos reunidos no mesmo lugar, e, de repente, veio do céu um ruído como de vento impetuoso que encheu toda a casa onde estavam sentados e lhes apareceram umas como línguas de fogo, as quais se distribuíram para repouso sobre cada um deles e todos começaram a falar em outras línguas. Era o dia de PENTECOSTES. Os Apóstolos, diante de numerosa assembléia, falavam idiomas que lhes eram estranhos, provocando o espanto e a admiração dos partos, medos, elamitas, e outros representantes de regiões longínquas, como a Capadócia, o Egito, a Frígia, a Panfília, etc, que ouviam palavras em seus respectivos idiomas.

Infelizmente, essa magnífica expressão coletiva de XENOGLOSSIA, registrada em ATOS DOS APÓSTOLOS, foi considerada um milagre, e, como tal, não precisaria ser explicada. A verdade é que as religiões, que têm seus pilares centrais assentados sobre a fenomenologia mediúnica, desprezou-a e ainda a despreza, elevando-a à categoria fantasiosa do maravilhoso. Em épocas recuadas, justifica-se o procedimento pela

²⁹ O Professor CHARLES RICHEL criou, também, o vocábulo GLOSSOLALIA para rotular a manifestação de pseudo-línguas, elaboradas nos recessos subconscenciais do próprio médium. Muitas vezes, o agente pretende chamar a atenção dos dirigentes da sessão (nos casos em que ao tratar dos trabalhos em casas espíritas), porque, provavelmente, vem passando por qualquer tipo do problema que o fragiliza. Casos quo tais devem ser tratados com muito cuidado o equilíbrio para não ferir suscetibilidade.

ignorância; atualmente, porém, não há como ratificá-lo, diante das revelações espiritistas, fundamentadas na pesquisa séria, promovida, inicialmente por Kardec e ratificada, em laboratórios idôneos, pelos mais eminentes cientistas da Era Moderna.

O CASO JACQUELINE MALLAY

A Senhora JACQUELINE MALLAY, de 29 anos, casada com um açougueiro parisiense, mãe de três filhos, desenvolveu inesperadamente a mediunidade poliglota e começou a falar em egípcio faraônico. O fato provocou agitações na França e em toda a Europa, em torno do velho problema da mediunidade, ou seja, da possibilidade de comunicação entre vivos e mortos. A revista italiana “L’EUROPEU” divulgou, em um de seus últimos números, interessante reportagem a respeito, com abundante ilustração fotográfica. Perguntava-se, então? “É possível que Espíritos do tempo dos faraós ainda continuem a viver nas ilusões daquela época, servindo-se de uma língua extinta?”

O caso de JACQUELINE MALLAY não é único, nem é a primeira vez que o egípcio faraônico é revivido na Europa através da Mediunidade. Muito antes deste caso, já houve em Londres intensa agitação em torno da Médium ROSEMARY, que em trabalhos com o Doutor FREDERIC II. WOOD (cientista inglês, autor da obra “AFTER THIRTY CENTURIES”) falou pela primeira vez, no mundo moderno, essa língua desaparecida. Note-se bem a importância do fato: o egípcio faraônico, que os especialistas conheciam apenas através de inscrições e antigos documentos, foi falado em nossa época graças a MEDIUNIDADE. A pronúncia dessa língua estava sendo dificilmente

reconstituída pelos especialistas, pois as inscrições eram feitas por consoantes, sem vogais. Mas a jovem Rosemary, envolvida por um Espírito do tempo de AMENHOTEP III (LADY NONA), discursou correntemente na velha língua, e seus discursos foram gravados em discos³⁰.

As experiências do DR. FREDERIC II. WOOD, que constituem um dos fatos mais raros de que tratamos, parece haver um outro fator que o de chamar a atenção dos homens para a realidade espiritual. As comunicações de Rosemary, por exemplo, contribuíram para abalar os meios anti-reencarnacionistas ingleses. As manifestações de Jacqueline Mallay serviram para demonstrar, à época, década de 1960, que a França continua, embora silenciosamente, a ser um dos polos das mais lídimas expressões da Espiritualidade.

Os resultados das pesquisas com Rosemary resultaram na leitura de um livro, em dois volumes, resumidos em português por FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ, publicado sob o título “A VOZ DO ANTIGO EGITO” (FEB).

³⁰ “Muitos leitores” — afirma o DR. FREDERIC H. WOOD no seu livro “THIS EGYPTIAN MIRACLE”, publicado no fim do ano de 1939, “poderão supor que LADY NONA é a personalidade secundária de ROSEMARY EXTERIORIZADA, como alguns investigadores pensam. Não se exclui essa possibilidade; porém, conhecendo todos os fatos, e tendo recordado todos os detalhes concomitantes, durante os últimos dez (10) anos, estou certo de que é evidente o fato de que Nona não faz parte alguma de Rosemary”.

PALAVRAS DE F. V. LORENZ SOBRE O FENÔMENO NONA/ROSEMARY

“Nona o Rosemary, falando em egípcio antigo, fornecem a prova inegável de que a ALMA É IMORTAL, e de que ela conserva a MEMÓRIA DO PASSADO. As comunicações, dadas em egípcio faraônico, não podem ser atribuídas à telepatia, porque ninguém, dos VIVOS”, sabia manejar a pronúncia egípcia, quando Nona e, mais tarde, Rosemary, em transe, nessa língua conversavam”.

Rosemary, em TRANSE, conversava em egípcio faraônico com Lady Nona. Isso quer dizer que o Espírito encarnado conhecia o complexo idioma do remoto passado, porque seria a reencarnação de uma PRINCESA SÍRIA de nome VOLA, que fora aprisionada pelos invasores egípcios e levada para o Egito como escrava. Nessa condição, conheceu a RAINHA TELIKA (NONA), esposa do FARAÓ AMENHOTEP III, que a adotou como filha, iniciando-a, como sacerdotisa, no majestoso TEMPLO DE KARNAC. Ambas, mais tarde, por força das intrigas palacianas e sacerdotais, foram sumariamente assassinadas.

Quanto a questão anteriormente cogitada sobre se os Espíritos do tempo dos Faraós continuam a viver nas ilusões daquela época, servindo-se de uma língua extinta, a verdade é que a inércia espiritual pode reter um ser por muito tempo num determinado estado psíquico.

O CASO LAURA EDMONDS

No “TRATADO DE METAPSÍQUICA”, o DR CHARLES RICHEL relata o caso de LAURA EDMONDS, filha do célebre Juiz EDMONDS, membro da Suprema Corte de Justiça de Nova York.

“Laura falava exclusivamente o inglês e aprendera na escola um pouco de francês. A isto se limitavam seus conhecimentos de línguas estrangeiras. Um dia (1859) o JUIZ EDMONDS recebeu a visita de um grego chamado EVANGELIDES, que manteve com a médium conversação em grego moderno. No curso do diálogo, o visitante foi informado da morte do filho ocorrida, naquele meio tempo, na Grécia. Quem falava através de Laura era um amigo de Evangelides, chamado BOTZARI. O fato foi testemunhado por oito ou dez pessoas cultas e inteligentes. Nenhuma delas vira jamais Evangelides, que fora apresentado ao Juiz Edmonds e à sua filha naquela noite. Como, pois, há podido Laura participar-lhe a morte do filho? Como se explica que haja falado e compreendido o grego moderno, língua que nunca ouvira falar?”

Informa o JUIZ EDMONDS sobre a MEDIUNIDADE DE XENOGLOSSIA de Laura:

“Minha filha apenas conhece o inglês e um pouco o francês. Tem, no entanto, conversado em francês, grego, latim, italiano, português, polonês, húngaro, assim como em vários dialetos indianos. Frequentemente não compreende o que diz, mas o consulente lhe compreende sempre as palavras”.

ERNESTO BOZZANO analisa o caso LAURA EDMONDS, admitindo tratar-se da manifestação de seres espirituais, que se apossaram momentaneamente, de sua laringe. Recusava, pois, “a hipótese da “MEMÓRIA ANCESTRAL”, esclarecendo:

“... no caso aqui considerado achamo-nos em presença de uma médium que falava em dez línguas que desconhecia, inclusive diferentes dialetos indianos. Assim, se alguém se achasse disposto a tomar a sério a hipótese a que me refiro, teria que admitir que nas veias de Laura Edmonds corria sangue de antepassados pertencentes a dez povos, entre os quais diversos representantes da tribo norte-americana dos “PELES VERMELHAS”. Quem se sentiria com bastante coragem moral para austentá-lo?”

O CASO DE NINFA FILISBERTO

Este caso é contado por ERNESTO BOZZANO, que o extraiu do livro “HISTÓRIA DE UM CASO DE HISTERISMO COM SONHOS ESPONTÂNEOS”, de autoria do DR. NICOLAU SERVELO, de Palermo, Itália. Este opúsculo foi traduzido por uma inglesa residente em Palermo, MRS. WHITAKER, sendo publicado no “JOURNAL OF THE

SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH” (1900) e, depois, nos “ANNALES DES CIENCES PSYCHIQUES” (1901).

NINFA FILISBERTO, de dezesseis anos, começou a manifestar uma série de estranhas crises (rotuladas de histéricas) com fases de sonambulismo. Narra o DR. NICOLAU SERVELO:

“A 13 de setembro de 1849, numa de suas crises sonambulísticas, Ninfa Filisberto se pôs a falar uma língua para nós incompreensível e o fez com tal desembaraço que se diria ser aquela a sua língua materna. Supusemos que falasse em grego moderno, porque, noutra fase do sono, dissera: ‘estive em Atenas. Vi essa querida cidade, onde a gente fala como eu...’

No dia 14, falava e compreendia exclusivamente o francês. No dia 15, falou em inglês, língua que lhe era inteiramente desconhecida, e conversou por muito tempo nesse idioma com dois ingleses: os SRS. WRIGHT e FREDERIC OLWAY.

No dia 16, declarou ter nascido em Siena e descreveu minuciosamente as obras de arte existentes nessa cidade... esse seu falar em um puríssimo toscano se me afigurou maravilhoso. É impossível a quem quer que seja exprimir-se com as suaves modulações desta língua harmoniosa, se não nasceu na Toscana.

NINFA FILISBERTO permaneceu neste estado até o dia

18, falando, sempre, em toscano, até que, de repente, passou ao seu dialeto siciliano. A partir daí, não mais se recordou absolutamente das línguas em que falara...”

O DR. F. HAHN, refere-se ao insólito caso nos “ANNALES DES SCIENCES PSYCHIQUES”, de 1901:

“... Os neurologistas, fundando-se na multiplicidade dos acessos convulsivos, nos fenômenos de movimentos sensoriais e nas alternativas proteiformes desses fenômenos diagnosticarão uma forma anormal, aberrante, de histerismo, muito embora convenham em que grande é a dificuldade para incluir o caso no quadro clássico da histeria... Os ocultistas, médicos ou não, em face da dificuldade para admitir todos os fatos observados na categoria dos fenômenos histéricos, procuram outra explicação; mas, nem com o ‘AUTOMATISMO PSICOLÓGICO’, nem com a ‘CONSCIÊNCIA SUBLIMINAL’, nem com o ‘DESDOBRAMENTO FLUÍDICO’ chegarão a explicar e compreender línguas que jamais aprendera, nem ouvira falar. Nessas condições, o ocultista será levado, goste ou não, a recorrer à intervenção de entidades espirituais que, momentaneamente, utilizaram-se da jovem siciliana”.

XENOGLOSSIA POR VOZ DIRETA

O Professor ERNESTO BOZZANO, no livro “XENOGLOSSIA” (FEB), cita a SRA. EDITH K. HARPER, secretária do pesquisador

WILLIAM THOMAS STEAD, que se refere às experiências de VOZ DIRETA com a médium norte-americana ETTA WRIEDT, em 1911, no célebre “ESCRITÓRIO JÚLIA”³¹, na cidade de Londres. Foram mais de duzentas (200) sessões experimentais, onde ocorreram materializações de animais.

Eis o relato de EDITH K. HARPER de uma sessão de XENOGLOSSIA POR VOZ DIRETA. Foram registradas duas, três e até quatro vozes de Espíritos, que conversavam entre si e com os experimentadores, em diversas línguas como o alemão, o italiano, o francês, o espanhol e o norueguês. Estava presente uma senhora norueguesa, que manteve conversação, em VOZ DIRETA, com um seu irmão desencarnado, que declinou o seu nome. O Espírito ofereceu, na oportunidade, várias provas de identificação. Também se manifestou uma entidade falando espanhol, dirigindo-se a uma assistente, que lhe respondeu corretamente na mesma língua. Ninguém sabia que ela conhecesse o espanhol.

Este ano foi publicado na REVISTA LIGHT, de Londres, 1911.

No ano seguinte (1912), a médium ETTA WRIEDT retorna a Londres, quando realizou pesquisas com o conde CHEDO MIJATOVICH, diplomata sérvio. A sessão ocorreu no dia 16 de maio de 1912, em Wimbledon, com a presença do DR. MINKOVITH, de origem croata.

³¹ O “ESCRITÓRIO JÚLIA”, fundado pelo publicista inglês William T. Stead, por volta de 1892, em Londres (Inglaterra). Nesse “ESCRITÓRIO” ocorriam extraordinários fenômenos psíquicos e mediúnicos controlados pelo Espírito Júlia.

Logo que se iniciou a sessão, uma voz se ouviu alta e clara, que se dirigiu ao DR. MINKOVITH, em língua croata. Era a de um velho amigo, médico, que desencarnara de um enfarto. Conversaram durante algum tempo na língua nacional de ambos.

Eu ouvia a conversação” — relatou, mais tarde, o conde MIJATOVICH —, “compreendendo tudo o que diziam os dois”. Era a primeira vez que ETTA WRIEDT escutava o som e as inflexões do idioma da Croácia.

“Aquela fora a mais maravilhosa experiência que conseguira em toda a minha vida” — observou o nobre sérvio, que combinou com a médium uma nova sessão.

Nessa sessão, de 24 de maio de 1912, apareceu, inicialmente, a forma fluídica de WILLIAM STEAD, desencarnado no naufrágio do ‘TITANIC’, que se conservou visível por espaço de uns dez segundos. Cessada a manifestação do ex-publicista inglês, eis que se fez ouvir a voz da genitora do pesquisador, com quem manteve longo e emocionante diálogo na língua sérvia. Em seguida, a Professora SELENKA, presente à sessão, manteve comovedora conversação, em alemão, com seu defunto marido, o Professor LORENTZ SELENKA, da Universidade de Mênaco.

O MÉDIUM GEORGE VALIANTINE

Mais adiante, ERNESTO BOZZANO refere-se às experiências de DENIS BRADLEY, com o médium GEORGE VALIANTINE (de Williamsport, New York). Destacamos, entre os casos relatados e analisados, o que ocorreu na residência de BRADLEY, a 27 de fevereiro

de 1924. Além de DENIS BRADLEY, estava presente à sessão o romancista e artista dramático CARADOC EVANS, natural do País de Gales. De repente, uma voz, que Caradoc descreve como irrompendo do solo, entre os seus pés, e vindo postar-se à sua frente, dirigiu-lhe a palavra. Estabeleceu-se, então, singular diálogo, em galês:

Pergunta: Tens alguma coisa a dizer-me?

Resposta: Tenho

Pergunta: Quem é você?

Resposta: Seu pai

Pergunta: Você, meu pai? Não pode ser. O que fez para saber que eu estava aqui?

Resposta: Disse-me EDWARD WRIGHT

Pergunta: Se é meu pai, siaradwch a fy un cich iaith (fale-me no nosso dialeto)

Resposta: Beth i chwi am i fy ddweyd? (Diga-me o que quer que eu lhe fale?)

Pergunta: Eich enw, wrth guns (para começar, diga-me o seu nome)

Resposta: WILLIAM EVANS

Pergunta: Yn le marwo chwi? (onde morreu?)

Resposta: Caermarthen (Em Carmarthen)

Pergunta: Sir? (Condado?)

Resposta: Tre (Cidade)

Pergunta: Ble maer ty? (Qual a situação da casa?)

Resposta: Uch ben yr avon. Mae stepo-lawer, lawn-rhwng y ty ar rhed. Pa beth yr ydych yn gafyn? Y chwi yn mynd i we led a ty hob tro yr rydych yn y che (A montante do rio. Para se chegar da estrada à casa, tinha-se que subir muitos degraus. Porque esta pergunta? Todas as vezes que você se acha na cidade, visita a nossa casa)

Pergunta: Nhad... (meu pai...).

Nesta altura da conversação, a trombeta cai, rumorosa mente, no chão.

DENYS BRADLEY comenta em seu livro “TOWARDS THE STARS” (“RUMO ÀS ESTRELAS”):

“Foi um espetáculo assombroso, o dessa conversação entre pai e filho, no singularíssimo idioma do País de Gales”.

Por seu turno, ERNESTO BOZZANO observa que a “prova das provas consiste sempre no grande fato de uma personalidade mediúnica conversar claramente numa língua que o médium desconhece, língua que no presente caso era um dialeto difícilimo, esquisitíssimo, incompreensível para os próprios ingleses. O MÉDIUM VALIANTINE

não conhecia uma sílaba do galés”.

Os opositores da fenomenologia espiritual jamais poderiam avaliar, verdadeiramente, a complexidade do processo de que se utilizam os Espíritos para contactar com os (re)encarnados, operacionalizando-se, destarte, o mais autêntico e prístino intercâmbio entre ambas as dimensões da existência. Esses opugnadores se recusam a empreender qualquer tipo de pesquisa mediúnica; não se manifestam baseados em fatos, mas em suposições, meras e vazias suposições, com uma ênfase que estarrece. Têm, essas criaturas uma íntima e profunda aversão à sobrevivência da alma após a morte, e negam, peremptoriamente, a sua comunicação com o plano físico através da faculdade mediúnica, em suas variadas expressões.

XENOGLOSSIA POR ESCRITA DIRETA

Entre os raros casos de XENOGLOSSIA POR ESCRITA DIRETA, assumem inequívoca importância os resultados da sessão promovida pelo banqueiro norte-americano F. LIVERMORE com a célebre médium KATE FOX.

Geralmente, a escrita direta se obtém através de ardósias, emolduradas, superpostas. No caso em espécie, trata-se de mãos materializadas, que tomam do lápis e escrevem em língua estranha a do médium. Foi justamente desse modo que se manifestou ESTELA LIVERMORE, esposa do experimentador, escrevendo longas mensagens ao ex-marido, no mais apurado francês. As atas elaboradas por F. LIVERMORE foram transcritas, na íntegra, por EPES

SARGENT, no livro: “PLANCHETTE, THE DISPAIR OF SCIENCE”, resumidas, posteriormente, por ERNESTO BOZZANO na obra “XENOGLOSSIA”.

Embora os mais notáveis pesquisadores do fenômeno de XENOGLOSSIA empreendessem magníficas e irrefutáveis experiências, não conseguiram esgotá-lo. Há muitíssimo para ser desvendado. Cremos que, aos espíritas brasileiros, se impõe essa histórica missão!

VOZ DIRETA (PNEUMATOFONIA)

No Velho e Novo Testamentos há vários e irrefutáveis exemplos de VOZ DIRETA, desde as espirituais através da “sarça ardente” ao chamamento crístico da estrada de Damasco. Mas os Espíritos não se manifestavam, apenas, aos religiosos e ascetas. Conversavam com o filósofo Sócrates, instruindo-o, orientando-o. Era o “daimon” ou o Espírito que “caminhava” lado a lado com o notável pensador grego, participando de seu dia-a-dia, de seus sucessos e revezes, fazendo-lhe companhia nos instantes derradeiros de sua existência profícua. Jeanne D’Arc ouvia vozes que lhe falavam de sua missão em prol de uma França livre das amarras estrangeiras. Ambos, Sócrates e Jeanne tiveram morte trágica — ele obrigado a beber veneno; ela, levada a ignominiosa fogueira sob os apupos da leviana multidão, sempre utilizada pelo poder em busca da legitimidade histórica de suas sandices, de suas ambições, de seus tresvarios...

E pouco importa que Frederic Myers, com toda a sua autoridade, tivesse propalado que o “daimon” de Sócrates era “um mais profundo extrato do próprio sábio”, comunicando-se com “o extrato superficial e

consciente”. São apenas rótulos, bem achados e aplicados, que impressionam mas nada revelam, nada elucidam. Os fatos demonstram a veracidade do fenômeno.

AS SESSÕES ESPECÍFICAS DE VOZ DIRETA

Em sessões específicas de VOZ DIRETA, as vozes partem do vários pontos do ambiente, sem virem do médium e claramente percebidas pelos assistentes. Dependendo da “corrente mediúnica” as vozes dos Espíritos podem ser fracas, embora audíveis, ou normais, com tonalidades semelhantes às de uma conversação à voz natural. Os desencarnados muitas vezes são reconhecidos, pelo timbre de voz, praticamente igual ao que possuíam quando vivos. As vozes podem se manifestar da seguinte forma: por intermédio de um megafone de metal ou sem ele. O primeiro caso é mais freqüente: o aparelho metálico é levitado a uma certa altura e a voz sai de órgãos vocais materializados na parte mais ampla do megafone, passa pela sua extremidade menor, ligeiramente ampliada, para ressoar no pequeno espaço do local onde se acham em círculo os assistentes. No segundo caso a voz aparece sem o concurso do megafone. Também não provém do médium. Esse processo é raro e muito mais interessante, porque a voz é de tom exclusivamente humano, sem trazer o timbre metálico do instrumento. Em ambos os casos as entidades que se manifestam se dirigem a alguém do círculo, identificando-se e falando de assuntos íntimos quando se trata de parentes ou de pessoas conhecidas.

As sessões de VOZ DIRETA, na maioria das vezes, só se realizam em plena escuridão. Entretanto, excelentes resultados já foram conseguidos em sessões no claro e durante o dia.

O MECANISMO DA VOZ DIRETA

Embora as provas científicas de sua demonstração sejam concludentes, pouco se conhece a respeito dos mecanismos do fenômeno de VOZ DIRETA. Entretanto, Espíritos esclarecidos têm fornecido a alguns pesquisadores detalhes sobre os diversos processos de sua produção. São notáveis, por exemplo, as informações colhidas pelo investigador ARTHUR FINDLEY, em numerosas sessões, com o médium Sloan, relatados na obra “NO LIMIAR DO ETÉREO”.

Eis o relato de Findley:

“De uma feita, disse-me o comunicante que a laringe do médium estava sendo utilizado e que sua voz era trazida, por um tubo psíquico, para a trombeta, que a ampliava de modo a podermos ouvi-la. Por outras palavras: ele estava se servindo dos pulmões, da laringe e da boca do médium, para evitar uma materialização especial desses seus órgãos. Ulteriores respostas tornaram mais clara a questão. Quando uma voz fala pela trombeta, nem sempre independe do médium; nem sempre provém de uma entidade materializada no centro do círculo”.

Nas sessões de Sloan, ocorreram três formas diferentes de comunicação: *a manifestação pelo transe; as manifestações pelo transe com a trombeta e a voz dos Espíritos que materializam seus órgãos vocais e os respectivos pulmões e falaram como o fazemos nós, sem qualquer ligação com o médium, a não ser pela substância ectoplasmática, necessária à materialização, e que eles tomam de empréstimo ao mesmo médium e aos*

assistentes. A trombeta é acionada por meio de varetas materializadas, feitas de uma combinação dessas substâncias fornecidas pelo médium e pelos assistentes com as que o químico fornece (trata-se de uma entidade). Também pode ser movida por uma mão materializada, a fim de que a voz tome a direção que deseje a entidade que fala, sem que lhe seja preciso deslocar o instrumento do lugar onde haja feito a materialização. O outro lado da trombeta pode ser usado como lhes convenha mais aos objetivos. Quando não servem da trombeta, quer isso dizer que a substância é suficiente e bastante a força para que uma ou mais materializações se dêem, comumente nas proximidades da pessoa a quem o Espírito quer dirigir-se. Assim é que, em várias ocasiões, ouvem-se duas e até três vozes falando ao mesmo tempo a outras tantas pessoas.

O Dr. Paul Gibier no seu livro “FISIOLOGIA TRANSCEDENTAL” descreve, com teoria própria, o mecanismo da ESCRITA DIRETA, generalizando essa teoria para os outros fenômenos mediúnicos inclusive o de VOZ DIRETA:

“Quando o médium permanece em estado de passividade quase absoluta, se bem que acordado, sua força anímica em vez de ficar limitada aos órgãos, flutua no exterior (exteriorização da sensibilidade). As inteligências que se ligam à sua pessoa, mas que se não podem manifestar sem um suplemento de força anímica, sabem apoderar-se da que se desprende do médium, e empregam-na em dar sinais de sua existência e de sua presença de diferentes maneiras, quer tomando uma forma (materialização), quer produzindo sons (raps), vozes (VOZ DIRETA) ou ainda, fazendo mover

objetos (Telecinesia) e, em caso particular, um lápis de ardósia de três ou quatro milímetros de comprimento.

AS PESQUISAS DE GUSTAVE GELEY

Nas sessões do médium Jean Guzik, no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris (1923), Gustave Geley relata a produção de VOZ DIRETA sem o concurso do megafone. A emissão das sílabas foi observada pelos assistentes, GRAÇAS A MATERIALIZAÇÃO LUMINOSA DE UMA PARTE DOS ÓRGÃOS VOCAIS DA ENTIDADE. Eis o que Geley escreveu na “Revue Métapsychique” (1923):

“Vê-se a boca da Entidade abrir-se, marcada pelos pontos luminosos dos dois lábios e ouvem-se palavras dificilmente pronunciadas. A voz é muito diferente de uma voz normal, muito especial. Parece ligada a uma espécie de movimento vibratório do ar sobre os lábios e produzida mais por uma aspiração do que por uma expiração. Ela não tem os caracteres da voz laríngea. Frequentemente ela é pouco nítida para ser entendida mas, em certos casos, é perfeitamente clara.”

A maioria dos pesquisadores que estudou o fenômeno de VOZ DIRETA, afirma, à unanimidade, que qualquer que seja o seu mecanismo de produção o médium sempre se encontra num estado de passividade absoluta. As vozes não são produzidas por ele. A sua interferência é de mero catalizador.

Com certos médiuns a manifestação de VOZ DIRETA aparece sem que eles entrem em transe. Isto quer dizer que a consciência deles continua ativa, porém sem influir no fenômeno.

O Dr. Osório César, um dos raros pesquisadores de VOZ DIRETA no Brasil, pesquisou a Sra Hilda Negrão (esposa do jornalista Odilon Negrão), de São Paulo, que provocava o fenômeno sem entrar em transe, conservando perfeita lucidez, não ocorria, na médium, nenhuma mudança fisiológica ou mental.

Os trabalhos se realizavam no escuro. As businas eram levitadas sem contato visível e as entidades falavam com o auxílio do megafone de alumínio, enquanto a médium conversava com os assistentes ou cantava acompanhando a música na vitrola.

AS EXPERIÊNCIAS DE W. J. CRAWFORD

W. J. Crawford, professor de mecânica do Instituto Técnico e da Universidade Belfast (Irlanda), em suas experiências de VOZ DIRETA conseguiu fenômenos interessantes: a variação do peso do médium durante a produção da VOZ DIRETA, constatando rigorosamente a diminuição do seu peso e a gravação, num disco fonográfico, de uma canção transmitida por uma entidade em VOZ DIRETA. O controle do médium, segundo o experimentador, foi o mais rigoroso possível, tendo sido para isso empregados aparelhos elétricos sensíveis para registrar todos os seus movimentos. Os discos ficaram bem gravados. Apenas a voz da entidade se reproduziu com timbre metálico. Crawford admite que esse defeito teria sido motivado pela transmissão muito próxima da voz ao cone do aparelho.

RENÉ SUDRE E O SUBCONSCIENTE

Para René Sudre (“Introduction a la Métapsychique Humaine”, Paris) todas as manifestações mediúnicas que se relacionam com as materializações e VOZ DIRETA são de natureza subconsciente. São personalidades subconscientes — diz ele — que se exteriorizam. Esse fenômeno se explica pela hipótese da prosopopese. Segundo Sudre prosopopese é “toda a modificação brusca, espontânea ou provocada, da personalidade psicológica”³² A René Sudre responde-se, de imediato, com os versos de Alfred Tennyson (O chantage aristocrático e nacional da era vitoriana na velha Albion):

“O fantasma que está no homem,
O fantasma que dantes foi um homem
E que dele não pode libertar-se,
Chama-se através da aurora
Mais estranha que todas as auroras:
O céu se rasga e as vozes do dia
São ouvidas entre as vozes da noite...”

Entretanto, Reno Sudre, em vista dos inúmeros fatos que atestam a sobrevivência da personalidade após a crise da morte, foi levado a admitir a sobrevivência da memória para poder explicar certos aparecimentos espontâneos de individualidades já desaparecidas do mundo dos vivos. Destarte, b firma: “A grande questão que atualmente se apresenta é a de saber o que se passa com H personalidade depois da morte do organismo”.

³² Prosopopese (do Grego proopopoieic, de prosopon — máscara de teatro).

Em seu “Tratado de Parapsicologia”, René Sudre divide a prosopopese em:

- Prosopopese espontânea, de origem hístico-sonambúlica.

- Prosopopese provocada, resultado de ordinário, de uma sugestão feita através da hipnose. Pode ter como causa, também, a auto-sugestão.

O ‘Tratado de Parapsicologia’ contestador doe fenômenos espiritas, é um reedição do livro de sua autoria sob o título “Introdução ao Estudo da Metapsiquica (1925), o que se constitui numa espécie do “máscara literária” ou “prosopopese literária?”...

Ele admite a sobrevivência da memória pura, mas a supor que ela seja um simples reservatório inerte, que ela conserve um resto de dinamismo, esta memória não constituirá uma verdadeira personalidade. Privada de suas bases físicas, ela não é mais do que um fantasma que talvez se desassocie e se desfaça(!)

CRÍTICA À TEORIA DE SUDRE

A crítica à teoria de Sudre formulada pelo professor Ernesto Bozzano, se encontra fundamentada no livro “A PROPÓSITO DA INTRODUÇÃO A METAPSÍQUICA HUMANA”.

AS TEORIAS DE JAYME CERVIÑO

Jayme Cervino no seu livre “ALÉM DO INCONSCIENTE”, afirma que “a VOZ DIRETA é uma forma especial de *telergia acústica* “. E cita Elizabeth Blake, de Ohio, USA, falecida em 1920, como “um dos mais maravilhosos médiuns de VOZ DIRETA de que se tem notícia e, talvez, o do maior valor probante, porque em sua presença as vozes se produziam com regularidade, em plena luz do dia”. Essa médium foi estudada por flames Hyslop, que incluiu o resultado de suas pesquisas nos “Proceedings” da S.P.R. americana.

Cerviño não aceita a hipótese da “LARINGE ECTOPLASMÁTICA”. Esclarece que a formação das palavras, aspecto característico da voz humana, corresponde às cavidades supraglóticas, ressoadoras e articuladoras da mensagem sonora oriundas das cordas vocais. O “*primum movens*” é, naturalmente, o fole pulmonar que representa a força no mecanismo responsável pela linguagem articulada. Mesmo os indivíduos laringectomizados reaprendem a falar pelo exercício

contínuo. A admitir a explicação ectoplasmática, deve-se supor um dispositivo mais complexo, capaz de suprir um verdadeiro aparelho fonador.

Na verdade, o *dispositivo mais complexo* de que fala o pesquisador argentino, é elaborado pelos Espíritos operadores, utilizando-se do ectoplasma do médium e dos assistentes.

Conan Doyle (“História do Espiritismo”) refere-se à extraordinária faculdade mediúnica de Elizabeth Blake (citada por Jayme Cerviño), observando que enquanto a médium falava ouviam-se as vozes dos Espíritos, e, ainda, que os mesmos Espíritos apresentavam a mesma personalidade, bem como a mesma inflexão de voz durante anos.

Em seguida o criador de Sherlock Holmes relaciona os principais médiuns de VOZ DIRETA que, à época, viviam na Inglaterra: Mrs. Roberts Johnson, Mrs. Blanche Cooper, John C. Sloan, Willian Phoenix, Evan Powell.

H. Denis Bradley fez um minucioso relato da mediunidade de VOZ DIRETA de George Valiantine, o conhecido médium norte-americano. Conan Doyle exalça o trabalho de Denis Bradley e a contribuição que forneceu à ciência psíquica, consubstanciados nas obras “The Wisdom of the Gods” (“A Sabedoria dos Deuses”) e ‘Towards the Stars’ (“Rumo às Estrelas”).

VOZ DIRETA PARA CRIANÇAS Uma sessão Única no Mundo

Na Revista “O REVELADOR” (setembro, 1941), órgão da antiga “União Federativa Espírita Paulista”, insere-se um artigo de autoria de

Nenê P. Souza, sobre uma reunião mediúnica assistida por crianças, realizada a 05 de agosto de 1941, na cidade de Curitiba, Paraná.

O trabalho fora planejado pelo médium Dr. L.P.S. — em conformidade com instruções anteriormente obtidas da entidade espiritual dirigente. Pretendia-se presentear a menina Gilda G., de 12 anos, que aniversariava.

Como convidados de Gilda compareceram à experiência 14 crianças, sendo 06 meninos e 08 meninas. As idades dos pequenos espíritas iam dos sete aos 15 anos. Os pais dessas crianças não quiseram ficar completamente fora dos trabalhos. A situação se resolveu com a instalação de um microfone na sala da sessão, ligado a um alto-falante em um aposento contíguo. Tolos os ruídos e vozes ficariam, assim, sob o controle dos adultos.

A sessão iniciou-se às 21 horas. Logo de começo a vitrola elétrica foi posta em movimento e as crianças procuraram acompanhar a música. O alto-falante transmitia perfeitamente todos os sons destacando-se periodicamente uma ou outra advertência feita pelo próprio médium.

Nenê P. Souza era o único adulto presente à sessão, encarregado de coordenar os trabalhos.

Em dado momento distinguiu-se que alguém acompanhava a música por meio de assovio. Gritos de admiração e surpresa se fizeram ouvir a seguir, quando as crianças exclamavam: “Olhem a mãozinha!... Está dando adeuzinho!... Olhem a mãozinha aqui, ali; agora vai indo lá...”

A mãozinha materializada cumprimentou e acarinhou o rosto de cada uma das crianças. Brincou depois com uma sineta que fora deixada sobre a mesa e levitou, em seguida, as duas cornetas luminosas. As buzinas fizeram incríveis evoluções no espaço, aproximando-se e dando contato a todos os meninos. O interessante é que a mãozinha mantinha as cornetas agarrando-as pelas pontas dos dedos. O entusiasmo cresceu quando as luzinhas acompanhavam a música em ritmo de dança.

Um psiu prolongado comandou o silêncio e o alto-falante transmitiu: — “Boa noite, meus amigos. Quero cumprimentar, primeiro, os grandes. As crianças pequenas estão se portando muito bem e as crianças grandes como vão?...”

Era o Espírito Romão Rocha que falava e, em primeiro lugar, quis saudar os adultos, que o ouviam através do microfone.

— “Sinto-me como uma choca no meio dos pintinhos...” Romão conversou longamente com as crianças e em dadas ocasiões dirigia-se, pelo microfone, à outra assistência. Fez assim várias vezes para anunciar os Espíritos que deveriam usar a voz. A turma adulta tinha, assim, a impressão de ouvir um locutor de rádio, apresentando os números de um programa supranormal...

Alguns Espíritos, em materialização opaca, foram percebidos ou pela vidência de algumas crianças, ou pelo contato. Os meninos L.G. e A, que conversaram com um irmãozinho desencarnado (Betinho), falecido aos dois anos de idade, viram essa criancinha materializada, correndo à volta da mesa e seguro pela mão de um adulto: — Espírito Romão Rocha.

O menino C. M., que dirigia a vitrola, na ocasião em que se manifestara, falando, o Espírito de Osvaldo (seu tio), divisou o vulto passando na sua frente em direção às filhas. C. M., nesse momento, fez um movimento de aproximação para ver melhor a entidade Osvaldo e sentiu a testa bater no corpo do Espírito materializado.

Com a alegria e a jovialidade de sempre, compareceu o Espírito Pablo, saudando:

— Buenas noches chiquitos e muchachas”.

Conversou demoradamente com as crianças, deu-lhes lindos conselhos, sempre em espanhol e comunicou que a vovozinha de duas meninas presentes viria comunicar-se a seguir. Essas duas crianças ao ouvirem a voz da avó (Cecília), pedira que beijos, no que foram prontamente atendidas. O alto-falante repetiu com nitidez não só as trocas de palavras como os beijos.

A aniversariante foi saudada pelo seu avó (Dr. Chiquinho), de quem recebeu conselhos, dirigidos também aos seus irmãozinhos. Finalmente, todas as crianças tinham recebido comunicação, EM VOZ DIRETA, de Espíritos familiares, exceto um menino, ao qual Romão perguntou com quem desejava falar. O menino bastante acanhado, contestou que esperava sua tia. Imediatamente comunicou-se a sua tia Felícia, que o acarinhou por longo tempo.

Romão Rocha, ao final, dava por encerrada a sessão. O médium saiu do transe e pediu que acendessem a luz vermelha. Quando se fez essa luz, o próprio médium exclamou para as crianças: — “Olhem aqui!” Aos seus

pés permanecia um globo de condensação luminosa. As crianças acorreram depressa e o globo se pôs a rolar em torno da mesa, como a fugir das crianças. Instantes depois desaparecia por completo. A sessão encerrava-se por completo.

VOZES DIRETAS (EM VÁRIAS LÍNGUAS) GRAVADAS EM DISCO

A Revista “VVAHRES LEBEN” divulgou em 1929, o seguinte: Lord C. Hope e Dennis Bradley, tentaram, com êxito, a conselho da Condessa Ahlefeldt Laurwig, esposa do ministro da Dinamarca em Londres, o registro gramofónico de VOZES DIRETAS.

A Columbia-Gramophon — Company tentou a primeira experiência em casa de Lord C. Hope, tendo participado das sessões espíritas os dois empregados encarregados da gravação. As numerosas vozes diretas produzidas por intermédio do médium Valiantine³³ foram amplificadas e registradas em várias línguas como o inglês, o indiano, o industânico, o italiano e o chinês.

O TELÉGRAFO PSÍQUICO OU MÉDIUM METÁLICO

A “Revista de Espiritismo”, órgão da Federação Espirita Portuguesa, referente aos meses julho-agosto de 1932, estampa em suas páginas matéria sobre a construção de aparelho destinado à comunicação com os mortos.

Inicia-se a matéria em apreço com o seguinte tópico: “De todos os tempos os investigadores do mundo espiritual procuraram eliminar as

³³ Jorge Valiantine, considerado o mais famoso médium contemporâneo de VOZ DIRETA, era natural de Williams Port, New York. O mais importante fato da mediunidade de Valiantine foi a manifestação em VOZ DIRETA, de Confúcio, em chinês imperial. A voz de Confúcio foi gravada em 1907, em Londres (Inglaterra).

interferências inevitáveis que prejudicam a comunicação e lhe reduzem extremamente o valor, concebendo aparelhos que permitissem dispensar o médium ou reduzir ao mínimo a sua intervenção em alguns casos à sua ação de mero condensador de energia”.

E conclui:

“Dominados por idéias semelhantes, todos os que se têm preocupado a sério com tão importante problema, como é o da comunicação com o mundo espiritual, tentam a construção de aparelhos cuja eficiência não se verificou por completo”.

Recorde-se, a propósito, do “*detector telepsíquico*”, do Professor Charles Richet, que, quando se dispunha de um bom médium de “ectoplasmia gasosa”, era de excelentes resultados.

Várias modificações desse processo foram tentadas, por vezes com satisfatórios resultados, na obtenção das mensagens. Tornava-se, porém, sempre indispensável a presença de um médium de ectoplasmia.

Antes, entretanto, dessas singulares experiências, destaca-se o trabalho do engenheiro Zaalberg Van Zellst, cujas indicações, obtidas mediunicamente, se pôde construir o primeiro aparelho em que se pretendia dispensar o médium por completo. Os construtores, amigos íntimos do engenheiro falecido e aos quais ele tinha prometido, em vida, essa comunicação, se lhe fosse possível, dispunham por certo de um grau expressivo de mediunidade, visto que o aparelho não funcionava com toda a gente, embora pudesse parecer que uma máquina eletrostática

vulgar era o seu órgão vital.

Ainda anteriormente, a Revista “Light”, tradicional publicação espiritualista inglesa, noticiava, em 1916 a invenção de um aparelho denominado “*Telégrafo Psíquico*”, de autoria (incidental) de David Wilson, que contou com a ajuda dos invisíveis. Supunha-se, então, que o problema estaria definitivamente resolvido. Tudo aconteceu quando David Wilson trabalhava na construção de um aparelho de destinação médica, quando a agulha de um galvanômetro de que se servia se agitava fazendo movimentos que pareciam corresponder ao Alfabeto Morse. Conseguiu-se, depois de vários aperfeiçoamentos introduzidos, obter a seguinte mensagem:

“Este aparelho cria no nosso mundo uma profunda satisfação, particularmente entre aqueles que na Terra se ocupam do psiquismo. Formamos todos um grupo de interessados que combinamos os nossos esforços a fim de auxiliar o mais possível o inventor e aperfeiçoar a sua descoberta.”

O aparelho era pequeno, consistindo num cilindro de cobre que serve de receptáculo a uma substância por muito tempo procurada em vão, cujas radiações funcionam como o fluido do médium, o que lhe valeu o nome de “médium metálico”. Só podia trabalhar em plena luz, e entre numerosos aperfeiçoamentos que se lhe juntaram havia um muito interessante: a adaptação de uma lente que funcionava como “Olho Psíquico” e permitia filmar, fotograficamente, as entidades comunicantes.

Informa a “Revista de Espiritismo” que, com o tempo, o inventor deste aparelho não forneceu mais qualquer notícia acerca do seu invento, ficando frustrada a expectativa (ansiosa) de todos os que tomaram oportunamente conhecimento desta invenção que parecia vir revolucionar o mundo.

Admite o articulista da revista portuguesa que uma horda de inimigos do mundo espiritual se teria oposto à divulgação do aparelho com todas as suas conseqüências, fazendo recuar o seu inventor.

De fato. Há neste nosso plano, como no Além, uma corrente fortíssima de obscurantismo que se opõe tenazmente à divulgação da grande verdade da comunicação entre os vivos e os “soit-disant” mortos.

VOZES DIRETAS EM FITAS MAGNÉTICAS

Tudo aconteceu, em princípio, na tarde do dia 12 de junho de 1959, numa pequena localidade perto da cidade de Estocolmo, na Suécia, onde vivia, com a esposa, Friedrich Jurgenson, pintor estoniano que ali chegara, refugiado, quando da Segunda Guerra Mundial. A casa onde morava o casal Jurgenson ficava no centro de um bosque de bétulas. Naquele dia, pretendia usar um gravador que comprara com o fim de gravar o canto de pássaros, destinados a compor a trilha sonora de um filme que ele mesmo produzira. Preparou-se para a empreitada, escondendo-se em uma tenda de caça, onde instalou, através de uma abertura da lona, um sensível microfone.

Ouviu-se o canto de um pássaro e, logo depois, o silêncio. Impaciente, Jurgenson retornou a fita e testou a gravação. O canto do pássaro estava

perfeito, mas na parte que deveria haver o silêncio, havia diversos sons, um murmúrio como de vozes distantes, palavras sussurradas, e, por último, nitidamente, acordes de instrumentos que pareciam de corda e arco.

Intrigado, Jurgenson continuou a gravar e escutar, assim procedendo até a hora do jantar. Entretanto, ele não conseguiu entender uma só palavra sobreposta à gravação. Voltou para casa e contou o fato à sua mulher que atribuiu o acontecido a gravações anteriores não totalmente apagadas, argumentação que Jurgenson não aceitou, alegando que a fita era nova.

Com razão o fenômeno veio a se repetir com Jurgenson se certificando, anteriormente, de que a fita nada continha. Levou consigo um amigo, técnico de som. Durante alguns meses gravou quilômetros de fita até que conseguiu decifrar algumas palavras isoladas e sem sentido.

Por fim, Jurgenson ouviu, claramente, a voz de sua mãe que pronunciara seu nome “Friedrich”. Outra ocasião, ouviu uma voz masculina que dizia em alemão: “esperamos Hitler!”... De posse de uma documentação bastante consistente, Jurgenson deidiu comunicar o caso à Sociedade de Parapsicologia de Estocolmo. E caiu na zombaria geral, no descrédito total!

“A Parapsicologia” — disseram-lhe — “está desenvolvendo gigantesco esforço para colocar em plano científico algum fenômeno que a secular ignorância viu somente à luz de bruxaria. Mas devem ser fenômenos sérios, e este que nos foi apresentado é um equívoco, se é que

não se trata de um truque vulgar”.

Quando a questão de Jurgenson parecia encerrada, apresenta-se, em sua casa, alguém que não compartilhara do cepticismo dos outros pesquisadores. Era Konstantin Raudive, de 40 anos (na época) que estudara psicologia e filosofia em Paris, Upsala e Edinburgo. Ele se refugiara na Suécia e se naturalizara. São suas as declarações a respeito de suas experiências com Jurgenson:

“Estive com Jurgenson por duas semanas, sem ter podido concluir nada” (...) “Todos os dias, por várias horas, ligávamos o microfone e ficávamos a espera. Quando ouvíamos a gravação, percebíamos ruídos e murmúrios, mas, realmente, era muito pouco para convencer-me. No começo da terceira semana, quis fazer uma prova decisiva. A mãe de Jurgenson havia morrido e, não obstante, o filho ouvira sua voz no gravador por várias vezes. Se isso fora possível a ela, deveria sê-lo a outros. Decidi concentrar-me em Margharete, moça que, por muitos anos, trabalhara como empregada de minha mulher e que morreu havia pouco tempo. Era como se eu lhe implorasse: tinha necessidade de uma confirmação; não podia mais ficar naquela dúvida. A noite, após 3 horas de espera, ouvi distintamente a voz de Margharet. Disse: Reconhece Margharet, Konstantin? Logo depois, outra voz disse, ainda em alemão: “Estamos muito longe”. Ficamos à escuta toda noite, mas nenhuma outra mensagem chegou.

Eu estava bastante emocionado, porém, acima de tudo, dominado por uma idéia precisa e martelante: o fenômeno fôra objetivo, independente de Jurgenson. Conseqüentemente, se eu não tinha sonhado, o fenômeno deverá repetir-se outras vezes e não apenas comigo. Provavelmente, também com qualquer pessoa”.

Raudive passou três meses pesquisando sem chegar a nenhum resultado até que, certa noite, perguntando se as vozes provinham de amigos invisíveis obteve a seguinte resposta: “E isso mesmo somos amigos, e estamos perto de você.” A seguir Raudive colocou uma fita virgem no gravador o ligou o microfone. Juntamente com ele estavam o Dr. Grazzini e a intérprete Gertrud Flun. A experiência prosseguiu; vários nomes foram pronunciados e diversas vozes foram percebidas.

Ao todo Jurgenson gravou, no decorrer de suas experiências, 70.000 fitas. Quanto ao fato de não se conseguir que se gravasse, por escolha anterior, um determinado nome ou pronunciada uma determinada palavra, declarou Raudive: “Este é o caminho das desilusões; requer enorme paciência. É necessário exercitar-se continuamente para ouvirem-se algumas palavras. Mas quando o fenômeno se repete milhares de vezes e temos certeza absoluta de que não se trata de transmissão humana, que podemos fazer senão continuar?”

As chamadas vozes dos mortos ou VOZES FANTASMAS mereceram dois livros de autoria do Dr. Konstantin Raudive. O primeiro foi publicado, na Alemanha, em 1968. O segundo livro tem o título em inglês: “BREAKTHROUGH”, publicado na Inglaterra com sucesso, e nos Estados Unidos em 1971.

AS EXPERIÊNCIAS DO REVERENDO LÉO SCHIMIDT

O Reverendo Léo Schimidt é uma das figuras mais representativas da igreja católica Helvécia, Pároco de Oeschgen, no Cantão suíço de Argau, estudou ciências e Biologia na Universidade de Friburgo. Homem de vasta cultura, publicou obras teológicas e hagiográficas de grande importância, dedicou-se aos estudos de astronomia e astrologia e começou a se interessar, também, pelas VOZES DOS MORTOS.

“Tinha lido nos jornais notas sobre as experiências do Dr. Raudive” — conta ele. “Fui procurá-lo, conversamos longamente e convenci-me de que não se tratava de necromancia, mas de fenômenos que devem ser estudados simplesmente com muita atenção”.

Léo Schimidt comprou um gravador e passou a escutar. Era o dia 23 de janeiro de 1969. Até 10 de março ele não houvera conseguido nenhuma mensagem. Nesse dia, ouviu uma voz que dizia alegremente: “Na est das só?” (E então, é assim?).

No dia 29 de março conseguiu uma confirmação decisiva. Uma voz masculina, empregando seu dialeto, falou claramente: “Sou Nicolau, seu protetor. Saúdo-o Léo.” Tratava-se de São Nicolau de Flüe, que é venerado nesta região.

De acordo com a declaração de Léo Schimidt a igreja católica se interessa pelo assunto, criando por isso, na Pontifícia Universidade fie Latrão cursos regulares de psicologia para sacerdotes.

Léo Schimidt, perplexo com o resultado obtido, resolveu consultar um engenheiro eletrônico da Telefunken — Theodor Rudolph —, homem

de 50 anos, muito gentil e modesto, que morava em Ulm, no pequeno povoado de Unterbalzheim. Em resposta à sua pergunta sobre a possibilidade de um gravador captar, como receptor de rádio, ondas de uma estação emissora respondeu que é raríssima. Em qualquer caso, é sempre possível eliminar essa ocorrência com filtros.

AS EXPECTATIVAS DO DR. GIUSEPPE CROSA

Em outubro de 1968, no I Congresso Internacional da Associação Católica Internacional de Para psicologia — IMAGO MUNDI, quando falava o orador Dr. Fritz Kallita sobre uma comunicação Yoga, o Dr. Giuseppe Crosa gravou o discurso. A noite ao ouvir a gravação, verificou, surpreso, que além das palavras do conferencista, estavam gravadas uma música indu acompanhada de instrumentos de corda e percussão e uma linda melodia cantada por uma belíssima voz feminina. O Congresso não teve nenhuma participação artística nem fundo musical. Apenas a voz do orador, não havia possibilidade de interferência de ondas, pois o gravador não é rádio, nem ligado a eletricidade, mas movimentado a pilhas. Dr. Giuseppe, entretanto, não deu maior importância ao fenômeno, acreditando na ocorrência de um erro técnico. Algum tempo depois, durante o VIII Congresso Mundial da Sociedade Espiritualista Internacional, em Glasgow, o Dr. Giuseppe Crosa participou de uma reunião particular com a médium sul-africana Mona Van Der Watt, que reside na Alemanha. Ele fez uma gravação em que apareceram ruídos e murmúrios que lhe pareceram ser defeito da fita. Depois da reunião, a médium Mona perguntou-lhe se havia ouvido alguma coisa fora do comum. O Dr. Giuseppe confirmou o problema da fita e ele disse que não era defeito e que os distúrbios da gravação eram

captação de mensagens em forma telegráfica: bip, bip, bip. A médium durante sua concentração, captava as mensagens e as traduzia.

A terceira gravação ocorreu em Firenze (Itália), no dia 16 de outubro de 1970, em casa de uma médium que recebia mensagens e praticava curas à distância. Depois de ter participado do Congresso de Psiquiatria e Hipnose, em João Pessoa, Paraíba, o Dr. Giuseppe Crosa, Diretor do Hospital Psiquiátrico de Gênova e vice-presidente da Associação Científica Italiana de Metapsíquica, com sede em Milão, estava em São Paulo e, falando ao repórter Moacyr Jorge do “Jornal de Notícias Populares”, de 01 de novembro de 1971, narra essa sua terceira experiência com a médium de Firenze:

“Eu estava perplexo com o que aquela mulher dizia. Em um certo momento da nossa conversa a médium olhou o seu relógio de pulso e me disse: agora tenho que fazer minhas orações pelos enfermos. Uma pequena multidão de doentes nesta hora se aproxima de mim, por graça de Deus”.

O Dr. Crosa deixou o gravador ligado durante as orações e, à noite, com calma, passou a ouvir a gravação. Qual não foi sua surpresa ao perceber que, juntamente com a oração da médium em voz alta, existiam um fundo musical, lamentos e gemidos de doentes. E não havia outras pessoas na casa. Só Dr. Crosa e ela...

Para ter certeza de que o fenômeno era verdadeiro, o Dr. Giuseppe Crosa consultou um técnico de som da Phillips e ele lhe deu fitas que haviam sido desmagnetizadas, perfeitamente novas, para evitar

equivocos. Realizou-se, então, a 4^o experiência com a mesma médium de Pirenze. Desta vez, quando ela pronunciava o nome do Cristo, ficaram gravados, paralelamente, um fundo musical tocado por címbalos e depois um majestoso concerto de órgão.

Disse ainda Dr. Giuseppe Crosa:

“ — Que os outros tirem as suas conclusões. Ainda não cheguei a nenhuma. Vou estudar, e estudar muito.”

OUTROS PESQUISADORES DO SINGULAR FENÔMENO

— O engenheiro Franz Seidl publicou os resultados de suas pesquisas sob o título — “O fenômeno das vozes Transcedentais”. Consiste de amostra de vozes gravadas pelo autor e fornece instruções minuciosas sobre a construção do PSICOFONE. Alguns dos resultados conseguidos com o PSICOFONE foram incluídos no “BREAKTHROUGH” do Dr. Raudive, inclusive um diagrama do aparelho. O método de gravação utilizado é uma combinação de rádio/autotransmissor/microfone.

Michael F. Taunton, de Londres, que pôs em prática, em 1971, um meticuloso método de pesquisa, gravou uma série de vozes de excelente qualidade. São claras e não existem dúvidas quanto ao seu conteúdo, segundo afirma Peter Bander.

M.F. Taunton usou um gravador Phillips 4307, de 4 pistas e fitas marca EMI. As suas gravações têm a duração de 5 a 10 minutos e são realizadas durante o dia ou à noite. Cada gravação é seguida de uma análise das vozes recebidas. Um aspecto de real importância é que, às vezes, as vozes que se comunicavam com M. F. Taunton, se mostravam

agressivas, ameaçadoras. Por orientação de Peter Bander, o jovem pesquisador suspendeu por alguns meses, as suas investigações. Ao retomá-las, ouviu as seguintes advertências das vozes: “Pare de gravar” e “vá embora”. M. F. Taunton, porém, não desistiu, e declarou que pretendia identificar a origem das vozes que conseguiu gravar.

O IMPRESSOR DE SONS

Na Revista trimestral “Zeitschrift fuer Parapsychologie Und Grenzgebiete der Psychologie”, do Instituto Universitário de Freiburg, Alemanha, dirigida pelo professor Hans Bender, no seu volume 12, nº 4, insere-se o resultado das pesquisas de Jochen Sotscheck com o “Impressor de Sons”. O trabalho foi publicado com o seguinte título: “Sobre as possibilidades de reconhecimento de sons vocálicos”, subtintulado — “Considerações a respeito do processo de linguagem visível e outros métodos, na análise de vozes gravadas em Fitas eletromagnéticas”.

O artigo é vasto, exigindo, do leitor, para o entender, expressivo conhecimento de eletrônica. Ainda assim, chega-se à conclusão, após acurada leitura, que Jochen Sotscheck admite a existência das vozes transcendentes, embora a sua origem permaneça uma questão em aberto para os pesquisadores. De qualquer sorte, a contribuição técnica do autor é deveras significativa, e demonstra, através de uma análise tecnicamente objetiva, a veracidade do fenômeno, resgatando-o, pois, da área escorregadia da simples especulação. Tais experimentos vêm confirmar, sem embargo, a sobremaneira da alma a despeito das inúmeras disposições em contrário.

CONTATO INSTRUMENTAL COM OS MORTOS - A TRANSCOMUNICAÇÃO

A POSIÇÃO DA METASC1ENCE FOUNDATION (U.S.A.) QUE É METASCIENCE?

A utilização de aparelhos (rádio, TV, computadores e secretárias eletrônicas) para conversar com os mortos, assumiu um papel importante na vida de investigadores de variados matizes. Assim, médicos, psicólogos, hipnoterapeutas, psiquiatras, ministros e padres, todos desejavam desvendar os mistérios que encobrem, há séculos, a sobrevivência da alma. No início de 1970, vários livros sobre o assunto apareceram na Alemanha e na Inglaterra. Três pesquisadores nos Estados Unidos da América do Norte, Paul Jones, Hans Heckmann e George W. Meek montaram um laboratório eletrônico, em 1970, destinado a desenvolver uma abordagem sofisticada do problema. Daí nasceria o conceito de “METASCIENCE”:

- É uma abordagem interdisciplinar que está livre das algemas e do conhecimento limitado de todas e quaisquer Ciências, dando-lhes liberdade para seguir além das limitações da presente visão do Mundo.

- Ela permite explorar as dimensões NÃO-FÍSICAS do homem: o duplo (perispírito), presentemente invisível de cada pessoa e os complexos campos de energia que formam, interpenetram e controlam a função de cada órgão componente do corpo físico.

IMPLICAÇÕES DA PESQUISA DA METASCIENCE

NÃO há MORTE. A mente individual, os bancos de memória, a

personalidade sobrevivem à morte.

- A alma veio para a “sala- de-aula da Terra” visando outra série de aprendizagem.

- A sabedoria acumulada de todos os tempos acha-se disponível para a raça humana, quando ela despertar, tiver consciência de sua natureza divina e procurar orientação no sentido de como melhorar a qualidade de vida planetária.

A PESQUISA SPIRICOM

No dia 06 de abril de 1982, no “National Press Club”, de Washington, D.C., George W. Meek anunciava, à Imprensa, que o Dr. William J. O’Neil gravara cerca de VINTE HORAS DE COMUNICAÇÃO, EM DOIS SENTIDOS. COM UM CIENTISTA AMERICANO, JÁ FALECIDO DR. GEORGE JEFFRIES MUELLER.

Objetivando incentivar as pesquisas no campo da TRANSCOMUNICAÇÃO, George Meek liberou os diagramas do equipamento, sem custo ou patente. Algum tempo depois, surgiram em países europeus, como na Alemanha, processos de comunicação com os mortos via TV, computadores e secretária eletrônica.

Entre 1984 a 1988, vários pesquisadores, na Europa, desenvolveram intensas atividades no campo das comunicações com os mortos. Entre esses investigadores destacam-se: Hans Otto Koenig, na Alemanha, Kenneth Webster, na Inglaterra; Klaus Schreiber, na Alemanha; Jules e Maggie Harsch-Fischbach, em Luxemburgo, que utilizaram, ambos, uma secretária eletrônica comum para receber chamadas telefônicas não

solicitadas, de um cientista do “mundo espiritual”. A voz é clara, facilmente compreensível e com baixo nível de estática.

“OS MORTOS ESTÃO VIVOS!” — afirma o Dr. George W. Meek diante da realidade da comunicação em dois sentidos através do computador, rádio, televisão e secretária eletrônica. Entretanto, esse processo de comunicação, como afirmou, “representa somente um incipiente começo. E as rápidas imagens sombreadas dos mortos na tela do vídeo podem parecer amatorísticas”. E completa:

“Vários anos de desenvolvimento serão necessários antes que se tenha aprendido o suficiente acerca das leis fundamentais da natureza para trazer o equipamento a um nível de utilidade e confiabilidade”. Concluindo, vale transcrever estas prudentes observações;

“Para que o aparelho funcione” — esclarece o Dr. Meek: “temos que usar a energia psíquica de uma pessoa com este dom natural, clarividente, que possa ouvir os Espíritos. O aparelho usando, então, a energia eletromagnética e etérea ou psíquica, faz contato com os mortos através do sistema de modulação...”

William O’Neil, engenheiro do grupo pesquisador do Dr. Meek, tem essa energia (também chamada ectoplasmática, bioplásmica) que foi usada para a obtenção das comunicações nas pesquisas da Metascience

Foundation.

OPINIÕES CIENTÍFICAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE GEORGE MEEK

O Dr. Robert Jeffries, de Virginia Beach (USA), opina, da seguinte forma, sobre a momentosa questão levantada pelas experiências em torno da comunicação instrumental com os mortos:

“A física moderna revelou situações que parecem contradizer vários conceitos científicos tradicionais. Se estas observações são válidas, então algumas pedras-fundamentais do pensamento tradicional, acerca da nossa habilidade para compreender o como e o porquê alguma coisa ocorre, baseadas apenas nos paradigmas científicos, podem bem estar totalmente solapadas.” E conclui:

“O ENIGMA MEEK, então, é em suas raízes, outro profundo desafio aos modernos paradigmas científicos da realidade. Elo também, incidentalmente, possui o potencial para fornecer a evidência irrefutável da realidade da ‘fé’ mantida pelo homem através dos séculos, acerca de sua própria imortalidade”.

Dr. Ernest Senkowski, professor emérito de Física e Engenharia Elétrica, em MAINS, Alemanha, afirma:

“Recentemente, excelentes comunicações em dois sentidos foram observadas, sob condições suficientemente controladas, por sistema de áudio, vídeo e computador... dependendo de faculdades especiais de seus operadores. O

conteúdo geral das mensagens recebidas estão de acordo com a informação da comunicação mediúnica...

“O esforço de Metascience Foundation nesta direção garante apoio e séria atenção da parte de todos os cientistas de mente aberta.”

Dr. William C. Gough, presidente da “Foundation for Mind Being Research”, de Los Altos, Califórnia, após tecer uma série de considerações sobre o tema, afirma que um pequeno segmento da ciência está começando a investigar e a indagar: “Existem consciências não-humanas altamente desenvolvidas, na Terra, em outros mundos ou em níveis multi-dimensionais do espaço? Existe alhures uma continuidade para a ‘Vida’ após a morte? Estaremos abertos para explorar tais questões — afirma o Dr. Gough —, porque os exemplos acima mostram que o gume afiado da ciência está preparando o caminho. Este poderá ser o primeiro passo para construir uma ponte entre a sabedoria perene dos místicos e a ciência do Ocidente.

Professor Walter H. Uphof, de Oregon, Wisconsin, emite, por seu turno, o seguinte parecer:

“Há pessoas que se intitulam cientistas e que violam um básico conceito de ciência: não prejudicar qualquer espécie de fenômeno, sem exame.

“George Meek levantou uma questão: a maioria dos cientistas e clérigos do mundo parece estar desinformada ou equivocada acerca da evidência acumulada apontando em

direção à vida após a morte”.

Em seguida o professor Uphoff afirma que, através dos anos, manteve contato com os mais conhecidos “agentes psíquicos”, em que se incluem, entre outros, Uri Geller, Eileen Garret, Luís Gasparetto, Douglas Johnson, Arthur Ford, Hiroshi Motoyama, Gerard Croiset, George Chapman. Declara o professor Uphoff que se sentiu afortunado porque conheceu vários exploradores dos fenômenos psi: Dr. Konstantin Raudive, Dr. Burkhard Heim, Hanna Buschheck, Hans Bender, Dr. Alfred Steltir, Dr. Alex Schneider, Dr. Walter A. Frank, Alan Neuman, Luise Fuchs, Martin Ebon, Harold Sherman, Joe e Mike La moreaux, Martin Wenzel e Jules e Maggie Harsch-Fischbach, que estão fazendo trabalho pioneiro em captar imagens paranormais em ‘Video tape’ e gravando vozes espirituais em fitas magnéticas.

Na primeira “Internacional Conferece on Paranormal Research”, realizada no “Colorado State University Campus”, em julho de 1988, o professor Uphoff, destacou o trabalho levado a efeito por George e Jeannette Meek, “pelos seus anos de corajosa investigação das áreas de pesquisa psi negligenciadas”.

O professor Uphof conclui as suas assertivas preconizando que o prefixo “para” será algum dia abandonado quando nós aprendermos mais acerca do que é normal no universo...

Dr. Bruce Swain, professor de jornalismo, Universidade da Georgia - Attens, Geórgia.

O Dr. Bruce Swain admite que ficou profundamente admirado

quando, em 1982, George Meek declarou numa entrevista coletiva haver conversado com os mortos através do SPIRICOM. Em seguida ele recomenda a leitura do livro “BEYOND THE QUANTUM” (“ALÉM DA QUÂNTICA”), de Michel Falbot.

Após algumas digressões sobre a obra antecitada, o Dr. Swain conclui que “A nova física, cedo ou tarde, dará uma volta em seus principais postulados acerca do Universo, de Deus, do papel do homem e a natureza da Ciência. E nenhuma soma de resistência devida a interesses científicos ou religiosos investidos será capaz de impedir este momento”.

Não foi sem motivo que Michael Falbot vaticinou em seu livro: “a Metafísica de hoje está, rapidamente, tornando-se a Física de amanhã...”

ESCRITA DIRETA (PNEUMATOGRAFIA)

O PIONEIRISMO DO BARÃO L. DE GULDENSTUBBE

O Barão L. de Guldenstubbe nasceu na Escandinávia em 1820 e desencarnou em 1873. Foi contemporâneo, pois, de Allan Kardec.

Afirma-se que ele fora o primeiro a lidar com as “mesas girantes e falantes” em França, escrevendo dois livros de conteúdo eminentemente histórico no campo das pesquisas espíritas: “La Pneumatologie Positive et Experimentei’ e “La Réalité des Esprits et le Phénomène Merveilleux de leur Ecriture Directe”. Este livro é ilustrado com 26 fac símiles de escrita direta, fenômeno observado no período de 1856 (um ano antes do lançamento, em Paris, de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”) e 1872.

Embora Allan Kardec não tenha feito referências ao trabalho do Barão de Guldenstubbe, um grande médium e pesquisador, o Reverendo

Stainton Moses, chama a atenção dos pesquisadores sobre os resultados conseguidos pelo nobre escandinavo, cujas faculdades mediúnicas possibilitaram extraordinários fenômenos de escrita direta.

O que se ressalta nas experiências do Barão de Guldestube é que ele conseguia a escrita direta em qualquer lugar, em qualquer hora do dia, ao ar livre ou dentro de uma cripta, agindo com inusitada segurança e equilíbrio.

Os experimentos do Barão despertaram a atenção de Robert Dale Owen, que foi a Paris com o objetivo de observar, ao vivo, esses notáveis fenômenos, que os ingleses rotularam de “Independent Writting” (Escrita-Independente) propiciada por um agente desencarnado.

As experiências do Barão L. de Guldenstube enriquecem, fundamentalmente, os anais das pesquisas espíritas. Os Espíritos demonstraram, com a escrita direta, certos mecanismos que ainda hoje, finais do século XX, precisariam ser investigados!

NOTÁVEIS PESQUISAS DE ESCRITA DIRETA

No Capítulo XII de “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, Allan Kardec refere-se à PNEUMATOGRAFIA ou ESCRITA DIRETA, que é a escrita produzida diretamente pelo Espírito sem nenhum intermediário.

Kardec considerou o fenômeno da ESCRITA DIRETA um dos mais extraordinários do Espiritismo. Entretanto, as primeiras experiências suscitaram desconfiança. A idéia de fraude generalizou-se. Para assegurar, pois, a veracidade do fenômeno, redobraram-se as precauções, instituindo-se rigorosas medidas preventivas, anulando-se a interferência

de pessoas inescrupulosas que, movidas por interesses vis, tentaram desacreditar a escrita direta.

O fenômeno da escrita direta (que é um fenômeno de efeito físico) vem desde remotas eras. Destaca-se o que aconteceu na Babilônia, durante o festim do rei Belsazar, quando apareceu uma gigantesca mão que escreveu, com um dos dedos, a seguinte expressão: “MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM”. Este episódio é contado no livro de Daniel, Antigo Testamento.

Em princípio, pensava-se que seria necessário colocar um lápis com o papel para se obter a ESCRITA DIRETA. Todavia, constatou-se que a presença do lápis era prescindível. Bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para em breves minutos aparecerem as letras. “Com isso” — acrescenta Kardec — “o fenômeno mudou completamente de aspecto e nos lançou em outra ordem de idéias. As letras são escritas com uma certa substância, e desde que não se forneceu ao Espírito nenhuma substância, ele a teve de produzir, de compô-la por si mesmo. De onde a tirou?”

Sobre a questão, Kardec recomenda o estudo do Capítulo VIII de “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, que trate do “LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL”.

Na verdade, o Espírito não se aproveita de substâncias e instrumentos de nossa produção. Ele mesmo os elabora, servindo-se do elemento primitivo Universal, “que submete, por sua vontade, às modificações necessárias para atingir o efeito desejado”. Desse modo, tanto pode produzir a grafite de lápis, a tinta de impressão tipográfica ou a tinta

comum de escrever e até mesmo caracteres tipográficos.

O fenômeno de ESCRITA DIRETA é geralmente espontâneo³⁴. Pode ser obtido em várias línguas: em grego, latim, português etc, em caracteres hieroglíficos.

Os Espíritos demonstram, com a ESCRITA DIRETA, a sua versatilidade, contribuindo, embora não o desejem, para tornar ainda mais complexo o processo de comunicação com o mundo corpóreo.

ESCRITA NA LOUSA

Um dos mais notáveis médiuns de ESCRITA DIRETA chamava-se Henry Slade, um norte-americano que se dedicou com raro empenho ao exercício de sua especial faculdade. Após 15 (quinze) anos de atividade mediúnica na América do Norte, Slade submeteu-se a rigorosos testes com o Coronel H. S. Olcott, antigo Presidente da Sociedade Teosófica, que, juntamente com a Sra Helena Blavatsky, foi responsável pela ida do médium à Inglaterra. Eis o resultado dessa investigação: “eram escritas mensagens nas faces internas de duas lousas, por vezes amarradas e seladas juntas, quando postas sobre uma mesa, à vista de todos; acima das cabeças de membros da comissão; presas à parte inferior do tempo da mesa; nas mãos de um membro da comissão, sem que o médium a tocasse.

³⁴ Afirma Kardec na “Revue Spirit” de maio de 1860: Os fenômenos, seja qual for a sua natureza, jamais cotão, de uma maneira certa, à nossa disposição, e ninguém poderia garantir a sua obtenção à vontade e num dado momento. Quem os quiser observar, deve resignar-se a espera e, muitas vezes é, de parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador e do fim a que se propõe. Os Espíritos pouco se preocupam em divertir os curiosos, e não se ligam de boa vontade senão a gente séria, que prova vontade de instruir-se, para tanto fazendo o que é preciso, sem mercadejar seu esforço e seu tempo.

Henry Slade chegou a Londres no dia 13 de julho de 1873, começando a trabalhar, dois dias depois, à luz do dia, no próprio local onde ficara hospedado — 8 Upper Bedford Place, Russel Square, obtendo grande sucesso. Entre os fenômenos registrados, destacam-se os de ESCRITA DIRETA, levitação de objetos e materialização de mãos. O periódico “The Spiritual Magazine” estampava no dia seguinte: “O Dr. Slade é o mais notável médium dos tempos modernos”. Posteriormente, o mesmo jornal dava a lume um artigo de J. Enmore Jones, que dizia ser Slade o substituto de Daniel Dunglas Home.

O pesquisador Staiton Moses, manifestou-se, da seguinte forma, sobre a faculdade mediúnica de Slade, depois que assistiu às sessões do famoso médium:

“Em sua presença os fenômenos ocorrem com regularidade e precisão... Não havia hesitação nem tentativas. Tudo era rápido, agudo, decisivo. Os operadores invisíveis sabiam exatamente o que iam fazer...”

E acrescentou, enfático:

“Tenho visto todos esses fenômenos e muitos outros várias vezes, mas nunca tão rapidamente, tão consecutivamente em plena luz do dia. Toda a sessão não durou mais que meia hora, e, do começo ao fim, não houve interrupção dos fenômenos”.

O ATAQUE DAS SOMBRAS

No início do mês de setembro de 1876, quando tudo corria às mil

maravilhas, surgem os primeiros ataques a Henry Slade. Vieram do professor Ray Lankester que chegou a participar de duas sessões com o médium norte-americano. Enviou uma carta ao jornal “The Times” denunciando as fraudes de Slade, por ele constatadas quando da segunda sessão de que participou. Saíram em defesa de Slade dois gigantes das pesquisas espíritas: o Dr. Alfred Russel Wallace e o Dr. William Barrett.

Escreveu o Dr. Alfred Russel Wallace: “O professor Lankester foi com a firme convicção de que tudo que ia assistir era impostura e, assim, pensa que viu impostura”. O referido professor dispôs-se a ver, durante a sessão, tão-somente embustes, engendrados pelo médium. E assim que esses “pesquisadores” agem, com o único objetivo de negar, simplesmente negar, embora os fatos demonstrem o contrário. Kardec também sofreu idêntico tratamento, sendo injustamente atacado por pessoas que ele permitia participar das sessões experimentais que realizava na Sociedade Espirita de Paris. Até hoje, após tanto tempo, a atitude refratária e preconceituosa que tipificou a intolerância do passado permanece inatingível à própria realidade dos fatos.

A CONDENAÇÃO DE SLADE

A despeito da defesa do Dr. Alfred Russel Wallace e do Dr. William Barrett, Slade foi a julgamento na Corte da Polícia de Bow Street. A acusação coube ao Dr. George Lewis. As provas sobre a veracidade dos dons mediúnicos de Slade foram oferecidas pelo naturalista Alfred Russel Wallace, por Serjeant Cox e outros. As testemunhas, forjadas pelos inimigos do Além, terminaram por levar o médium americano às barras da prisão nos termos da lei contra a vagabundagem. Houve

apelação, que resultou no relaxamento da prisão. Posteriormente, a condenação foi anulada “sob fundamento de ordem técnica”. Dois dias depois, Slade, com a saúde comprometida pelo nefasto episódio, deixou a Inglaterra, chegando a Berlim (Alemanha) em novembro de 1877, onde realizou memoráveis sessões do ESCRITA DIRETA sobre as lousas, obtendo-se, inicialmente, caracteres alemães do século XV.

AS PESQUISAS DE WILLIAM CROOKES

Em “Recherches sur le Spiritisme” (Pesquisas sobre o Espiritismo) o notável cientista inglês William Crookes descreve os fatos ocorridos em uma sessão de que participou, cuja médium era a extraordinária Kate Fox:

“O primeiro fato que citarei teve lugar, é verdade, em uma sessão com escassa luz, mas não obstante o resultado não foi por isso menos satisfatório. Achava-me sentado ao lado da médium, Kate Fox, e não estavam presentes mais que minha esposa e um de nossos parentes. As mãos da médium estavam presas em uma das minhas, enquanto meus pés estavam apoiados nos seus.

“Uma mão luminosa desceu do teto, e depois de haver pairado por alguns segundos, tomou o lápis de minha mão livre e escreveu rapidamente sobre a folha de papel, soltou o lápis, se elevou por cima de nossas cabeças e rapidamente se perdeu pouco a pouco na obscuridade.

Em seguida o professor William Crookes relata o resultado da sessão

que realizou com o médium Daniel Dunglas Home:

“Esta manifestação aconteceu em plena luz, em minha própria casa, em presença de D. D. Home e de alguns amigos íntimos. Diversas circunstâncias, que se torna inútil enumerar, me haviam mostrado que o poder de Home era muito forte esta noite. Expressei então o desejo de ser tentada a produção de uma mensagem em ESCRITA DIRETA. Imediatamente nos foi transmitida a comunicação alfabética seguinte: “Ensaiaremos” — Sobre a mesa havia lápis e algumas folhas de papel: o lápis se levantou sobre a ponta, avançou até o papel em saltos inseguros e caiu. Voltou a levantar-se e a cair pela segunda vez. Na terceira tentativa o lápis se elevou sobre o papel e escreveu rapidamente”.

O PACTO ENTRE ROBERT D. OWEN E W. KNOX

Robert Dale Owen (1801 - 1875), membro do Instituto Smithsonian e autor dos livros “Footfalls on the Boundaries of Another World” e “The Dehatable Land Between this World and the Next” (1870), publicou no “Religio - Philosophical Journal”, de 26 de julho de 1884, o relato a seguir, que Alexandre Aksakof (1832-1903) reproduziu em ““LIGHT”” (de 1885), jornal britânico publicado pelo ‘College of Psychic Science Ltd:

“Entre meus amigos íntimos se achava um senador pela California, muito conhecido, que era diretor de uma organização bancária muito próspera de San José. O Dr. William

Knox — tal o seu nome — era um pensador profundo e partidário resolutivo das teorias materialistas. Foi atacado de pneumonia progressiva e sentindo seu fim próximo me falava, a juntar amiúde, do sono eterno que o esperava. Não temia a morte. Certo dia lhe propus o seguinte: “Façamos um pacto, doutor. Se no Além sentir-se vivo, tentará, na medida do possível, comunicar-me estas palavras: “TODAVIA VIVO”. Ele aquiesceu, com solene promessa”.

“Após a sua morte, esperei impaciente suas notícias. Meu desejo se acentuou com a chegada à nossa cidade de um médium de materialização que vinha do oeste da América. Tinha absoluta confiança na seriedade do referido médium, que me declarou que, às vezes, podia obter provas de identidade por meio de ESCRITA DIRETA na ardósia. Propus-me tentar a experiência, já que se apresentava a ocasião. Levei uma ardósia, colocou-se nela um lápis apropriado e a depusitei contra o tampo da mesa, mas pela parte debaixo. O médium pôs uma de suas mãos apertando a minha sob a mesa e a outra por cima... Em seguida, ouvimos o ruído do lápis escrevendo na ardósia e ao terminar estavam escritas as seguintes linhas: Amigo Owen, os fenômenos que nos oferece a natureza são irresistíveis e quem diz ser filósofo e luta contra um fato que contradiz suas teorias favoritas, termina por ser lançado a um mar de dúvidas e incertezas. Não é esse precisamente o meu caso, ainda que minhas antigas idéias sobre a vida futura hajam

sido completamente equivocadas; mas lhe confesso, tem sido uma agradável desilusão e me sinto feliz, meu amigo, de poder dizer: TODAVIA VIVO.”

Seu amigo de sempre,

WILLIAM KNOX

Eis uma irrefutável prova da sobrevivência da alma. Mas vejamos o comentário de Robert Dale Owen a respeito:

“Devo acrescentar que o médium de que se trata havia chegado à Califórnia três anos depois da morte do meu amigo, a quem não havia conhecido, e que a letra da mensagem era igual a de William Knox, segundo foi reconhecida por várias pessoas presentes”.

AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO

Os incrédulos poderiam objetar que o conhecimento da escrita de Knox teria sido captada na “consciência subliminal” de Dale Owen e que por exteriorização do Espírito do médium foram escritos os caracteres na ardósia, pois sabemos, por numerosas experiências, e em particular pelas realizadas com Eusápia Paladino, que o médium pode projetar uma mão fluídica com bastante consistência para exercer ação objetiva sobre a matéria.

A verdade é que esses contumazes contestadores, para confirmar as suas absurdas teorias, chegam a dotar o médium de poderes que terminam sendo mais eficazes e substanciais que as próprias comunicações dos

Espíritos.

WILLIAM EGLINTON, LAURA PRUDEN E A ESCRITA DIRETA

William Eglinton famoso médium inglês nasceu em Islington, Inglaterra, a 10 de julho de 1857. Não mostrou nenhum poder psíquico em sua infância. Ouviu falar pela primeira vez em Espiritismo em fevereiro de 1874, num debate na Câmara de Ciência, em Londres, entre Dr. George Sexton (autor de “Scientific Materialism Calmly Considered”) e L. Toote. Movido pela curiosidade, seu pai formou um círculo familiar. Por 7 ou 8 noites não houve nenhuma manifestação e William expressou seus sentimentos fixando na parte da sala das sessões um grande cartaz com as inscrições: “Há lunáticos confinados aqui; eles estão prestes a se perder; profundamente perigosos etc”. Seu pai ficou ofendido e lhe disse que ou se juntasse ao círculo ou deixasse a casa durante as investigações. Ele resolveu participar, mas decidido a parar se nada acontecesse. Algo aconteceu, porém. A mesa tornou-se animada e respondia inteligentemente às perguntas. Nos próximos meses, William desenvolveu fortes fenômenos sob a orientação do seu guia espiritual de nome “Joey Sandy”. Dezoito meses depois, outro guia chamado Ernest apareceu e materializações muito boas foram realizadas à luz da lua.

A partir de 1884, W. Eglinton se concentrou na escrita em lousa o que ele acreditava ser mais conveniente que as materializações. De acordo com John S. Farmer ele praticou quase que diariamente este fenômeno, por três anos, até obter qualquer resultado. Ao contrário de Slade durante as experimentações, ele permanecia passivo e quieto por todo o tempo.

Como resultado de algumas sessões bem sucedidas o Senhor W. P.

Adshhead, de Belper, ofereceu uma recompensa de 500 libras para alguém que não fosse reconhecidamente médium, produzisse o mesmo resultado sob as mesmas condições.

Em 29 de outubro de 1884, W. E. Gladstone (Grande estadista vitoriano) teve uma sessão com Eglinton. Ele obteve respostas para perguntas que eram escritas ocultamente nas próprias lousas do visitante, ambas seguras sob a mesma, e deixadas sobre a mesa à vista de todos e fechadas. Algumas das perguntas eram feitas em espanhol, francês ou grego e respondidas na mesma língua. Gladstone ficou tão impressionado que se juntou a S.P.R.³⁵. Em duas ocasiões em 1884, Eglinton deu demonstrações públicas em um palco num encontro da Aliança Espiritualista de Londres e uma palestra sua na Câmara de Saint James. Ambas as Sessões foram eminentemente bem sucedidas.

Em 1885, Elington teve sessões em Paris com Charles Richet mas ele teve comprovação do poder do médium em sua visita seguinte a Londres em companhia do Dr. Myers, irmão de F.W.H. Myers. Richet nunca atribuiu muita importância às experiências com escrita em lousa e escreveu em sua obra “Thirth Years of Psichieal Research” (Trinta anos de Pesquisa Psíquica): “Eu fiz um desenho na lousa, de forma que Eglinton não pudesse ver o desenho. A lousa foi virada e um pequeno pedaço de giz colocado nela. Tomei a lousa em minha mão e sem soltá-la, segurava sob a mesa, enquanto Eglinton segurava o outra ponta da mesma. Após 2 ou 3 minutos, um curioso facsimile do meu desenho foi

³⁵ Os trabalhos de W. E. Gladstone foram publicados no periódico: “Violet Tweedale’s”, sob o título — “Ghosts Y Have Seen” (1919).

reproduzido, mas creio que um ilusionista poderia fazê-lo melhor”.

Eglinton pôde, com dedicação e honestidade, provar a todos a autenticidade dos fenômenos que a sua faculdade mediúnica propiciava.

DERMOGRAFIA: ESCRITA DIRETA GRAVADA NA PELE

A DERMOGRAFIA é um fenômeno raro. É caracterizado por sinais, símbolos e palavras que surgem sobre o corpo físico de pessoas dotadas de especial faculdade supranormal. Assemelha-se ao fenômeno da estigmatização que aparecem, preferencialmente, nas mãos, nos pés, testa e peito, representando as feridas sofridas por Jesus durante a crucificação. A diferença entre ambos, todavia, é fundamental: a DERMOGRAFIA aparece, de repente, e desaparece do mesmo modo, enquanto a *estigmatização* ocorre em épocas certas, provoca sangramento e deixa indeléveis cicatrizes. A maioria dos casos de DERMOGRAFIA é registrada no século XIX, destacando-se o da Sra Seymour, uma médium americana da cidade de Waykeegan, nas proximidades de Chicago (USA). Essa médium foi observada pelo pesquisador Manuel Eyre, que relata o seguinte:

“Quando a médium entrava em transe, esticava o braço e, com o indicador da outra mão, fazia movimentos como se estivesse escrevendo no ar. O braço estava coberto pela manga da blusa e o dedo ficava a 30 cm. de distância dele, mas quando ela arregaçava a manga via-se na pele a assinatura do Espírito que daria a mensagem durante a sessão”.

Segundo notícia o jornal “SPIRITUAL TELEGRAPH”³⁶, a escrita aparecia em relêvo, podendo ser sentida ao se passar a mão sobre o lugar. As palavras ficavam visíveis durante mais ou menos 20 minutos; depois desapareciam, sem deixar cicatrizes ou marcas. A Sra Seymour submeteu-se no exame de uma comissão especial, que tentou encontrar quaisquer indícios de fraude, o que não ocorreu, frustrando alguns de seus integrantes.

Por volta de 1933, divulgam-se os fenômenos de DERMOGRAFIA provocados por outra médium norte-americana: Olga Kahl que, àquela época, submeteu-se à investigação de suas faculdades no “Instituto Metapsíquico de Paris”. No seu caso, o vocábulo ou símbolo, transmitido mentalmente, era impresso em sua pele. Até o momento, a Ciência não encontrou a gênese do fenômeno. Apela-se, então, para a histeria, como única e inexplicável saída. Outro caso que se tornou conhecido aconteceu no século XVII, em Lundun, com a priora das freiras ursulinas. Os nomes de José e Maria, pais de Jesus apareciam escritos em sua mão, fato testemunhado pelo dramaturgo inglês Thomas Killigrew (1612-1683). Nandor Fodor, na “Encyclopaedia of Psychic Science” prefaciada por Sir Oliver Lodge, afirma que os fenômenos de DERMOGRAFLA ocorreram várias vezes quando dos recrudescimentos das lutas religiosas na Irlanda do Norte.

Charles H. Foster (1838-1888), considerado por George C. Bartlett,

³⁶ O jornal “Spiritual Telegraph”, foi fundado em Nova Iorque, a 8 de maio de 1852, subvencionado pelo negociante Mr. Patridge, com auxílio do Rev. S. B. Britain. É considerado o primeiro periódico espírita do mundo. Registro encontrado no livro “Katie Fox and the Fox-Tnylor Record”, 1937 de W. G. Langworthy Taylor, citado por Zéus Wnntuil em “As Mesas Girantes e o Espiritismo” — FEB.

seu biógrafo, “o maior médium espírita desde Swedenborg”³⁷, ofereceu valiosos exemplos de escrita direta na pele, registrados nos “Proceedings” da “Sociedade Dialética” de Londres. Relata George C. Bartlett que um certo Mr. Adams fizera uma consulta a Foster. “Quando ia saindo, Mr. Foster lhe disse que em toda a sua experiência jamais tinha visto um indivíduo trazer tantos Espíritos... A sala estava literalmente cheia deles, indo e vindo... As duas da manhã seguinte Mr. Foster me chamou dizendo: “George, quer fazer o favor de acender o gás? Eu não posso dormir: o quarto está cheio da família Adams e parece que estão escrevendo seus nomes em mim”. E com grande admiração minha, a lista de nomes da família de Adams estava gravada em seu corpo. Conteí onze nomes diferentes: um estava escrito na testa, outros nas costas”.

Através da DERMOGRAFIA os Espíritos se comunicam utilizando-se de mensagens simbólicas. Foi justamente o que aconteceu com a médium Cogswell. Um assistente mentalizou um amigo desencarnado, solicitando que desse prova de sua presença. No braço do médium apareceu o desenho de um coração perfurado como se uma bala de revólver o tivesse atingido. A representação era perfeita: o Espírito comunicante desencarnara com o coração perfurado à bala...

A médium francesa Raymonde Pauline, conhecida por Chantal,

³⁷ Maiores informações sobre o médium Charles H. Foster o leitor poderá consultar a obra “A História do Espiritismo”, de Sir Arthur Conan Doyle, Ed. Pensamento, no seu capítulo XVI. Por outro lado, deve-se tecer algumas considerações sobre a vida e a obra de Emmanuel Swedenborg. Nasceu em 1688 e desencarnou, em Londres, em 1772. Esse vidente sueco era dotado de vasta cultura. Ensinava que o Universo se compunha de esferas diferentes, com varies graus de luminosidade e felicidade, e que essas esferas nos servirão de morada depois da morte. Falava, em verdade, de Colônias Espirituais, onde os seres que nelas habitam recebem os recém-chegados que, após um período de repouso, recobram a consciência do seu novo estado. Obras de autoria de Swedenborg: “CÉU E INFERNO”, “A NOVA JERUSALÉM” e “ARCANA COELESTIA”. Mais tarde, 1943, Swedenborg retoma e escreve através da médium inglesa Stella Myers a obra: “HERGIN KNOW THYSELF”, em dois volumes, o segundo sob o título: THE TRUE JESUS” (“O VERDADEIRO JESUS”).

apresenta um tipo de fenômeno muito especial. Ela começa a sentir calor em um lugar do rosto, seguido de formigamento. Km poucos minutos aparece, no local, um rostinho, notadamente perfeito!

Charles Richet (1850-1935) ao tentar explicar o fenômeno da DERMOGRAFIA, dizia que as emoções fortes e o delírio religioso poderiam provocar processos circulatórios envolvendo trocas metabólicas dos tecidos(!)

Fenômenos desse jaez permanecerão envolvidos por denso mistério, enquanto negarem a possibilidade de serem provocados pelos Espíritos, que se utilizam dos mais estranhos recursos para provar que a imortalidade é uma realidade, independentemente do dogmatismo religioso ou de preconceitos científicos.

MECANISMOS DA ESCRITA DIRETA

Os fenômenos de materialização e efeitos físicos carecem de explicações mais concretas e objetivas quanto ao modo como são realizadas pelos Espíritos, devido à deficiência das diversas teorias até hoje conhecidas. Quer-nos parecer que isso se dava ao fato de as pesquisas realizadas não terem sido concluídas por várias razões. Não que se duvide de tais pesquisas. Todas têm explicações rigorosamente científicas, formam resultado de milhares de observações e experimentos levados a efeito por uma falange de indivíduos que soube desenvolver de uma forma e métodos práticos o seu trabalho de investigação. Entretanto, sempre algo ficava por verificar ou carecia de maiores explicações. E como dizia Kardec: “Uma teoria só pode ser aceita como verdadeira com a condição de satisfazer a razão e dar o porquê de todos os fatos que ela

abrange; se um fato apenas lhe vem dar desmentido é porque não está em concordância com a verdade”. E isso requer grande dose de dedicação, paciência e abnegação.

Os Espíritos, quando querem se comunicar com este mundo ou atuar sobre ele, encontram grandes dificuldades. A desencarnação transporta o Espírito para um mundo diferente e regido por leis bem diversas das que imperam no mundo material, o que faz com que entre os dois mundos — visível e invisível — se estabeleça um grande abismo. Fica o Espírito desencarnado, temporariamente, privado da capacidade de atuar sobre a matéria e, ao mesmo tempo, inadaptado às leis do mundo imaterial. É preciso, então, que ele se equilibre, descubra as leis do mundo onde está vivendo e encontre o “canal” pelo qual possa comunicar-se com os encarnados, uma vez que a influência do além no aquém só é realizável por meio de certas e determinadas leis, E do lado de cá alguém terá de se dispor a colaborar nesse intercâmbio.

São justamente essas leis que não estão ainda bem explicadas pelos pesquisadores.

Uma teoria interessante a respeito de efeitos físicos é a que vem a seguir e que ocorreu na América do Norte, há algumas décadas.

O juiz Edmonds, primeiro magistrado da Suprema Corte de Nova Iorque e profundo pesquisador dos fenômenos espíritas, descreve em seu livro “O Espiritualismo Americano” as observações de Edward Fowler como vidente e que nos fornece explicações da metodicidade das ações dos Espíritos e suas ocupações no mundo material.

Geralmente, durante a noite, Edward Fowler recebia visitas de Espíritos e, certa feita, um deles, componente do uni grande grupo, colocou uma caixinha sob a mesa que se encontrava no quarto. Em seguida, os outros Espíritos tiraram a tampa dessa caixa, colocaram-na sobre a mesa e sobre ela uma folha de papel que se achava numa prateleira. Da tampa, surgiram uns buracos de onde emanavam raios de luz, ora brancos, ora azuis, que pareciam influir sobre uma caneta que se achava na mesa. A caneta, por diversas vezes, era elevada quase à posição vertical e caía, até que, finalmente, com muita dificuldade, permaneceu em posição vertical, ficando os raios dispostos conforme indica a figura A (C indica a caneta, P o papel, R os raios de luz). A caneta saltou até o tinteiro e retornou ao papel onde escreveu por aproximadamente 5 minutos, uma mensagem em caracteres hebraicos.

Numa outra visita espiritual, procederam à seguinte experiência:

Um Espírito, com aparência masculina, colocou sob a mesa de Fowler uma caixa, e outra caixa sobre a prateleira acima da mesa. De ambas as caixas partiram raios de luz em direção à mesa, como demonstra a figura B (C indica caixa, P prateleira e R raios de Luz). Os raios, como antes, eram ora brancos (sob a mesa), ora azuis (sobre a mesa). A proporção que os raios aumentavam de intensidade, a mesa erguia-se. A seguir, a caixa que se encontrava debaixo da mesa deslocou-se até o centro do quarto e, por meio dos raios de luz, removeu livros, a princípio rapidamente para, depois, em pleno vôo, diminuírem de velocidade e caírem no chão.

Essa foi apenas uma informação, através da vidência, sobre os fenômenos da escrita direta e levitação de objetos; entretanto, as teorias se multiplicam sem que se chegue a uma conclusão por uma série de motivos, entre outros, como:

- desinteresse pelas pesquisas espíritas sob o argumento de que elas não têm valor para a Doutrina;
- falta de médiuns com capacidade para produzir o fenômeno ou desinteresse pelo exercício de sua faculdade;
- carência de pessoas no meio espírita com capacidade para desenvolver e dirigir trabalhos de pesquisa;
- solução de continuidade das sessões por desistência do médium ou indisciplina dos componentes do grupo.

O certo seria a união de forças para a realização das pesquisas espíritas e, não a negativa pura e simples, sem mesmo se ter antes observado o trabalho a que se dispõe criticar. Lembra, a propósito, uma observação do prof. William James, o notável pesquisador das faculdades mediúnicas da Sra Eleonora Piper, quando revelou que um dos maiores críticos norte-americanos das investigações da fenomelgia espírita jamais pisou, em toda a sua vida, que então declinava, em um laboratório ou um gabinete mediúnico...

O REFLECTÓGRAFO

A “Revista de Espiritismo” editada pela Federação Espírita Portuguesa, estampo em seu número de janeiro/fevereiro de 1930, uma

notícia veiculada pelo periódico “The Harbinger of Light”, sobre a construção pelo Sf. B. K. Kivby, da Skegness Spiritualist Church, de um aparelho a que deu o nome de REFLECTÓGRAFO, que lhe permitiu comunicar-se com o mundo invisível, tendo feito demonstrações perante os mais eruditos espíritas de Londres, entre os quais figuravam “Sir” Conan Doyle e sua esposa e Horécio Leaf (médium contemporâneo, clarividente, psicômetra) bem como alguns membros da Sociedade Americana de Investigação Psíquica.

Afirma-se que “Sir” Conan Doyle, depois das experiências, sintetizou, na seguinte expressão, a sua opinião:

“Creio que assistimos hoje ao aparecimento de uma das maiores invenções que jamais apareceu no nosso mundo”.

Thomás Edison (que também tentou contatar com os Espíritos através de aparelho) assim se manifestou numa entrevista concedida o “THE PEOPLE”; “Os nossos meios atuais de receber mensagens do Além são ainda imperfeitos; mas isto não é uma razão para que não procuremos aperfeiçoá-los; e mais depressa chegaremos a grande via que levo à solução do maior problema da nossa época”.

Enquanto isso, a Sociedade de investigações Metapsíquicas de Paris, sob a inspiração do benemérito Jean Meyer, abria concurso, com prêmios, para quem apresentasse o melhor aparelho para receber mensagens espirituais. —

“Se a notícia do The Harbinger of Light’ se confirmar, será certamente este aparelho aquele que com mais

possibilidades obterá o prêmio do referido concurso” —
concluiu o articulista de “Revista de Espiritismo”.

O número seguinte da “Revista de Espiritismo” (março/abril de 1930) transcreve uma matéria veiculada na “International Psychic Gazette”, descrevendo o aparelho:

“O inventor é Basil K. Kirkby, que julga ter sido inspirado e guiado na construção do aparelho pelo Espírito George Jobson, que residira, quando vivo, em Horncastle, Lincolnshire. Era um homem muito versado em assuntos científicos e autor de vários inventos, tendo viajado muito por todo o mundo. Pouco antes da sua morte combinou com Basil K. Kirkby o sinal BKK para ao comunicar do Além com o mundo corpóreo. Pouco tempo após a sua morte, George Jobson comunicou-se com BKK. Durante cerca de 03 (três) anos o Espírito Jobson e BKK trabalharam em estreita colaboração no desenvolvimento de REFLECTÓGRAFO, para transmitir mensagens por meios mecânicos.

Consiste o aparelho num teclado duplo, parecido com o de um órgão, contendo todas as letras do alfabeto e alguns sinais. As teclas estão tão perfeitamente equilibradas e leves que podem ser premidas pelo peso de uma pena e, ao mesmo tempo que as letras de uma mensagem são premidas, são eletricamente reproduzidas num alvo e lidas pelos assistentes.

Posto que não haja contato humano com o instrumento, durante a transmissão das mensagens dos Espíritos, é necessário, para tanto, um poderoso médium de ectoplasmia. O médium utilizado fora a Sra L. E. Singleton, que fica, durante as sessões, amarrada a uma cadeira num gabinete, defronte do aparelho e cai em transe profundo. Para prevenir qualquer contato, amarram as mãos e os pés da médium, além de existirem entre ela e o instrumento as cortinas do gabinete e uma rede.

O MECANISMO DO REFLECTÓGRAFO

Emergem do médium alavancas psíquicas invisíveis que são usadas pelos operadores espirituais para premir as teclas.

Várias demonstrações foram feitas com o aparelho, quando muitos assistentes receberam mensagens pessoais e todos pareceram profundamente impressionados com a novidade e a experiência da transmissão.

ESCRITA AUTOMÁTICA

Gabriel Delanne afirma que uma das mais convincentes manifestações espíritas é, sem dúvida alguma, a ESCRITA AUTOMÁTICA. Sentir o braço agitado por movimentos cujo controle é praticamente impossível; ver a própria mão escrever sob a influência de outra vontade; escrever sem interrupção páginas inteiras, ignorando-se o sentido.

EXPERIÊNCIAS DE UM PSQUISTA

William James, em sua obra “Experiences d’un Psychiste” (Editions

Payot, 1972), informa que ele e Richard Hodgson (um dos principais pilares da SPR) participaram de pesquisas de ESCRITA AUTOMÁTICA. Verificaram, após inúmeras observações, que a mão da pessoa submetida à escrita automática (pelo menos em certos casos) estão destituídas de sensibilidade.

As pessoas, por exemplo, que escreviam com a prancheta falavam de uma sensação de formigamento na mão. Objetivando constatar o fato, William James e R. Hodgson realizaram metucioso trabalho de pesquisa com William L. Smith, de Concord (Massachusetts) que apresentou, com a prancheta ou com um lápis, uma notória reação de insensibilidade. O interessante é que a reação partiu do Espírito comunicante, que escreveu ao ser picado, com alfinete, a mão do médium: “Inútil tentar escrever quando me fazem doer... não me piquem mais”. Dois dias depois, os pesquisadores interrogaram o Espírito:

- “Está aborrecido por eu o ter picado?”
- “Sim”
- “Onde eu o piquei?”
- “Nas costas da mão”
- “Piquei-o em outro lugar?”
- “Não”
- “Em que mão”
- “A direita”.

Ao ser interrogado, posteriormente, William L. Smith negou ter sido picado durante a sessão.

Embora enfoquemos particularmente a experiência sob o ângulo espiritualista, eis as deduções a que chegou William James:

“... estamos perante uma consciência dividida em duas

partes, uma das quais se exprime por meio da boca e a outra por meio da mão. A consciência que se exprime pela voz desconhece tudo o que a mão sofre ou realiza; a outra ignora as picadelas de alfinete que afetam outras partes do corpo: se chamamos a esta ‘consciência automática’, vemos igualmente que a consciência automática pode transportar-se de uma para a outra mão e levar consigo o grupo de reminiscências que lhe são peculiares”.

E concluiu:

“Esta dissociação da consciência em partes absolutamente independentes uma da outra é evidentemente um fenômeno destinado, UMA VEZ COMPREENDIDO, a projetar uma certa luz na Psicologia” (grifos nossos).

Em seguida, o Dr. William James relata um caso típico de ESCRITA AUTOMÁTICA ocorrido com uma jovem, Miss W., 19 anos, observado pelo Psiquiatra Dr. C. W. Fillmore, de Providence (USA), que o rotulou de “hístico-epilepsia”. Ei-lo em síntese:

Após manifestar uma série de distúrbios, a paciente queixa-se de uma grande dor no braço direito, que se vai intensificando. Em seguida o braço cai de repente ao longo do corpo. Ela o olha com espanto, pensa que o braço pertence a uma outra pessoa: positivamente, já não é o seu braço... chama-o de “strump”, “old strump” (“coto, velho coto”). Escreve em versos; cria diferentes personificações,

principalmente de pessoas mortas e procede a sua série de desenhos. A paciente (uma autêntica médium de escrita automática) diz que nada tem a ver com “strump”.

Com a palavra o Dr. Fillmore:

“Sentei-me ao lado de sua cama, travei conversa com ela e desviei a sua atenção em várias direções; durante este tempo não deixou de escrever e de desenhar”.

É importante assinalar que a jovem jamais manifestara anteriormente gosto pelo desenho nem tivera quaisquer lições.

E prossegue o psiquiatra:

“ESTÁ AINDA CEGA. VÉ TÃO BEM COM OS OLHOS FECHADOS COMO COM ELES ABERTOS; CONSERVA- OS FECHADOS A MAIOR PARTE DO TEMPO; LÊ E DESENHA COM OS OLHOS FECHADOS. DESENHA TÃO BEM NO ESCURO COMO À LUZ. ESCREVE VERSOS, PRINCIPALMENTE À NOITE... NA ESCURIDÃO.” (gritos nossos).

“Strump”, que não é senão um Espírito que subjugou a vontade de Miss W., processo desconhecido do ilustre psiquiatra, Dr. C. W. Fillmore, elaborava versos em Latim e Francês, línguas com que jamais a jovem tivera qualquer contato nos seus dezenove anos de vida. E o Latim em que se expressava o Espírito “Strump” era o clássico, aquele falado entre a gente culta da Roma Imperial.

HIPÓTESE SOBRE A ESCRITA AUTOMÁTICA

Hippolyte Taine (1829-1893) autor da obra “De L’intelligence” (1870), esposou uma tese sobre a ESCRITA AUTOMÁTICA que se identifica com a “DISSOCIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA” preconizada por William James.

Eis as considerações de Taine, um dos arautos do determinismo na França, afirmando que pode ocorrer, em certos sujeitos, um desdobramento mental espontâneo que cria duas personalidades distintas, ignorantes uma da outra e existindo simultaneamente.

“As manifestações espíritas em si mesmas nos mostram a coexistência, ao mesmo tempo, no mesmo indivíduo, de duas vontades, de duas ações distintas.

“Tem-se visto pessoa que ao mesmo tempo que conversava e cantava, escrevia, sem olhar o papel, frases inteiras das quais não tinha consciência. A meu ver, sua sinceridade era perfeita. A escrita é distinta da sua. O movimento dos dedos e do lápis é rígido e parece automático. A escrita finaliza sempre com a assinatura de uma pessoa falecida e muitas vezes expressa pensamentos íntimos. Certamente se constata aqui um desdobramento do EU, a presença simultânea de dois seres independentes, de dois centros de ação, ou, então, de duas pessoas morais justapostas ao mesmo cérebro; cada uma tem uma tarefa diferente uma à vista e outra oculta”.

Gabriel Delanne, ao analisar as considerações de Taine, conclui que o escritor francês enuncia uma pura hipótese que não se apóia em demonstração alguma. Parece admitir que a crença nos Espíritos não merece ser discutida, o que o leva admitir a existência de uma segunda personalidade. A propósito das idéias expressas por Taine, adverte Gabriel Delanne — “Temos o dever de estudar com toda atenção isso que se denomina “automatismo psicológico”, “a subconsciência”, o EU subliminal etc”.

AS PESQUISAS DE WILLIAM STANTON MOSES

“ENSINOS ESPIRITUALISTAS” é o livro de autoria do Reverendo William Stainton Moses, editado pelo Conselho da Aliança Espiritualista de Londres, de que foi seu primeiro presidente, desde a fundação em 1884. A obra em questão trata, basicamente de mensagens obtidas por ESCRITA AUTOMÁTICA.

“A forma dessas mensagens, a maneira pela qual foram obtidas, a sua influência educadora sobre mim, são ínfimos acessórios; o importante é o valor intrínseco, a afirmação, o objeto revelado, a verdade essencial que contém. Para muitas pessoas elas serão absolutamente sem alcance, porque a sua verdade não é verdade para elas; para outras, tais comunicações serão simplesmente curiosas; para outras, ainda, serão um conto fútil! Não espero que elas tenham aceitação geral e dar-me-ei por satisfeito se puderem simplesmente prestar serviço a alguém”.

Gabriel Delanne considera o Reverendo Stainton Moses um dos mais

destacados escritores do Espiritismo inglês, afirmando-se por sua elevação de pensamento, por seus conhecimentos científicos e pela pureza de sua vida.

Na obra do ilustre médium e pesquisador observa-se a luta que se estabeleceu entre este e as inteligências que se manifestavam por seu intermédio. Em princípio, imbuído dos ensinamentos rígidos da teologia protestante, o reverendo se ergue energicamente contra as idéias que são transmitidas. Discute, tenta refutar os seus instrumentos espirituais. Sem embargo, se vê obrigado a admitir que a razão e a lógica não estavam do seu lado. Aceita a nova Doutrina, achando-a mais de conformidade com a justiça e a bondade de Deus. Existem entre o Reverendo Stainton Moses e os seres que se assinam “Doctor”, “Imperator”, “Prudens” tais diferenças que não é possível, cientificamente, atribuir essas personalidades distintas a desdobramentos inconscientes da personalidade do médium. Por outro lado, essas inteligências têm revelado, em distintas ocasiões, fatos desconhecidos para ele e para todos os assistentes, que logo foram reconhecidos absolutamente exatos. Cada um dos seres comunicantes se caracterizam por uma escrita especial que constituía seu distintivo próprio, seu selo de individualidade.

“As primeiras comunicações” — esclarece o Reverendo Stainton Moses — “foram todas de estilo uniforme, escrita em pequenos caracteres e assinadas — ‘Doctor’. Nos anos seguintes, a forma dessas mensagens jamais variou. A construção das frases era a mesma: breve, concisa, até o ponto de sentir-se em presença de uma individualidade perfeitamente determinada”.

Após certo tempo, as comunicações chegaram de outras fontes — se distinguiam entre si por sua própria escrita e rasgos pessoais de estilo e expressão, que uma vez firmados continuavam invariáveis. Podia-se identificar a entidade comunicante através da caligrafia.

A PARTICIPAÇÃO DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES

O médium tem qualquer participação nos trâmites do fenômeno de ESCRITA AUTOMÁTICA?

No caso particular do Reverendo Stainton Moses, eis as suas impressões a respeito:

“Para acautelar-me de semelhante eventualidade tenho observado um cuidado extraordinário. Entretanto, as mensagens adquiriram, desde o início, um caráter tal que não me permitiram duvidar de sua autenticidade, posto que as opiniões enunciadas eram contrárias à minha maneira de pensar. Enquanto se produzia a escrita, entretinha-me na leitura de uma obra abstrata. As mensagens recebidas em tais condições compreendiam numerosas páginas sem correções nem erros de construção, em um estilo elegante e sóbrio. Admito, sem embargo, que eu, Espírito, era utilizado e o que se escrevia podia depender, na forma, das faculdades mentais do médium. Por outro lado, e segundo penso, é possível encontrar essas particularidades no médium, em todas as comunicações de ESCRITA AUTOMÁTICA, o que não poderia ser de outra maneira. Mas, é evidente que, no fundo, as idéias que passaram por mim eram hostis e

opostas, em seu conjunto, às minhas convicções. Ademais, em muitas ocasiões me foram ministrados informes claros, precisos, definidos, sempre exatos e facilmente verificáveis dos quais não tinha o menor conhecimento.”

A TEORIA DO DESDOBRAMENTO DO EU

A teoria do desdobramento do eu que dá nascimento a uma personalidade secundária, revela-se, pelas deduções do Reverendo Stainton Moses, inconsistente, não é apenas uma personalidade que se manifesta; porém, várias delas, cada uma possuidora de um caráter especial que se revela não somente por um tipo de escrita particular mas por um estilo que se mantém durante anos sempre idêntico a si mesmo. Pode então conceber-se a consistência de várias personalidades independentes em um indivíduo que desfruta da integridade de suas faculdades normais? O poder da subconsciência estarrece os pesquisadores. De onde vem tanta energia, tanta determinação, tantos conhecimentos, tanta complexidade? E o “senhor” da psicanálise, da psicologia, da metapsíquica, da parapsicologia... da Religião, quando os seus próceres querem negar, por espírito de sistema, a realidade dos fenômenos espíritas, que têm o seu ápice no laboratório do Monte Tabor, onde o Cristo demonstrou, objetivamente, a sobrevivência da alma.

Em “Recherches Sur le Spiritualism”, William Crookes, descobridor dos raios catódicos, afirma, baseado na experiência — ... “Posso dizer, por haver constatado, que em numerosos casos a vontade e inteligência do médium parecem ter uma ativa participação nos fenômenos, mas também se têm constatado numerosos outros que evidenciam, de maneira

concludente, a ação de uma inteligência exterior e estranha a todas as pessoas presentes”.

O Dr. Richard Hodgson (1855-1905), da S.P.R., ao examinar meticulosamente a faculdade mediúnica da Sra. Leonora Piper, de Boston (USA), relato o seguinte, acerca da ESCRITA AUTOMÁTICA.

“O primeiro caso de ESCRITA AUTOMÁTICA que me foi dado observar diretamente se produziu em 12 de março de 1892.

Uma visitante havia trazido como meio de comprovação diversos objetos, entre os quais havia um anel que pertencera a Annie D...”

Pinuit (controle da Sra. Piper) forneceu informações sobre essa senhora e pronunciou o nome de Annie D..., no momento em que a sessão chegava ao fim. Em dado momento, a mão da Sra. Piper se pôs em movimento ficando suspensa acima de sua cabeça. Pinuit avisou que um Espírito queria escrever. O Dr. Hogson colocou um lápis entre os dedos da médium e um bloco de papel sobre a cabeça. Passados alguns minutos a entidade escreveu: “Sou Annie D... não estou morta, mas viva”.

Nas semanas seguintes o fenômeno se repetiu, sempre obedecendo o mesmo procedimento do bloco sobre a cabeça da médium. Mais tarde, a médium baixou o braço e o Espírito passou a escrever sobre uma mesa que o próprio Dr. Hogson aproximou da Sra. Piper. Tentou-se na ocasião, a escrita com ambas as mãos, independentemente, conseguindo-se êxito total no transcorrer da experiência. Os Espíritos escreviam em Latim,

Francês, Italiano, muitas vezes em escrita especular, feita em sentido inverso, isto é, da direita para a esquerda.

Gabriel Delanne ao analisar, por seu turno, os experimentos do Dr. Hodgson questionou:

“Teria a subconsciência causado esse resultado extraordinário?”

E ele próprio responde:

“Nós duvidamos, e em troca consideramos muito mais racional as conclusões espíritas, que, ademais, não excluem a hipótese da participação subconscencial no contexto de tais fenômenos”.

J. H. HYSLOP E A ESCRITA AUTOMÁTICA

H Hyslop (1854-1920) ex-professor de Lógica e Ética na Universidade de Columbia, presta o seu valioso testemunho não exatamente na qualidade de pesquisador, mas de médium, de excelente médium de ESCRITA AUTOMÁTICA.

Preliminarmente, Dr. Hyslop informa que nunca fora adepto do Espiritismo, e até então não se submetera à hipnose. O fenômeno da ESCRITA AUTOMÁTICA aconteceu, com ele, de forma espontânea. Adverte: “A escrita difere da minha e é produzida com uniu rapidez que me seria impossível imitar. Os pensamentos não ano meus, e freqüentemente estão em *H. Hyslop* oposição com os que me são mais caros”.

Constatou que não podia obter, a vontade, a ESCRITA AUTOMÁTICA. Ao tentar vencer esta barreira, conseguia apenas, algumas palavras: “as condições são más”.

Como não podia deixar de ser, surgiram os “experts” em fenômenos espíritas, tentando elucidá-los através do subconsciente — daí emergiria, silenciosa, sábia e misteriosamente uma segunda personalidade.

O Prof Hyslop emitiu os comentários que se seguem sobre a teoria:

“Essa teoria, absolutamente hipotética, foi unanimemente condenada por quantos se têm ocupado de psiquismo”.

Eis, a propósito, o que, talentosamente, observou um médico inglês:

“E logico acreditar que, desde o nosso nascimento até a nossa morte, temos dentro de nós outra personalidade de que nada sabemos, mas que tem consciência de todos os atos de nossa vida assim como dos feitos e dos gostos dos nossos parentes ou amigos mortos?” E até de pessoas estranhas!...

O CASO OSCAR WILDE

Em 1925 era lançada, em Londres, a obra “PSYCHIC MESSAGES FROM OSCAR WILDE”, por iniciativa da médium Esther Travers Smith, filha de Edward Douden, professor de literatura inglesa na Universidade de Dublin. Levantou-se a hipótese de que as mensagens inseridas no supracitado livro eram de autoria da própria Esther Travers Smith. Análises acuradas, porém, revelaram o estilo mordaz e irônico de

Oscar Wilde³⁸, que o caracterizou, especialmente quando apreciava as produções literárias de escritores contemporâneos, tais como: James Joyce, Bernard Shaw, Thomas Hardy, George Meredith, Arnold Bernett, George Moore e John Galsworthy. Ademais, o autor de “O Retrato de Dorian Grey” (1891) citou fatos de sua vida inteiramente desconhecidos da médium, que seriam mais tarde comprovados pela pesquisa.

Por volta de 1893, o Marquês de Queensberry, através da imprensa, atacou violentamente Wilde por suas práticas homossexuais. Ao processar o nobre inglês, Wilde terminou sendo condenado a dois anos de trabalhos forçados na prisão de Reading, onde escreveu “A Balada do Cárcere de Reading”. Ao ser libertado, Wilde adota um pseudônimo Malmöth³⁹. Entretanto, Wilde, ao comunicar-se por escrita automática através de Esther Travers Smith, cita, inicialmente, o pseudônimo acima e, em outra comunicação (também por escrita automática) refere-se a um outro pseudônimo: Melmotte. Estabeleceu-se, então, a dúvida entre os pesquisadores. Mas, tudo se esclareceu quando o jornal “Times”, de Londres, anunciou um leilão de autógrafos célebres. Desta feita, seriam postas à venda, ao bater do martelo, cartas de autoria de Oscar Wilde. Algumas dessas missivas tinham a assinatura de Sebastian Melmotte. Aliás, nessas cartas ele solicitava ao destinatário que lhe não pedisse

³⁸ Oscar Fingel O’Flahertie Wills Wilde, nasceu aos 18 de outubro de 1854, em Dublin, e desencarnou aos 30 de novembro de 1900, em Paris. Era filho do Sir William Robert Will e Jane Francesca Elgee. Em 1876 publica os primeiros versos. 1880 escreve o drama em cinco atos “Vera” ou “Os niilistas”. Em 1870 edita “O Retrato de Dorian Gray” Em 1893 lança “Uma Mulher Sem Importância” Em 1894 aparece “Salome” com ilustrações de Audrey Beardsley. Esta peça foi encenada, em Paris, em 1895, por Sarah Bernhardt, à época musa do teatro francês.

Oscar Wilde teve uma vida tumultuada, plena de arrebatamento, de entrecosmo que paixões. O seu talento, que se expressava através de idéias, ora profundas, ora bizarras, não fora compreendido pelos críticos da época. Diria o poeta irlandês que, “na realidade, a Arte reflete o espectador, e não a vida”. Referia-se ele no processo de que se valeu para elaborar o seu magnífico “O Retrato de Dorian Grey” Psicografar Oscar Wilde é tarefa muito delicada para qualquer médium, dada complexidade ética e estética de sua personalidade.

³⁹ A 19 de maio de 1979 Oscar Wilde é posto em liberdade, retirando-se para a aldeia de Berneval, na França.

explicação pela mudança de pseudônimo... E um caso em que a identidade do Espírito se evidencia plenamente.

HERBERT DENNIS BRADLEY E A ESCRITA AUTOMÁTICA

H. Dennis Bradley foi um dos mais criteriosos pesquisadores de seu tempo. O seu método de avaliação de autenticidade das manifestações dos Espíritos era metuculoso e profundamente detalhista. Assim procedeu com relação à faculdade mediúnica de George Valiantine, em junho de 1923, em Ramsey, New Jersey (USA), na residência de Joseph de Wyckoff. As experiências com o referido médium obtiveram grande repercussão na América do Norte e na Inglaterra, país de origem do autor da obra “Rumo às Estrelas”, onde se inserem os resultados de suas pesquisas com Valiantine, Mrs. Osborne Leonard e Esther Travers Smith, médium que levantou grande polêmica com a publicação do livro “PSYCHIC MESSAGES FROM OSCAR WILDE”.

H. Dennis Bradley elucida, preliminarmente, que existem duas formas de ESCRITA AUTOMÁTICA. Uma com o uso do lápis ou da pena sobre o papel e, outra, por meio do aparelho Ouija — consiste num ponteiro móvel que gira sobre as letras do alfabeto, de A a Z e dos algarismos de 0 a 9. A rapidez equívale à das máquinas de escrever comum.

“Apesar de toda a sua experiência” — escreve H. D. Bradley — “Esther Travers Smith não dá nenhuma explicação pessoal das suas faculdades. Afirma que no decurso de suas provas tem tido a assistência de vários Espíritos-guias, que a seu ver funcionam como organizadores de transmissões do Além”.

O professor William Barret, da Royal Society, que submeteu Esther T. Smith a muitas experiências, refere-se a esses guias nestes termos: “Considero-os como entes psíquicos distintos e não como simples fases automáticas da personalidade de Mrs. Travers”.

Eis o processo da atividade mediúnica de Esther Smith: a médium senta-se à mesa com lápis e papel, para funcionar como automata; às vezes, em companhia de outro autômato. Quando o guia aparece e responde às perguntas feitas, os autômatos funcionam como puras máquinas, de rapidez espantosa.

A essas sessões experimentais, compareciam o Reverendo Saveli Hicks, Lennox Robinson (autor da comédia “The White-Headed Boy”). Foi numa dessas sessões que chegou a seguinte mensagem: “Sou ‘Sir’ Hugh Lane, afogado. Achava-me a bordo do Lusitânia”. Estas palavras impressionaram os presentes. Nesse momento passaram pela rua vendedores de jornais da noite, anunciando o naufrágio. Lennox Robinson correu a comprar um exemplar e voltou lendo. Entre os naufragos estava ‘Sir’ Hugh Lane. A sessão prosseguiu. O Espírito de ‘Sir’ Hugh descreveu a cena a bordo do Lusitânia: “Pânico. Os botes foram descidos. As mulheres entraram primeiro. Perdi-me num escaler que revirou. Fiquei sem memória até que vi aqui uma luz”.

Esther Travers Smith revelou-se uma das mais importantes médiuns da Europa, nas primeiras décadas do século XX, sendo observada pelos mais notáveis pesquisadores ingleses, entre os quais destacavam-se: H. Dennis Bradley, ‘Sir’ Conan Doyle, Dr. William Barret, além de citada, com respeito e admiração, pelo Prof. Ernesto Bozzano.

Em seus contatos com os invisíveis através da ESCRITA AUTOMÁTICA, H. Dennis Bradley colheu eloqüente mensagem do Espírito Johannes, sobre o Cristo. Eis alguns fragmentos:

“O Cristo é Filho de Deus, como todos nós o somos. É um grande pensador; também um profeta; mas suas idéias não são as que usais na Terra, porque suas idéias não puderam perfurar a grossa casca dos interesses egoísticos do mundo. O Cristo é olhado aqui como o maior dos profetas. Não como um Deus a ser adorado, mas como um homem de amor. Aqui no Além o Cristo resplandece como resplandeceu quando esteve no mundo”.

TIPTOLOGIA

BREVE RETROSPECTO HISTÓRICO

A TIPTOLOGIA é conhecida por “rappings”, “noises” e “knockings”. A pesquisadora Em rua Harding, em seu livro “History of Modern American Spiritualism”, informa que os golpes medianímicos teriam começado, na era moderna, em fine do 1844, na cidadezinha de Hydesville, condado de Waine (NV), numa casa em que residia a família Weekmann. Estas manifestações prosseguiram, depois que os Weekman saíram, e quando os moradores eram os Fox, cujo contato tiptológico com o Espírito do mascate Charles B. Roema (há autores que admitem ser o nome do Espírito CHARLES RYAN e não CHARLES ROSMA), aconteceu em 31 de março de 1848, data que se constitui no marco histórico do Espiritismo.

Depoimento de Hannah Weekman (confirmado pelo marido Michael Weekman) sobre as preliminares manifestações do Espírito Charles B. Resma na casa de Hydesville.

Hannah Weekman: “Ouvi falar nos ruídos misteriosos na casa agora ocupada pelo Sr. Fox. Nós moramos na mesma casa cerca de um ano e meio, daí nos mudando para onde estamos. Há cerca de um ano, quando lá habitávamos, ouvimos alguém, conforme pensamos, batendo de leve na porta de entrada. Eu acabara de me deitar, mas meu marido ainda não. Assim ele abriu a porta e disse que não havia ninguém. Voltou e já estava para se deitar quando novamente ouvimos bater à porta. Ele foi então abri-la e disse que não via ninguém; não obstante esperou um pouco. Então voltou e deitou-se. Veio zangado, pois supunha fosse algum garoto da vizinhança querendo aborrecer-nos, assim, disse que ‘eles podiam bater, mas não o levariam na brincadeira’, ou coisa semelhante.

As batidas foram ouvidas novamente; depois de algum tempo ele se levantou e saiu. Eu lhe disse que não saísse, pois temia que alguém quisesse pegá-lo fora e o agredir. Ele voltou e disse que nada tinha visto. Ouvimos muito barulho durante a noite; dificilmente poderíamos dizer onde era produzido; por vezes parecia que alguém andava na adega. Mas a casa era velha e pensamos que fossem estalos da madeira ou coisa parecida.

Algumas noites depois uma de nossas meninas, que dormia no quarto onde agora são ouvidas as batidas acordou-nos o todos soluçando. Meu marido, eu e a empregada nos levantamos imediatamente para ver o que se passava. Ela sentou-se na cama em pranto e nós custamos a verificar

o que se passava. Disse ela que algo se movimentava acima de sua cabeça e que ela sentia um frio sem saber o que era. Disse havê-lo sentido sobre ela toda, mas que ficara mais alarmada ao senti-lo sobre o rosto. Estava muito assustada. Isto se passou entre meia-noite e uma hora. Ela se levantou e foi para nossa cama, mas custou a adormecer. Só depois de muitos dias conseguimos que fosse dormir em sua cama. Tinha ela então oito anos.

Nada mais aconteceu durante o tempo em que lá moramos. Mas meu marido me disse que uma noite o chamaram pelo nome, de algum lugar na casa — não sabia de onde — mas jamais pôde saber de onde e quem era. Naquela noite eu não estava em casa: estava assistindo uma pessoa doente.

Então não pensávamos que a casa fosse assombrada...

Abril, 11, 1848.

ass. Hannah Weekman

O depoimento de Michael Weekman ratifica os termos do que fora prestado por sua esposa Hannah. Esses testemunhos demonstram que as manifestações de Hydesville não foram frutos da imaginação da família Fox. O Espírito comunicante (Charles Rosma) já fizera sentir a sua presença, através de uma série de pequenos ruídos, que recrudesceram em virtude da portentosa faculdade mediúnica das irmãs Fox, especialmente de Kate Fox.

Os acontecimentos Hydesville podem parecer, em princípio,

fortuitos; entretanto, eles foram preditos anteriormente. E no momento de sua ocorrência, já estava escrito, entre as notas do vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, esta enigmática sentença, datada de 31 de março de 1848: — “ESTA MADRUGADA UM SOPRO QUENTE PASSOU PELA MINHA FACE E OUVI UMA VOZ, SUAVE E FORTE, DIZER ‘IRMÃO’, UM BOM TRABALHO FOI COMEÇADO — OLHA! SURTIU UMA DEMONSTRAÇÃO VIVA”.

Os Espíritos estavam anunciando o início de uma NOVA ERA, quando seria demonstrada, comprobatariamente, a sobrevivência da alma após o decesso.

Dos “rape” de Hydesville ao trabalho magnífico de Kardec decorreram, apenas nove (9) anos. Nesse curto espaço de tempo, toda uma Doutrina se estruturou, com a orientação mútua do pedagogo francês e os Espíritos superiores, sob a égide do Paracleto. E nada se fez ao correr da pena (currente calamo) mas conforme profunda reflexão de cada questionamento de ordem existente que ia sendo exposto, “lato sensu”, por Kardec e submetido à análise e resposta dos Invisíveis.

Diversos autores admitem que teria sido David S. Fox, irmão do Sr. Fox, a usar o alfabeto, em Hydesville, para comunicações sistemáticas com os Espíritos. Entretanto, cabe a um religioso Quaker que divulgou, em primeira mão, o método, que consistia no seguinte: “Dizendo em voz alta o alfabeto, convidava-se o Espírito a indicar por raps ou echoes, no momento em que fossem pronunciadas as letras que, reunidas, deviam compor as palavras que queria dizer”. Era o que se rotulou de “télégrafo psíquico”. Por esse expediente obteve-se a comunicação abaixo, que se

insere na obra editada em Nova Iorque (1885) “The Missing Link in Modern Spiritualism”, de autoria de uma das famosas irmãs Fox, A. Leah Underhill:

“Dear friends, you must proclaim these truths to the world. This is the dauning of a new era; and you must not try conceal it any longer. When you do your duty, God will protect you; and good Spirits will watch over you”.

“Caros amigos, deveis proclamar ao mundo estas verdades. É a aurora de uma nova era; e não deveis tentar ocultá-la por mais tempo. Quando houverdes cumprido o vosso dever, Deus vos protegerá; e os bons Espíritos velarão por vós”.

Segundo Eugène Nue, em “Choeo de l’autre monde”: O “modern Spiritualism se disseminou pela face do território norte-americano. Nos finais de 1850, várias instituições espiritualistas se encontravam em plena atividade, especialmente na populosa cidade de Nova Iorque”. Por essa época, os Espíritos sugeriam um novo e mais objetivo processo de comunicação através da mesa movente (table-moving), que subsistiria até as pesquisas de Kardec, em Paris.

A VISÃO KARDEQUIANA

A tiptologia, segundo Kardec (“Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas”), pode ser obtida por dois processos: o primeiro é chamado de TIPTOLOGLA POR MOVIMENTO, pancadas vibradas pela própria mesa com um dos pés. Estas pancadas respondem SIM ou

não conforme o número de batidas convencionadas para exprimir um ou outro. O codificador, entretanto, adverte: “As respostas são incompletas, sujeitas a enganos e pouco convincentes”. O segundo é a TIPTOLOGIA ÍNTIMA que é produzida de uma maneira completamente diversa: a mesa permanece imóvel, as pancadas ressoam na substância da madeira (da pedra ou de qualquer outro objeto). Aplicando-se o ouvido ou a mão em alguma parte da mesa, sente-se que ela vibra dos pés à superfície.

Observa-se nessas pancadas a intervenção de uma inteligência que controla o processo através do pensamento. Assim, e de acordo com o desejo verbal ou mental, as pancadas mudam de lugar, aumentam ou diminuem de intensidade, imitam o eco, o ruído de uma serra, o do martelo, o do tambor, indicam a hora, o número de pessoas presentes etc. Podem distanciar-se da mesa e serem ouvidas junto de uma janela, de uma porta etc.

TIPTOLOGIA ALFABÉTICA

Consiste na designação das letras do alfabeto por um número de pancadas correspondente à ordem de cada letra, e, desta maneira, se formam palavras e frases. O método é lento e não se presta a assuntos que precisem de longas explicações. A tiptologia alfabética pode ser obtida pelos dois meios já apontados.

OS RAPS

*“Um dos fenômenos mais belos da Metapsíquica”
Charles Richet*

Os fenômenos de tiptologia rotulados de RAPS, que significam: sons percussivos, variando de intensidade, sem agente visível conhecido.

Termo oriundo do verbo inglês “to rap”, bater rápido e vivamente, foi adotado pela Metapsíquica.

Em “LA GRANDE ESPERANCE” Charles Richet escreveu o seguinte sobre os “raps”:

“Um dos fenômenos físicos mais belos da metapsíquica são os raps; porém, não é fácil obter golpes bastante sonoros de modo a podermos ouvi-los com clareza”.

Ernesto Bozzano, em “BREVE HISTÓRIA DOS RAPS”, afirma:

“A manifestação dos ‘golpes supranormais’ quase nunca deixa de produzir-se nos fenômenos de assombração com o seu caráter prevalentemente físico (poltergeist)⁴⁰.”

Em seguida, o Prof. Ernesto Bozzano relata o seguinte caso, que foi publicado nos “Annales des Sciences Psychiques”⁴¹, reproduzido em sua obra “Fenomeni d’Infestazione”:

Os fenômenos se verificaram no Castelo de T., na Normandia (província do noroeste da França) entre os anos 1865 e 1875. O autor do relato é o proprietário do castelo, o Sr. F. de X.:

“Domingo, 31 de outubro de 1875 — Noite muito agitada. Ouvem-se no patamar cinco golpes a tal ponto violentos que fazem sacudir todos os objetos suspensos na parede. Dir-se-ia que uma pesada bigorna ou uma

⁴⁰ Poltergeist — “polter”, alvoroço, ruído, e “geist”, Espírito. Tentou-se substituir o vocábulo pelo neologismo “Thorybe” ou “toribe” de “Thorubus”, ruído, barulho etc.

⁴¹ Mensário fundado em 1891 pelo Prof Charles Richet e o Dr. X. Dariex. Em 1919 foi substituído pela “Revue Metapsychique”, órgão oficial do “Institut Metapsychique International”.

grossa barra de ferro teria sido arrojada contra a parede de modo a sacudir todo o edifício, porém nenhum de nós pôde precisar em que ponto são desferidos os golpes.

“Segunda-feira, 8 de novembro, às 22 horas e 20 minutos, despertamos todos ao ouvir uns passos retumbantes que sobem rapidamente pelas escadas; logo uma série de golpes fortíssimos que fazem tremer as paredes. *

“Sábado, 13 de novembro, à meia-noite e um quarto (12:15) são ouvidos dois gritos roucos no patamar. São urros furiosos, desesperados, horríveis, rugidos de condenados... Seguem-nos golpes violentos.”

O relator destaca que todos os que descem as escadas, são seguidos até o andar térreo, passo a passo, degrau por degrau. O vigário da paróquia local, chamado para afastar o “demônio”, também é seguido por golpes sem que nada possa ver.

“25 de janeiro, 1 hora e 30 minutos da madrugada. Por vinte (20) vezes consecutivas o castelo é sacudido desde os seus alicerces. Seguem-se urros tremendos. Os rumores desta noite foram tão intensos que repercutiram a 500 (quinhentos) metros de distância do castelo.”

O abade D., citado, no relatório pelo proprietário do castelo, interrogado pelo Dr. Dariex (fundador, com Charles Richet, dos “Annales des Sciences Psychiques”), confirmou todos os extraordinários fenômenos de que fora testemunha.

Ernesto Bozzano tenta identificar as causas dessas terríficas

manifestações. A dúvida o assalta e ele especula: teriam sido produzidos “por um cego desencadeamento de forças físicas ignoradas? Seriam decorrentes da exteriorização de faculdades ou forças inerentes à subconsciência humana?” Ainda assim, o autor de “A CRISE DA MORTE” admite “o acréscimo da percepção de fantasmas”.

Adiante, o ilustre pesquisador italiano vai aos “PROCEEDINGS” da “Society for Psychical Research” — S.P.R., de Londres, pinçando-lhes um caso que não deixa a menor dúvida quanto à sobrevivência da alma e a sua intervenção no mundo corpóreo, provocando uma série de fenômenos cujos mecanismos ainda não foram devidamente desvendados.

O caso em questão trata do aparecimento reiterado de um espectro, a diversas pessoas, por nove anos. Eis, em síntese, a descrição de uma das inúmeras aparições do fantasma que se anunciou através de fortes batimentos:

“Duas jovens da aldeia, atraídas pelas amoras silvestres que cresciam nas sebes da localidade assombrada’, se detiveram em colhê-las quando subitamente ouviram um golpe surdo, vibrado perto do terreno em que pisavam; porém, como nada vissem, continuaram a colher amoras. Pouco depois ouviram outro golpe surdo e, voltando-se para esse lugar, viram um homem de elevada estatura que as olhava fixamente. A expressão espectral daquele rosto as fez gelar de espanto, e agarrando-se convulsivamente uma a outra empreenderam a fuga.”

JOSEPH MAXWELL E OS “GOLPES MEDIÚNICOS”

Na obra “Les Phénomènes Psychiques” o Dr. Joseph Maxwell refere-se às manifestações chamadas “golpes mediúnicos”, nos seguintes termos:

“O primeiro fenômeno merecedor de ser observado é o dos “raps”.

“Geralmente ressoam na estrutura de madeira da mesa, mas nem sempre sucede assim, e são percebidos ocasionalmente, no solo, nos móveis, nas paredes, no teto, e nos próprios assistentes. Ouvi-os, muitas vezes, fora das sessões e os consegui em plena luz...

“A variedade dos raps não é menor do que a diversidade dos objetos sobre os quais se fazem ouvir. O tipo ordinário consiste em golpes secos, de intensidade variável, os que recordam o crepitar da centelha elétrica. A tonalidade dos raps varia segundo a composição da matéria em que fazem ouvir. Distinguem-se os raps desferidos na madeira, dos batidos numa folha de papel de carta ou em tecidos, e esta é uma verificação interessante, porque demonstra que o som é produto das vibrações da composição material do objeto.”

Deve-se portanto inferir que os raps são consecutivos a uma vibração molecular da matéria.

Em “Indagni Sulle Manifestazioni Super norma li”, terceiro volume, Ernesto Bozzano resgata do ostracismo as pesquisas do pioneiro Dr.

Larkin, médico norte-americano de Wrentham, Massachusetts. Em 1837, ao examinar uma jovem sonâmbula (Mary Jane), produziram-se inesperados fenômenos tiptológicos.

Além de Ernesto Bozzano, também a Sra Emma Hardinge-Briten⁴², que conheceu pessoalmente o Dr. Larkin, escreveu o seguinte:

“Se bem o Dr. Larkin ignorasse a forma como podia apresentar-se na sonâmbula Mary Jane manifestações de outra natureza, estas se produziam espontaneamente, embaraçando os experimentadores. Uma primeira variedade do gênero consistia na produção de fortíssimos golpes, os quais tinham relação indisfarçável com a fase especial do sono magnético em que Mary Jane se tornava clarividente; mas qual fosse a natureza de tal relação, o Dr. Larkin não chegava a compreender.

“Todavia, ele havia observado que tais golpes ressoavam em móveis e objetos muito afastados da sonâmbula para se poder supor que fosse ela quem os provocava; ademais, isto se tornava impossível pelo fato de os membros da sonâmbula ficarem constantemente inertes”.

A sonâmbula afirmava que tais manifestações eram obra de um Espírito que fora em vida um grumete (marinheiro aprendiz), acrescentando que o via perto de si. Aconteceu, todavia, o inesperado: os

⁴² A Sra Hardinge Briten é autora de duna obras de inestimável valor histórico — “Modern American Spiritualism” (Moderno Espiritualismo Americano) e “Nineteenth Century Miracles” (Milagres do Século Dezenove).

raps adquiriram poder locomotor, seguindo o Dr. Larkin nas suas visitas profissionais. Os clientes do pesquisador ficavam apavorados com os golpes provocados pelos invisíveis em paredes e móveis.

Essas manifestações físicas que se seguiram a outras muito mais espantosas — afirma Ernesto Bozzano — atraíram sobre o Dr. Larkin perseguições civis e religiosas implacáveis, que provocaram a sua ruína profissional e civil. O seu pioneirismo, entretanto, é reconhecido pelos historiadores da fenomenologia espiritual que antecedeu as manifestações de Hydesville. Dr. Larkin, a família Koons, Andrew J. Davis, Dr. Justinus Kerner, Maximiliano Perty, F. Deleuze e tantos outros médiuns e pesquisadores abriram largos e longos caminhos por onde trilharam os grandes experimentadores que os sucederam. Antes, contudo, andaram, com dificuldade, pelos estreitos e sinuosos caminhos do preconceito, da incompreensão, da intolerância e do fanatismo.

OS RAPS E O CÍRCULO GOLIGHER

O Círculo Goligher era composto de sete membros — o sr. Morrison e Sr^a, as jovens Katheleen Goligher, Lili Goligher, Ana Goligher, Samuel Goligher e o Sr. Goligher. Uma família composta de pai, quatro filhas (uma casada), um filho e um genro. Todos são médiuns em diferentes graus, destacando-se Katheleen Goligher, a mais moça. As sessões, comandadas por W. J. Crawford (Prof da Universidade de Belfast (Irlanda), eram realizadas em casa dos Golighers, de Crawford ou em residências de amigos. Os fenômenos ocorriam minutos depois de constituído o círculo. Esses fenômenos se dividem em duas categorias: impactos e movimentos de objetos. Os impactos eram representados por

pancadas (RAPS), “que não são causadas” — afirma Crawford — “pela ação da matéria sobre a matéria. O impacto — prossegue o pesquisador — é um ruído que resulta da aplicação súbita da força psíquica a um corpo material. Eis os exemplos desses gêneros observado no círculo Goligher:

- raps em todos os graus de energia, dos mais leves aos de um martelo de forja;

- combinações das pancadas; pancadas soltas, pancadas duplas, pancadas triplas (duas rápidas e uma lenta), pancadas em série, imitações de árias de música ou árias de dança;

- ruído de uma mesa que salta muitas vezes, fricção de fósforos, homem caminhando, cavalo trotando, pé de mesa ao ser serrado, lixa de assoalho etc.

O FONÓGRAFO E AS MANIFESTAÇÕES AUDITIVAS

Ao correr do tempo, vários aparelhos foram inventados para demonstrar a veracidade dos fenômenos espirituais.

Crawford utilizou-se do fonógrafo (um Edison Standard) para registrar os sons que se produziam durante as sessões. Em 11 de junho de 1915, às 20 horas, teve início a reunião em que se utilizou o FONÓGRAFO. O instrumento foi posto no chão diante do médium. Acendeu-se a luz vermelha. Leves raps foram ouvidos próximos ao médium, aumentando de intensidade. Os operadores compreendiam que a sessão tinha uma destinação especial. Por sugestão de um dos assistentes, Crawford explicou como funcionava o fonógrafo,

combinando com os invisíveis, que em dado momento entraria no círculo com o gravador. Três pancadas avisaram que tudo estava pronto. Daí em diante, toda a sorte de batimentos foram produzidos. Ao terminar a sessão, verificou-se que a maior parte dos soas havia sido registrada.

OSCILAÇÃO DO PESO DO MÉDIUM DURANTE OS RAPS

W. J. Crawford submeteu o médium que pesquisava a pesagem ao correr dos fenômenos do raps. Eis o que constatou: notei que o peso do médium diminuía mormente quando os golpes eram mais fortes. A diminuição de peso era de 3 quilos e 600 gramas.”

Conclusão:

- os golpes não podem ser produzidos a não ser que o peso do médium diminua;
- sua força depende da diminuição de peso e parece proporcional a essa diminuição;
- a perda de peso é temporária, recuperando-o após a experiência;
- a perda do peso não se dá subitamente, mas gradualmente e,
- a perda de peso alcança um máximo e não mais se altera.

O professor Crawford realizou ainda, outras experiências não apenas de raps, mas de fotografia psíquica, levitação, impressões psíquicas, voz direta etc.

“Sir William Crookes passeava com o fantasma ao lado, enquanto a

médium jazia inerte num divã. Certa vez o fantasma derreteu-se à vista de todos, como uma boneca de neve...” Florence Marryat (“There is no Death”)

FENÔMENOS DE TRANSPORTE⁴³

Allan Kardec, em “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, dedica um considerável espaço à análise dos fenômenos de transporte. Consiste no transporte de objetos que não existem no lugar da reunião.

KARDEC ADVERTE:

“Digamos logo que esse fenômeno é dos que mais se prestam à imitação e portanto é necessário estar prevenido contra o embuste. Sabe-se até onde pode chegar a arte da prestidigitação ante experiências desse gênero. A melhor de todas as garantias é o caráter, a honestidade notória, o desinteresse absoluto da pessoa que obtém esses efeitos. Em segundo lugar, no exame atento do todas as circunstâncias em que os fatos se produzem. Por fim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, único meio de se descobrir o que há de suspeito”.

Em seguida, oferece-nos à reflexão um resumo teórico do fenômeno de apport, de autoria do Espírito Erasto, que fora, no passado, discípulo

⁴³ — O termo transporte foi usado, pela primeira vez, pelo Marechal Francisco Raimundo Éverton Quadros, na tradução do livro “The Debatable Land Between the World and the Next” (“Região em Litígio Entre este Mundo e o Outro”), de autoria de Robert Dalle Owen. O vocábulo transporte designa o traslado de objetos para ambientes fechados e destes para fora. Ernesto Bozzano na Monografia “FENOMENI DI APORTO ED AS PORTO” estabelece, perfeitamente, ambas as situações.

de Paulo de Tarso. Eis alguns de seus trâmites:

“É indispensável, para obter fenômenos desta ordem, dispor de médiuns que chamarei de sensitivos, ou seja, dotados no mais alto grau de faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade.”

Em geral, os fenômenos de “apport” são e continuarão a ser excessivamente raros... São de tal natureza que além de nem todos os médiuns servirem para produzi-los, nem todos os Espíritos podem também realizá-los. É necessário que exista entre o Espírito e o médium uma certa afinidade, uma certa analogia, numa palavra, uma determinada semelhança que permita à parte expansiva do fluido perispirítico do encarnado misturar-se, unir-se, combinar-se com o do Espírito que deseja fazer o “apport”. Essa fusão deve ser de tal maneira que a força dela resultante se torne por assim dizer UNA. For que essa fusão: é que, para produção desses fenômenos, é necessário que as propriedades essenciais do Espírito-agente sejam aumentadas com algumas das propriedades do mediunizado. Porque o FLUIDO VITAL, apanágio EXCLUSIVO do encarnado, deve obrigatoriamente impregnar o Espírito-agente. Só então ele pode, por meio de algumas propriedades do seu ambiente, isolar, tornar invisível e movimentar alguns objetos materiais... Os fenômenos de “apport” são complexos, de natureza múltipla, exigindo a existência de condições especiais.

“Esses fenômenos” — acrescenta Erasto — “só podem ser realizados por um só Espírito e um único médium e necessitam, além dos recursos para a produção da tangibilidade, uma combinação muito especial para isolar e tornar invisíveis o objeto ou os objetos a serem transportados.

“Quanto aos incrédulos e aos sábios” — conclui —, “estes piores que aqueles, nada tenho para convencê-los e nem me interessar. Serão convencidos um dia pela evidência dos fatos, porque terão de se curvar ante o testemunho unânime dos fenômenos que a princípio rejeitaram.

KARDEC INTERROGA UM ESPÍRITO QUE PROVOCOU O FENÔMENO

Kardec submeteu a um Espírito que produziu o fenômeno um inquirido, sob a supervisão do Espírito Erasto. Registramos algumas das questões propostas pelo mestre de Lyon.

P — A produção do fenômeno depende da natureza especial do médium, e seria possível obtê-lo com mais facilidade e presteza por outro médium?

R — A produção o fenômeno depende da natureza do médium, e só se pode produzi-lo por meio de médiuns dessa natureza. Para a presteza, vale-nos muito o hábito adquirido no trato freqüente com o mesmo médium.

P — A influência das pessoas presentes pode embarçá-lo de alguma maneira?

R — Quando há incredulidade, oposição, da parte delas, podem criar-nos sérias dificuldades. Preferimos realizar nossas experiências com pessoas crentes e versadas no Espiritismo. Mas não queremos dizer, com isso, que a má vontade nos pudesse paralisar por completo.

P — Onde pegou as flores que trouxe?

R — As flores? Nos jardins

P — Pode transportar flores de outro hemisfério; dos trópicos?

R — Desde que seja na Terra, posso.

Allan Kardec, destarte, destaca-se como um lídimo pioneiro no campo das pesquisas sobre “APPORT”, legando, à posterioridade, substanciais subsídios. Mais tarde, William Crookes, F. Zöllner, Ernesto Bozzano e outros eminentes investigadores do fenômeno em questão, juntariam aos resultados até então obtidos inestimável contribuição.

WILLIAM CROOKES RELATA UM IMPRESSIONANTE FENÔMENO

Em “Experiences Sur la Force Psychique”, edição francesa, Sir William Crookes relata um impressionante fenômeno promovido, pelos Espíritos, às expensas da portentosa faculdade mediúnica de Daniel Dunglas Home:

Numa noite de domingo, William Crookes estava reunido, em sua casa, em Londres, com a família e Daniel Dunglas Home. Todos passaram o dia no campo, de onde trouxeram um ramalhete de flores silvestres. Depois de obtidas várias manifestações, a conversa derivou para certos e especiais assuntos. Discutiu-se, v.g., se a matéria poderia passar através de uma substância sólida. Os Espíritos, atentos ao que os encarnados debatiam, disseram que iam ver o que poderiam fazer. Fez-se absoluto silêncio. Uma aparição luminosa foi logo vista pairando sobre o buquê de flores, depois, à vista de todos, um galhinho de erva da china, com 15 polegadas de comprimento e que ornamentava o centro do buquê, elevou-âe lentamente do meio das flores e, em seguida, desceu sobre a

mesa, defronte do vaso, entre este e D. D. Home. Chegando à mesa, o *raminho não se deteve, mas a atravessou em linha reta e todos nós o vimos bem até passar inteiramente.*

Este caso narrado pelo próprio William Crookes, acontecido de forma tão espontânea, sem qualquer planejamento, pode não sensibilizar 05 incrédulos, mas reveste-se de profunda importância para a Ciência, pelo menos para a Ciência Transcendental...

Na verdade, o fenômeno da penetração de um objeto qualquer em um ambiente fechado se realiza mediante um processo de desintegração molecular da matéria que constitui o próprio objeto, sucedendo-se um processo de reintegração instantânea, com o auxílio de uma fantástica “quarta dimensão”.

VÁRIOS E EXTRAORDINÁRIOS CASOS DE TRANSPORTE

Em “DES PREUVES? EN VOILA!”, Henri Sausse transcreve a seguinte informação da sonâmbula Louise:

“Durante a desmaterialização, percebo a desintegração das moléculas dos objetos que, porém, conservam a sua respectiva posição. O objeto assume, então, proporções bem maiores, mas a sua forma inicial não se altera absolutamente”.

Mas, há outras ocorrências de extraordinário valor que merecem sejam postos à reflexão do leitor, como a que se registra na Monografia “SCIENTIFIC PROOFS OF THE SURVIVAL OF THE SOUL”, do Dr. L. T. Chazarain. É a história da colocação de duas coroas de flores no caixão de uma criança na presença de uma médium facilmente

hipnotizável, e do retorno das mesmas após dois dias de enterramento do corpo. Ele fez marcas especiais nas coroas, não as perdeu de vista até o caixão ser aparafusado, acompanhando à igreja e ao cemitério. Dois dias depois a mãe da criança a Sr D. subitamente viu alguma coisa branca se destacando do teto e descendo lentamente, para o chão, num movimento espiralado. Ela, imediatamente, pega a pequena massa branca. Era a primeira coroa arrodada com um pequeno chumaço de algodão que cheira a cadáver e ainda tendo o botão metálico (a marca secreta) preso. O corpo da criança tinha sido envolvido em algodão. Dois dias depois, a segunda coroa retornou da mesma maneira.

A distância parecia ser de alguma conseqüência. A precipitação dos objetos é precedida por um ataque espasmódico da médium. Algumas vezes ela gritava em agonia.

Na obra “Man’s Survival after Death”, o Reverendo Charles Tweedale, refere-se a extraordinários fenômenos observados em sua paróquia, tendo como médium sua esposa. Eis por exemplo, um caso de transporte, em resposta a um pedido formulado mentalmente pelo Reverendo:

“Em dia de domingo, 29 de janeiro de 1911, voltava só do serviço religioso que eu havia celebrado pela manhã. Pouco antes fora informado que a um senhor de meu conhecimento, ferozmente hostil à pesquisa psíquica, sucedera um grave acidente de carro, que tinha tornado necessário o sacrifício de seu cavalo. Quando subia o caminho que conduz ao vicariato (casa do vigário), do qual

distava cerca de uma milha, divertia-me pensando quanto seria desejável que o cavalo morto daquele descrente pudesse servir para uma manifestação mediúnica, como a que ocorrera em nossa casa com o cão de minha tia. Por exemplo, que pudesse servir para reproduzir, em casa de seu dono, o galope de um cavalo, com o correspondente *transporte de uma das próprias ferraduras*. Sorri com a idéia extravagante que me saíra da mente e logo a esqueci.

“Ao chegar em casa, dirigi-me ao quarto de minha esposa e foi ela a primeira pessoa com quem falei. Antes, porém, que lhe dirigisse a palavra, fez-me logo esta curiosa observação: “Tenho uma coisa a comunicar-lhe”. Depois continuou, relatando-me que um quarto de hora antes ouvira um barulho formidável na segunda parte da escada como se algo de metálico e pesado ali tivesse caído, com força, do alto, para pular, tinindo, sobre os degraus e precipitar-se no corredor que comunicava com o seu quarto. Enquanto me contava tudo isso, mantinha ela uma das mãos oculta detrás das costas e, finalmente, me disse: “Pois bem, que pensa você que tinha caído?” Respondi-lhe que não poderia responder. Ela então respondeu — “Eis o que caiu do alto”, *e mostrou-me uma ferradura...*”

Poder-se-ia abrir este Capítulo sobre TRANSPORTE, reportando-nos à obra “*CORRESPONDANCE SUR LE MAGNETISME VITAL*”, lançada, em Paris, pelo Dr. G. Billot, em 1839. Esta obra reproduz a correspondência que o autor manteve com Jean Philippe François

Deleuze (1753-1835), que escreveu uma *“Histoire Critique du Magnetisme Animal”* (1823). No livro do Dr. G. Billot, há vários casos que provam a sobrevivência da alma, preocupação que o absorvia antes do magnífico trabalho desenvolvido por Kardec. Ambos, Billot e Deleuze, figuram entre os que, modernamente escreveram os primeiros e luminosos Capítulos da História das Manifestações dos Espíritos na Esfera Ponderável.

No rol dos casos relatados pelo Dr. G. Billot, ressalta-se o que aconteceu na sessão realizada a 17 de outubro de 1820, em plena luz, quando foi transportada uma planta, em floração, que serviria de remédio a uma senhora atacada de um mal que lhe ia prejudicando lentamente a visão. Por mais que se investigasse, a origem do arbusto jamais fora identificada. Acresce que a planta não caiu do teto nem causou, à sua chegada, qualquer barulho; simplesmente surgiu sobre os joelhos da consulente.

AS ETERNAS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO

Houve quem fizesse restrições aos fenômenos de TRANSPORTE e da “Penetração da matéria através da matéria”. Frank Podmore (1856 a 1910), autor, juntamente com Frederic Myers e Edmund Gurney, da obra *“Phantasms of the living”*, nega, com inusitada ênfase, a autenticidade do fenômeno de transporte, considerando que tudo não passa de embuste. Quando se via, frente a frente com o irrefutável, levantava a hipótese surrada da alucinação, como ao deparar com os resultados das pesquisas de Theodor Flournoy, prof de Psicologia da Universidade de Genebra (Suíça), com a médium Helene Smith. O trabalho do Reverendo William Stainton Moses também levou Podmore a uma profunda análise da

questão, embora não arredasse pé de suas preconcebidas idéias.

Ainda com respeito à “integérrima pessoa” do reverendo Stainton Moses, conforme o prof Ernesto Bozzano, surgiu a figura do Conde Petrovo Solonovo, que não hesitou em acusar o médium e pesquisador inglês de fraudulento. Como de hábito, esses detratores emitem suas opiniões baseados, tão somente, em suposições, em insustentáveis pontos de vista.

O próprio e célebre Sir Oliver Lodge não sabe como compreender o fenômeno da “penetração da matéria através da matéria”.

Conta o Prof Ernesto Bozzano (“Fenômenos de Transporte”) que em uma conferência realizada em Londres, na sede da “London Spiritualist Alliance”, o Professor Oliver Lodge expressou-se nos seguintes termos:

“E agora vos direi que o fenômeno que não chego a conceber é o da desintegração da matéria. Mas isto se dá realmente? Sabeis que, no caso dos TRANSPORTES em ambientes hermeticamente fechados ou no caso de um objeto retirado de uma caixa bem fechada e lacrada, os experimentadores explicam que o objeto foi desmaterializado em um lugar e rematerializado em outro... parece árduo supor-se que os átomos, que constituem o objeto, possam — assim direi — serem soltos e depois repostos no lugar. Mas poderia ser que houvesse outra explicação para os TRANSPORTES? Podereis observar que, nestes últimos tempos, a natureza da matéria mudou

enormemente para a vossa mentalidade e isto por causa das descobertas feitas que vos ajudam a compreender. Pode ser, mas eu não chego a formar um conceito do fenômeno e, por mais que me esforce, as dificuldades continuam intransponíveis... nunca tive ocasião de assistir as experiências que me convencessem da existência dos fenômenos da desintegração e reintegração da matéria”.

A conferência do Prof Oliver Lodge foi publicada, na íntegra, no mais velho semanário espiritualista inglês LIGHT, órgão oficial da “London Spiritualist Alliance”, fundado em 1881 por Dawson Rogers e William Stainton Moses.

O Dr. Charles Richet, fundador da Metapsíquica e prêmio Nobel de 1913, manifestou-se perplexo diante do fenômeno da “penetração da matéria através da matéria”. Vejamos o seu pronunciamento a respeito no “Traité de Metapsychique”:

“Outro tanto obscura é questão dos transportes, que subentende a “passagem da matéria através da matéria” ou mesmo a criação da matéria. Tal fenômeno (da penetração da matéria) parece bem duvidoso. Possível sim, certamente, mas até agora não provado, apesar dos relatos das experiências com Stainton Moses...”

A despeito das dúvidas do Prof Oliver Lodge e do Dr. Charles Richet, afirma o Prof Ernesto Bozzano, após acuradas pesquisas: “*Os transportes se produzem por força de processo quase instantâneo de*

desintegração e reintegração que parece tão árduo ser aceito pelos eminentes cientistas citados”.

E conclui:

“Acrescento, enfim, que recentemente, por iniciativa do ‘British College of Psychological Science’, de Londres, foram feitas numerosas tentativas a fim de serem fotografados os transportes no instante mesmo em que se reintegravam e, com a mediunidade de T. Lynn obtiveram-se várias fotografias muito animadoras. *Chegou-se a fotografar uma colherzinha de sal no momento em que se materializava*”. Fotografia publicada no número de julho de 1929 da “Psychic Science”, observa-se que a colherzinha está provida de um longo pedúnculo retorcido, o qual, presumivelmente, se liga ao médium e serve para fornecer a energia necessária ao trabalho.

A OPINIÃO DE UM PESQUISADOR BRASILEIRO

O professor Carlos Alberto Tinôco, autor de “Fenômenos de Psicocinésia Espontânea”, aborda, com propriedade, a questão suscitada neste Capítulo. Eis a sua opinião:

“TRANSPORTE, fenômeno paranormal em que objetos ou seres vivos são transladados de um local para outro. O TRANSPORTE pode ser subdividido em ASPORTO E APORTO quando o objeto for transportado de fora para dentro de local fechado ou vice-versa”.

Analisando os fenômenos de TRANSPORTE alguns pesquisadores formularam várias hipóteses, entre as quais se destacam:

- desmaterialização e materialização dos objetos em virtude da ação de um modelo arquétipo;
- evidência de espaços polidimensionais.

A primeira hipótese tem como principal defensor o professor Ernesto Bozzano, que sugere a “penetração da matéria através da matéria”.

Conforme Bozzano, os objetos envolvidos em processo de APORTOS ou ASPORTOS, sofrem dissociação das moléculas, se afastam uma das outras de modo que os espaços intermoleculares fossem aumentados. Assim, os objetos dilatam a superfície externa fechada que encerra todas as suas moléculas, as quais, ao serem mutuamente deslocadas, mantêm as mesmas posições. Isso permite que o objeto, com suas moléculas dissociadas penetre através das paredes que limitam os recintos fechados de onde saem, ou para onde entram. Após a ultrapassagem as moléculas voltam a ocupar as posições primitivas, e com isso o objeto volve à mesma configuração que possuía anteriormente.

Em reforço à tese que defende, Bozzano acredita que as moléculas, ao se reagruparem, assim procedem em virtude de uma TRAMA FLUÍDICA PREEXISTENTE que exerceria uma ação organizadora ao nível molecular.

Em suma:

As moléculas dissociadas do objeto poderiam se deslocar pelos espaços intermoleculares da parede do recinto e, após ultrapassá-la, seriam reagrupadas pela ação do modelo organizador, já fotografado.

Não foi sem razão que Claude Bernard (1813-1878) pressentindo a solução do processo de organização dos seres vivos, referiu-se a uma IDÉIA DIRETRIZ. “Em princípio, esclarece Bozzano, os fisiologistas julgaram que a teoria do autor de “Introdução ao Estudo da Medicina Experimental” não passava de mera especulação metafísica. Entretanto, com o correr das investigações metapsíquicas percebeu-se que a intuição de Claude Bernard tinha fundamento”. Aliás, as teorias espíritas já anteriormente postulavam a existência desse “modelo organizador” (o perispírito) *controlado pelo Espírito*.

A TEORIA DE J. K. FRIEDRICH ZÖLLNER

(Astrônomo e físico da Universidade de Leipzig-Alemanha)

Em “FÍSICA TRANSCENDENTAL”, Johann Karl Friedrich relata extraordinários fenômenos conseguidos com o médium Henry Slade, sobre os quais elaborou a teoria da existência de um espaço físico com quatro dimensões, o qual seria habitado por seres tetradimensionais. As sessões realizadas por Zöllner contou com a presença de ilustres observadores, entre os quais destacam-se: Wilhelm Edward Weber, professor de Física da Universidade de Gotingen; Gustave Theodore Fechner, professor de Física da Universidade de Leipzig e W. Scheibner, professor de matemática da Universidade de Leipzig.

A tese de Zöllner não se encontra isolada na abóbada das pesquisas

transcedentais, aí desponta o trabalho do professor José Fernandes, da Universidade de Buenos Aires (Argentina), publicado sob o título “MAS ALLÁ DE LA CUARTA DIMENSION”. E o professor J. Banks Rhine (pai da Psicologia Moderna) após constatar a existência de um “elemento extra-físico” no homem e no Universo, voltou-se para a pesquisa ligada à sobrevivência da alma, validando, hodiernamente, as revolucionárias experiências de Zöllner.

Em “Provas Científicas da Sobrevivência”, J. K. Friedrich Zöllner, além de expor a teoria do “ESPACÇO DE QUATRO DIMENSÕES”, também analisa a teoria do Espaço segundo Gauss Werke e Immanuel Kant, para quem “há a possibilidade do desenvolvimento de outras dimensões no espaço”. Afirma o grande pensador Alemão:

“Eu confesso que me acho muito inclinado a admitir a existência de seres imateriais no mundo e a classificar a minha própria alma nessa categoria de seres...

“Esses seres espirituais existirão no espaço, conservando-se porém penetráveis pelos seres materiais, porquanto a sua presença implicará uma força atuando no espaço, mas não um preenchimento do mesmo espaço...”

CORRESPONDÊNCIA CRUZADA

A GENIAL CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Léon Denis em “O Além e a Sobrevivência do Ser”, 2ª edição da FEB (1939), informa que a correspondência cruzada (cross-correspondence) é “um novo processo de comunicação com o mundo invisível, bem de

molde a provar a identidade dos Espíritos”. Surgiu entre 1901 e 1932 na escrita automática e por vezes na fala, de um grupo de médiuns associados à Sociedade para Pesquisas Psíquicas — SPR, fundada em Londres, Inglaterra, no ano de 1882. Os médiuns eram todas mulheres, entre as quais destacavam-se a Sra Piper, figura conhecida dos cientistas europeus e norte-americanos.

OS IDEALIZADORES DO PROCESSO

“Uma correspondência cruzada ocorre quando o que é escrito ou falado, por ou através de um médium, corresponde, numa proporção que não pode ser normalmente explicada, ao que é escrito ou falado por ou através de um outro médium independente”, conforme explica Alan Gauld, em seu livro “Mediunidade e Sobrevivência — um século de investigações”, ed. Pensamento. Estavam à frente do revolucionário processo três antigos e eminentes líderes da SPR: Frederic W. H. Myers (1843-1901), autor de “A Personalidade Humana e sua Sobrevivência após a morte”; Henry Sidgwich (1838-1900), professor de filosofia Moral em Cambridge, e Edmundo Gurney (1847-1887), autor de “Fantasmas dos Vivos” — trabalho sobre aparições de Espíritos.

As correspondências cruzadas não foram idealizadas pelos “vivos”, simplesmente começaram a surgir nos ditados mediúnicos. Durante algum tempo não foram notados. Os idealizadores do processo foram os Espíritos, sendo, inicialmente, submetido à análise de respeitáveis membros da SPR: Alice Johnson, J. C. Diddington, G. W. Balfour, Sir Oliver Lodge e a Sra Sidgwich.

H. F. Saltmarsh, autor de “Evidências da Sobrevivência Humana pela

correspondência cruzada” (Londres, 1938), distingue as correspondências cruzadas em: simples, complexas e ideais. As simples são “as que aparecem nos escritos de dois ou mais médiuns (independentes) com uma mesma palavra ou frase, ou duas frases tão semelhantes que estejam claramente interconectadas”. As complexas “são casos onde o tópico oi\, tópicos não são mencionados diretamente mas referidos de maneira indireta e alusiva”. Uma correspondência cruzada ideal seria aquela em que dois médiuns independentes escreveram mensagens aparentemente sem sentido.

“Ora, se um terceiro médium (independente) apresentasse um escrito que, embora sem sentido se tomado por si só, agisse como chave para os outros dois, de modo que a totalidade pudesse ser reunida em bloco, e mostrasse um só propósito e significado, teríamos boa evidência de que todos se organizariam de uma só fonte”.

ASSEMBLÉIA DE EGOS SUBLIMINARES

Falou-se, na ocasião, de uma possível “conspiração fraudulenta” entre médium s. Acrescenta, a propósito, Alan Gauld: “Eram todas pessoas de excelente reputação, e nenhuma indicação de fraude jamais veio à luz; além de que, em períodos importantes, uma das médiuns estava na Índia (Sr* Holand); uma outra nos Estados Unidos (Sra Piper), ao passo que as demais estavam na Inglaterra”. Descartou-se, por outro lado, a explicação baseada na coincidência. Ademais, várias tentativas de gerar correspondências cruzadas artificiais, coligindo pseudo-inscrições de estranhos, resultaram em notório fracasso.

Numa última tentativa de se explicar o fenômeno, Alice Johnson levantou a hipótese de uma “assembléia de egos subliminares” — espécie de conspiração telepática organizada. Essa hipótese foi relegada ao ostracismo pela própria pesquisadora, chegando a admitir que Frederic Myers e outros expoentes da SPR eram, realmente, os autores geniais do processo.

A SPR, através do pesquisador J. G. Diddigton, concluiu o momentosíssimo assunto em termos plenos de dubiedade:

“... agora atingimos um ponto em que, na suposição de que todas as correspondências cruzadas são elaboradas exclusivamente pelos automatistas (médiums), precisaríamos presumir que vários deles são capazes da tarefa ou então teríamos de presumir uma espécie de *assembléia telepática dos egos subliminares dos automatistas*, onde conspiram juntos e determinam o papel de cada” (!!!).

A S.P.R. RECUA ANTE AS EVIDÊNCIAS

Seria vexatório para a Sociedade admitir a sobrevivência da alma após a morte. Assim, e conquanto tenha se defrontado com tantas e constrangedoras evidências, preferiu assumir uma posição que não a comprometesse no contexto da comunidade científica. Não tiveram os dirigentes da SPR a coragem de um William Crookes, de um Paul Gibier, de um Gustave Geley, que, afrontando, com serenidade e confiança, a opinião pública, anunciaram aos quatro ventos a sobrevivência e comunicabilidade da alma, após triunfais pesquisas realizadas sob rigorosíssimos critérios científicos. Leonora E. Piper (1857-1950)

exerceu fundamental importância na história das pesquisas psíquicas e mediúnicas. As pesquisas que a SPR realizou com a Sra Piper (como é conhecida), forneceram substanciais evidências de sua extraordinária faculdade mediúnica, despontada em 1884. Seu primeiro guia espiritual foi uma garota índia chamada “Ohlorine”. Mais tarde, surgiu o Espírito de um médico francês que deu o nome de “Dr. Phinuit”. As faculdades mediúnicas da Sra Piper começaram a ser investigadas, pela primeira vez, pelo mais notável psicólogo daquele tempo, o Dr. William James, da Universidade de Harvard. Na primavera de 1886, ele daria a público um relato de suas pesquisas: “estou persuadido da honestidade da médium e da autenticidade de seu transe”.

O relato de William James suscitou grande repercussão. Richard Hodgson (1855-1905), da SPR inglesa, foi a Boston, nos EUA, especialmente para investigar a famosa médium. Hodgson era perito em descobrir fraudes. As precauções do investigador foram realmente severas, chegando a levar a médium para a Inglaterra, onde não conhecia ninguém. Jamais se constatou qualquer atitude fraudulenta da parte da Sra Piper. Por esse tempo, o guia “Dr. Phinuit” era substituído por outro que se chamava George Pellew. Quando o Dr. Hodgson faleceu em 1905, tornou-se um dos guias da médium. Suas discutidíssimas comunicações foram objeto de alentado trabalho de autoria do prof William James.

Em 1911, a mediunidade de transe da Sra Piper sofreu sérios abalos em virtude do tratamento agressivo que recebeu de dois psicólogos norte-americanos: o prof. G. Stanley Hall e a Dra Amy Tanner,

SUGESTÕES PARA LEITURA COMPLEMENTAR

Aksakof, Alexandre. “Um Caso de Materialização Parcial de um Corpo de um Médiun” FEB - 3ª edição, 1979 “Animismo e Espiritismo” — Ensaio de um Exame Crítico *FEB - 2ª edição, 1956*

Amorim, Deolindo. “**Espiritismo à Luz da Crítica**” 1ª edição, 1955, Federação Espírita do Paraná.

Andrade, Hernani Guimarães. “**Morte, Renascimento, Evolução**”. Editora Pensamento, S.P. 1ª edição, 1983

Barret, Sir William Fetcher. “**Nos Umbrais do Além**”. Estudos Psíquicos Editora, 1947 Lisboa, Portugal

Brisson, Juliette Alexandre. “**El Mediunismo en La Sorbona**”. “Colecion Siglo Espirita”. Editora Constancia. Buenos Aires, Rep. Argentina.

Bodier, Paul; Lancelin, Charles; Gelcy, Gustave; Zingaropoli, Francisco. “**VIDA, MORTE, REENCARNAÇÃO**”. Editora ECO 2ª edição - RJ

Bozzano, Ernesto

SELEÇÕES:

Breve História dos “Raps”;

Materializações Minúsculas;

Fenômenos de Transfiguração e Marcas e Impressões de Fogo

* *Estas monografias foram traduzidas por Francisco Klörs Werneck.*
FEB - 1ª edição. 1949

“A Propósito da Introdução à Metapsíquica Humana” (Refutação do livro de René André) FEB – 1ª edição, 1928

“A Morte e os seus Mistérios” Editora ECO - 1ª edição

Bradley, H. Dennis “**Rumo às estrelas**”

Coleção de exemplares da Revista Internacional de Espiritismo
RIE, 1952

D’Argonnel, Oscar “**Não há Mortes – Provas Experimentais da Sobrevivência do Homem**” 2ª edição, 1920

Delanne, Gabriel “**O Fenômeno Espírita**” FEB - 1ª edição

_____ “**A Alma é Imortal**” *título original: “L’ame est Immortelle”* FEB – 1938

Denis, Léon “**O Além e a Sobrevivência do Ser**” FEB – 2ª edição, 1939
- RJ

_____ “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” FEB - 10ª edição, 1977

Doyle, Arthur Conan “**História do Espiritismo**” *título original: “The History of Spiritualism”* Ed. Pensamento - SP

Ebon, Martin “**Eles Conheceram o Desconhecido**” Editora Pensamento

- 1ª edição

Erny, Alfred **“O Psiquismo Experimental”** FEB – 3ª edição, 1982

Faria, Nogueira **“O Trabalho dos Mortos”** FEB – 3ª edição, RJ

Findley, Arthur **“No Limiar do Etéreo”**, com prefácio de Sir William Barret *FEB -1ª edição, 1936*

Granja, Pedro **“AFINAL QUEM SOMOS?”** Editora Brasiliense Ltda. – SP. 1ª edição, 1948 (Prefácio de Monteiro Lobato)

Gauld, Allan **“Mediunidade e Sobrevivência — Um século de Investigação”** título original “Mediumship and Survival — A Century of Investigations” Editora Pensamento — 1ª edição

Gibier, Paul e Bozzano, Ernesto **“Materializações de Espíritos”** Editora ECO

Gibier, Paul **“O ESPIRITISMO”** Estudo Histórico, Crítico, Experimental FEB - 1980

_____ **“Análise das Coisas”** FEB - 4ª edição, RJ

Hemmert, Danielle e Roudénc, Alex **“O Universo dos Espíritos”** título original: “L’Univers des Fantômes” Hemus Editora - SP

Heydecker, Joe J. **“Fatos da Parapsicologia”** 1ª edição Livraria Freitas Bastos S.A.

Imbassahy, Carlos **“O Espiritismo à Luz dos Fatos”** FEB - 1ª edição.

1935 - RJ

_____ **“RELIGIÃO”** FEB - Iª edição, 1942 “Hipóteses em Parapsicologia” Editora ECO, 1967 - RJ Iª edição

JR, Raymond A. Moody **“VIDA DEPOIS DA VIDA”** *título original:* “Life After Life” Ed, Nórdica/ RJ

_____ **“REFLEXÕES SOBRE VIDA DEPOIS DA VIDA”** *título original:* “Reflections on Life After Life” Ed. Nórdica

Kardec, Allan. **Revista Espírita** - Paris - ano 1864 *título original:* “Recue Spirite - Journal D’Études Psychologiques”

_____ **A Codificação do Espiritismo** *Edição FEB*

Karl, Miguel Editor **“Mensagens do Além”** — obtidas e controladas pela Academia de Estudos Psychicos “César Lombroso” São Paulo — 1929

Lacombe, Madeleine F. **“Maravilhosos Fenômenos del Más Allá”** Iª edição Editora M. Aguilar Madri - Espanha

Lantier, Jacques **“O Espiritismo”** *título original:* “Le Spiritism” *Edições 70, 1971 Lisboa — Portugal*

Lodge, Sir Oliver **“Raymond”** Tradução: Monteiro Lobato Biblioteca de Estudos Psíquicos Edição: Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1939

Lombroso, César **“Hipnotismo e Mediunidade”** *título original*

“Ricerche sui Fenomem Ipinotti e Spiriti” FEB 3ª edição, RJ

Meek, George **Relatório da Metascience Foundation (USA)**

Mariotti, Humberto **“Victor Hugo Espírita”** Edições Correio Fraterno do ABC 1ª edição

Nunes, Clóveis **“Transcomunicação”** Edicel Iª edição

Oliveira, Décio Kufino de **“Fenômenos Parapsicológicos e Energia Consciente”**. *Edições Padrão - 1969*

“O REVELADOR” Órgão Oficial da União Federativa Espírita Paulista ANO VIII. Setembro 1941, N° 09

Paulo, João Teixeira de **“Dicionário Enciclopédico Ilustrado: ESPIRITISMO, METAPSÍQUICA E PARAPSIKOLOGIA”** 3ª edição Editora Bels S/A - 1976

Portela, Fernando **“Além do Normal”** Traço Editora, SP

Quintão, Manoel **“Fenômeno de Materialização”** FEB - 1ª edição, 1942 - RJ

Ranieri, R. A. **“Forças Libertadoras”** Editora ECO - 2ª edição

Rhine, Joseph Banks **“O Novo Mundo do Espírito”** *título original:* “New World of the Mind” Bestseller - Importadora de Livros S/A - SP

Sargent, Epes **“Bases Científicas do Espiritismo”** FEB - 1982

Sausse, Henry **“Biographic d’Allan Kardec”**

Vale, Sérgio “**Silva Melo e os seus Mistérios**” (*Prefácio de Pedro Granja*) LAKE, 1ª edição - SP

Velho, A. A. Martins “**O Espiritismo Contemporâneo**” Livraria Clássica Editora Lisboa, Portugal, 1915

Wantuil, Zêus “**As Mesas Girantes**” FEB - 2ª edição

_____ “**Grandes Espíritas do Brasil**” FEB - 2ª edição, 1981

Wantuil, Zêus e Thiesen, Francisco “**Allan Kardec**” (03 volumes) FEB

Zöllner, Johann K. F. “**Provas Científicas da Sobrevivência**” *Edicel*
Enciclopédias consultadas:

- “Novíssima Enciclopédia Delta-Larousse” *Editora Delta S/A - 1982 – RJ*

- Dictionnaire Encyclopedique Larousse *Librairie Larousse, Paris*

NOTAS BIOGRÁFICAS DE CARLOS BERNARDO LOUREIRO

CARLOS BERNARDO CAJAZEIRA LOUREIRO DE SOUZA nasceu na Cidade do Salvador, Bahia, no dia 16 de abril de 1942. Filho do Professor Antônio Loureiro de Souza e de Elza Cajazeira Loureiro de Souza (ambos falecidos). É casado desde 1961 com Lúcia Maria Farias Loureiro de Souza, pesquisadora espírita. O casal teve dois filhos — Sandra Maria” e Marcelo Adriano. É formado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia — UFBA. Exerceu a advocacia por algum tempo, sendo contratado assessor jurídico da Federação das Indústrias do Estado da Bahia — FIEB, onde já trabalhava, Participou de

vários encontros jurídicos, destacando-se o que se realizou na Câmara dos Deputados, em Brasília, em dois períodos (1973/74), quando da elaboração do Código de Direito do Trabalho.

Tornou-se espírita, juntamente com a esposa, no início da década de 1970. Vem participando, desde então, do movimento espírita baiano. Exerce o jornalismo espírita, por inata vocação, fundando, nos idos de 1972, o periódico “IMPACTO”, bem como vários jornais na Capital e no Interior da Bahia. Tem colaborado em órgãos da imprensa espírita nacional e internacional. Coordena, com a esposa, o programa “CONVERSANDO SOBRE ESPIRITISMO”, na Rádio Clube AM, de Salvador, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 18 às 19 horas. Fundou, com a esposa, o Teatro Espírita Leopoldo Machado, e, posteriormente, com dedicados confrades, o Instituto de Cultura Espírita da Bahia — ICEBA, contando, para tanto com a orientação do saudoso Professor Deolindo Amorim. Realizou, com a esposa, juntamente com um grupo de abnegados confrades, uma série de eventos espíritas voltados para o grande público, destacando-se:

“1º SHOW DE MÚSICAS MEDIÚNICAS DO NORTE E NORDESTE” (a afluência de público foi surpreendente); o 1º ENCONTRO DE MULHERES ESPÍRITAS DA BAHIA”; “ESPIRITISMO E CRIMINOLOGIA”, realizado no majestoso auditório da Polícia Técnica da Bahia. Nesse evento ocorreram vivos debates entre espíritas advogados e advogados não-espíritas; Seminário de Ciência Espírita”, na Faculdade de Odontologia da UFBA; os “120 ANOS DA IMPRENSA ESPÍRITA”, em colaboração com a ABRAJEE e a Federação Espírita do Estado da Bahia — FEEB.

Mantém, com a esposa, a Iª BANCA DO LIVRO ESPÍRITA DA CIDADE DO SALVADOR, localizada no centro da Cidade.

Como pesquisador, vem desenvolvendo, desde 1986, no “Círculo de Pesquisas Ambroise Parré”, contando com a colaboração da esposa, investigações no campo das manifestações psíquicas e mediúnicas, chegando a conseguir, com o médium José Medrado, variada gama de efeitos físicos e materialização de Espíritos. Essas sessões obedeceram a rigorosos critérios científicos, utilizando-se equipamentos trazidos, pessoalmente, da Europa. Foi durante as sessões desse Grupo que desabrochou a mediunidade de pintura de José Medrado, justamente em 20 de dezembro de 1989. A instituição que dirige, com a esposa, com sede no bairro histórico da Saúde, é freqüentado por numeroso público. É autor do livro “Elucidações Kardecistas”, editado Pela Mansão do Caminho, de Salvador, do opúsculo “A Liberdade de Culto nas Constituições Brasileiras” — Análise e Crítica, e de “Cadernos de Espiritismo”, I e II, editados pelo Teatro Espirita Leopoldo Machado.

Em tempo: é Representante da ABRAJEE no Estado da Bahia.

Carlos Bernardo Loureiro